

JOHN VERDON

**EU SEI
O QUE VOCÊ
ESTÁ
PENSANDO**

Se alguém lhe dissesse para
pensar em um número,
sei em que número você pensaria.

Não acredita?

Pense em qualquer número de um a mil.
Agora veja como conheço seus segredos.





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



**EU SEI
O QUE VOCÊ
ESTÁ
PENSANDO**



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JOHN VERDON

**EU SEI
O QUE VOCÊ
ESTÁ
PENSANDO**



Título original: *Think of a Number*
Copyright © 2010 por John Verdon
Copyright da tradução © 2011 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ivanir Calado
preparo de originais: Virginie Leite
revisão: Luis Américo Costa e Taís Monteiro
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: Raul Fernandes
imagem de capa: Scott Barrow / Corbis / Latinstock
geração de ePub: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

V595e
Verdon, John
Eu sei o que você está pensando [recurso eletrônico] / John Verdon [tradução de Ivanir Calado]; São Paulo: Arqueiro, 2011.
recurso digital
Tradução de: Think of a number
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Multiplataforma
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-038-9 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Ivanir, 1953-. II. Título.

11-7485

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpica
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Aviso

— *Esta obra foi postada pela equipe [iOS Books](#) em parceria com o grupo [LegiLibro](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.*

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras.

Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nossos sites:

[iOS Books](#)

[LegiLibro](#)

Para Naomi

Prólogo

- *Onde você estava? – perguntou a velha na cama. – Precisei fazer xixi e ninguém veio. Sem se abalar com o tom irritado, o rapaz parou ao pé da cama, rindo de orelha a orelha.*
- *Eu precisei fazer xixi – repetiu ela mais vagamente, como se agora não tivesse certeza do significado das palavras.*
- *Tenho uma boa notícia, mamãe – disse o homem. – Logo tudo vai ficar bem. Tudo vai ser resolvido.*
- *Aonde você vai quando sai de perto de mim? – De novo ela estava com a voz afiada, ranzinza.*
- *Não vou para longe, mamãe. Você sabe muito bem que nunca vou para longe.*
- *Não gosto de ficar sozinha.*
- *O sorriso dele se alargou, quase beatífico.*
- *Em pouco tempo tudo vai ficar bem. Tudo vai ser como deveria. Pode confiar em mim, mamãe. Arranjei um modo de consertar tudo. O que ele tomou ele vai dar, quando receber o que deu.*
- *Você escreve poemas lindos.*
- *Não havia janelas no quarto. Vinda de lado, a luz do abajur – a única fonte de iluminação – enfatizava a cicatriz grossa na garganta da mulher e a sombra nos olhos do filho.*
- *Nós vamos sair para dançar? – perguntou ela, olhando para além dele e da parede escura atrás, em busca de uma visão mais luminosa.*
- *Claro, mamãe. Tudo vai ser perfeito.*
- *Cadê o meu Patinho Dickie?*
- *Aqui, mamãe.*
- *O Patinho Dickie vem para a cama?*
- *Vem dormir na caminha, dormir na caminha, dormir na caminha.*
- *Preciso fazer xixi – disse ela, quase coquete.*

Primeira parte

Lembranças
fatais

Arte policial

Jason Strunk era, segundo todos os relatos, um sujeito irrelevante, sem graça, de trinta e poucos anos, quase invisível para os vizinhos – e, pelo jeito, também inaudível, já que ninguém conseguia se lembrar de qualquer coisa que ele tivesse dito. As pessoas nem sequer tinham certeza de que ele já houvesse falado. Talvez cumprimentasse com a cabeça, talvez dissesse olá, talvez murmurasse uma ou duas palavras. Difícil dizer.

Todos se mostraram surpresos no início, até mesmo descrentes, diante da revelação de que o Sr. Strunk se dedicava obsessivamente a matar homens de meia-idade com bigodes e depois se livrava dos corpos de um modo especialmente perturbador: cortando-os em pedaços manuseáveis, embrulhando-os com papel colorido e mandando-os pelo correio para os policiais da cidade como presente de Natal.

Dave Gurney estudava o rosto plácido e sem cor de Jason Strunk – na verdade, olhava para a foto do arquivo policial de Jason Strunk –, que o fitava de volta da tela de seu computador. A fotografia havia sido ampliada para deixar o rosto em tamanho real e estava cercada, nas bordas da tela, por ícones de um programa de tratamento de imagens que Gurney ainda não dominava.

Moveu uma das ferramentas de controle de brilho até a íris do olho direito de Strunk, clicou o mouse e examinou o pequeno reflexo que havia criado.

Melhor, mas ainda não estava certo.

Os olhos eram sempre o mais difícil – os olhos e a boca –, mas eram fundamentais. Às vezes ele testava a posição e a intensidade de um dos minúsculos pontos de luz durante horas e mesmo assim terminava com algo que não era exatamente o que deveria, que não considerava bom o suficiente para mostrar a Sonya e, sobretudo, a Madeleine.

O problema com relação aos olhos era que eles, mais do que qualquer coisa, expressavam a tensão, a contradição – a insipidez temperada com uma sugestão de crueldade – que Gurney frequentemente discernia no rosto dos assassinos com quem tivera a oportunidade de passar algum tempo.

Havia conseguido a expressão correta depois de manipular pacientemente a foto de Jorge Kunzman (o funcionário do estoque do Walmart que sempre mantinha a cabeça de sua última namorada na geladeira até poder substituí-la por outra mais recente). Ficara satisfeito com o

resultado, que revelava numa rapidez perturbadora o vazio negro e profundo escondido na fisionomia entediada do Sr. Kunzman, e a reação empolgada de Sonya, que o cobrira de elogios, havia solidificado a opinião dele. Fora essa recepção, além da venda inesperada da foto a um dos colegas colecionadores de Sonya, que o motivara a produzir a série de imagens trabalhadas atualmente em exposição, com o título “Retratos de assassinos feitos pelo homem que os capturou”, na pequena mas elegante galeria de Sonya, em Ithaca.

Como é que um detetive de homicídios recentemente aposentado do Departamento de Polícia de Nova York (DPNY) sem qualquer interesse por arte em geral e pela arte de vanguarda em particular, e com uma profunda aversão pela notoriedade pessoal, podia ter acabado como foco de uma exposição chique numa cidade universitária, descrita pelos críticos locais como “uma mistura instigante de fotos brutalmente cruas, percepções psicológicas inabaláveis e manipulações gráficas magistrais”? A pergunta tinha duas respostas: a dele e a da esposa.

Para ele, tudo começou com Madeleine convencendo-o a fazer um curso de apreciação de arte com ela no museu em Cooperstown. Ela vivia tentando fazê-lo sair – do seu canto, de casa, de dentro de si mesmo. Ele havia aprendido que o melhor modo de controlar o próprio tempo era usar a estratégia de ceder periodicamente. O curso de arte fora um desses movimentos estratégicos e, apesar de ele ter ficado apavorado com a perspectiva de passar horas ali, esperava ganhar imunidade contra novas pressões durante pelo menos um ou dois meses. Não que fizesse o gênero pijama e sofá – longe disso. Aos 47 anos, ainda podia fazer cinquenta flexões de braço, cinquenta flexões na barra e cinquenta abdominais. Só não gostava muito de sair de casa.

Mas o curso acabou se revelando uma surpresa – na verdade, três surpresas. Primeiro, apesar da suposição de que seu principal desafio seria ficar acordado, descobriu que a professora, Sonya Reynolds, dona de galeria e artista de renome regional, era fascinante. Não tinha uma beleza convencional, não do modo arquetípico norte-europeu-Catherine-Deneuve. A boca era petulante demais, as maçãs do rosto exageradamente proeminentes, o nariz forte. Mas de algum modo as partes imperfeitas eram unificadas num todo especialmente impressionante graças aos olhos grandes, de um verde profundo e esfumado, e à sua postura relaxada e naturalmente sensual. Não havia muitos homens na turma, apenas seis dos 26 frequentadores, mas ela recebia atenção plena de todos eles.

A segunda surpresa foi sua reação positiva à matéria. Como sentia um interesse especial pela arte derivada da fotografia – fotos manipuladas para criar imagens que eram mais poderosas ou comunicativas do que as originais –, Sonya dedicou um tempo considerável a ela.

A última surpresa aconteceu na terceira das doze semanas do curso, na noite em que a professora estava comentando animadamente as serigrafias de um artista contemporâneo derivadas de retratos solarizados. Enquanto Gurney olhava as gravuras, ocorreu-lhe que poderia aproveitar uma fonte incomum à qual tinha acesso especial e à qual podia dar uma

perspectiva única. A ideia era estranhamente empolgante. E ele nunca imaginara sentir entusiasmo num curso de apreciação de arte.

Assim que o conceito lhe veio à mente – *ênfatizar, clarear, intensificar fotos de criminosos*, particularmente de assassinos, de modo a capturar e revelar a natureza dos homens que ele passara a vida estudando, perseguindo e vencendo –, tomou conta de Gurney, e ele começou a pensar naquilo com mais frequência do que gostaria de admitir. Afinal de contas era um homem cauteloso, capaz de ver os dois lados de cada questão, a falha em cada convicção, a ingenuidade em cada entusiasmo.

Naquela manhã luminosa de outubro, Gurney trabalhava na foto de Jason Strunk quando o agradável desafio do processo foi interrompido pelo som de algo sendo largado no chão atrás dele.

– Vou deixar isto aqui – disse Madeleine numa voz que, para qualquer outra pessoa, poderia parecer casual, mas que para o marido soou abalada.

Ele espiou por cima do ombro, estreitando os olhos ao ver o pequeno saco de anagem encostado na porta do escritório.

– Deixar o quê? – perguntou ele, sabendo a resposta.

– Tulipas – respondeu Madeleine, no mesmo tom neutro.

– Bulbos, você quer dizer?

Era uma correção idiota, e os dois sabiam. Era só um modo de exprimir sua irritação porque Madeleine queria que ele fizesse algo que não estava a fim de fazer.

– O que você quer que eu faça com eles?

– Leve para o jardim. Me ajude a plantar.

Ele pensou em apontar a falta de lógica de deixar no escritório algo que ele deveria levar de volta ao jardim, mas desistiu.

– Assim que eu terminar isto – disse, com um certo ressentimento.

Sabia que plantar bulbos de tulipa num glorioso dia de calor, em um jardim no topo de uma colina com vista para bosques vermelhos de outono e pastos verde-esmeralda sob o céu azul-cobalto, não era uma tarefa particularmente pesada. Só odiava ser interrompido. E essa reação, disse a si mesmo, era um subproduto de seu maior ponto forte: a mente linear, lógica, que fazia dele um detetive tão bem-sucedido – a mente que percebia a menor descontinuidade na história de um suspeito, que podia sentir uma fissura minúscula demais para a maioria dos olhos enxergar.

Madeleine espiou por cima de seu ombro, examinando a tela do computador.

– Como você pode trabalhar em algo tão feio num dia assim? – perguntou.

Uma vítima perfeita

David e Madeleine Gurney moravam numa sólida casa de fazenda do século XIX, aninhada no canto de uma pastagem isolada ao fim de uma estrada sem saída nas montanhas do condado de Delaware, a oito quilômetros do povoado de Walnut Crossing. O pasto de quatro hectares era cercado por bosques de cerejeira, bordo e carvalho.

A casa mantinha a simplicidade arquitetônica original. Fazia um ano que os Gurney haviam comprado a propriedade e, desde então, vinham trabalhando na restauração para deixá-la com uma aparência mais adequada, eliminando os vestígios das reformas infelizes do dono anterior – substituindo, por exemplo, as janelas de alumínio sem graça por versões com caixilhos de madeira no estilo característico do século anterior. Não fizeram isso motivados por uma mania de autenticidade histórica, e sim em reconhecimento de que a estética original era, de algum modo, *certa*. Esse era um dos assuntos em que os dois estavam de pleno acordo, uma lista que, do ponto de vista de David, vinha encolhendo ultimamente.

Esse pensamento corroera seu humor como ácido durante a maior parte do dia, causado pelo comentário da mulher sobre a feiura do retrato em que ele estava trabalhando. E continuava no limiar de sua consciência naquela tarde, quando, cochilando em sua cadeira predileta depois de plantar tulipas, ouviu Madeleine caminhando em sua direção pela grama que batia na altura dos tornozelos. Quando os passos pararam diante da cadeira, David abriu um olho.

– Você acha – perguntou ela, com seu modo calmo e leve – que é tarde demais para sair de canoa? – Com habilidade, ela fazia as palavras soarem entre uma pergunta e um desafio.

Magra e atlética, Madeleine era uma mulher de 45 anos que poderia facilmente passar por uma de 35. Tinha olhos francos, firmes, avaliadores. Os cabelos castanhos e compridos, com exceção de alguns fios soltos, estavam enfiados dentro do chapéu de jardinagem com abas largas.

Ele respondeu com uma pergunta saída de seu próprio fluxo de pensamento:

– Você acha mesmo que é feio?

– Claro que é feio – respondeu ela sem entusiasmo. – Não deveria ser?

Ele franziu a testa enquanto pensava no comentário.

– Quer dizer, o tema?

– O que mais eu poderia querer dizer?

– Não sei. – Ele deu de ombros. – Você pareceu desprezar tudo. Tanto a execução quanto o

tema.

– Sinto muito.

Ela não parecia sentir nenhuma culpa. Enquanto ele hesitava em dizer isso, Madeleine mudou de assunto.

– Está ansioso por reencontrar seu antigo colega de turma?

– Não exatamente – respondeu ele, abaixando um pouco mais o encosto reclinável da cadeira. – Não sou bom em rememorar o passado.

– Talvez ele tenha um assassinato para você resolver.

Gurney olhou para a esposa, examinou a ambiguidade de sua expressão.

– Acha que é isso que ele quer?

– Não é por isso que você é famoso? – A raiva estava começando a enrijecer a voz dela.

Era algo que David havia testemunhado com tanta frequência nos últimos meses que pensou entender do que se tratava. Os dois tinham ideias diferentes sobre o que deveria significar a aposentadoria dele da polícia, que tipo de mudanças traria à vida do casal e, mais especificamente, como isso deveria mudá-*lo*. Recentemente, também, ela vinha nutrindo um sentimento ruim em relação à nova vocação dele: o projeto de retratos de assassinos que estava absorvendo seu tempo. David suspeitava de que o negativismo de Madeleine nessa área talvez tivesse alguma coisa a ver com o entusiasmo de Sonya.

– Sabia que ele é famoso também? – perguntou ela.

– Quem?

– Seu colega de turma.

– Na verdade, não. Ele disse algo ao telefone sobre ter escrito um livro, e eu verifiquei superficialmente. Não creio que seja muito conhecido.

– *Dois* livros – disse Madeleine. – É diretor de algum tipo de instituto em Peony e fez uma série de palestras que foram exibidas na TV do governo. Imprimi cópias das capas que encontrei na internet. Talvez você queira dar uma olhada.

– Acho que ele vai me contar pessoalmente tudo sobre sua vida e seus livros. Ele não parece tímido.

– Como quiser. Vou deixar as cópias na sua mesa, caso você mude de ideia. Por sinal, Kyle telefonou mais cedo.

Gurney olhou-a em silêncio.

– Eu disse que você ligaria de volta.

– Por que não me chamou? – perguntou, mais impaciente do que gostaria. Seu filho não ligava com frequência.

– Perguntei a ele se deveria chamar. Ele falou que não queria atrapalhar você, que não era urgente.

– Disse mais alguma coisa?

– Não.

Ela se virou e foi andando pela grama alta e úmida em direção à casa. Quando chegou à

porta lateral e pôs a mão na maçaneta, pareceu se lembrar de outra coisa, olhou de novo para ele e falou como se estivesse confusa:

– Na capa do livro, seu antigo colega de turma é descrito como um santo, perfeito em todos os sentidos. Um guru do bom comportamento. É difícil imaginar por que precisaria consultar um detetive de homicídios.

– Um detetive de homicídios *aposentado* – corrigiu Gurney.

Mas ela já havia ido embora, sem se dar ao trabalho de segurar a porta para não bater com força.

Capítulo 3

Problema no paraíso

O dia seguinte foi mais primoroso do que o anterior. Era a própria imagem de outubro num calendário da Nova Inglaterra. Gurney acordou às sete horas, tomou banho e se barbeou, vestiu jeans e um suéter de algodão leve e estava tomando café numa cadeira de lona no pátio do lado de fora do quarto do casal, no andar de baixo. O pátio com piso de arenito acinzentado e a porta dupla de vidro que dava para ele eram acréscimos que Gurney fizera à casa, por insistência de Madeleine.

Ela era boa nesse tipo de coisa, tinha sensibilidade para o que era possível, para o que era apropriado. Isso revelava muito a seu respeito – os instintos positivos, a imaginação prática, o gosto infalível. Mas quando ele se embrenhava nas áreas de atrito entre os dois – os lodaçais e espinheiros das expectativas que cada um cultivava em particular –, Gurney achava difícil se concentrar nos pontos fortes da mulher.

Devia se lembrar de ligar de volta para Kyle. Teria de esperar três horas por causa da diferença de fuso horário entre Walnut Crossing e Seattle. Acomodou-se mais fundo na cadeira, aninhando a caneca de café quente nas duas mãos.

Olhou a fina pasta de papel que havia trazido com o café e tentou imaginar a aparência do colega de faculdade que ele não encontrava fazia 25 anos. A foto que aparecia nas duas capas que Madeleine tinha imprimido do site de uma livraria evocou a memória não somente do rosto, mas também da personalidade dele, fazendo com que se lembrasse do timbre vocal de tenor irlandês e do sorriso improvavelmente charmoso do amigo.

Quando estudavam no campus Rose Hill da Fordham, no Bronx, Mark Mellery era um personagem louco que alternava surtos de humor e sinceridade, energia e ambição com fases mais sombrias. Ele costumava estar sempre no limite – uma espécie de gênio descontrolado, ao mesmo tempo imprudente e calculista, constantemente à beira de uma espiral descendente.

Segundo a biografia publicada no site, a direção da espiral, que o havia levado rapidamente para baixo aos vinte e poucos anos, tinha se revertido aos trinta graças a uma transformação espiritual dramática.

Equilibrando a caneca de café no braço estreito da cadeira, Gurney abriu a pasta no colo, tirou o e-mail que recebera de Mellery uma semana antes e leu-o de novo, linha por linha.

Olá, Dave,

Espero que não ache inadequado o contato de um antigo colega de turma depois de tanto

tempo. Nunca podemos ter certeza do que uma voz do passado pode trazer à mente. Permaneci em contato com nossa história acadêmica por meio da associação de ex-alunos e fiquei fascinado com as matérias de jornal publicadas ao longo dos anos sobre os membros de nossa turma. Fiquei feliz em saber, em mais de uma ocasião, de seus feitos espetaculares e do reconhecimento que andou recebendo. (Um artigo no boletim dos ex-alunos o chamou de DETETIVE MAIS CONDECORADO DO DPNY – o que não me surpreendeu, levando em conta o Dave Gurney que conheci na faculdade!) Então, há cerca de um ano, vi que você havia se aposentado do departamento de polícia – e que tinha se mudado aqui para o condado de Delaware. Isso atraiu minha atenção porque, por acaso, estou morando na cidade de Peony, bem pertinho. Duvido que você tenha ouvido falar, mas agora administro uma espécie de retiro chamado Instituto Mellery de Renovação Espiritual – o nome é um tanto presunçoso, eu sei, mas na realidade trata-se de uma organização bem pé no chão.

Mesmo tendo pensado muitas vezes no correr dos anos que gostaria de revê-lo, só agora, impulsionado por um acontecimento perturbador, finalmente parei de pensar e resolvi fazer contato. É uma situação em que acredito que seu conselho será bastante útil. Eu adoraria fazer uma visita rápida. Portanto, se você achar possível me conceder meia hora, posso ir à sua casa em Walnut Crossing – ou a qualquer outro lugar que seja mais conveniente.

Minhas lembranças de nossas conversas no campus e dos longos bate-papos no bar Shamrock – para não mencionar sua notável experiência profissional – dizem que você é a pessoa certa com quem falar sobre essa questão que tem me atormentado. É um estranho quebra-cabeça que, suspeito, irá interessá-lo. A capacidade de somar dois mais dois de um modo que escapa a todo mundo sempre foi seu ponto forte. Sempre que me lembro de você, penso em sua lógica perfeita e em sua clareza cristalina – qualidades de que preciso tremendamente agora. Vou ligar um dia desses para o número que está no catálogo dos ex-alunos – esperando que esteja correto e atualizado.

*Em nome dos bons tempos,
Mark Mellery*

P.S.: Mesmo que você termine tão aturdido com meu problema quanto eu e não tenha nenhum conselho a oferecer, será um prazer revê-lo.

O telefonema prometido aconteceu dois dias depois. Gurney reconheceu imediatamente a voz, fantasmagoricamente inalterada, a não ser por um nítido tremor de ansiedade.

Depois de algumas observações autodepreciativas por não ter conseguido manter contato, Mellery foi ao ponto. Será que poderia se encontrar com Gurney nos próximos dias? Quanto antes melhor, já que a “situação” era urgente. Outra “novidade” havia acontecido. Realmente era impossível falar pelo telefone, o que Gurney entenderia quando se encontrassem. Havia coisas que Mellery precisava mostrar. Não, não era assunto para a polícia local, por motivos

que ele explicaria quando viesse. Não, não era uma questão jurídica, pelo menos por enquanto. Nenhum crime fora cometido e ninguém estava sendo especificamente ameaçado – não que ele pudesse provar. Meu Deus, era difícil demais falar sobre isso desse jeito. Seria muito mais fácil pessoalmente. Sim, ele sabia que Gurney não estava no ramo de investigação particular. Mas só meia hora – será que ele poderia lhe conceder meia hora?

Apesar dos sentimentos contraditórios que experimentou desde o início, Gurney concordou. Sua curiosidade sempre superava sua reticência. Nesse caso estava curioso com a leve sugestão de histeria que espreitava por baixo da voz melíflua de Mellery. E, claro, um quebra-cabeça a ser decifrado o atraía mais do que ele gostaria de admitir.

Depois de reler o e-mail pela terceira vez, Gurney guardou-o na pasta e deixou a mente vagar pelas lembranças que o bilhete havia revolvido nos escaninhos mais fundos de sua memória: as aulas matinais em que Mellery parecia de ressaca e entediado, sua volta gradual à vida durante a tarde, seus loucos ataques de humor e inteligência tarde da noite, provocados pelo álcool. Ele era um ator nato, um astro indiscutível da sociedade dramática da faculdade – um sujeito que, por mais que parecesse cheio de vida no bar Shamrock, ficava duplamente vivo no palco. Ele dependia de plateia e só alcançava todo o seu esplendor sob a luz revigorante da admiração.

Gurney abriu a pasta e olhou de novo para o e-mail. Estava incomodado com a descrição feita por Mellery do relacionamento dos dois. O contato deles fora menos frequente, menos significativo, menos amigável do que a mensagem sugeria. Mas teve a impressão de que Mellery havia escolhido as palavras cuidadosamente – que, apesar de sua simplicidade, o e-mail fora escrito e reescrito, pensado e modificado – e que os elogios, como todo o resto, eram propositais. Mas qual seria o propósito? O óbvio era garantir a concordância de Gurney com um encontro cara a cara e atraí-lo para a solução do “mistério”. Mais do que isso era difícil dizer. O problema era importante para Mellery, o que explicaria o tempo e a atenção que ele aparentemente havia dedicado para que o fluxo e a emoção de suas frases fossem exatos, revelando uma certa mistura de afabilidade e perturbação.

Também havia a pequena questão do “P.S.”. Além de desafiá-lo sutilmente com a sugestão de que ele poderia ser derrotado pela charada, qualquer que fosse, parecia obstruir uma rota de saída fácil, invalidar qualquer afirmação que Gurney pudesse ficar tentado a fazer de que não trabalhava como investigador particular ou que poderia não ser útil. O intuito das palavras era caracterizar qualquer relutância quanto ao encontro como uma dispensa grosseira de um velho amigo.

Ah, sim, o e-mail fora redigido cuidadosamente.

Cuidado. Isso era uma coisa nova, não? Definitivamente não era uma qualidade essencial do velho Mark Mellery.

Essa mudança aparente despertou o interesse de Gurney.

Como se recebesse uma deixa, Madeleine passou pela porta dos fundos e andou cerca de

dois terços do caminho até onde o marido estava sentado.

– Seu convidado chegou – anunciou.

– Onde ele está?

– Na casa.

Ele olhou para baixo. Uma formiga estava ziguezagueando pelo braço da cadeira. Mandou-a para longe com um peteleco.

– Peça para ele vir aqui fora. Está agradável ao ar livre.

– Está mesmo, não é? – disse ela, fazendo com que o comentário parecesse ao mesmo tempo pungente e irônico. – Por sinal, ele é igualzinho à foto da capa do livro. Mais ainda.

– Mais ainda? O que isso significa?

Ela já estava retornando à casa e não respondeu.

Capítulo 4

Conheço-o tão bem que sei o que você está pensando

Mark Mellery deu passos longos pela grama macia. Aproximou-se de Gurney como se planejasse abraçá-lo, mas algo o fez reconsiderar.

– Davey! – gritou estendendo a mão.

Davey?, pensou Gurney.

– Meu Deus! – continuou Mellery. – Você não mudou nada! Como é bom encontrá-lo! E fico feliz em vê-lo com essa aparência! Davey Gurney! Lá em Fordham diziam que você parecia o Robert Redford em *Todos os homens do presidente*. Ainda parece. Não mudou nadinha! Se eu não soubesse que você tem 47 anos como eu, diria que tem trinta!

Ele apertou a mão de Gurney com suas duas, como se ela fosse um objeto precioso.

– Enquanto vinha para cá, de Peony a Walnut Crossing, fiquei me lembrando de como você sempre foi calmo e contido. Um oásis emocional. Era isso que você era: um oásis emocional! E ainda tem aquele jeito. Davey Gurney: calmo, tranquilo e contido. Além de ser a mente mais afiada da cidade. Como tem andado?

– Tenho tido sorte – respondeu Gurney, libertando sua mão e falando numa voz tão desprovida de entusiasmo quanto a de Mellery transbordava de empolgação. – Não tenho do que reclamar.

– Sorte... – Mellery pronunciou as sílabas como se tentasse lembrar o significado de uma palavra em língua estrangeira. – Este lugar aqui é bonito. Muito bonito.

– Madeleine tem olho bom para essas coisas. Vamos nos sentar?

Gurney indicou um par de cadeiras de frente uma para a outra entre a macieira e uma banheira de pássaros.

Mellery começou a andar na direção indicada e parou.

– Eu estava com uma coisa...

– Pode ser isso? – Madeleine andou na direção deles, vinda da casa, segurando uma pasta elegante diante do corpo. Discreta e cara, era como todo o resto da aparência de Mellery: desde os sapatos ingleses feitos à mão (porém confortavelmente enrugados e sem excesso de graxa) até o paletó esporte de cashmere lindamente cortado (mas suavemente amarrotado). Um ar calculado para dizer que ali estava um homem que sabia usar o dinheiro sem deixar que o dinheiro o usasse, um homem que alcançara o sucesso sem cultuá-lo e para quem a boa fortuna

vinha de modo natural. Mas a expressão perturbada nos olhos transmitia uma mensagem diferente.

- Ah, sim, obrigado – disse Mellery, demonstrando alívio ao pegar a pasta com Madeleine.
- Mas onde...?
- Você a deixou na mesinha de centro.
- É claro. Meu cérebro está meio desligado hoje. Obrigado!
- Gostaria de beber alguma coisa?
- Beber?
- Temos chá gelado, já pronto. Ou se preferir outra coisa...
- Não, chá gelado está ótimo. Obrigado.

Enquanto Gurney observava seu antigo colega de turma, ele entendeu o que Madeleine havia sugerido ao dizer que Mellery era igualzinho à foto da capa do livro, só que “mais ainda”.

A qualidade mais evidente da foto era uma espécie de perfeição informal – a ilusão de uma foto casual, amadora, sem as sombras pouco lisonjeiras ou a composição desajeitada de uma foto amadora de verdade. Era o sentimento de descuido cuidadosamente preparado – o desejo impelido pelo ego de parecer desprovido de ego – que Mellery exemplificava pessoalmente. Como sempre, Madeleine havia acertado no alvo.

– Você mencionou um problema em seu e-mail – disse Gurney com uma objetividade que chegava às raias da grosseria.

– É – respondeu Mellery, mas, em vez de abordar o assunto, lembrou um episódio que parecia destinado a tecer mais um fiozinho de obrigação na velha conexão estudantil, contando uma discussão idiota que um colega deles tivera com um professor de filosofia. Enquanto contava isso, Mellery se referiu a si mesmo, a Gurney e ao protagonista como os “Três Mosqueteiros” do campus Rose Hill, lutando para fazer uma coisa boba parecer heroica. Gurney achou o esforço embaraçoso e não esboçou qualquer reação ao convidado além de um olhar de expectativa.

– Bem – disse Mellery, voltando, sem graça, ao assunto. – Não sei direito por onde começar.

Se não sabe por onde começar sua própria história, pensou Gurney, por que diabos está aqui?

Finalmente Mellery abriu a pasta, tirou dois livros finos, de capa flexível, e entregou-os a ele, com cuidado, como se fossem frágeis. Eram os livros descritos nas impressões que Gurney havia olhado antes. Um se chamava *A única coisa que importa* e tinha o subtítulo *O poder da consciência para mudar vidas*. O outro se intitulava *Honestamente!*, com o subtítulo *O único modo de ser feliz*.

– Talvez você não tenha ouvido falar nesses livros. Tiveram algum sucesso, mas não foram exatamente best-sellers. – Mellery sorriu com o que parecia uma imitação de humildade bem ensaiada. – Não estou sugerindo que você precise lê-los agora. – Ele sorriu de novo, como se isso fosse divertido. – Mas talvez eles lhe deem alguma pista do que está acontecendo, ou de

por que está acontecendo, quando eu explicar meu problema... ou talvez eu deva dizer meu problema *aparente*. A coisa toda me deixou um pouquinho confuso.

E com medo, pensou Gurney.

Mellery respirou fundo, fez uma pausa e começou a contar a história como alguém que entrasse sem muita determinação num mar gelado.

– Eu deveria contar primeiro sobre os bilhetes que recebi. – Ele enfiou a mão na pasta, tirou dois envelopes, abriu um, pegou dentro um pedaço de papel branco escrito à mão num dos lados e um envelope menor, do tamanho que poderia ser usado para um RSVP. Estendeu o papel a Gurney.

– Esta foi a primeira comunicação que recebi, há umas três semanas.

Gurney pegou o papel e se acomodou na cadeira para examiná-lo, notando imediatamente a letra benfeita. As palavras eram formadas de modo preciso, elegante – evocando uma lembrança súbita da letra da Irmã Maria José surgindo graciosamente num quadro-negro da escola fundamental. Porém, mais estranho ainda do que a letra meticulosa era o fato de que o bilhete fora escrito com uma caneta-tinteiro e com tinta vermelha. *Tinta vermelha?* O avô de Gurney tinha tinta vermelha. Possuía pequenos tinteiros redondos com tinta azul, verde e vermelha. Ele guardava poucas recordações do avô, mas se lembrava da tinta. Será que ainda era possível comprar tinta vermelha para uma caneta-tinteiro?

Gurney ficou com a fisionomia carregada ao ler o bilhete, depois leu tudo de novo. Não havia saudação nem assinatura.

Você acredita em destino? Eu acredito, porque achei que nunca iria vê-lo de novo, até que um dia... ali estava você. Tudo voltou: o modo como você fala, como se mexe – e, acima de tudo, como pensa. Se alguém lhe dissesse para pensar em um número, sei em que número você pensaria. Não acredita? Vou provar. Pense em qualquer número de um a mil – no primeiro número que lhe vier à mente. Visualize-o. Agora veja como conheço seus segredos. Abra o envelope pequeno.

Gurney soltou um grunhido evasivo e olhou interrogativamente para Mellery, que estivera observando-o com atenção enquanto ele lia.

– Você tem alguma ideia de quem lhe mandou isto?

– Absolutamente nenhuma.

– Alguma suspeita?

– Não.

– Humm. Você fez o jogo?

– O jogo? – Claramente Mellery não havia encarado aquilo desse modo. – Se o que você quer saber é se eu pensei em um número, sim, pensei. Nas circunstâncias, seria difícil não pensar.

– Então você pensou em um número.

– Pensei.

– E...?

Mellery pigarreou.

– O número em que pensei foi 658. – Ele repetiu, articulando os dígitos – *Seis, cinco, oito* –, como se eles pudessem significar alguma coisa para Gurney. Quando viu que isso não acontecia, respirou nervoso e continuou: – Ele não tem nenhum significado particular para mim. Por acaso foi o primeiro número que me veio à mente. Já revirei o cérebro, tentando me lembrar de qualquer coisa a que pudesse associá-lo, qualquer motivo para tê-lo escolhido, mas não consegui absolutamente nada. *Foi só o primeiro número que me veio à mente* – insistiu.

Gurney olhou-o com interesse crescente.

– E no envelope menor...

Mellery entregou o outro envelope que viera junto do bilhete e olhou atentamente enquanto Gurney o abria, tirava de dentro um pedaço de papel com metade do tamanho do primeiro e lia a mensagem escrita no mesmo estilo delicado, com a mesma tinta vermelha:

*Ficou chocado por eu saber que você escolheria o 658?
Quem conhece você tão bem assim? Se quiser a resposta,
deve primeiro pagar os 289,87 dólares que me custou encontrá-lo.
Mande essa quantia exata para a
Caixa Postal 49449, Wycherly, CT 61010.
Mande em DINHEIRO ou CHEQUE NOMINAL.
Ponha em nome de X. Arybdis.
(Esse nem sempre foi meu nome.)*

Depois de reler o bilhete, Gurney perguntou a Mellery o que ele tinha feito.

– Mande um cheque com a quantia mencionada para essa caixa postal.

– Por quê?

– Como assim?

– É um bocado de dinheiro. Por que decidiu mandar?

– Porque isso estava me enlouquecendo. O número... Como ele poderia saber?

– O cheque foi descontado?

– Não. Venho monitorando minha conta diariamente. Por isso mandei cheque, em vez de dinheiro. Achei que seria uma boa ideia saber algo sobre esse tal de Arybdis, pelo menos onde ele depositava seus cheques. Esse negócio todo me deixou perturbado.

– O que, exatamente, inquietou você?

– O número, lógico! – exclamou Mellery. – Como ele poderia saber uma coisa dessas?

– Boa pergunta. Por que você diz “ele”?

– O quê? Ah, entendi o que você quer dizer. Só pensei... não sei, foi o que me veio à mente.

Acho que “X. Arybdis” pareceu masculino por algum motivo.

– X. Arybdis. Nome estranho. Significa alguma coisa para você? Faz lembrar algo?

– Nada.

O nome não significava nada para Gurney, mas também não pareceu completamente estranho. O que quer que fosse, estava enterrado num arquivo abaixo do porão mental.

– Depois de mandar o cheque você foi contatado de novo?

– Fui! – respondeu Mellery, enfiando a mão na pasta e tirando mais dois pedaços de papel.

– Recebi este há uns dez dias. E este aqui um dia depois de lhe mandar o e-mail perguntando se poderíamos nos ver. – Ele os mostrou para Gurney como um menino exibindo ao pai os machucados novos.

Pareciam escritos na mesma letra meticulosa com a mesma caneta das comunicações anteriores, mas o tom havia mudado.

O primeiro tinha oito linhas curtas:

*Quantos anjos luminosos
Podem num alfinete dançar?
Quantas esperanças se afogam
Numa garrafa de bar?
Já imaginou que seu copo
Era uma arma infeliz
E que um dia pensaria:
Meu Deus, o que foi que eu fiz?*

As oito linhas do segundo bilhete eram igualmente cifradas e ameaçadoras:

*O que você tomou você dará
Quando receber o que deu.
Sei o que você pensa,
Quando pisca,
Onde esteve,
Onde estará.
Você e eu temos um compromisso,
Sr. 658. Lembre-se disso.*

Nos dez minutos seguintes, tempo em que leu cada bilhete meia dúzia de vezes, a expressão de Gurney ficou mais sombria e a angústia de Mellery, mais óbvia.

– O que você acha? – perguntou Mellery enfim.

– Você tem um inimigo inteligente.

– O que você pensa do negócio do número?

– Como assim?

– Como ele poderia saber que número me viria à mente?

– De cara, eu diria que ele não poderia saber.

– Ele não poderia saber, mas sabia! Essa é a questão, não é? Ele não poderia saber, mas sabia! Ninguém poderia saber que eu iria pensar no número 658, mas ele não apenas sabia como tinha conhecimento disso pelo menos dois dias antes de eu pensar, quando colocou a porcaria da carta no correio!

De repente Mellery se levantou da cadeira, andou pelo gramado na direção da casa, depois voltou, passando as mãos pelos cabelos.

– Não existe modo científico de fazer isso. Não há modo concebível de fazer. Não vê como isso é maluco?

Gurney havia pousado o queixo, pensativo, nas pontas dos dedos.

– Há um princípio filosófico simples, que considero cem por cento confiável. *Se alguma coisa acontece, deve ter um modo de acontecer.* Esse negócio dos números deve ter uma explicação simples.

– Mas...

Gurney levantou a mão como o sério e jovem policial de trânsito que ele fora nos primeiros seis meses no Departamento de Polícia de Nova York.

– Sente-se. Relaxe. Tenho certeza de que podemos descobrir.

Possibilidades desagradáveis

Madeleine trouxe dois copos de chá gelado e voltou para casa. O cheiro da grama quente enchia o ar. A temperatura estava próxima dos 22 graus. Um bando de pintarroxos desceu sobre os alimentadores cheios de sementes de cardo. O sol, as cores, os aromas eram intensos, mas Mellery nem percebeu. Estava totalmente concentrado em seus pensamentos ansiosos.

Enquanto tomavam o chá, Gurney tentou avaliar as motivações e a honestidade do visitante. Sabia que rotular alguém cedo demais poderia levar a erros, mas frequentemente era irresistível fazer isso. O principal era ter consciência da falibilidade do processo e estar disposto a mudar a avaliação quando houvesse novas informações disponíveis.

Sua sensação básica era que Mellery era um mentiroso clássico, fingidor em muitos níveis, que até certo ponto acreditava em seus próprios fingimentos. O sotaque, por exemplo, que estivera presente desde a época de faculdade, era de lugar nenhum, vindo de algum espaço imaginário de cultura e refinamento. Certamente não era mais forçado – tornara-se parte integrante dele –, mas as raízes estavam em solo imaginário. O corte de cabelo caro, a pele hidratada, os dentes impecáveis, o físico malhado e as unhas tratadas sugeriam um próspero pregador da TV. Os modos eram de um homem ansioso para parecer à vontade no mundo, um homem no domínio de tudo o que escapa aos seres humanos comuns. Gurney percebeu que tudo isso estivera presente, de forma embrionária, 26 anos antes. Mark Mellery simplesmente se tornara mais aquilo que sempre havia sido.

– Você pensou em procurar a polícia? – perguntou Gurney.

– Não achei que precisasse. Não creio que eles fariam nada. O que poderiam fazer? Não houve ameaça específica, nada que pudesse ser explicado, nenhum crime. Eu não tinha nada concreto para levar a eles. Dois poeminhas maldosos? Um garoto do ensino médio com má intenção poderia ter escrito, alguém com senso de humor negro. E como a polícia não faria nada ou, pior ainda, iria tratar o caso como uma brincadeira, por que eu perderia meu tempo?

Gurney assentiu, sem se convencer.

– Além disso – continuou Mellery –, só imaginar a polícia local iniciando uma grande investigação, interrogando pessoas, indo ao instituto, dando carteirada em hóspedes atuais e antigos (alguns deles importantes), andando para cá e para lá, fazendo todo tipo de algazarra, metendo o nariz em coisas que não são da conta dela, talvez até envolvendo a imprensa... Meu Deus! Posso ver as manchetes: “Autor de livros espirituais recebe ameaças de morte”. E o tumulto que isso provocaria... – A voz de Mellery ficou no ar e ele balançou a cabeça, como

se meras palavras não descrevessem os danos que a polícia poderia causar.

Gurney reagiu com um olhar de perplexidade.

– O que há de errado? – perguntou Mellery.

– Seus dois motivos para não contatar a polícia contradizem um ao outro.

– Como assim?

– Você não deu queixa porque tinha medo de que os policiais não fizessem nada. E também porque tinha medo de que fizessem de mais.

– Ah, sim... mas as duas coisas são verdadeiras. O elemento comum é meu medo de que a questão seja abordada de modo inadequado. A inépcia da polícia pode resultar numa abordagem frouxa ou do tipo touro indomável. Fraqueza inepta ou agressividade inepta. Está entendendo meu ponto de vista?

Gurney teve a sensação de que havia acabado de ver alguém dar uma topada com o dedão e transformar isso numa pirueta. Não estava engolindo aquela história. Em sua experiência, quando uma pessoa dava dois motivos para uma decisão, era provável que um terceiro – o verdadeiro – tivesse ficado sem ser dito.

Como se houvesse se conectado à frequência do pensamento de Gurney, Mellery disse de repente:

– Preciso ser mais honesto com você, mais aberto com relação às minhas preocupações. Não posso esperar que você me ajude se não conhecer o quadro geral. Nos meus 47 anos, levei duas vidas bem diferentes. Nos primeiros dois terços de minha existência nesta Terra estive no caminho errado, indo para lugar nenhum e chegando lá bem depressa. A coisa começou na faculdade e depois ficou pior ainda. A bebida aumentou, o caos aumentou. Eu me envolvi com venda de drogas para uma clientela de elite e me tornei amigo dos clientes. Um deles ficou tão impressionado com minha capacidade de tecer um papo-furado que me deu um emprego em Wall Street, para vender pelo telefone ações furadas a pessoas gananciosas e idiotas a ponto de acreditar que existia uma possibilidade real de receber em dobro, em três meses, o que tinham investido. Eu era bom nisso e ganhei muito dinheiro, e o dinheiro foi meu combustível para a loucura. Eu fazia tudo o que sentia vontade de fazer e não consigo me lembrar da maior parte porque estava sempre bêbado. Durante dez anos trabalhei para uma sucessão de trambiqueiros brilhantes. Então minha mulher morreu. Você não deve saber, mas eu me casei no ano seguinte à formatura.

Mellery pegou seu copo. Bebeu pensativamente, como se o gosto fosse uma ideia se formando na mente. Quando o copo estava pela metade, colocou-o no braço da cadeira, olhou-o por um momento e retomou a história:

– A morte dela foi um acontecimento monumental. Teve um efeito maior em mim do que tudo o que vivemos em nossos quinze anos de casamento. Odeio admitir, mas foi só com a morte que a vida da minha mulher teve um impacto real sobre mim.

Gurney teve a impressão de que essa ironia precisa, falada de modo hesitante como se tivesse acabado de vir à mente, estava sendo apresentada pela centésima vez.

– Como ela morreu?

– A história está no meu primeiro livro, mas aqui vai a versão curta e feia. Nós estávamos de férias na Península Olímpica, em Washington. Uma tarde, ao pôr do sol, estávamos sentados numa praia deserta. Erin decidiu nadar. Geralmente ela se afastava uns trinta metros e nadava de um lado para outro, paralela à praia, como se estivesse em uma raia de piscina. Ela praticava exercícios religiosamente. – Ele parou, deixando os olhos se fecharem.

– Foi isso que ela fez naquele fim de tarde?

– O quê?

– Você disse que era o que ela *geralmente* fazia.

– Ah, sim. É, *acho* que foi o que ela fez naquele fim de tarde. A verdade é que não tenho certeza, porque estava bêbado. Erin entrou na água e eu fiquei na praia com minha garrafa térmica cheia de martini. – Um tique apareceu no canto de seu olho esquerdo. – Ela se afogou. As pessoas que encontraram o corpo flutuando a quinze metros da praia também me descobriram apagado na areia, num estupor alcoólico.

Depois de uma pausa ele continuou, com a voz tensa:

– Imagino que ela tenha tido câibra ou... não sei o quê... mas imagino que possa ter me chamado... – Ele parou, fechou os olhos de novo e massageou o lugar do tique. Quando os abriu, olhou em volta como se captasse o ambiente pela primeira vez. – Este lugar aqui é lindo – disse com um sorriso triste.

– Você disse que a morte dela teve um efeito poderoso?

– Ah, sim, um efeito poderoso.

– Imediatamente ou mais tarde?

– Imediatamente. É um clichê, mas eu tive o que chamam de “momento de clareza”. Foi mais poderoso e revelador do que qualquer coisa que eu já experimentei antes ou depois. Ví nitidamente, pela primeira vez na vida, o caminho que vinha trilhando e como ele era destrutivo. Não quero me comparar a Paulo sendo derrubado do cavalo a caminho de Damasco, mas o fato é que a partir daquele momento eu não quis dar mais nenhum passo naquela direção. – Ele falou essas palavras com uma convicção sonora.

Ele poderia dar um curso de vendas chamado Convicção Sonora, pensou Gurney.

– Eu me internei numa clínica de desintoxicação alcoólica, porque parecia a coisa certa. Depois de me desintoxicar, comecei a fazer terapia. Queria ter certeza de que tinha encontrado a verdade e não perdido a cabeça. O terapeuta foi encorajador. Acabei voltando para a faculdade e tirei dois diplomas, um de psicologia e outro de terapia. Um dos meus colegas de turma era pastor da Igreja Unitária e pediu que eu fosse falar sobre minha “conversão”. Foi a palavra que ele usou, e não eu. A palestra foi um sucesso. Transformou-se numa série de apresentações que fiz em uma dúzia de outras igrejas unitárias e que deu origem ao meu primeiro livro. O livro serviu de base para uma minissérie em três partes para a TV do governo. Depois esse material foi distribuído como um kit de fitas de vídeo.

Gurney ficou observando Mellery contar sua história.

– Foram muitos acontecimentos desse tipo, um jorro de coincidências que me levava de uma coisa boa para outra. Fui convidado a fazer uma série de seminários particulares para pessoas extraordinárias que, por acaso, também eram extraordinariamente ricas. Isso resultou na fundação do Instituto Mellery de Renovação Espiritual. Todos que vão adoram o que eu faço. Sei como isso parece egomaniaco, mas é verdade. Há frequentadores que voltam ano após ano para ouvir essencialmente as mesmas palestras, para fazer os mesmos exercícios espirituais. Eu hesito em dizer, porque parece pretensioso demais, mas por causa da morte de Erin renasci para uma vida nova e incrível.

Seus olhos se moviam inquietos, dando a impressão de focalizar uma paisagem particular. Madeleine apareceu, pegou os copos vazios e perguntou se eles queriam mais. Os dois recusaram. Mellery mencionou de novo como o lugar era lindo.

– Você disse que queria ser mais honesto comigo sobre suas preocupações – instigou Gurney.

– É. Tem a ver com os anos de bebedeira. Eu bebia até apagar. Tinha *amnésias* alcoólicas sérias. Algumas duravam uma ou duas horas, outras duravam mais. Nos últimos anos tinha isso toda vez que bebia. É muito tempo, são muitas coisas que fiz e que não lembro. Quando estava bêbado, não tinha pudores com relação às pessoas com quem estava ou ao que fazia. Francamente, as referências ao álcool naqueles bilhetes que mostrei são o motivo para eu estar tão ansioso. Minhas emoções nos últimos dias se alternaram entre a perturbação e o terror.

Apesar do ceticismo, Gurney ficou impressionado com alguma coisa autêntica na voz de Mellery.

– Conte mais – disse.

Durante a meia hora seguinte ficou claro que não havia muito mais que Mellery estivesse disposto a dizer ou que fosse capaz de contar. Mas ele retornou ao ponto que o obcecava.

– Como, em nome de Deus, ele poderia saber o número em que eu iria pensar? Repassei mentalmente pessoas que eu conheci, lugares onde estive, endereços, códigos postais, números de telefone, datas, aniversários, placas de carro, até preços, qualquer coisa que tivesse números, e não há nada que eu possa associar a 658. Isso está me deixando maluco!

– Talvez seja mais útil se concentrar em questões mais simples. Por exemplo...

Mas Mellery não estava escutando.

– Não faço a mínima ideia do que significa 658. Mas deve significar alguma coisa. E, o que quer que seja, alguém sabe o que é. Alguém sabe que 658 é tão importante para mim que seria o primeiro número em que eu pensaria. Não consigo entender. É um pesadelo!

Gurney ficou sentado em silêncio e esperou que o pânico de Mellery passasse.

– As referências à bebida indicam que é alguém que me conhecia dos velhos tempos. Se ele tem algum tipo de ressentimento, como parece ser o caso, vem alimentando isso há muito tempo. Pode ser alguém que me perdeu de vista, que não tinha ideia de onde eu estava e depois viu um dos meus livros, viu minha foto, leu algo sobre mim e decidiu... decidiu o quê?

Nem sei do que tratam esses bilhetes.

Gurney continuou sem dizer nada.

– Você faz alguma ideia de como é ter cem, talvez duzentas noites da sua vida, das quais você não lembra nada? – Mellery balançou a cabeça, aparentemente perplexo diante da própria imprudência. – A única coisa que sei com certeza sobre essas noites é que eu estava suficientemente bêbado, suficientemente louco, para fazer qualquer coisa. Este é o negócio com o álcool: quando você bebe tanto quanto eu bebia, ele acaba com o medo das consequências. Suas percepções ficam distorcidas, suas inibições desaparecem, sua memória se fecha e você age no impulso: instinto sem restrições. – Ele ficou em silêncio, balançando a cabeça.

– O que você acha que pode ter feito nesses momentos de amnésia?

Mellery encarou-o.

– Qualquer coisa! Meu Deus, este é o ponto: *qualquer coisa*!

Gurney achou que ele parecia alguém que tivesse acabado de descobrir que o paraíso tropical de seus sonhos, em que tinha investido cada centavo, está infestado de escorpiões.

– O que você quer que eu faça?

– Não sei. Talvez eu estivesse esperando uma dedução tipo Sherlock Holmes: mistério resolvido, escritor do bilhete identificado e considerado inofensivo.

– Você está em melhor posição do que eu para adivinhar o que pode estar por trás de tudo isso.

Mellery balançou a cabeça. Então uma esperança frágil fez seus olhos se arregalarem.

– Poderia ser uma pegadinha?

– Se for, é mais cruel do que a maioria – respondeu Gurney. – O que mais lhe vem à mente?

– Chantagem? A pessoa sabe de alguma coisa medonha, algo que não consigo lembrar? E os 289,87 dólares são só a primeira exigência?

Gurney assentiu sem se comprometer.

– Alguma outra possibilidade?

– Vingança? Por alguma coisa horrenda que eu tenha feito, mas a pessoa não quer dinheiro, quer... – Sua voz ficou no ar, patética.

– E não existe nada específico que você recorde e que pareça justificar essa reação?

– Não. Eu já disse. Nada que eu consiga *lembrar*.

– Certo, acredito. Mas nessas circunstâncias pode valer a pena considerar algumas perguntas simples. Anote-as, vá para casa, passe 24 horas analisando-as e veja o que lhe ocorre a respeito.

Mellery abriu sua pasta elegante e tirou um pequeno caderno com capa de couro e uma caneta Montblanc.

– Quero que você faça algumas listas separadas, do melhor modo que puder, certo? Lista número um: possíveis inimigos empresariais ou profissionais, pessoas com quem você teve algum conflito sério com relação a dinheiro, contratos, promessas, cargo, reputação. Lista

número dois: conflitos pessoais não solucionados: ex-amigos, ex-amantes, parceiros de casos que terminaram mal. Lista número três: indivíduos abertamente ameaçadores, pessoas que fizeram acusações ou ameaçaram você. Lista número quatro: indivíduos instáveis, pessoas que você tenha tratado que eram desequilibradas ou problemáticas. Lista número cinco: qualquer pessoa de seu passado que você tenha encontrado recentemente, independentemente de como o encontro possa ter parecido inocente ou casual. Lista número seis: qualquer conexão que você tenha com alguém que more em Wycherly ou por perto, já que é onde fica a caixa postal de X. Arybdis e onde foram carimbados todos os envelopes.

Enquanto ditava as questões, Gurney observou Mellery balançar a cabeça, como se quisesse afirmar a impossibilidade de lembrar qualquer nome relevante.

– Sei que parece difícil – disse Gurney com firmeza de pai –, mas tem de ser feito. Enquanto isso, deixe os bilhetes comigo. Vou dar uma olhada mais atenta. Mas lembre-se de que eu não estou no ramo da investigação particular e pode ser que tenha muito pouco a fazer por você.

Mellery olhou para as mãos, com ar vazio.

– Além das listas, há alguma coisa que eu deveria fazer?

– Boa pergunta. Você tem alguma ideia?

– Bem... talvez com alguma orientação sua eu pudesse rastrear esse tal Sr. Arybdis de Wycherly, Connecticut, tentar conseguir alguma informação sobre ele.

– Se com “rastrear” você quer dizer chegar ao endereço residencial em vez da caixa postal, o correio não vai lhe dar. Para isso, você teria de envolver a polícia, coisa que não quer fazer. Poderia consultar a lista telefônica na internet, mas isso não vai levá-lo a lugar nenhum com um nome inventado, o que provavelmente é o caso, já que ele diz no bilhete que esse não é o nome pelo qual você o conheceu. – Gurney fez uma pausa. – Mas o negócio do cheque é estranho, não acha?

– Quer dizer, o valor?

– Não, o fato de não ter sido descontado. Por que fazer tantas exigências – uma quantia precisa, em nome de alguém específico, para um local determinado – e depois não descontá-lo?

– Bem, se Arybdis é um nome falso e ele não tem documento de identidade com esse nome...

– Então por que dar a opção de mandar um cheque? Por que não exigir dinheiro vivo?

Os olhos de Mellery examinaram o chão como se as possibilidades fossem minas terrestres.

– Talvez ele só quisesse alguma coisa que tivesse minha assinatura.

– Isso me ocorreu – disse Gurney –, mas há duas questões. Primeiro, lembre-se de que ele também estava disposto a receber dinheiro. Segundo, se o verdadeiro objetivo fosse obter um cheque assinado, por que não pedir uma quantia menor, digamos vinte ou cinquenta dólares? Isso não aumentaria a possibilidade de ter uma resposta?

– Talvez Arybdis não seja tão inteligente assim.

– Não creio que seja o caso.

Parecia que a exaustão estava competindo com a ansiedade em cada célula do corpo de Mellery e que esta era uma disputa acirrada.

– Você acha que estou correndo algum perigo real?

Gurney deu de ombros.

– Cartas ameaçadoras são, na maioria dos casos, apenas cartas ameaçadoras. A mensagem desagradável é em si a arma de ataque, por assim dizer. No entanto...

– Essas são diferentes?

– Podem ser diferentes.

Os olhos de Mellery se arregalaram.

– Sei. Você vai dar mais uma olhada nelas?

– Vou. E você vai se dedicar às listas?

– Não vai adiantar nada, mas, sim, vou tentar.

Capítulo 6

Por sangue que é tão vermelho quanto uma rosa pintada

Na ausência de um convite para ficar para o almoço, Mellery havia partido, relutante, num Austin-Healey azul-pólvora meticulosamente restaurado – um conversível clássico num dia perfeito para dirigir que, lamentavelmente, o sujeito parecia não notar.

Gurney voltou à sua cadeira e sentou-se por um longo tempo, quase uma hora, esperando que o emaranhado de fatos começasse a ganhar algum tipo de ordem, alguma concatenação razoável. Mas a única coisa que ficou clara era que estava com fome. Levantou-se, entrou em casa, fez um sanduíche de queijo com pimentão assado e comeu sozinho. Madeleine parecia ter saído, e ele se perguntou se teria esquecido algum plano que ela poderia ter lhe contado. Então, enquanto lavava o prato e olhava preguiçosamente pela janela, viu-a andando pelo campo, vindo do pomar, com a bolsa de lona cheia de maçãs. Tinha aquele ar de serenidade luminosa que, para ela, era uma consequência quase automática de estar ao ar livre.

Ela entrou na cozinha e pôs as maçãs na pia com um suspiro alto, feliz.

– Meu Deus, que dia! – exclamou. – Num dia assim, ficar dentro de casa um minuto a mais do que o necessário é um pecado!

Não que Gurney discordasse, pelo menos esteticamente – talvez de jeito nenhum –, mas a dificuldade para ele era que suas inclinações naturais o levavam a ficar em casa. E se tivesse que decidir por conta própria, passaria mais tempo pensando na ação do que em ação, mais tempo na cabeça do que no mundo. Isso nunca fora problema em sua profissão; na verdade, era o que o tornara tão bom nela.

De qualquer modo, não tinha desejo imediato de sair, nem era uma coisa da qual quisesse falar ou se culpar. Puxou um assunto diferente:

– Qual foi sua impressão sobre Mark Mellery?

Ela respondeu sem tirar os olhos das frutas que estava transferindo da bolsa para a bancada e sem parar para pensar na pergunta:

– Cheio de si e morto de medo. Um egocêntrico com complexo de inferioridade. Com medo de que o bicho-papão esteja vindo pegá-lo. Quer que o tio Dave o proteja. Por sinal, eu não estava xeretando de propósito. A voz dele chega longe. Aposto que é um orador fantástico. – O elogio pareceu uma crítica.

– O que acha da história do número?

– Ah! – disse ela com afetação dramática. – “O caso do perseguidor que lê mentes!”

Ele conteve a irritação.

– Você tem alguma ideia de como isso pode ter sido feito? Como o sujeito sabia o número que Mellery iria escolher?

– Não.

– Você não parece perplexa com isso.

– Mas você está. – Ela falou com os olhos novamente nas maçãs. O discreto sorriso irônico, cada vez mais presente nos últimos dias, repuxava o canto de sua boca.

– Você tem de admitir que é uma tremenda charada – insistiu ele.

– Acho que sim.

Ele repetiu os fatos principais com a tensão de alguém que não consegue entender por que não está sendo compreendido:

– Uma pessoa lhe dá um envelope lacrado e diz para visualizar um número. Você pensa em 658. Ela manda olhar no envelope. Você olha no envelope. O bilhete dentro diz 658.

Era claro que Madeleine não estava tão impressionada como deveria. Ele continuou:

– É um feito notável. Parece impossível. Mas foi feito. Eu gostaria de descobrir como.

– E tenho certeza de que vai – disse ela com um pequeno suspiro.

Ele olhou pela porta dupla de vidro, para além dos pés de pimentão e tomate murchos depois da primeira geada da estação. (Quando tinha sido isso? Não lembrava. Não conseguia se concentrar no fator tempo.) Depois de varrer a horta e o pasto, seu olhar pousou no celeiro vermelho. A velha macieira McIntosh era ligeiramente visível por trás do canto da construção, as frutas pintadas aqui e ali no meio da folhagem como num quadro impressionista. Teve uma sensação desconcertante de que estava esquecendo alguma coisa. *O que era?* Claro! A promessa feita uma semana antes de que pegaria a escada do celeiro e colheria as frutas que Madeleine não conseguia pegar sozinha. Uma coisa tão pequena. Tão fácil para ele. Um trabalho de no máximo meia hora.

Enquanto se levantava da cadeira, cheio de boas intenções, o telefone tocou. Madeleine atendeu de maneira ostensiva, porque estava parada perto da mesa em que o aparelho ficava, mas esse não era o motivo real. Ela costumava atender ao telefone independentemente de quem estivesse mais perto. Isso tinha mais a ver com os desejos respectivos dos dois quanto a fazer contato com os outros do que com logística. Para ela, as pessoas em geral eram um ponto a favor, uma fonte de estímulo positivo (com exceções, como a predadora Sonya Reynolds). Para Gurney, eram um ponto contra, meros sugadores de energia (com exceções, como a encorajadora Sonya Reynolds).

– Alô? – disse Madeleine, daquele modo agradável com que tratava todos que ligassem, transparecendo uma promessa de interesse pelo que tivessem a dizer. Um segundo depois sua voz baixou para um tom menos entusiasmado.

– É, está. Só um momento. – Ela balançou o fone para Gurney, colocou-o na mesa e saiu do cômodo.

Era Mark Mellery, e seu nível de agitação havia subido.

– Davey, graças a Deus você está aí. Acabei de chegar em casa. Recebi outra daquelas malditas cartas.

– No correio de hoje?

A resposta foi positiva, como Gurney presumia. Mas mesmo assim a pergunta tinha um propósito. Ele havia descoberto, no decorrer de anos entrevistando incontáveis pessoas históricas – em locais de crimes, em emergências de hospitais, em todo tipo de situações caóticas –, que o modo mais fácil de acalmá-las era fazendo perguntas simples cuja resposta pudesse ser sim.

– Parece a mesma letra?

– Sim.

– E a mesma tinta vermelha?

– Isso mesmo. É tudo igual, menos as palavras. Posso ler para você?

– Vá em frente. Leia devagar e diga onde as frases são quebradas.

As perguntas objetivas, as instruções claras e a voz tranquila de Gurney tiveram o efeito desejado. Mellery parecia estar recuperando o controle enquanto lia em voz alta o poema peculiar e inquietante, fazendo pequenas pausas para indicar o fim dos versos:

*Eu farei o que fiz
Não por dinheiro ou prazer,
Mas por dívidas a serem pagas
E correções a fazer.
Por sangue que é tão vermelho
Quanto uma rosa pintada.
De modo que cada um saiba
Que colhe a semente plantada.*

Depois de anotar os versos no bloco perto do telefone, Gurney os leu com cuidado, tentando captar algo sobre quem os havia escrito – a personalidade peculiar à espreita na interseção entre uma intenção vingativa e a ânsia de expressá-la num poema.

Mellery rompeu o silêncio:

– O que você está pensando?

– Estou pensando que talvez seja hora de você procurar a polícia.

– Prefiro não fazer isso. – A agitação estava retornando. – Já expliquei a você.

– Sei que explicou. Mas, se quiser, meu melhor conselho é esse.

– Sei o que você quer dizer. Mas estou pedindo uma alternativa.

– A melhor alternativa, se você puder pagar, seria ter guarda-costas 24 horas por dia.

– Você quer que eu contrate dois gorilas para me seguirem até mesmo dentro da minha propriedade? Como vou explicar isso aos hóspedes?

– “Gorilas” pode ser um certo exagero.

– Olha, o negócio é que eu não minto para os meus hóspedes. Se um deles perguntasse quem eram essas pessoas, eu teria de admitir que eram guarda-costas, o que naturalmente levaria a mais perguntas. Seria inquietante, uma coisa tóxica para a atmosfera que tento criar aqui. Há algum outro plano de ação que você possa sugerir?

– Depende. O que você quer que a ação produza?

Mellery respondeu com um risinho azedo:

– Talvez você pudesse descobrir quem está atrás de mim e o que quer, e depois impedir que a pessoa faça isso. Acha que pode?

Gurney já ia dizer “não sei se posso ou não” quando Mellery acrescentou em tom incisivo:

– Davey, pelo amor de Deus, eu estou me cagando de medo. Não sei que diabos está acontecendo. Você é o cara mais inteligente que já conheci. E é o único em quem confio para não piorar a situação.

Nesse momento Madeleine passou pela cozinha carregando sua bolsa de tricô. Pegou o chapéu de palha no aparador, apanhou o último número de *Notícias da Mãe Terra* e passou pela porta de vidro com um sorriso rápido que parecia acionado pelo céu luminoso.

– O tamanho da minha ajuda vai depender de quanto você vai me ajudar – disse Gurney.

– O que você quer que eu faça?

– Já falei.

– O quê? Ah... as listas...

– Quando tiver feito algum progresso, ligue. Vamos ver o que podemos fazer a partir disso.

– Dave?

– Sim?

– Obrigado.

– Não fiz nada.

– Você me deu alguma esperança. Ah, por sinal, abri o envelope hoje com muito cuidado. Como fazem na TV. De modo que, se houver digitais, não sejam destruídas. Usei uma pinça e luvas de borracha e coloquei a carta num saco plástico.

O buraco negro

Gurney não estava muito confortável por ter concordado em se envolver no problema de Mark Mellery. Certamente se sentia atraído pelo mistério, pelo desafio de resolvê-lo. Então por que estava inquieto?

Lembrou que deveria ir ao celeiro pegar a escada para colher as maçãs prometidas, mas esse pensamento foi logo substituído por outro: devia preparar o novo projeto de arte para Sonya Reynolds – pelo menos incluir a foto do infame Peter Piggert no programa de tratamento de imagens. Estivera ansioso pelo desafio de capturar a vida interior daquele escoteiro que não somente havia assassinado o pai e, quinze anos depois, a mãe, como fizera isso por motivos sexuais que pareciam mais horrendos do que os crimes propriamente ditos.

Gurney foi à sala que havia separado para se dedicar à sua Arte Policial. Antigamente o lugar era a despensa da fazenda, mas agora estava mobiliado como um escritório e era banhado por uma luz fresca, sem sombras, vinda de uma janela ampliada na parede norte. Olhou para a vista bucólica. Uma abertura no bosque de bordos depois da campina formava uma moldura para os morros azulados que desapareciam ao longe. Isso lhe trouxe as maçãs de volta à mente e ele retornou à cozinha.

Enquanto Gurney permanecia imóvel, tomado pela indecisão, Madeleine entrou.

– Então, qual é o próximo passo com o Mellery? – perguntou ela.

– Não decidi ainda.

– Por quê?

– Bem... não é o tipo de coisa em que você gostaria que eu me envolvesse, não é?

– O problema não é esse – disse ela com a clareza que sempre o impressionava.

– Você tem razão. Acho que o problema é que nada parece fazer sentido.

Ela deu um sorriso de compreensão.

Encorajado, ele continuou:

– Não sou mais detetive de homicídios e ele não é vítima de homicídio. Não sei o que eu sou nem o que ele é.

– Um velho colega de faculdade?

– Mas que diabos é isso? Ele se lembra de um nível de camaradagem entre nós que eu nunca senti. Além do mais, ele não precisa de um colega, precisa de um guarda-costas.

– Ele quer o tio Dave.

– Que não sou eu.

– Tem certeza?

Ele suspirou.

– Você quer que eu me envolva com esse negócio do Mellery ou não?

– Você *está* envolvido. Talvez ainda não saiba como rotulá-lo. Você não é oficialmente policial e ele não é oficialmente vítima de crime. Mas há uma charada, e, por Deus, cedo ou tarde você vai juntar as peças. Essa vai ser sempre a questão essencial, não é?

– Isso é uma acusação? Você se casou com um detetive. Eu não fingi ser outra coisa.

– Achei que pudesse haver uma diferença entre um detetive e um detetive aposentado.

– Estou aposentado há mais de um ano. O que eu faço que se parece com trabalho de detetive?

Ela balançou a cabeça como se fosse dizer que a resposta era dolorosamente óbvia.

– Em que você investe tempo que *não* pareça trabalho de detetive?

– Não sei o que você quer dizer.

– Todo mundo faz retratos de assassinos?

– É um tema que eu conheço um pouco. Você quer que eu faça pinturas de margaridas?

– Margaridas seriam melhores do que loucos homicidas.

– Foi você que me envolveu nesse negócio de arte.

– Ah, sei. É por minha causa que você passa as lindas manhãs de outono olhando nos olhos de assassinos em série?

O prendedor que estava segurando a maior parte do cabelo de Madeleine para cima e para longe do rosto parecia estar se soltando. Vários fios escuros desciam sobre os olhos e ela pareceu não notar, o que lhe conferia uma rara expressão atormentada que ele achou tocante.

Gurney respirou fundo.

– Por que, exatamente, nós estamos brigando?

– Deduza. Você é o detetive.

Enquanto ficava parado olhando-a, ele perdeu o interesse em continuar carregando o peso da discussão.

– Quero mostrar uma coisa – disse. – Já volto.

Ele saiu do cômodo e retornou um minuto depois com a cópia do poeminha ameaçador que Mellery havia lido ao telefone.

– O que acha disso?

Ela leu tão depressa que alguém que não a conhecesse poderia achar que não tinha lido.

– Parece sério – respondeu, devolvendo o papel.

– Concordo.

– O que você acha que ele *fez*?

– Ah, boa pergunta. Você notou o tempo verbal?

Ela recitou os dois versos relevantes:

– “Eu farei o que fiz / Não por dinheiro ou prazer.”

Se Madeleine não tinha memória fotográfica, pensou Gurney, era algo próximo disso.

– Então, o que, exatamente, ele *fez* e o que está planejando *fazer*? – continuou ela num tom retórico. – Tenho certeza de que você vai descobrir. Talvez até acabe tendo um assassinato para solucionar, pelo tom desse bilhete. Aí poderia coletar as provas, seguir as pistas, pegar o assassino, pintar o retrato dele e dar para a Sonya pôr na galeria. Não é o mesmo que pegar limões e transformar em limonada?

O sorriso dela era perigoso.

Em ocasiões como essa, a questão que vinha à mente de Gurney era a que ele menos queria considerar. Será que a mudança para o condado de Delaware tinha sido um grande erro?

Suspeitava que havia concordado com o desejo dela de morar no campo para compensar todas as merdas que Madeleine tivera de suportar como mulher de policial, ficando sempre em segundo plano. Ela adorava os bosques, as montanhas, as campinas e os espaços ao ar livre, e ele sentia que lhe devia um ambiente novo, uma vida nova – e supôs que seria capaz de se adaptar a qualquer coisa. Havia um certo orgulho nisso. Ou talvez ilusão. Podia ser um desejo de se livrar da culpa por meio de um gesto grandioso? Na verdade isso era ridículo. O fato era que ele não se ajustara bem à mudança. Não era tão flexível como tinha imaginado ingenuamente. Enquanto tentava encontrar uma posição significativa para si mesmo no meio de lugar nenhum, ficava voltando instintivamente àquilo em que era bom: talvez bom demais, obsessivamente bom. Mesmo em seu esforço para apreciar a natureza. A porcaria dos pássaros, por exemplo. Observar pássaros. Ele conseguira transformar o processo de observação e identificação numa tocaia. Fazia anotações sobre as idas e vindas, os hábitos, os padrões de alimentação, as características de voo. Para outra pessoa poderia parecer um amor recém-descoberto pelas pequenas criaturas de Deus. Mas não era nem um pouco. Não era amor, era análise. Sondagem.

Dedução.

Santo Deus. Será que ele era assim tão limitado?

Será que na verdade era limitado demais – pequeno e rígido demais – em sua abordagem da vida, a ponto de jamais conseguir dar a Madeleine o que sua dedicação ao trabalho a havia privado de ter? E já que estava considerando possibilidades dolorosas, talvez houvesse mais coisas a compensar do que apenas uma imersão excessiva na profissão.

Ou só mais uma coisa.

Aquela sobre a qual eles achavam tão difícil conversar.

A estrela em colapso.

O buraco negro cuja gravidade terrível havia distorcido o relacionamento dos dois.

A cruz e a espada

O clima luminoso de outono se deteriorou naquela tarde. As nuvens, que de manhã tinham sido pequenos e alegres clichês de bolas de algodão, escureceram. Estrondos premonitórios de trovão podiam ser ouvidos – tão distantes que a direção de onde se originavam não era clara. Eram mais como uma presença intangível na atmosfera do que produto de uma tempestade específica, uma percepção que se reforçou enquanto persistiam durante horas, parecendo jamais se aproximar nem cessar inteiramente.

Naquela noite Madeleine foi a um concerto com uma de suas novas amigas de Walnut Crossing. Ela não esperava que Gurney comparecesse a esse tipo de evento, por isso ele não se sentiu na defensiva quanto à decisão de ficar em casa e trabalhar em seu projeto.

Pouco depois que ela saiu, ele se pegou sentado diante do computador, olhando a foto de Peter Possum Piggert. Tudo o que tinha feito até agora fora importar o arquivo gráfico e salvar como projeto novo – ao qual dera um nome ironicamente bonito: *Destroços de Édipo*.

Na versão da velha narrativa grega contada por Sófocles, Édipo mata um homem que por acaso é seu pai, casa-se com uma mulher que por acaso é sua mãe e tem duas filhas com ela, criando grande sofrimento para todos os envolvidos. Na psicologia freudiana o mito grego é um símbolo para a fase na vida de um menino em que ele deseja a ausência do pai (o desaparecimento, a morte) para que possa ter o afeto da mãe com exclusividade. No caso de Peter Possum Piggert, entretanto, não havia ignorância que o desculpasse nem qualquer questão de simbolismo. Sabendo exatamente o que estava fazendo e com quem, Peter, aos 15 anos, assassinou o pai, passou a ter um relacionamento amoroso com a mãe e teve duas filhas com ela. Mas a coisa não parou aí. Quinze anos depois ele assassinou a mãe numa disputa por causa de um novo relacionamento que passara a ter com as filhas, na época com 13 e 14 anos.

O envolvimento de Gurney no caso começou quando metade do corpo da Sra. Iris Piggert foi descoberta presa ao leme de um navio da linha de transportes do rio Hudson que estava atracado num píer de Manhattan. E terminou com a prisão de Peter Piggert feita num complexo de mórmons “tradicionalistas” no deserto em Utah, onde ele fora viver como marido das duas filhas.

Apesar da depravação dos crimes, encharcados de sangue e horror familiar, Piggert permaneceu controlado e taciturno durante todos os interrogatórios e o processo criminal, mantendo seu lado de monstro bem escondido e parecendo mais um mecânico de automóveis deprimido do que um parricida e polígamo incestuoso.

Gurney olhou para Piggert na tela e Piggert olhou-o de volta. Desde que o havia interrogado pela primeira vez, e hoje mais ainda, Gurney achava que a característica fundamental do sujeito era a necessidade (levada a um extremo bizarro) de controlar seu ambiente. As pessoas, até a família – na verdade, acima de tudo a família –, faziam parte desse ambiente, e era essencial que todos fizessem o que ele queria. Se tivesse de matar alguém para estabelecer o controle, mataria. O sexo, por mais que parecesse uma grande força impulsionadora, tinha mais a ver com poder do que com luxúria.

Enquanto examinava o rosto impassível em busca de uma sugestão do demônio, um sopro de vento levantou um redemoinho de folhas secas. Elas voaram pelo pátio com o som de uma leve vassourada. Algumas estalaram suavemente contra os vidros da porta dupla. A inquietação das folhas, sem falar nos trovões intermitentes, tornava difícil se concentrar. A ideia de ficar sozinho durante algumas horas e poder trabalhar no retrato, livre de sobranceiras erguidas e perguntas desagradáveis, o havia atraído. Mas agora sua mente estava irrequieta. Estudou os olhos de Piggert, pesados e escuros – sem nada da fixidez louca que animava os de Charles Manson, o príncipe dos tabloides de sexo e carnificina –, mas de novo o vento e as folhas o distraíram, e em seguida o trovão. Para além da linha dos morros, houve um leve clarão no céu escuro. Dois versos de um dos poemas ameaçadores de Mellery vinham entrando e saindo de sua mente. Agora voltaram e ficaram entalados ali.

*O que você tomou você dará
Quando receber o que deu.*

A princípio era uma charada impossível de se resolver. As palavras eram bastante genéricas. Tinham significado de mais e de menos. No entanto, ele não conseguia tirá-las da cabeça.

Abriu a gaveta da sua mesa e pegou a sequência de mensagens que Mellery lhe dera. Desligou o computador e empurrou o teclado para o lado a fim de poder arrumar as mensagens em ordem, começando com o primeiro bilhete.

Você acredita em destino? Eu acredito, porque achei que nunca iria vê-lo de novo, até que um dia... ali estava você. Tudo voltou: o modo como você fala, como se mexe – e, acima de tudo, como pensa. Se alguém lhe dissesse para pensar em um número, sei em que número você pensaria. Não acredita? Vou provar. Pense em qualquer número de um a mil – no primeiro número que lhe vier à mente. Visualize-o. Agora veja como conheço seus segredos. Abra o envelope pequeno.

Apesar de ter feito isso antes, examinou o envelope principal por dentro e por fora, além do papel em que a mensagem fora escrita, para ter certeza de que não havia qualquer vestígio do número 658 – nem mesmo uma marca d'água – que pudesse sugerir o que parecera vir

espontaneamente à mente de Mellery. Não havia nada. Testes mais conclusivos poderiam ser feitos posteriormente, porém ele estava satisfeito, por enquanto, em pensar que qualquer coisa que tivesse permitido ao remetente saber que Mellery escolheria o 658 não era um registro sutil no papel.

O conteúdo da mensagem tinha várias afirmações que Gurney enumerou numa folha pautada amarela:

1. Eu o conheci no passado, mas perdi o contato com você.
2. Encontrei você de novo, recentemente.
3. Eu me lembro de muita coisa sobre você.
4. Posso provar que sei seus segredos anotando e lacrando no envelope em anexo o número em que você vai pensar.

O tom lhe pareceu assustadoramente jocoso, e a afirmação de que o remetente sabia dos “segredos” de Mellery poderia ser lida como ameaça, o que era reforçado pelo pedido de dinheiro no envelope menor.

*Ficou chocado por eu saber que você escolheria o 658?
Quem conhece você tão bem assim? Se quiser a resposta,
deve primeiro pagar os 289,87 dólares que me custou encontrá-lo.
Mande essa quantia exata para a
Caixa Postal 49449, Wycherly, CT 61010.
Mande em DINHEIRO ou CHEQUE NOMINAL.
Ponha em nome de X. Arybdis.
(Esse nem sempre foi meu nome.)*

Além da inexplicável previsão do número, o bilhete menor reiterava a afirmação de conhecimento pessoal íntimo e especificava os 289,87 dólares como custo da localização de Mellery (ainda que a primeira metade da mensagem fizesse parecer que fora um encontro casual) e como condição para a pessoa revelar sua identidade. Também oferecia a opção de pagar a quantia com cheque ou dinheiro vivo; dava o nome “X. Arybdis” para ser posto no cheque nominal; apresentava uma explicação para Mellery não reconhecer o nome e fornecia um endereço de caixa postal em Wycherly para onde mandar o dinheiro. Gurney anotou todos esses fatos em seu bloco amarelo, achando que isso o ajudaria a organizar os pensamentos.

Esses pensamentos se centravam em quatro questões: como a previsão do número poderia ser explicada sem a hipótese de algum tipo de hipnose, como no filme *Sob o domínio do mal*, ou percepção extrassensorial? Será que o outro número específico do bilhete, 289,87, tinha algum significado além do declarado “custo para encontrá-lo”? Por que a opção de dinheiro vivo ou cheque, que parecia a paródia de um anúncio de marketing direto? E o que havia

naquele nome, Arybdis, que ficava fazendo cócegas num canto escuro da memória de Gurney? Anotou essas questões ao lado dos outros bilhetes.

Em seguida colocou os três poemas na sequência das datas de postagem.

*Quantos anjos luminosos
Podem num alfinete dançar?
Quantas esperanças se afogam
Numa garrafa de bar?
Já imaginou que seu copo
Era uma arma infeliz
E que um dia pensaria:
Meu Deus, o que foi que eu fiz?*

*O que você tomou você dará
Quando receber o que deu.
Sei o que você pensa,
Quando pisca,
Onde esteve,
Onde estará.
Você e eu temos um compromisso,
Sr. 658. Lembre-se disso.*

*Eu farei o que fiz
Não por dinheiro ou prazer,
Mas por dívidas a serem pagas
E correções a fazer.
Por sangue que é tão vermelho
Quanto uma rosa pintada.
De modo que cada um saiba
Que colhe a semente plantada.*

A primeira coisa que chamou a atenção de Gurney foi a mudança de atitude. O tom jocoso das duas mensagens em prosa tinha virado acusador no primeiro poema, abertamente ameaçador no segundo e vingativo no terceiro. Pondo de lado a questão de até que ponto isso deveria ser levado a sério, a mensagem em si era clara: a pessoa (X. Arybdis?) estava dizendo que pretendia acertar as contas (matar?) Mellery por algum mal que ele cometera no passado, algo relacionado à bebida. Enquanto Gurney escrevia a palavra *matar*, sua atenção retornou bruscamente aos dois primeiros versos do segundo poema:

*O que você tomou você dará
Quando receber o que deu.*

Agora sabia exatamente o que as palavras significavam. Era de uma simplicidade arrepiante: *Pela vida que você tirou, você dará sua vida. O que você fez será feito com você.*

Não tinha certeza se o frisson que sentia o convencera de que estava certo ou se saber que estava certo criara o frisson, mas de qualquer modo não tinha dúvida. No entanto, isso não respondia às outras perguntas. Só as tornava mais urgentes e gerava novos questionamentos.

Será que a ameaça de morte era apenas uma ameaça, destinada somente a causar apreensão? Ou seria uma declaração de intenção? A que o remetente estava se referindo ao dizer “Eu farei o que fiz” no primeiro verso do terceiro poema? Será que havia feito anteriormente com outra pessoa o que agora se propunha a fazer com Mellery? Talvez Mellery tivesse feito algo com a ajuda de um parceiro com quem o autor do bilhete já acertara suas contas. Gurney fez uma anotação para perguntar a Mellery se algum amigo ou conhecido dele já fora morto, atacado ou ameaçado.

Talvez fosse a melancolia criada pelos clarões de luz além dos morros mergulhados na escuridão, ou a persistência fantasmagórica dos trovões, ou sua própria exaustão, mas a personalidade por trás das mensagens começava a emergir das sombras. O distanciamento da voz naqueles poemas, o propósito sangrento e a sintaxe cuidadosa, o ódio e o cálculo – ele vira essas qualidades combinadas antes causando efeitos terríveis. Enquanto olhava pela janela do escritório, cercado pela atmosfera inquietante da tempestade que se aproximava, pôde sentir naquelas mensagens a frieza de um psicopata. Um psicopata que se intitulava X. Arybdis.

Claro, era possível que estivesse totalmente errado. Não seria a primeira vez que um determinado estado de espírito, em especial no início da noite ou quando estava sozinho, gerava convicções que não eram sustentadas pelos fatos.

Mesmo assim... o que havia naquele nome? Por que lhe soava familiar? Em que caixa empoeirada de memórias estaria escondido?

Naquela noite foi para a cama cedo, muito antes de Madeleine voltar do concerto. Estava decidido a devolver as cartas a Mellery no dia seguinte e insistir que ele fosse à polícia. O risco era alto demais e o perigo, quase palpável. Mas Gurney não conseguiu se desligar dos acontecimentos do dia. Sua mente parecia uma pista de corrida sem saídas e sem linha de chegada. Era uma experiência familiar – um preço que pagava (passara a acreditar) pela atenção intensa que dedicava a certos tipos de desafio. Assim que sua mente obcecada, em vez de cair no sono, entrava naquele círculo vicioso, havia apenas duas opções: deixar que o processo seguisse seu curso, o que poderia demorar três ou quatro horas, ou se obrigar a sair da cama e se vestir.

Minutos depois, de jeans e com um suéter de algodão velho e confortável, estava de pé no pátio. A lua cheia por trás do céu nublado criava uma iluminação fraca, tornando o celeiro

visível. Foi naquela direção, pela estradinha esburacada que atravessava o pasto, que ele decidiu caminhar.

Depois do celeiro ficava o lago. Na metade do caminho parou e ouviu o ronco de um motor vindo da direção do povoado. Avaliou que o carro estaria a uns 800 metros. Naquele silencioso recanto das montanhas Catskills, onde o uivo esporádico dos coiotes era o som noturno mais alto, um veículo podia ser ouvido a grande distância.

Logo a luz dos faróis do carro de Madeleine passou sobre o emaranhado de varas-de-ouro secas que ladeavam o pasto. Ela virou na direção do celeiro, parou no cascalho barulhento e desligou os faróis. Saiu e foi andando até onde Gurney estava – cautelosamente, com os olhos se ajustando à penumbra.

– O que você está fazendo? – A pergunta pareceu suave, amigável.

– Não consegui dormir. Estava com a mente acelerada. Pensei em dar uma volta ao redor do lago.

– Parece que vai chover. – Um ribombo no céu pontuou a observação.

Ele confirmou com a cabeça.

Ela parou junto dele na estradinha e inalou profundamente.

– Que cheiro maravilhoso! Venha, vamos andar – disse pegando o braço dele.

Quando chegaram ao lago, o caminho se abriu numa área de grama aparada. Em algum lugar da floresta uma coruja piou – ou, para ser mais exato, houve um pio que eles acharam que poderia ser de uma coruja quando o ouviram pela primeira vez no verão e depois, a cada nova ocorrência, ficaram mais convencidos de que era uma coruja. Era da natureza do intelecto de Gurney perceber que esse processo de convicção crescente não tinha lógica. Porém, por mais que ele achasse esse truque mental interessante, sabia que chamar a atenção de Madeleine para isso iria entediá-la e irritá-la. Ela não disse nada, feliz porque o marido a conhecia suficientemente bem para saber quando ficar quieto, e os dois foram andando até o lado oposto do lago num silêncio amigável. Madeleine estava certa quanto ao cheiro – havia uma doçura maravilhosa no ar.

De vez em quando eles tinham momentos assim, de afeto tranquilo e proximidade silenciosa, que faziam Gurney se lembrar dos primeiros anos do casamento, os anos anteriores ao acidente. “O Acidente”: aquele rótulo denso, genérico, com que ele embrulhava o acontecimento na memória para impedir que os detalhes afiados como navalha cortassem seu coração. O acidente – a morte – que eclipsou o sol, transformando o casamento deles numa mistura instável de hábito, dever, companheirismo tenso e raros momentos de esperança em que algo luminoso e claro como um diamante os conectava, trazendo à tona a memória do que já havia sido e do que poderia voltar a ser.

– Você parece estar sempre lutando com alguma coisa – disse Madeleine, enrolando os dedos na parte interna do braço do marido, logo acima do cotovelo.

Ela estava certa de novo.

– Como foi o concerto? – perguntou ele finalmente.

– A primeira metade foi barroca, linda. A segunda metade, do século XX, não foi tão bonita.

Gurney já ia externar sua opinião desfavorável sobre a música moderna, mas pensou melhor e desistiu.

– O que o manteve acordado? – perguntou ela.

– Não sei bem.

Ele sentiu o ceticismo de Madeleine. Ela soltou seu braço. Algo chapinhou no lago alguns metros à frente.

– Não consegui tirar o negócio do Mellery da mente.

Não houve resposta.

– As peças ficavam girando na minha cabeça, sem levar a lugar nenhum, só me deixando desconfortável, cansado demais para raciocinar direito.

De novo ela não ofereceu nada além de um silêncio pensativo.

– Fico pensando no nome que estava no bilhete.

– X. Arybdis?

– Como você...? Você ouviu quando falamos?

– Tenho boa audição.

– Eu sei, mas isso sempre me surpreende.

– Talvez não seja de fato X. Arybdis – disse ela daquele modo casual que ele sabia que era qualquer coisa, menos casual.

– O quê? – perguntou ele, parando.

– Talvez não seja X. Arybdis.

– Como assim?

– Eu estava tentando suportar a segunda parte do concerto, pensando que alguns compositores modernos devem odiar de verdade o violoncelo, caso contrário por que alguém obrigaria um instrumento lindo a fazer ruídos tão horríveis? Uns sons raspados, gemidos, hediondos.

– E...? – disse ele gentilmente, tentando impedir que sua curiosidade soasse como tensão.

– Bem, eu teria ido embora naquela hora, mas não podia porque tinha dado carona a Ellie.

– Ellie?

– Sim, Ellie, que mora no sopé do morro. Mas ela parecia estar gostando, sabe Deus por quê.

– E aí?

– Aí comecei a pensar no que podia fazer para passar o tempo e não matar os músicos.

Houve outro barulho no lago. Ela parou para ouvir. Ele meio viu, meio sentiu o sorriso dela. Madeleine gostava de sapos.

– E...?

– E pensei que podia começar a fazer a lista de cartões de Natal, já que estamos praticamente em novembro. Peguei a caneta e ia começar a escrever quando me lembrei de um

episódio envolvendo o pequeno Tommy Milakos.

– Quem?

– Tommy era a fim de mim no nono ano da Nossa Senhora da Castidade.

– Achei que era Nossa Senhora das Dores – disse Gurney com uma pontada de irritação.

Ela parou um instante para deixar a piadinha ser entendida, depois continuou:

– De qualquer modo, um dia a irmã Immaculata, uma mulher enorme, começou a gritar comigo porque eu tinha abreviado *Christmas*, Natal em inglês, como *Xmas*. Ela disse que quem escrevia dessa forma estava propositalmente riscando *Christ* de *Christmas*, ou seja, eliminando Cristo do Natal. Ficou furiosa. Achei que fosse me bater. Mas nesse momento o Tommy, o doce Tommy de olhos castanhos, pulou da cadeira e gritou: “Não é um *x*.” A irmã Immaculata ficou chocada. Era a primeira vez que alguém ousava interrompê-la. Ela simplesmente olhou para Tommy, mas ele a fitou de volta, meu pequeno defensor. “Não é uma letra do nosso alfabeto”, disse ele. “É uma letra grega. Equivale ao *ch*, que tem som de *k* em inglês. É a primeira letra de *Cristo* em grego.” E, claro, Tommy Milakos era grego, de modo que todo mundo achou que ele devia estar certo.

Por mais escuro que estivesse, Gurney pôde vê-la sorrindo suavemente com a lembrança e até suspeitou que ouvira um leve suspiro. Talvez estivesse errado com relação ao suspiro – esperava que sim. E será que ela havia deixado escapar uma preferência por olhos castanhos a azuis? *Cai na real, Gurney, ela está falando da época de escola.*

Madeleine continuou:

– Então talvez “X. Arybdis” seja na verdade “Ch. Arybdis”. Ou talvez “Charybdis”. Não é uma coisa da mitologia grega?

– É sim – disse ele, tanto para si mesmo quanto para ela. – “*Entre Cila e Caribde...*”

– Algo como “entre a cruz e a espada”?

Gurney assentiu.

– Qual dos dois é qual?

Ele pareceu não ouvir a pergunta, com a mente processando as implicações de Charybdis, ou Caribde, e fazendo malabarismo com as possibilidades.

– Como? – disse, finalmente se dando conta de que a esposa havia perguntado alguma coisa.

– Cila e Caribde. A cruz e a espada – repetiu ela. – Qual é qual?

– Não é uma tradução literal. Cila e Caribde eram perigos para a navegação no Estreito de Messina. Os navios precisavam passar entre os dois e costumavam ser destruídos no processo. Na mitologia foram personificados como demônios da destruição.

– O que você quer dizer com perigos para a navegação?

– Cila era o nome de um afloramento de rochas afiadas contra o qual os navios se chocavam até afundar.

Quando ele não continuou imediatamente, Madeleine insistiu:

– E Caribde?

Ele pigarreou. Algo na ideia de Caribde parecia especialmente perturbador.

– Caribde era um redemoinho. Um redemoinho muito forte. Uma vez que se fosse apanhado por ele, era impossível escapar. O redemoinho sugava e despedaçava. – Gurney se lembrou com clareza inquietante de uma ilustração que vira tempos atrás, numa edição da *Odisseia*, mostrando um marinheiro preso no torvelinho feroz, o rosto contorcido de horror.

De novo escutaram o pio na mata.

– Venha – disse Madeleine.

Gurney continuou parado, absorto em seus pensamentos.

– Vamos para casa – insistiu ela. – Vai chover a qualquer minuto.

Gurney a acompanhou até o carro e os dois seguiram lentamente pela estradinha que atravessava o pasto até a casa.

Antes de saírem do veículo, ele se virou para a mulher e perguntou:

– Você não pensa em cada x que vê como sendo um possível ch , pensa?

– Claro que não.

– Então por que...?

– Porque “Arybdis” pareceu grego.

– Certo, certo.

Madeleine olhou para o marido, a expressão dela indecifrável graças à noite nublada. Depois de um tempo ela falou com um tom bem-humorado:

– Você nunca para de pensar, não é?

Então, como ela havia previsto, a chuva começou.

Essa pessoa não existe

Depois de ficar empacada durante horas na periferia das montanhas, uma frente fria violenta varreu toda a área, trazendo vento e chuva. De manhã o chão estava coberto de folhas e o ar carregado com os cheiros intensos do outono. Gotas d'água no capim do pasto fragmentavam o sol em fagulhas vermelhas.

Enquanto Gurney andava até seu carro, o ataque aos sentidos despertou algo de sua infância, quando o cheiro doce do capim era sinônimo de paz e segurança. Então a sensação foi embora – apagada por seus planos para o dia.

Estava indo ao Instituto Mellery de Renovação Espiritual. Se Mark Mellery ia resistir ao envolvimento da polícia, Gurney queria discutir os prós e contras dessa decisão cara a cara. Não que pretendesse lavar as mãos. Na verdade, quanto mais pensava, mais curioso se sentia quanto ao lugar proeminente do seu velho colega de turma no mundo e a como isso poderia se relacionar a quem e o que o estavam ameaçando agora. Desde que tivesse cuidado com relação aos limites, Gurney imaginava que haveria espaço na investigação tanto para ele quanto para a polícia local.

Tinha ligado para Mellery avisando que iria. Era uma manhã perfeita para um passeio de carro pelas montanhas. O caminho até Peony passava primeiro por Walnut Crossing, que, como muitos povoados das Catskills, havia crescido no século XIX ao redor de um cruzamento de estradas importantes para a região. O cruzamento ainda existia, mas sem a mesma relevância. A noqueira que dava nome ao lugar, assim como a prosperidade da região, tinha sumido havia tempos. Mas a economia em depressão, ainda que fosse um problema sério, tinha uma aparência pitoresca: celeiros e silos envelhecidos, arados enferrujados e carroças de feno, pastos abandonados com capim crescido e varas-de-ouro desbotadas. A estrada que ligava Walnut Crossing a Peony serpenteava por um vale digno de cartão postal, onde um punhado de fazendas antigas procurava modos inovadores de sobreviver. Espremida entre o povoado de Dillweed e o rio próximo, a de Abelard era uma delas. Dedicava-se ao cultivo orgânico de “Vegetais sem Pesticidas”, que depois eram vendidos no Armazém Abelard, junto com pão fresco, queijo da região e excelente café – tão bom que Gurney sentiu uma necessidade urgente de tomar uma xícara enquanto parava numa das pequenas vagas de estacionamento diante da varanda da frente da loja, meio envergada pelo tempo.

Dentro do espaço de teto alto, encostada na parede da direita, havia uma fileira de bules fumegantes, para onde Gurney se dirigiu. Encheu uma caneca grande, sorrindo diante do aroma

intenso – melhor do que o da Starbucks e pela metade do preço.

Infelizmente aquele pensamento evocou a imagem de um certo tipo de cliente jovem e bem-sucedido da Starbucks, o que trouxe Kyle imediatamente à lembrança, junto com um pequeno estremecimento mental. Era sua reação típica. Suspeitava que vinha de um desejo frustrado de ter um filho que achasse que um policial inteligente seria um bom conselheiro, um filho mais interessado em buscar sua orientação do que Kyle. Era impossível ensinar algo a Kyle, intocável em seu Porsche absurdamente caro que seus rendimentos absurdamente altos em Wall Street haviam comprado na idade absurdamente jovem de 24 anos. Mesmo assim devia um telefonema ao rapaz, mesmo que ele só quisesse falar de seu último Rolex ou de uma viagem a Aspen para esquiar.

Gurney pagou o café e voltou ao carro. Enquanto pensava no futuro telefonema, seu celular tocou. Não gostava de coincidências e ficou aliviado ao descobrir que não era Kyle, e sim Mark Mellery.

– Acabei de receber a correspondência de hoje. Liguei para sua casa, mas você já tinha saído. Madeleine deu o número do celular. Espero que não se importe por eu estar ligando.

– Qual é o problema?

– O cheque voltou. O cara que tem a caixa postal em Wycherly devolveu o cheque de 289,87 dólares que enviei para lá. Ele mandou um bilhete explicando que não há ninguém nesse endereço com o nome de Arybdis, que devo ter errado a caixa postal. Já verifiquei e era o número certo. Davey? Você está aí?

– Sim, só estou tentando entender.

– Deixe-me ler o bilhete: “Encontrei a correspondência anexa em minha caixa postal. Deve haver um erro no endereço. Não existe ninguém aqui chamado X. Arybdis.” Está assinado “Gregory Dermott”. O timbre do papel é de uma tal de GD Sistemas de Segurança, e há um endereço e um número de telefone em Wycherly.

Gurney ia explicar que era quase certo que X. Arybdis não fosse um nome real e sim um trocadilho com o nome de um redemoinho mitológico, um turbilhão que despedaçava as vítimas, mas decidiu que a situação já era suficientemente perturbadora. Essa nova revelação poderia esperar até que ele chegasse ao instituto. Disse a Mellery que estaria lá em uma hora.

Que diabos estava acontecendo? Não fazia sentido. Qual poderia ser o propósito de exigir uma quantia específica, pedir que o cheque fosse emitido para um obscuro nome mitológico e fazer com que fosse mandado para o endereço errado, com a probabilidade de ser devolvido ao remetente? Por que um preâmbulo tão complexo e aparentemente sem sentido para os poemas hostis que vieram em seguida?

Os aspectos desconcertantes do caso estavam aumentando, assim como o interesse de Gurney.

O lugar perfeito

Peony, a cidade das peônias, fora removida duas vezes da história que buscava refletir. Adjacente a Woodstock, fingia ter o mesmo passado psicodélico de roupas coloridas e shows de rock – enquanto Woodstock alimentava sua própria aura falsa por meio da associação de seu nome com o do festival envolto em maconha que na verdade aconteceu a 80 quilômetros dali, numa fazenda em Bethel. A imagem de Peony era produto de fumaça e espelhos, e sobre esse alicerce quimérico se ergueram estruturas comerciais previsíveis – livrarias da Nova Era, leitores de tarô, empórios dedicados a druidas e Wicca, ateliês de tatuagem, espaços de arte performática e restaurantes veganos. O lugar era um ímã para hippies se aproximando da senilidade, fãs de rock em Kombis velhas e loucos ecléticos enrolados em todo tipo de coisas, desde couro até penas.

Claro, no meio desses estranhos elementos havia incontáveis oportunidades para os turistas gastarem dinheiro: lojas e restaurantes com nome e decoração apenas um pouquinho extravagantes cujo foco eram os visitantes mais ricos que gostavam de imaginar que estavam explorando as fronteiras culturais.

A teia frouxa de estradas que se irradiavam da área comercial de Peony levava ao dinheiro. Os preços das propriedades haviam triplicado depois do 11 de Setembro, quando os novaiorquinos com renda alta e paranoia galopante foram cativados pela fantasia de um refúgio rural. As casas nos morros ao redor do povoado cresceram em tamanho e em número, os carros também se sofisticaram, com Blazers se transformando em Hummers e Land Rovers, e as pessoas que vinham para os fins de semana no campo vestiam o que Ralph Lauren lhes dizia que as pessoas do campo usavam.

Caçadores, bombeiros e professores deram lugar a advogados, investidores e mulheres maduras cujos acordos de divórcio financiavam suas atividades culturais, seus tratamentos de pele e terapias de expansão da mente com gurus disso e daquilo. De fato, Gurney suspeitava que o apetite da população local por soluções alternativas para os problemas da vida podia ter convencido Mark Mellery a montar o negócio ali.

Saiu da autoestrada do distrito pouco antes do centro do povoado, seguindo as orientações do Google para a Filchers Brook Road – que serpenteava por uma colina coberta de floresta –, e deparou com um muro de ardósia nativa de mais de um metro de altura. O muro seguia paralelo à estrada, à distância de uns três metros, por pelo menos quatrocentos metros. O trecho entre a estrada e o muro era coberto de flores azul-claras. Na metade do muro havia

duas aberturas separadas por uns quinze metros, a entrada e a saída de um passeio circular. Na parede da primeira abertura havia uma discreta placa de bronze: INSTITUTO MELLERY DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL.

Ao entrar de carro percebeu a estética do lugar de forma mais nítida. Para onde quer que olhasse, Gurney tinha a impressão de perfeição sem planejamento. Ao lado do caminho de cascalho, flores de outono pareciam crescer numa liberdade aleatória. No entanto, ele tinha certeza de que essa imagem casual, como a de Mellery, recebia um tratamento cuidadoso. Como em muitos pontos de encontro dos ricos discretos, a atmosfera era de informalidade meticulosa, a natureza como deveria ser, sem que nenhuma flor murcha deixasse de ser podada. Seguindo pelo caminho, Gurney chegou à frente de uma grande mansão georgiana, tão suavemente conservada quanto os jardins.

Parado na frente da casa e olhando-o com interesse estava um homem altivo, de barba ruiva. Gurney baixou a janela e perguntou onde ficava o estacionamento. O homem respondeu com um sotaque inglês floreado, dizendo que ele deveria seguir a estradinha até o final.

Infelizmente isso levou Gurney a sair pela outra abertura no muro de pedras, dando na Filchers Brook Road. Voltou pela entrada e seguiu de novo até a frente da casa, onde o inglês alto o olhou outra vez com interesse.

– O caminho me levou de volta à estrada – disse Gurney. – Deixei de notar alguma coisa?

– Desculpe! Como sou idiota! – exclamou o homem de um modo afetado que contrastava com sua postura natural. – Eu acho que sei tudo, mas na maior parte do tempo estou errado!

Gurney teve a leve impressão de que poderia estar diante de um louco. Nesse momento notou uma segunda figura, à sombra de um rododendro gigante, olhando-os com atenção. Era um homem moreno e atarracado que parecia estar esperando para fazer um teste para um filme sobre mafiosos.

– Ah! – exclamou o inglês, apontando com entusiasmo para mais adiante no caminho de cascalho. – Ali está a resposta! Sarah vai colocá-lo sob sua asa protetora. Ela é perfeita para você! – Dizendo isso com grande teatralidade, ele se virou e foi andando, seguido a alguma distância pelo gângster de história em quadrinhos.

Gurney foi até onde estava uma mulher parada junto ao caminho. Seu rosto roliço era o retrato da solicitude e sua voz transbordava empatia.

– Ora, ora, você está dirigindo em círculos. Que modo horrível de lhe dar as boas-vindas! – O nível de preocupação em seus olhos era alarmante. – Deixe-me pegar o seu carro, aí você pode ir direto para a casa.

– Não é necessário. Poderia me dizer simplesmente onde fica o estacionamento?

– Claro! É só me seguir. Agora vou garantir que o senhor não se perca.

Ela acenou para Gurney segui-la. Foi um aceno expansivo, como se a mulher estivesse comandando uma caravana. Na outra mão carregava um guarda-chuva fechado. Seu ritmo cuidadoso transmitia a preocupação de que Gurney pudesse perdê-la de vista. Ao chegar a uma abertura no meio dos arbustos, Sarah ficou de lado, apontando para um desvio estreito

que passava entre as plantas. Quando ele chegou perto dela, a mulher empurrou o guarda-chuva na direção de sua janela aberta.

– Pegue! – exclamou ela.

Ele parou, perplexo.

– Você sabe o que dizem sobre o tempo nas montanhas – explicou a mulher.

– Tenho certeza de que ficarei bem – respondeu ele entrando no estacionamento, um lugar que parecia capaz de acomodar o dobro de carros que estavam ali, que pelas contas de Gurney eram dezesseis.

O espaço retangular e bem cuidado se aninhava no meio das flores e dos arbustos fartos. Uma bétula alta cor de cobre na extremidade mais distante separava o estacionamento de um celeiro de três andares, cuja cor era vívida à luz do sol.

Escolheu uma vaga entre dois gigantescos utilitários esportivos. Enquanto estava estacionando, percebeu uma mulher o observando por trás de um canteiro baixo de dalias. Quando ele saiu do carro, sorriu educadamente para ela – uma mulher refinada como uma violeta, de ossos pequenos e feições delicadas, com expressão antiquada. Se fosse atriz, pensou Gurney, seria perfeita para fazer Emily Dickinson na peça *Emily*.

– Será que a senhora poderia me dizer onde encontro Mark...

Mas a violeta o interrompeu com outra pergunta:

– Quem disse que você pode parar aqui, porra?

Uma missão única

Saindo do estacionamento, Gurney seguiu por um caminho calçado de pedras ao redor da mansão – que ele achou que devia ser usada como escritório e centro de palestras do instituto – até uma casa menor, também em estilo georgiano, cerca de 150 metros atrás. Uma pequena placa com letras douradas indicava: RESIDÊNCIA PARTICULAR.

Mark Mellery abriu a porta antes de Gurney bater. Estava com o mesmo tipo de roupa casual chique que tinha usado na visita a Walnut Crossing. Contra o pano de fundo da arquitetura e da paisagem do instituto, a vestimenta lhe dava uma aura de fidalgo rural.

– Que bom vê-lo, Davey!

Gurney entrou num espaçoso saguão, com piso de nogueira e mobiliado com antiguidades, e Mellery guiou-o até um escritório confortável perto dos fundos da casa. O fogo estalava baixinho na lareira, perfumando a sala com uma sugestão de fumaça de cerejeira.

Duas poltronas de encosto alto ficavam frente a frente, à esquerda e à direita da lareira, e, com o sofá virado para o fogo, formavam uma área de estar em forma de U. Quando se acomodaram nas poltronas, Mellery perguntou se tinha sido difícil encontrar o caminho na propriedade. Gurney contou as três conversas peculiares que tivera e Mellery explicou que os três indivíduos eram hóspedes do instituto e que seu comportamento fazia parte da terapia de autodescoberta.

– Durante a estadia – explicou Mellery –, cada hóspede representa dez papéis diferentes. Um dia ele pode ser o Faz-Besteira, papel que Worth Partridge, o inglês, aparentemente estava interpretando quando você o encontrou. Em outro pode encarnar o Solícito, como Sarah, a mulher que queria estacionar seu carro. Outro personagem é o Confrontador. A última senhora que você encontrou parecia estar saboreando esse papel.

– E qual é o objetivo disso tudo?

Mellery sorriu.

– As pessoas representam determinados papéis na vida seguindo roteiros coerentes e previsíveis, ainda que eles sejam, em geral, inconscientes e não costumem ser vistos como uma questão de escolha. – Ele estava gostando do assunto, apesar de provavelmente já ter dado essa explicação centenas de vezes. – O que fazemos aqui é simples, apesar de muitos dos nossos hóspedes considerarem profundo. Nós os conscientizamos dos papéis que representam inconscientemente, quais são seus custos e benefícios e como eles afetam os outros. Assim que os hóspedes veem os padrões de comportamento claramente, nós os

ajudamos a perceber que cada padrão é uma escolha. Eles podem retê-lo ou descartá-lo. Então, e esta é a parte mais importante, nós lhes damos um plano de ação para substituir os padrões prejudiciais por outros saudáveis.

Gurney notou que a ansiedade do sujeito diminuía à medida que ele falava. O assunto havia colocado um brilho evangélico em seus olhos.

– Por sinal, tudo isso pode parecer familiar a você. *Padrão, escolha e mudança* são as palavras mais utilizadas em todo o mundo da autoajuda. Mas nossos hóspedes nos dizem que o que fazemos aqui é diferente: o coração da coisa é diferente. Um dia desses, um deles me falou: “Este é o lugar mais perfeito da Terra.”

Gurney tentou manter o ceticismo longe da voz.

– A experiência terapêutica que você proporciona deve ser muito poderosa.

– Alguns acham que sim.

– Ouvi dizer que algumas terapias poderosas criam bastante confronto.

– Aqui não – respondeu Mellery. – Nossa abordagem é suave e receptiva. Nosso pronome predileto é *nós*, e não *você*. Falamos sobre *nossos* defeitos, medos e limitações. Nunca apontamos para *o outro* para acusá-lo de nada. Acreditamos que as acusações têm mais chance de reforçar os muros da negação do que de derrubá-los. Depois que você der uma olhada num dos meus livros, vai entender melhor a filosofia.

– Só achei que podem acabar acontecendo coisas que, por assim dizer, não fazem parte da filosofia.

– O que dizemos é o que fazemos.

– Sem absolutamente nenhum confronto?

– Por que está enfatizando esse ponto?

– Fico imaginando se você já chutou alguém no saco com força suficiente para fazer com que ele queira dar o troco.

– Nossa abordagem raramente deixa alguém com raiva. Além disso, quem quer que seja o meu amigo por correspondência, ele é de uma parte da minha vida bem anterior ao instituto.

– Talvez sim, talvez não.

Uma expressão confusa surgiu no rosto de Mellery.

– Ele é obcecado pelo meu tempo de bebedeiras, em algo que fiz enquanto estava bêbado, o que só pode ter acontecido antes de eu fundar o instituto.

– Por outro lado, poderia ser alguém envolvido com você no presente que tenha lido sobre as bebedeiras em seus livros e queira amedrontá-lo.

Enquanto o olhar de Mellery percorria uma nova gama de possibilidades, uma jovem entrou. Tinha olhos verdes inteligentes e cabelo ruivo preso num rabo de cavalo.

– Desculpem interromper. Achei que talvez você quisesse ver seus recados telefônicos.

Ela entregou a Mellery uma pequena pilha de papezinhos cor-de-rosa. Pela expressão surpresa no rosto do antigo colega de faculdade, Gurney teve a sensação de que ele não costumava ser interrompido desse modo.

– Talvez – disse ela, erguendo uma sobrancelha de modo significativo – você queira olhar, pelo menos, o de cima.

Mellery leu-o duas vezes, depois se inclinou e entregou a mensagem a Gurney, que também a leu duas vezes.

Na linha do “Para” estava escrito: Sr. Mellery.

Na linha do “De” estava escrito: X. Arybdis.

No espaço destinado a “Mensagem” constavam os seguintes versos:

*Dentre todas as verdades
De que você não se recorda,
Eis as duas mais reais:
Todo ato tem seu preço
E toda cobrança há de vir.
Ligo esta noite para garantir
Que verei você em novembro,
Se não, em dezembro.*

Gurney perguntou à jovem se ela mesma havia falado com a pessoa que deixara o recado. A moça olhou para Mellery, que disse:

– Desculpem, eu devia ter apresentado vocês. Sue, este é um velho amigo, Dave Gurney. Dave, esta é a minha maravilhosa secretária, Susan MacNeil.

– Prazer em conhecê-la, Susan.

Ela sorriu educadamente e disse:

– Sim, fui eu que recebi o recado.

– Era homem ou mulher?

Ela hesitou.

– Estranho o senhor perguntar. Minha primeira impressão foi de que era um homem. Um homem com voz aguda. Depois não tive certeza. A voz mudou.

– Como?

– A princípio pareceu um homem tentando imitar uma mulher. Depois tive a ideia de que poderia ser uma mulher tentando parecer um homem. Havia alguma coisa que não era natural, uma coisa forçada.

– Interessante – disse Gurney. – Mais uma coisa: você anotou tudo o que a pessoa disse?

Ela hesitou novamente.

– Não sei se entendi o que o senhor quer dizer.

– Está parecendo – disse ele, segurando o papel cor-de-rosa – que esta mensagem foi ditada cuidadosamente, até com as quebras de linha.

– Isso mesmo.

– Então ele deve ter falado que a disposição das linhas era importante, que você deveria

escrever exatamente como ele ditava.

– Ah, entendi. Sim, ele disse onde começar cada linha.

– Algo mais foi dito que não esteja escrito aqui?

– Sim... ele disse outra coisa. Antes de desligar, perguntou se eu trabalhava diretamente para o Sr. Mellery no instituto. Eu respondi que sim. Então ele falou: “Talvez você devesse procurar outras oportunidades de emprego. Ouvi dizer que o ramo da renovação espiritual está morrendo.” E riu. Pareceu achar que isso era engraçado. Depois pediu que eu me certificasse de que o Sr. Mellery receberia a mensagem imediatamente. Por isso vim até aqui. – Ela lançou um olhar preocupado para o chefe. – Espero que não tenha problema.

– Tudo bem – disse Mellery, fingindo ser alguém que estivesse no controle da situação.

– Susan, vejo que você se refere à pessoa como “ele” – disse Gurney. – Isso significa que você tem bastante certeza de que é um homem?

– Acho que sim.

– Ele deu alguma indicação da hora em que planeja ligar esta noite?

– Não.

– Há mais alguma coisa que você lembre, qualquer coisa, mesmo que seja trivial?

A testa dela se franziu um pouco.

– Eu tive um sentimento meio esquisito, uma sensação de que ele não era muito legal.

– Parecia com raiva? Durão? Ameaçador?

– Não, não é isso. Ele foi educado, mas...

Gurney esperou enquanto ela procurava as palavras certas.

– Talvez educado demais. Talvez fosse a voz estranha. Não tenho certeza do que me deu essa sensação. Ele me amedrontou.

Depois que ela saiu para o escritório no prédio principal, Mellery olhou para o chão entre os pés.

– É hora de procurar a polícia – disse Gurney, aproveitando o momento para enfatizar seu ponto de vista.

– Polícia de Peony? Meu Deus, nem pensar.

Gurney ignorou o tom de desprezo.

– Não estamos lidando apenas com algumas cartas malucas e um telefonema, e sim com alguém que odeia você, que quer se vingar. Você está na mira desse sujeito, e talvez ele esteja a ponto de puxar o gatilho.

– X. Arybdis?

– Mais provavelmente o inventor do pseudônimo X. Arybdis.

Gurney contou a Mellery o que havia lembrado, com a ajuda de Madeleine, a respeito do mortal Caribde do mito grego. Além disso, em suas buscas na internet, ele não encontrara nenhum registro de X. Arybdis em Connecticut ou em qualquer estado adjacente.

– Um redemoinho? – perguntou Mellery, incomodado.

Gurney assentiu.

- Meu Deus – disse Mellery.
- O que é?
- Meu maior medo é morrer afogado.

A importância da honestidade

Mellery estava diante da lareira segurando um atizador, arrumando a lenha no fogo.

– Por que o cheque iria voltar? – perguntou, retornando ao assunto como uma língua volta a um dente dolorido. – O cara parece certinho demais, veja a letra, meu Deus, e não um cara que anotaria um endereço errado. Portanto fez isso de propósito. Mas que propósito? – Ele deu as costas para o fogo. – Davey, que diabos está acontecendo?

– Posso ver o bilhete que veio com o cheque devolvido, o que você leu pelo telefone?

Mellery foi até uma mesa pequena, do outro lado da sala, carregando o atizador sem perceber, até que chegou lá.

– Meu Deus – murmurou, olhando ao redor, frustrado. Encontrou um lugar na parede onde encostá-lo, depois pegou um envelope na gaveta e o levou para Gurney.

Dentro de um grande envelope endereçado a Mellery estava o que ele próprio tinha enviado a X. Arybdis, à Caixa Postal 49449 em Wycherly, e dentro desse envelope estava o cheque nominal no valor de 289,87 dólares. No envelope grande havia uma folha de papel de qualidade – com o timbre da GD SISTEMAS DE SEGURANÇA e um número de telefone – contendo a breve mensagem digitada que Mellery havia lido ao telefone para Gurney. A carta era assinada por Gregory Dermott, sem indicação de seu cargo.

– Você não falou com o Sr. Dermott? – perguntou Gurney.

– Por que deveria? Se o endereço é errado, é errado. O que isso tem a ver com ele?

– Só Deus sabe – disse Gurney. – Mas faria sentido falar com ele. Você tem um telefone à mão?

Mellery tirou do cinto um BlackBerry de última geração e entregou-o a Gurney, que teclou o número impresso no papel timbrado. Depois de dois toques foi atendido por uma gravação:

“GD Sistemas de Segurança, Greg Dermott falando. Depois do bipe, deixe seu nome, telefone e a melhor hora para ligarmos de volta.”

Gurney desligou o telefone e devolveu-o a Mellery.

– Seria difícil explicar em poucas palavras o motivo da ligação – disse. – Não sou seu empregado, seu representante legal ou um investigador particular licenciado, e não sou da polícia. Por falar nisso, é da polícia que você precisa, agora mesmo.

– Mas e se este for o objetivo dele: me deixar perturbado a ponto de ligar para a polícia, causar um escândalo e envergonhar meus hóspedes? Talvez esse psicopata queira que eu chame a polícia e crie o maior tumulto. O plano dele é soltar os elefantes na loja de louças e

assistir enquanto tudo é despedaçado.

– Se for só isso que ele deseja, dê graças a Deus – disse Gurney.

Mellery reagiu como se tivesse levado um tapa.

– Você acha mesmo que ele está planejando... fazer alguma coisa séria?

– É bem possível.

Mellery assentiu devagar, como se o gesto deliberado pudesse colocar uma tampa sobre seu medo.

– Vou falar com a polícia, mas só depois do telefonema de Caribde, ou seja lá como ele se chama, esta noite.

Ao ver o ceticismo de Gurney, ele continuou:

– Talvez o telefonema esclareça a situação, faça com que a gente saiba com quem está lidando. Talvez não seja preciso envolver a polícia no final das contas ou, mesmo que seja, vamos ter mais para contar. De qualquer modo, faz sentido esperar.

Gurney sabia que poderia ser importante ter a polícia para monitorar o telefonema, mas também já percebera que nenhum argumento racional convenceria Mellery agora. Decidiu partir para um detalhe tático:

– No caso de Caribde ligar esta noite, seria bom gravar a conversa. Você tem algum tipo de equipamento, pode ser até mesmo um velho gravador de cassete, que possamos ligar a uma extensão?

– Temos algo melhor – respondeu Mellery. – Todos os nossos telefones podem gravar. Basta apertar um botão.

Gurney olhou-o com curiosidade.

– Está imaginando por que temos um sistema assim? Nós tivemos uma hóspede complicada há alguns anos. Foram feitas algumas acusações e começamos a receber telefonemas cada vez mais desequilibrados. Resumindo: fomos aconselhados a gravar as ligações. – Algo na expressão de Gurney o fez parar. – Ah, não! Não é isso que você está pensando! Acredite, esse caso não tem nada a ver com o que está acontecendo agora. Foi resolvido há muito tempo.

– Tem certeza?

– A pessoa envolvida está morta. Suicídio.

– Você se lembra das listas que eu pedi para você fazer? Listas de relacionamentos envolvendo conflitos ou acusações sérias?

– Não tenho um único nome que eu possa anotar em sua consciência.

– Você acaba de mencionar um conflito que terminou com alguém se matando. Não acha que isso se qualifique?

– Ela era uma pessoa perturbada. Não houve ligação entre a briga conosco, que era produto da imaginação dela, e o suicídio.

– Como você sabe?

– Olha, é uma história complicada. Nem todos os nossos hóspedes são um exemplo de

saúde mental. Não vou anotar o nome de cada pessoa que algum dia expressou um sentimento negativo na minha presença. Isso é loucura!

Gurney se recostou na poltrona e esfregou gentilmente os olhos, que estavam começando a ficar secos devido ao fogo da lareira.

Quando Mellery falou de novo, sua voz parecia vir de um lugar diferente dentro dele, um lugar menos resguardado.

– Há uma palavra que você usou ao descrever as listas. Disse que eu deveria anotar nomes de pessoas com quem eu tivesse problemas “não solucionados”. Bem, eu andei dizendo a mim mesmo que todos os conflitos do passado foram solucionados. Talvez não seja assim. Talvez ao falar “solucionados” eu só queira sugerir que não penso mais neles. – Ele balançou a cabeça. – Meu Deus, Davey, qual é o objetivo dessas listas, afinal? Sem ofensa, mas e se algum policial barra-pesada começar a bater em portas, trazendo de volta ressentimentos antigos? Minha nossa! Você já sentiu alguma vez o chão desaparecendo sob seus pés?

– Só estamos falando em escrever nomes num papel. É um modo de colocar seus pés *no* chão. Você não precisa mostrar a lista a ninguém, se não quiser. Confie em mim, é um exercício útil.

Mellery concordou, meio entorpecido.

– Você falou que nem todos os seus hóspedes são exemplos de saúde mental.

– Não quis dizer que estamos administrando uma instituição psiquiátrica.

– Sei disso.

– Ou mesmo que nossos hóspedes tenham uma quantidade incomum de problemas emocionais.

– Então *quem* vem aqui?

– Pessoas com dinheiro procurando paz de espírito.

– E encontram?

– Acredito que sim.

– Além de *ricos* e *ansiosos*, que outras palavras descrevem seus clientes?

Mellery deu de ombros.

– Inseguros, apesar da personalidade agressiva que combina com o sucesso. Eles não gostam de si mesmos. Este é o principal problema com que lidamos aqui.

– Qual de seus hóspedes atuais você acha capaz de lhe fazer mal fisicamente?

– O quê?

– Você conhece bem cada pessoa que está aqui no momento? Ou as que fizeram reserva para o mês que vem?

– Se você está falando de verificar o passado dos hóspedes, nós não fazemos isso. O que sabemos é o que eles, ou as pessoas que os indicaram, nos contam. É um levantamento bem superficial, não ficamos xeretando a vida de ninguém. Lidamos com o que eles estão dispostos a revelar.

– Quem são as pessoas que estão aqui neste momento?

– Um investidor imobiliário de Long Island, uma dona de casa de Santa Barbara, um rapaz que talvez seja filho de um homem que pode ser chefe de uma família do crime organizado, um charmoso quiroprático de Hollywood, um astro do rock incógnito, um banqueiro aposentado aos trinta e poucos anos, uma dúzia de outros.

– Essas pessoas estão aqui para a *renovação espiritual*?

– De um modo ou de outro, elas descobriram as limitações do sucesso. Ainda sofrem com medos, obsessões, culpa, vergonha. Perceberam que nem todos os Porsches e Prozac do mundo vão proporcionar a paz que estão procurando.

Gurney sentiu uma pequena pontada ao se lembrar do Porsche de Kyle.

– Então sua missão é trazer serenidade aos ricos e famosos?

– É fácil fazer com que isso pareça ridículo. Mas eu não estava atrás de dinheiro. Portas abertas e corações abertos me guiaram até aqui. Meus clientes *me* encontraram, e não o contrário. Eu não decidi ser o guru da Montanha de Peony.

– Mesmo assim tem muita coisa em jogo.

Mellery fez que sim com a cabeça.

– Aparentemente isso inclui minha vida. – Ele olhou para o fogo que diminuía. – Pode me dar algum conselho quanto ao telefonema de hoje à noite?

– Mantenha-o falando pelo máximo de tempo que puder.

– Para que o telefonema possa ser rastreado?

– Não é mais assim que a tecnologia funciona. Você andou assistindo a filmes antigos. Mantenha-o falando porque quanto mais ele disser, mais pode revelar e maior será a chance de você reconhecer a voz.

– Se eu reconhecer, devo dizer que sei quem ele é?

– Não. Saber uma coisa que ele acredita que você não sabe pode ser uma vantagem. Só fique calmo e prolongue a conversa.

– Você vai estar em casa esta noite?

– Planejo estar. Para o bem do meu casamento, pelo menos. Por quê?

– Porque acabo de lembrar que nossos telefones têm outra função interessante que nunca usamos. O nome comercial é “Conferência Ricochete”. Ela permite que outra pessoa entre numa teleconferência depois de alguém ter ligado para você.

– E...?

– Na teleconferência comum, uma fonte inicial precisa ligar para todos os participantes. Mas o sistema Ricochete é mais sofisticado. Se alguém liga, você pode acrescentar outros participantes telefonando para eles sem desconectar a pessoa que ligou inicialmente para você, na verdade sem que ela saiba que você está fazendo isso. Pelo que entendi, a ligação para a pessoa acrescentada é feita por uma linha separada e, depois que a conexão é feita, os dois sinais são combinados. Provavelmente estou explicando tudo errado, mas o ponto é que, quando Caribde telefonar esta noite, posso ligar para você e você pode ouvir a conversa.

– Bom. Vou estar em casa, sem dúvida.

– Ótimo. Obrigado. – Ele sorriu como alguém que experimentasse o alívio momentâneo de uma dor crônica.

Do lado de fora, um sino tocou várias vezes. Tinha o som forte, metálico, de um antigo sino de navio. Mellery olhou o fino relógio de ouro em seu pulso.

– Preciso me preparar para a palestra da tarde – disse com um pequeno suspiro.

– Qual é o tema?

Mellery se levantou da poltrona, alisou o suéter de cashmere e pôs, com algum esforço, um sorriso genérico no rosto.

– A Importância da Honestidade.

O tempo continuava tempestuoso, sem esquentar nem um pouco. Folhas marrons faziam redemoinhos no gramado. Mellery tinha ido para o prédio principal depois de agradecer de novo a Gurney, lembrando-o de manter a linha telefônica livre naquela noite, pedindo desculpas pelo horário e fazendo um convite de último minuto:

– Já que está aqui, por que não dá um passeio pela área, para sentir o lugar?

Gurney parou na varanda elegante de Mellery e fechou o zíper do casaco. Decidiu aceitar a sugestão e foi para o estacionamento por um caminho longo, seguindo a vasta área do jardim que rodeava a casa. Uma trilha coberta de musgo o levou pelos fundos da casa até um gramado esmeralda, para além do qual uma floresta de bordos descia até o vale. Um muro baixo, de pedra sem argamassa, formava uma linha de demarcação entre o gramado e a floresta. Mais adiante, na metade da extensão do muro, uma mulher e dois homens pareciam envolvidos em alguma atividade de plantio e proteção das raízes para o inverno.

Enquanto caminhava na direção deles pelo gramado amplo, Gurney viu que os homens, segurando pás, eram jovens e latinos, e que a mulher, com botas verdes que iam até os joelhos e um casaco marrom de trabalho, era mais velha e estava no comando. Vários sacos de bulbos de tulipas, cada um de uma cor diferente, estavam abertos num carrinho de jardinagem. A mulher olhava os trabalhadores com impaciência.

– Carlos! – exclamou ela. – *Roja, blanca, amarilla... roja, blanca, amarilla!* – Depois repetiu, para ninguém em particular: – Vermelha, branca, amarela... vermelha, branca, amarela. Não é uma sequência tão difícil, é?

Suspirou filosoficamente diante da incompetência dos serviçais, em seguida sorriu benigna enquanto Gurney se aproximava.

– Acho que uma flor é a visão mais curativa do mundo – anunciou naquele sotaque de lábios apertados, tipo classe alta de Long Island. – Não concorda?

Antes que ele pudesse responder, ela estendeu a mão e disse:

– Sou Caddy.

– Dave Gurney.

– Bem-vindo ao céu na Terra! Acho que não vi você antes.

– Só estou passando o dia aqui.

– É mesmo? – Algo no tom dela parecia exigir uma explicação.

– Sou amigo de Mark Mellery.

Ela franziu a testa ligeiramente.

– Dave Gurney, foi o que você disse?

– Isso mesmo.

– Bem, tenho certeza de que ele mencionou seu nome, só não estou lembrando. Você conhece Mark há muito tempo?

– Desde a faculdade. Posso perguntar o que a senhora faz aqui?

– O que eu faço aqui? – As sobrancelhas dela subiram, demonstrando espanto. – Eu moro aqui. Esta é minha casa. Sou Caddy Mellery. Mark é meu marido.

Nada do que se culpar

Mesmo ainda sendo cedo, as nuvens se adensando davam ao vale a sensação de um crepúsculo de inverno. Gurney ligou o aquecimento do carro para afastar o frio das mãos. A cada ano as juntas dos dedos iam ficando mais sensíveis, lembrando-o da artrite de seu pai. Flexionou-as, abrindo-as e fechando-as no volante.

O gesto idêntico.

Lembrou-se de ter perguntado uma vez àquele homem taciturno e inalcançável se ele tinha dor nos nós dos dedos inchados.

– É só a idade, não há o que fazer – tinha respondido seu pai, num tom que impedia mais perguntas.

Sua mente voltou a Caddy. Por que Mellery não havia mencionado a nova esposa? Não queria que ele falasse com ela? E, se tinha deixado de fora a esposa, o que mais poderia estar escondendo?

E então, por meio de algum elo mental obscuro, perguntou-se por que o sangue era tão vermelho quanto uma rosa *pintada*. Tentou se lembrar de todo o texto do terceiro poema: “*Eu farei o que fiz / Não por dinheiro ou prazer, / Mas por dívidas a serem pagas / E correções a fazer. / Por sangue que é tão vermelho / Quanto uma rosa pintada. / De modo que cada um saiba / Que colhe a semente plantada.*” Uma rosa era o símbolo do vermelho. O que ele estaria acrescentando ao dizer que era uma rosa *pintada*? Seria para que parecesse mais vermelha? Ou ficasse mais parecida com sangue?

A ânsia de chegar em casa se intensificava com a fome. Era o meio da tarde e o café que tomara pela manhã no Abelard tinha sido tudo o que consumira o dia inteiro.

Tempo de mais entre as refeições deixava Madeleine enjoada, mas aguçava o senso crítico dele – um estado mental difícil de reconhecer em nós mesmos. Gurney havia descoberto alguns barômetros para avaliar seu humor, e um deles se localizava no lado oeste da estrada pertinho de Walnut Crossing. A Corcova do Camelo era uma galeria de arte que exibia o trabalho de pintores, escultores e outros espíritos criativos da região. Sua função barométrica era simples: bastava observar sua reação à vitrine. Quando ele estava de bom humor, apreciava a excentricidade de seus vizinhos artísticos. Quando estava mal-humorado, considerava tudo uma grande idiotice. Hoje era um dia de idiotice – um bom aviso, enquanto virava na estrada em direção à casa e à esposa, para pensar duas vezes antes de verbalizar qualquer opinião forte.

Havia um resquício dos ventos da manhã, desaparecidos da autoestrada do condado e das partes mais baixas do vale, em trechos esparsos ao longo da estrada de terra que subia por uma depressão nos morros e terminava no celeiro e no pasto de Gurney. As nuvens cor de ardósia davam ao pasto uma sensação de desânimo, de inverno. Ele viu, com uma pontada de irritação, que o trator fora tirado do celeiro e estacionado perto do barracão onde ficavam as peças adicionais – o cortador de capim, o escavador de buracos para postes, o limpador de neve. A porta do barracão tinha sido aberta, sugerindo, de modo irritante, que havia trabalho a ser feito.

Entrou na casa pela porta da cozinha. Madeleine estava sentada perto da lareira, no outro canto da sala. O prato na mesa – com os caroços de maçã, cabinhos e sementes de uva, pedacinhos de cheddar e migalhas de pão – sugeria que um belo lanche fora consumido, lembrando-o de sua fome e esticando a corda um pouco mais. Ela ergueu o olhar de um livro, oferecendo um pequeno sorriso.

Ele foi até a pia e deixou a água correr para que a temperatura baixasse ao nível gélido de que gostava. Estava sentindo uma agressividade latente – uma vontade de desafiar a opinião de Madeleine de que beber água muita fria não era saudável –, sensação logo substituída pela vergonha por ser mesquinho, hostil e infantil o bastante para saborear esse tipo de combate ilusório. Sentiu uma ânsia de mudar de assunto, então percebeu que não existia assunto a mudar. Mesmo assim falou:

- Vi que você levou o trator até o barracão.
- Queria prender o limpador de neve nele.
- Houve algum problema?
- Achei que seria bom estar pronto antes de termos uma nevasca de verdade.
- Quero saber se houve algum problema para prendê-lo.
- É pesado. Achei que, se eu esperasse, você poderia me ajudar.

Ele assentiu ambigualmente, pensando: *Lá vem você outra vez, começando um serviço para me pressionar a terminá-lo*. Consciente dos perigos de seu humor, achou sensato não dizer nada. Encheu o copo com a água bem gelada que estava saindo da torneira da pia e bebeu sem pressa.

Olhando de volta para o livro, Madeleine disse:

- Aquela mulher de Ithaca ligou.
- Mulher de Ithaca?

Ela ignorou a pergunta.

- Quer dizer, Sonya Reynolds? – perguntou ele.
- Isso mesmo. – A voz dela era aparentemente tão desinteressada quanto a dele.
- O que ela queria?
- Boa pergunta.
- Como assim, “boa pergunta”?
- Quero dizer que ela não especificou o que queria. Disse que você poderia ligar a

qualquer hora antes da meia-noite.

Ele detectou uma nítida tensão na última palavra.

– Ela deixou o telefone?

– Aparentemente ela acha que você já tem.

Ele encheu de novo o copo com água gelada e bebeu, fazendo pausas entre cada gole. A situação com Sonya era emocionalmente problemática, mas ele não via como lidar com isso a não ser abandonando o projeto de arte de fotos policiais, que era seu vínculo com a galeria dela. Só que ele não estava preparado para isso.

Distanciando-se um pouco dessas conversas tensas com Madeleine, ele achava seu próprio incômodo e sua falta de confiança muito confusos. Era curioso que um homem profundamente racional como ele pudesse ficar tão confuso, tão fragilizado. Sabia, pelas centenas de entrevistas com suspeitos de crimes, que os sentimentos de culpa estão sempre na raiz desse tipo de confusão. Mas a verdade era que não tinha feito nada para se sentir culpado.

Nada do que se culpar. Ah, aí estava o problema – o sentido absoluto dessa afirmação. Talvez ele não tivesse feito nada *recentemente* para sentir culpa – nada substancial, nada que viesse logo à mente –, mas se levasse em conta um período mais abrangente, se recuasse quinze anos no tempo, sua declaração de inocência soaria dolorosamente falsa.

Pôs o copo d'água na pia, enxugou as mãos, foi até a porta de vidro e olhou para o mundo cinzento. Um mundo entre o outono e o inverno. Neve fina soprava como areia no pátio. Num contexto que remontava a quinze anos, dificilmente ele poderia se considerar desprovido de culpa, porque aquele mundo ampliado incluiria o acidente. Como se apertasse um ferimento feio para avaliar o estado da infecção, ele se obrigou a substituir “o acidente” pelas palavras específicas que considerava tão difíceis:

A morte de nosso filho de quatro anos.

Falou as palavras bem baixinho, para si mesmo, pouco acima de um sussurro. Sua voz nos próprios ouvidos pareceu erodida e oca, como a de outra pessoa.

Não podia suportar os pensamentos e sentimentos que vieram junto com as palavras e tentou expulsá-los aproveitando a distração mais próxima.

Pigarreando, virou-se para Madeleine do outro lado da sala e disse com excesso de entusiasmo:

– Que tal a gente cuidar do trator antes que fique escuro?

Madeleine levantou o olhar do livro. Se achou a animação artificial de sua voz perturbadora ou reveladora, não demonstrou.

Montar o limpador de neve demorou uma hora puxando, batendo, sacudindo, engraxando e ajustando – depois disso Gurney passou uma segunda hora rachando lenha para o fogão enquanto Madeleine preparava um jantar de sopa de abóbora e costeletas de porco assadas com suco de maçã. Acenderam o fogo, sentaram-se lado a lado no sofá da aconchegante sala de estar, ao lado da cozinha, e caíram no tipo de serenidade sonolenta que se segue ao

trabalho duro e à boa comida.

Ele ansiava por sentir que aqueles pequenos oásis de paz prenunciavam um retorno ao relacionamento que tinham antigamente, que as evasões e colisões emocionais dos últimos anos eram temporárias, mas esta era uma crença difícil de manter. Agora mesmo essa frágil esperança estava sendo suplantada, pedacinho a pedacinho, momento a momento, pelo tipo de pensamento em que sua mente de detetive se concentrava mais confortavelmente, como o telefonema de Caribde e a tecnologia de teleconferência que lhe permitiria ouvir o que ele tinha a dizer.

– Noite perfeita para acender o fogo – disse Madeleine, encostando-se gentilmente nele.

– É. Perfeita.

Gurney fechou os olhos, esperando que o momento bom se contrapusesse às energias mentais que viviam impelindo-o a solucionar charadas. Para ele, alcançar ao menos um pouquinho de contentamento era, ironicamente, uma luta. Invejava a ligação intensa de Madeleine com o instante fugaz e o prazer que ela encontrava nisso. Para ele, viver o momento era sempre nadar contra a correnteza, com a mente analítica preferindo naturalmente o reino da probabilidade, da possibilidade.

Imaginou se isso era genético ou uma forma de fuga aprendida. Provavelmente as duas coisas reforçando-se mutuamente. Talvez...

Meu Deus!

Pegou-se no ato absurdo de analisar sua propensão à análise. Tentou de novo, pesaroso, estar presente na sala. *Deus me ajude a estar aqui*, disse a si mesmo, mesmo tendo pouca fé na oração. Esperava não ter dito em voz alta.

O telefone tocou. Pareceu um adiamento de pena, a permissão de tirar uma folga da batalha.

Levantou-se do sofá e foi ao escritório atender.

– Davey, é o Mark.

– Sim?

– Estava falando com a Caddy e ela me disse que encontrou você hoje no jardim de meditação.

– Certo.

– Ah... bem... estou meio sem graça por não ter apresentado vocês hoje cedo. – Ele parou, como se esperasse uma resposta, mas Gurney não disse nada.

– Dave?

– Estou aqui.

– Bem... de qualquer modo, eu queria me desculpar por não ter apresentado vocês. Foi grosseria da minha parte.

– Sem problema.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Você não parece satisfeito.

- Não estou insatisfeito, só meio surpreso por você não ter falado dela.
- Ah... é... acho que, com tanta coisa na cabeça, não me ocorreu. Você ainda está aí?
- Estou.
- Você tem razão, deve parecer estranho eu não ter mencionado. Isso simplesmente não me passou pela cabeça. – Ele parou, depois acrescentou com um riso sem graça: – Acho que um psicólogo acharia isso interessante: eu esquecer de falar que sou casado.
- Mark, me deixa perguntar uma coisa. Você está me contando a verdade?
- O quê? Por que a pergunta?
- Você está desperdiçando o meu tempo.

Houve um silêncio prolongado.

– Olhe – disse Mellery com um suspiro –, é uma longa história. Eu não queria envolver Caddy nessa... nessa confusão.

- De que confusão estamos falando?
- As ameaças, as insinuações.
- Ela não sabe sobre as cartas?
- Não vejo sentido em contar. Isso só iria apavorá-la.
- Ela deve saber sobre o seu passado. Está nos seus livros.
- Até certo ponto. Mas essas ameaças são outra coisa. Só quero poupá-la da preocupação. Isso pareceu quase plausível para Gurney. Quase.
- Há alguma parte específica do seu passado que você esteja escondendo de Caddy, da polícia ou de mim?

Desta vez a pausa indecisa antes de Mellery dizer “Não” contradisse a negativa de modo tão patente que Gurney gargalhou.

- O que foi tão engraçado?
- Não sei se você é o pior mentiroso que já conheci, Mark, mas com certeza está concorrendo ao título.

Depois de outro silêncio prolongado, Mellery começou a rir também – um riso baixo, pesaroso, que parecia um soluço abafado – e falou numa voz fraca:

– Quando tudo mais fracassa, é hora de ser sincero. A verdade é que, pouco depois de Caddy e eu nos casarmos, eu tive um caso rápido com uma hóspede aqui do instituto. Pura loucura da minha parte. A coisa terminou mal, como qualquer pessoa sã poderia ter previsto.

- E...?
- E foi isso. Eu me arrepio só de pensar. Isso me liga a todo o ego, à luxúria e às péssimas escolhas do meu passado.
- Talvez eu não esteja entendendo alguma coisa. O que isso tem a ver com você não me contar que é casado?

– Você vai pensar que sou paranoico, mas comecei a achar que esse caso podia ter alguma ligação com o negócio do Caribe. Fiquei com medo de que, se você soubesse sobre Caddy, ia querer falar com ela e... a última coisa que desejo é que ela seja exposta a qualquer coisa

que tenha a ver com meu caso ridículo e hipócrita.

– Sei. Por sinal, quem é o dono do instituto?

– Dono? Em que sentido?

– Quantos sentidos existem?

– Espiritualmente, eu sou dono do instituto. O programa é baseado nos meus livros e nas minhas fitas.

– “Espiritualmente”?

– Legalmente, Caddy é dona de tudo: da propriedade e dos outros bens tangíveis.

– Interessante. Então você é o astro do trapézio e Caddy é a dona do circo.

– Pode-se dizer que sim – respondeu Mellery com frieza. – Preciso desligar agora. Caribde pode telefonar a qualquer momento.

Ele ligou exatamente três horas depois.

Compromisso

Madeleine havia levado a bolsa de tricô para o sofá e estava entretida em um dos três projetos que vinha tocando, cada um num estágio. Gurney se acomodara numa poltrona perto dela e folheava o manual de seiscentas páginas de seu programa de edição e tratamento de fotos, mas estava com dificuldade para se concentrar. As achas de lenha na lareira haviam se queimado até virar brasas das quais fiapos de chamas subiam, oscilavam e desapareciam.

Quando o telefone tocou, Gurney correu para o escritório e atendeu.

A voz de Mellery soou grave e nervosa.

– Dave?

– Estou aqui.

– Ele está na outra linha. O gravador está ligado. Vou conectar você. Está pronto?

– Vá em frente.

Um instante depois Gurney escutou uma voz estranha no meio de uma frase.

– ... longe por um certo período de tempo. Mas quero que você saiba quem eu sou. – O tom era agudo e tenso, o ritmo da fala desajeitado e artificial. Havia um sotaque que parecia estrangeiro mas não era específico, como se as palavras fossem pronunciadas de forma errada para disfarçar a voz. – Hoje à tarde deixei uma coisa para você. Você recebeu?

– O quê? – A voz de Mellery estava fraca.

– Ainda não recebeu? Vai receber. Sabe quem eu sou?

– Quem é você?

– Quer saber mesmo?

– Claro. De onde conheço você?

– O número 658 não lhe disse quem eu sou?

– Não significa nada para mim.

– Verdade? Mas foi você quem escolheu, dentre todos os que poderia ter escolhido.

– Quem é você, afinal?

– Há mais um número.

– O quê? – Dava para sentir o medo e a exasperação na voz de Mellery.

– Eu disse que há mais um número. – A voz parecia divertida, sádica.

– Não entendo.

– Pense em qualquer número, menos 658.

– Por quê?

– Pense em um número diferente de 658.
– Certo, tudo bem. Pensei em um número.
– Bom. Estamos progredindo. Agora sussurre o número.
– Desculpe... o quê?
– Sussurre o número.
– Sussurrar?
– É.
– *Dezenove*. – O sussurro de Mellery soou alto e áspero.
Foi recebido por um riso longo e sem humor.
– Bom, muito bom.
– Quem é você?
– Ainda não sabe? Tanta dor e você não faz ideia. Achei que isso poderia acontecer. Deixei uma coisa para você mais cedo. Um bilheteinho. Tem certeza de que não recebeu?
– Não sei do que você está falando.
– Ah, mas você sabia que o número era 19.
– Você me disse para pensar em um número.
– Mas era o número certo, não era?
– Não estou entendendo!
– Qual foi a última vez que você olhou sua caixa de correspondência?
– Minha caixa de correspondência? Não sei. Esta tarde, talvez.
– É melhor olhar de novo. Lembre-se: verei você em novembro, se não, em dezembro. – As palavras foram seguidas pelo som do telefone sendo desligado suavemente.
– Alô! – gritou Mellery. – Você está aí? Você está aí? – Quando falou de novo, parecia exausto. – Dave?
– Estou aqui – respondeu Gurney. – Desligue, vá olhar a caixa de correspondência e me ligue de volta.
Mal Gurney desligou o telefone, o aparelho tocou de novo. Ele atendeu.
– Sim?
– Pai?
– O quê?
– É você?
– Kyle?
– Eu mesmo. Você está legal?
– Ótimo. Só estou no meio de uma coisa.
– Está tudo bem?
– Está. Me desculpe por ser tão brusco. Estou esperando um telefonema dentro de um ou dois minutos. Posso ligar para você depois?
– Lógico. Eu só queria lhe contar umas coisas que aconteceram, umas coisas que estou fazendo. Faz muito tempo que não nos falamos.

- Ligo para você assim que puder.
- Claro. Tudo bem.
- Desculpe. Obrigado. Falo com você já, já.

Gurney fechou os olhos e respirou fundo algumas vezes. Meu Deus, as coisas tinham a capacidade de se acumular. Claro, a culpa era toda dele por deixar isso acontecer. O relacionamento com Kyle era, claramente, uma área problemática em sua vida, marcada pela fuga e pela racionalização.

Kyle era fruto de seu primeiro casamento, do curto relacionamento com Karen – cuja lembrança, 22 anos depois do divórcio, ainda incomodava Gurney. A incompatibilidade dos dois era óbvia desde o início para qualquer um que os conhecesse, mas uma determinação desafiadora (ou incapacidade emocional, como ele enxergava nas madrugadas insones) os havia impelido para uma união infeliz.

Kyle se parecia com a mãe, tinha os instintos manipulativos e a ambição material dela – e, claro, o nome que ela insistira em lhe dar. *Kyle*. Gurney nunca se sentira confortável com isso. Apesar da inteligência e do sucesso precoce do rapaz no mundo financeiro, *Kyle* ainda lhe parecia o nome de um garoto bonitinho e egoísta numa novela de TV. Mais ainda, a existência de Kyle era uma lembrança constante do casamento, uma lembrança de que havia uma parte poderosa de Gurney que ele mesmo fracassara em entender – a parte que quisera se casar com Karen, para começo de conversa.

Fechou os olhos, deprimido pela cegueira em relação às próprias motivações e pela reação negativa ao filho.

O telefone tocou. Ele atendeu, com medo de que fosse Kyle de novo, mas era Mellery.

- Davey?
 - Sim.
 - Havia um envelope na caixa de correspondência. Está com meu nome e endereço, mas sem selo nem carimbo de correio. Deve ter sido entregue pessoalmente. Devo abrir?
 - Parece ter alguma coisa além de papel?
 - Como o quê?
 - Qualquer coisa, algo mais do que só uma carta.
 - Não, não parece ter nada. Nenhum objeto estranho, se é o que você quer dizer. Devo abrir?
 - Abra, mas pare se vir qualquer coisa que não seja papel.
 - Certo. Abri. Só tem uma folha. Digitada. Simples, sem timbre. – Houve alguns segundos de silêncio. – O quê? Que diabos...?
 - O que é?
 - Isso é impossível. Não há como...
 - Leia para mim.
- Mellery leu com voz incrédula.
- “Estou deixando este bilhete para o caso de você não estar quando eu ligar. Se ainda não

sabe quem eu sou, pense no número 19. Isso faz você se lembrar de alguém? E não se esqueça: verei você em novembro, se não, em dezembro.”

– Só isso?

– Só isso. É o que diz: “Pense no número 19.” Como ele conseguiu fazer isso? Não é possível!

– Mas é isso que está escrito?

– É. Mas o que estou dizendo é... não sei o que estou dizendo... quero dizer... não é possível... Meu Deus, Davey, que diabos está acontecendo?

– Não sei. Ainda não sei. Mas vamos descobrir.

Algo havia se encaixado no lugar. Não a solução – Gurney ainda estava longe disso –, mas alguma coisa dentro dele tinha se movido. Agora estava cem por cento comprometido com o desafio. Levantou os olhos e viu Madeleine o observando da porta do escritório com uma intensidade pungente, como se pudesse sentir no ar seu grau de comprometimento com o caso. Só podia tentar adivinhar o que ela estava sentindo, mas parecia uma combinação de espanto e solidão.

O desafio intelectual apresentado pelo novo mistério numérico e a descarga de adrenalina que ele gerava mantiveram Gurney acordado até bem depois da meia-noite, ainda que ele estivesse na cama desde as dez. Ficou se revirando inquieto de um lado para outro enquanto a mente colidia com o problema, como alguém num sonho que não conseguia encontrar a própria chave e ficava andando em volta de casa, testando repetidamente cada porta e cada janela.

Então começou a sentir de novo o gosto da noz-moscada da sopa de abóbora que tinha tomado no jantar e isso fez aumentar a sensação de pesadelo.

Se ainda não sabe quem eu sou, pense no número 19. E esse era o número em que Mellery havia pensado. O número em que pensou antes de abrir a carta. Impossível. Mas tinha acontecido.

O problema da noz-moscada foi piorando. Por três vezes ele se levantou para beber água, mas o gosto da especiaria se recusava a desaparecer. E então a manteiga também se tornou um problema. Manteiga e noz-moscada. Madeleine usava um monte das duas coisas na sopa de abóbora. Ele até mencionara isso uma vez ao terapeuta dos dois. O ex-terapeuta. Na verdade, um terapeuta ao qual tinham ido apenas duas vezes, na época em que estavam discutindo se ele deveria se aposentar ou não e acharam (equivocadamente, como ficou provado) que uma terceira pessoa poderia trazer mais clareza à questão. Tentou se lembrar agora de como o assunto da sopa havia aparecido, qual fora o contexto, o motivo para ter achado necessário mencionar uma coisa tão insignificante.

Foi na sessão em que Madeleine havia falado a seu respeito como se ele não estivesse na sala. Ela começou descrevendo como ele dormia. Contou ao terapeuta que, depois que Gurney adormecia, raramente acordava até de manhã. Ah, sim, era isso. Foi quando ele disse que a única exceção era quando Madeleine fazia sopa de abóbora e ele ficava sentindo gosto de

manteiga e noz-moscada. Mas ela continuou, ignorando a interrupção idiota, dirigindo os comentários ao terapeuta, como se fossem dois adultos falando de uma criança.

Disse que não ficava surpresa pelo fato de que, depois que Dave adormecia, raramente acordava até de manhã, porque simplesmente ser quem ele era parecia implicar um esforço diário estafante, desprovido de alívio e de conforto. Era um homem muito bom, muito decente, mas ao mesmo tempo cheio de culpa por ser humano. Torturado demais pelos próprios erros, pelas imperfeições. Uma ficha de sucessos sem igual na profissão era obscurecida na mente dele por um punhado de fracassos. Sempre pensando. Pensando implacavelmente nos problemas – um depois do outro –, como Sísifo rolando a pedra morro acima de novo, de novo, de novo. Enfrentando a vida como um enigma a ser resolvido. Mas nem tudo na vida era um enigma, disse ela, fitando-o e falando finalmente com ele, não com o terapeuta. Havia coisas que deveriam ser abordadas de outro modo. Mistérios, não charadas. Coisas a ser amadas, não decifradas.

Lembrar-se dos comentários de Madeleine, deitado na cama, provocou um efeito estranho. Estava totalmente absorvido pela lembrança, ao mesmo tempo perturbado e exaurido. Enfim ela foi sumindo, junto com o gosto de manteiga e noz-moscada, e Gurney afundou num sono inquieto.

Quase de manhã foi meio acordado pela mulher saindo da cama. Madeleine assoou o nariz suavemente, baixinho. Por um segundo Gurney imaginou se ela estivera chorando, mas era um pensamento nebuloso, facilmente suplantado pela explicação mais provável de que ela estava com uma de suas alergias de outono. Teve uma leve percepção da esposa indo até o armário e vestindo seu roupão atoalhado. Um pouco depois ouviu ou imaginou – não tinha certeza de qual das duas opções – os passos dela na escada do porão. Após algum tempo Madeleine passou silenciosamente pela porta do quarto. À luz da alvorada que atravessava o aposento e penetrava no corredor, ela pareceu – como um espectro – estar carregando alguma coisa, algum tipo de caixa.

Os olhos de Gurney ainda estavam pesados de exaustão e ele cochilou durante mais uma hora.

Dicotomias

Quando se levantou, não foi porque se sentia descansado, ou mesmo totalmente acordado, mas porque se levantar era preferível a afundar de volta num sonho que o deixava sem qualquer lembrança dos detalhes e ao mesmo tempo com um sentimento nítido de claustrofobia. Era como uma das ressacas que tivera nos tempos de faculdade.

Obrigou-se a entrar no banho, o que melhorou ligeiramente seu humor, depois se vestiu e foi para a cozinha. Ficou aliviado ao ver que Madeleine tinha feito café suficiente para os dois. Ela estava sentada à mesa do desjejum, olhando pensativamente pela porta de vidro enquanto segurava sua grande xícara esférica – exalando vapor – com as duas mãos, como se quisesse esquentá-las. Gurney se serviu de uma xícara de café e sentou-se diante dela.

– Bom dia – disse ele.

Ela deu um sorrisinho vago em resposta.

Gurney acompanhou o olhar dela até o jardim e a colina coberta de árvores no outro extremo do pasto. Um vento furioso estava despindo as árvores das últimas folhas que restavam. Geralmente os ventos fortes deixavam Madeleine nervosa – desde que um carvalho enorme despencara no meio da estrada, diante de seu carro, no dia em que se mudaram para Walnut Crossing –, mas nesta manhã ela parecia preocupada demais para notar.

Depois de um ou dois minutos, Madeleine se virou para ele e sua expressão se aguçou como se algo na roupa ou na postura do marido tivesse chamado sua atenção.

– Aonde você vai? – perguntou ela.

Gurney hesitou.

– A Peony. Ao instituto.

– Por quê?

– Por quê? – A voz dele estava áspera de irritação. – Porque Mellery continua se recusando a informar o problema à polícia e quero pressioná-lo um pouco mais nesse sentido.

– Você poderia fazer isso por telefone.

– Não tão bem quanto cara a cara. Além disso, quero pegar cópias de todas as mensagens escritas e da gravação do telefonema de ontem à noite.

– Não é para isso que existe FedEx?

Ele a encarou.

– Qual o problema de eu ir ao instituto?

– O problema não é *aonde* você vai, é *por que* você vai.

– Para convencê-lo a ir à polícia? Para pegar as mensagens?

– Você acredita mesmo que é por isso que vai até Peony?

– Por que outro motivo seria?

Ela lhe lançou um olhar demorado, quase de pena, antes de responder.

– Você vai porque agarrou essa coisa e não consegue largar, porque não consegue ficar longe. – Então ela fechou os olhos devagar, como a tela escurecendo no fim de um filme.

Ele não sabia o que dizer. De vez em quando Madeleine terminava uma discussão desse modo – dizendo ou fazendo algo que parecia pular seu fio de pensamento e deixá-lo em silêncio.

Desta vez achou que sabia o motivo, ou pelo menos parte dele. No tom de voz de Madeleine tinha ouvido um eco do discurso dela para o terapeuta, o discurso que ele recordara tão nitidamente algumas horas antes. Achou a coincidência inquietante. Era como se a Madeleine do presente e a do passado estivessem se juntando contra ele, uma sussurrando no ouvido da outra.

Ficou quieto por um longo tempo.

Finalmente ela levou as xícaras à pia e as lavou. Depois, em vez de deixá-las no escorredor como costumava fazer, as enxugou e guardou no armário em cima do aparador.

Ainda olhando para o armário, como se tivesse esquecido por que estava ali, ela perguntou:

– A que horas você vai?

Ele deu de ombros e olhou ao redor, como se pudesse haver uma pista para a resposta certa numa das paredes. Enquanto fazia isso, seu olhar foi atraído por um objeto pousado na mesinha de centro diante da lareira, na outra extremidade da sala. Era uma caixa de papelão, do tamanho e da forma de uma caixa de bebidas. Mas o que realmente prendeu seu olhar foi a fita branca envolvendo a caixa e dando um laço na parte de cima.

Santo Deus! Era isso que ela havia trazido do porão.

Ainda que a caixa parecesse menor do que ele recordava de tantos anos atrás e o papelão fosse de um marrom mais escuro, a fita era inconfundível, inesquecível. Os hindus haviam mesmo entendido: o branco, não o preto, era a cor natural para o luto.

Sentiu um vazio incômodo nos pulmões, como se a gravidade estivesse puxando seu fôlego, sua alma, para a terra. *Danny. Os desenhos de Danny. Meu menininho Danny.* Engoliu em seco e desviou o olhar para o outro lado, longe de uma perda tão imensa. Sentia-se fraco demais para se mexer. Olhou pela porta de vidro, tossiu, pigarreou, tentou substituir as memórias conturbadas por sensações imediatas, se esforçou para redirecionar a mente dizendo alguma coisa, ouvindo a própria voz, rompendo o silêncio pavoroso.

– Não imagino que vá demorar muito – falou. Precisou de toda a força, toda a vontade, para se levantar da cadeira. – Devo estar em casa a tempo para o jantar – acrescentou, mal sabendo o que dizia.

Madeleine observou-o com um sorriso triste – que não era de fato um sorriso no sentido usual da palavra –, sem falar nada.

– É melhor eu ir – disse ele. – Preciso chegar a tempo no instituto.

Às cegas, quase cambaleando, beijou-a no rosto e foi para o carro, esquecendo-se do casaco.

Naquela manhã a paisagem estava diferente, mais parecida com o inverno, com praticamente todas as cores do outono tendo sumido das árvores. Mas Gurney sentia isso apenas levemente. Estava dirigindo no automático, quase sem ver, consumido pela imagem da caixa, pela lembrança do conteúdo, pelo significado da presença dela na mesa.

Por quê? Por que agora, depois de todos esses anos? Com que objetivo? O que ela estava pensando? Ele havia passado por Dillweed e pelo Armazém Abelard sem ao menos notar. Sentia-se enjoado. Precisava se concentrar em outra coisa, precisava se controlar.

Concentre-se no lugar aonde você está indo, em por que está indo. Tentou forçar a mente na direção das mensagens, dos poemas, do número 19. Mellery pensando no número 19. Depois o encontrando na carta. Como isso poderia ter sido feito? Era a segunda vez que Arybdis ou Caribde – ou qualquer que fosse o nome dele – havia realizado esse feito impossível. Havia certas diferenças entre as duas situações, mas a segunda era tão espantosa quanto a primeira.

A imagem da caixa na mesinha de centro anulava, de modo implacável, sua capacidade de concentração – e em seguida o conteúdo da caixa, como ele se lembrava de ter sido guardado tanto tempo atrás. Os desenhos de Danny com lápis de cera. Ah, meu Deus. A folha com rabiscos laranja que Madeleine havia insistido que eram margaridas. E aquele desenho engraçado que podia ser um balão verde ou mesmo uma árvore, talvez um pirulito. Ah, meu Deus.

Antes que percebesse, estava parando no estacionamento de cascalho do instituto, mal tendo registrado a viagem. Olhou ao redor, tentando se concentrar, tentando forçar a mente a ficar no mesmo local do corpo.

Relaxou gradualmente. Sentia-se um pouco tonto, com o vazio que frequentemente se seguia a emoções intensas. Olhou o relógio. De algum modo tinha chegado na hora exata. Aparentemente essa parte dele funcionava sem intervenção consciente, como o sistema nervoso autônomo. Imaginando que os hóspedes representando papéis deviam ter ficado do lado de dentro por causa do frio, trancou o carro e pegou o caminho sinuoso até a casa. A porta da frente, como na visita anterior, foi aberta por Mellery antes que ele batesse.

Gurney entrou, escapando do vento.

– Alguma novidade?

Mellery balançou a cabeça e fechou a porta pesada e antiga, mas não antes que meia dúzia de folhas mortas passassem pela soleira.

– Venha ao escritório – disse ele. – Tem café, suco...

– Café está ótimo – respondeu Gurney.

De novo escolheram as poltronas de encosto alto diante da lareira. Na mesa de centro entre

elas havia um grande envelope pardo, que Mellery indicou com um gesto.

– Xerox das mensagens escritas e uma gravação do telefonema. Está tudo aí – disse.

Gurney pegou o envelope e o pôs no colo.

Mellery olhou para ele, ansioso.

– Você deveria ir à polícia – disse Gurney.

– Já falamos sobre isso.

– Precisamos falar de novo.

Mellery fechou os olhos e massageou a testa como se doesse. Quando abriu os olhos, parecia ter tomado uma decisão.

– Assista à minha palestra esta manhã. É o único modo de você entender. – Ele falava rapidamente, como se quisesse impedir qualquer objeção. – O que acontece aqui é muito sutil, muito frágil. Nós ensinamos aos hóspedes valores como consciência, paz e clareza. É fundamental ganhar a confiança deles. Nós os expomos a algo que pode mudar suas vidas. É como escrever no céu. Num dia calmo, o texto fica bem legível. Mas bastam alguns sopros de vento que tudo se torna ininteligível. Entende o que estou dizendo?

– Não sei bem.

– Assista à palestra – implorou Mellery.

Eram exatamente dez da manhã quando Gurney o acompanhou até uma sala grande no térreo do prédio principal. Parecia a sala de estar de um hotel campestre caro. Uma dúzia de poltronas e meia dúzia de sofás estavam virados em direção a uma lareira grandiosa. A maioria dos vinte participantes já estava sentada. Alguns ainda estavam junto de um aparador onde havia um bule de prata com café e uma bandeja de croissants.

Mellery foi casualmente até um lugar diante da lareira e encarou a plateia. Os que estavam perto do aparador correram para seus lugares e todos ficaram num silêncio cheio de expectativa. Mellery fez um gesto para Gurney ocupar uma poltrona perto da lareira.

– Este é David – anunciou o palestrante com um sorriso na direção de Gurney. – Ele quer saber mais sobre o que nós fazemos, por isso eu o convidei para assistir ao nosso encontro matinal.

Várias vozes o cumprimentaram em tom agradável e todos os rostos ofereceram sorrisos, que pareciam, de modo geral, genuínos. Ele captou o olhar da mulher com cara de passarinho que o interpelara de forma grosseira na véspera. Ela pareceu recatada, até ruborizou-se um pouco.

– Os papéis que dominam nossa vida – começou Mellery sem preâmbulo – são aqueles dos quais não temos consciência. As necessidades que nos impelem de modo mais implacável são as que menos percebemos. Para sermos felizes e livres, devemos compreender o verdadeiro significado dos papéis que representamos e lançar luz sobre nossas necessidades ocultas.

Ele estava falando com calma e objetividade e tinha a atenção total da plateia.

– O primeiro obstáculo em nossa busca é a presunção de que já nos conhecemos, que

entendemos nossas motivações, que sabemos por que sentimos o que sentimos com relação às circunstâncias e às pessoas ao redor. Para progredir, precisamos ter a mente mais aberta. Para encontrar a verdade sobre mim mesmo devo parar de insistir que já a conheço. Nunca vou tirar a pedra do caminho se não conseguir enxergar o que ela é.

Justo quando Gurney estava pensando que essa última observação expandia o âmbito da névoa da Nova Era, a voz de Mellery aumentou de volume.

– Sabem o que é essa pedra? Essa pedra é a imagem que você faz de si mesmo, de quem você acha que é. A pessoa que você acha que é está mantendo quem você realmente é trancado, sem luz nem comida ou amigos. A pessoa que você acha que é vem tentando assassinar quem você de fato é desde sempre.

Mellery parou, aparentemente dominado por alguma emoção desesperada. Encarou a plateia, que mal parecia capaz de respirar. Quando retomou a fala, sua voz havia baixado, mas continuava cheia de sentimento.

– A pessoa que eu acho que sou sente pavor de quem eu sou de verdade, sente pavor do que os outros pensariam dessa pessoa. O que os outros fariam comigo se conhecessem quem eu sou de verdade? Melhor ficar em segurança! Melhor esconder a pessoa de verdade, fazer a pessoa de verdade morrer de fome, enterrar a pessoa de verdade!

Parou de novo, deixando que o fogo errático dos olhos sumisse.

– Quando isso se inicia? Em que momento nos tornamos esse par de gêmeos anômalos, a pessoa inventada na cabeça e a pessoa real trancada e morrendo? Acho que começa muito cedo. Sei que no meu caso os gêmeos já estavam bem estabelecidos, cada um em seu lugar desconfortável, quando eu tinha 9 anos. Vou contar uma história. Peço desculpas aos que já a ouviram.

Gurney olhou ao redor, notando em meio aos rostos atentos alguns sorrisos de reconhecimento. A perspectiva de ouvir uma das histórias de Mellery pela segunda ou terceira vez, longe de entediar ou irritar alguém, parecia apenas aumentar a expectativa. Era como a reação de uma criança pequena à promessa de ouvir de novo seu conto de fadas favorito.

– Um dia, quando eu estava indo para a escola, minha mãe me deu uma nota de vinte dólares para que na volta, à tarde, eu comprasse leite, pão e algumas outras coisas. Quando saí do colégio, às três horas, parei numa pequena lanchonete ali perto para comprar uma Coca-Cola antes de ir à mercearia. Era um lugar onde alguns alunos se reuniam depois da aula. Coloquei a nota de vinte no balcão para pagar o refrigerante, mas, antes que o vendedor pegasse o dinheiro para me dar o troco, um dos outros garotos falou: “Ei, Mellery, onde você conseguiu vinte pratas?” Bem, por acaso aquele era o maior valentão do quarto ano, que eu estava cursando. Só que eu tinha nove anos e ele, onze, pois havia levado bomba duas vezes. O cara era de dar medo, e não alguém com quem eu devesse sair ou mesmo falar. Ele vivia se metendo em briga e havia histórias de que costumava invadir a casa dos outros e roubar coisas. Quando ele me perguntou onde eu tinha conseguido o dinheiro, eu ia dizer que minha mãe me derapara comprar leite e pão, mas fiquei com medo de ele zombar de mim, de me

chamar de filhinho da mamãe. Quis dizer alguma coisa que o impressionasse, por isso inventei que havia roubado. Ele pareceu interessado, o que fez com que eu me sentisse bem. Depois perguntou de quem eu tinha pego o dinheiro e eu falei a primeira coisa que me veio à mente. Disse que roubara da minha mãe. Ele assentiu, sorriu e foi embora. Fiquei aliviado e desconfortável ao mesmo tempo. No dia seguinte já esquecera o episódio. Mas, uma semana depois, ele chegou perto de mim no pátio da escola e falou: “Ei, Mellery, roubou mais algum dinheiro da sua mãe?” Eu disse que não. E ele insistiu: “Por que não rouba mais vinte dólares?” Eu não sabia o que dizer. Só fiquei olhando para ele. Então o cara deu um sorrisinho e disse: “Você vai roubar mais vinte pratas e me dar, ou vou contar à sua mãe sobre o dinheiro que você roubou dela na semana passada.” Senti o sangue sumir do meu rosto.

– Meu Deus – disse uma mulher com cara de cavalo sentada numa poltrona cor de vinho do lado oposto da lareira, enquanto outros murmúrios de raiva ondulavam na sala.

– Que sacana! – resmungou um sujeito corpulento com ódio no olhar.

– Isso me deixou em pânico. Eu podia visualizá-lo procurando minha mãe e contando que eu tinha roubado vinte dólares dela. O absurdo daquilo, a improbabilidade de aquele delinquente procurar minha mãe para falar qualquer coisa, jamais me ocorreu. Minha mente foi tomada pelo medo de que ele contasse e ela acreditasse. Eu não tinha absolutamente nenhuma confiança na verdade. Assim, em pânico, tomei a pior decisão possível. Naquela noite roubei vinte dólares da bolsa da minha mãe e dei ao garoto no dia seguinte. Claro que, na outra semana, ele fez a mesma exigência. E depois na outra e na outra. Isso continuou por seis semanas, até que meu pai me flagrou fechando a gaveta de cima da escrivaninha da minha mãe, com uma nota de vinte apertada na mão. Confessei. Contei aos meus pais toda a história horrível e vergonhosa. Mas a coisa só piorou. Eles telefonaram para nosso pastor, o monsenhor Reardon, e me levaram à casa paroquial para contar tudo de novo. Na noite seguinte o pastor fez com que voltássemos lá e nos sentássemos com o pequeno chantagista e a mãe e o pai dele, e tive de contar a história outra vez. Mesmo assim o caso não foi encerrado. Meus pais cortaram minha mesada durante um ano para pagar o dinheiro que eu tinha roubado. Isso mudou para sempre o modo como eles me viam. O chantagista criou e espalhou por toda a escola uma versão dos acontecimentos em que ele era uma espécie de Robin Hood e eu, um dedo-duro. De vez em quando ele me dava um sorrisinho gélido sugerindo que algum dia eu poderia ser empurrado do último andar de um prédio.

Mellery parou e massageou o rosto com as palmas das mãos, como se relaxasse músculos retesados pelas lembranças.

O sujeito corpulento balançou a cabeça, sério, e disse de novo:

– Que sacana!

– Foi exatamente o que eu pensei – disse Mellery. – Que sacana manipulador! Sempre que aquela confusão me vinha à mente, eu pensava: “Que sacana!” Era só nisso que eu conseguia me concentrar.

– Você estava certo – disse o sujeito corpulento numa voz que parecia acostumada a ser

ouvida. – Ele era exatamente isso.

– Ele era exatamente isso – concordou Mellery com intensidade crescente. – Exatamente isso! Mas eu nunca fui além do que *ele* era, para me perguntar o que *eu* era. O que ele era parecia tão óbvio que eu nunca me perguntei o que *eu* era. Quem, afinal de contas, era aquele garoto de nove anos e por que ele fez o que fez? Não basta dizer que ele estava com medo. Com medo de quê, exatamente? E quem ele achava que era?

Gurney pegou-se surpreendentemente envolvido na história. Mellery capturara sua atenção de modo completo, como fizera com todos os outros na sala. Ele havia passado de observador a participante nessa busca súbita por significado, motivação, identidade. Enquanto falava, o palestrante tinha começado a andar de um lado para outro diante da lareira, como se impelido por lembranças e questões que não lhe permitiam ficar parado. As palavras jorravam.

– Sempre que pensava naquele garoto, em mim aos nove anos, eu o encarava como vítima: vítima de chantagem, vítima de seu próprio desejo inocente de amor, admiração, aceitação. Tudo o que ele queria era que o grandão gostasse dele. Foi vítima de um mundo cruel. Pobre garotinho, pobre ovelhinha nas garras de um lobo.

Mellery parou de andar de um lado para outro e se virou para encarar a plateia. Agora falava baixinho:

– Mas aquele garotinho também era outra coisa. Era mentiroso e ladrão.

A plateia ficou dividida entre os que pareciam ter vontade de discordar e os que assentiam.

– Ele mentiu quando o garoto lhe perguntou onde tinha conseguido os vinte dólares. Afirmou que era ladrão para impressionar alguém que presumia ser ladrão. Depois, diante da ameaça de contarem à sua mãe que ele havia roubado, tornou-se ladrão de verdade para que ela não pensasse que ele era ladrão. Para ele, o mais importante era controlar o que as pessoas pensavam a seu respeito. Comparado ao que elas *pensavam*, não importava muito se ele *era* de fato mentiroso ou ladrão, ou que efeito seu comportamento tinha sobre as pessoas para quem mentia e de quem roubava. Deixem-me explicar melhor: o efeito não importava o suficiente para impedir que ele mentisse e roubasse. Só ganhou importância e corroe sua autoestima quando ele mentiu e roubou de verdade. Então passou a importar o suficiente para fazê-lo odiar a si mesmo e desejar que estivesse morto.

Mellery ficou quieto por vários segundos, esperando os comentários se esgotarem, depois continuou:

– Eis o que quero que vocês façam: uma lista das pessoas que vocês não suportam, de quem têm raiva e que lhes fizeram mal. Depois, se perguntem: “Como me meti nessa situação? Como entrei nesse relacionamento? Quais eram as minhas motivações? O que um observador imparcial acharia das minhas ações nessa situação?” Não, eu repito, *não* se concentrem nas coisas terríveis que a outra pessoa fez. Não estamos procurando alguém para culpar. Nós fizemos isso durante toda a vida e esse caminho não nos levou a lugar nenhum. Só temos uma lista longa e inútil de pessoas a quem culpar por tudo o que já deu errado! Uma lista longa e inútil! A verdadeira questão, a única que importa, é “*Onde eu estava no meio de tudo isso?*”

Como abri a porta que dava naquela sala?” Quando eu tinha nove anos, abri a porta mentindo para ganhar admiração. Como vocês abriram a porta?

A mulher que havia xingado Gurney estava parecendo cada vez mais desconcertada. Levantou a mão, hesitante, e disse:

– Mas às vezes uma pessoa má faz algo terrível a alguém inocente. Invade e rouba a casa dele, por exemplo. Nesse caso a culpa não seria da pessoa inocente, seria?

Mellery sorriu.

– Coisas ruins acontecem com pessoas boas. Mas essas pessoas não ficam o resto da vida trincando os dentes e repassando mentalmente o filme do assalto. Os problemas pessoais que mais nos incomodam, os que parecemos incapazes de deixar de lado, são aqueles em que representamos um papel que não estamos dispostos a reconhecer. É por isso que a dor permanece: porque nos recusamos a olhar para a fonte do sofrimento. Não podemos nos livrar da dor porque nos recusamos a olhar para o que nos prende a ela.

Mellery fechou os olhos, aparentemente juntando forças para continuar.

– A pior dor da nossa vida vem dos erros que nos recusamos a admitir, das coisas que fizemos e que estão a tal ponto em desarmonia com quem somos que não suportamos olhá-las. Viramos duas pessoas numa pele só, duas pessoas que não se suportam. O mentiroso e a pessoa que despreza mentirosos. O ladrão e a pessoa que despreza ladrões. Não existe dor como a dessa batalha que é travada furiosamente no nível subconsciente. Nós fugimos dela, mas ela foge conosco. Para onde quer que fuçamos, levamos a batalha junto.

Mellery andou de um lado para outro diante da lareira.

– Façam o que pedi: uma lista de todas as pessoas que vocês culpam pelos problemas da sua vida. Quanto mais raiva tiverem delas, melhor. Anotem os nomes. Quanto mais vocês estiverem convencidos de que não têm culpa, melhor. Anotem o que elas fizeram e como magoaram vocês. Depois perguntem como abriram a porta para essas pessoas. Se o primeiro pensamento for que esse exercício é absurdo, perguntem-se por que querem tanto rejeitá-lo. Lembrem-se: não se trata de absolver os outros de qualquer culpa que tenham. Vocês não têm poder para absolvê-los. A absolvição é obra de Deus, não de vocês. O que cabe a vocês se resume a uma pergunta: “Como abri a porta?”

Ele fez uma pausa e olhou ao redor, fazendo contato visual com o máximo de hóspedes possível.

– “Como abri a porta?” A felicidade de vocês vai depender da honestidade com que responderem a essa pergunta.

Parou, aparentemente exausto, e anunciou uma pausa “para o café, chá, ar puro, banheiro, etc.”. Enquanto as pessoas se levantavam dos sofás e poltronas, Mellery olhou interrogativamente para Gurney, que permanecera sentado.

– Isso ajudou? – perguntou ele.

– Foi impressionante.

– Em que sentido?

– Você é um tremendo orador.

Mellery assentiu de forma neutra.

– Viu como isso tudo é frágil?

– O quê? A conexão que você estabelece com seus hóspedes?

– Acho que *conexão* é uma palavra adequada, desde que você queira dizer uma combinação de confiança, empatia, ligação, abertura, fé, esperança e amor, e desde que entenda como essas flores são delicadas, em especial quando começam a se abrir.

Gurney estava com dificuldade de formar uma opinião sobre Mark Mellery. Se o sujeito era um charlatão, era o melhor que ele já havia encontrado.

Mellery ergueu a mão e chamou uma jovem que estava perto da mesa de café.

– Ei, Keira, poderia fazer um grande favor e chamar o Justin para mim?

– Claro! – disse ela sem hesitar, fazendo uma pirueta e partindo na sua missão.

– Quem é Justin? – perguntou Gurney.

– Um rapaz sem o qual está cada vez mais difícil eu me virar. Ele chegou aqui como hóspede quando tinha 21 anos. Não aceitamos ninguém mais novo do que isso. Voltou três vezes e, na terceira, não foi mais embora.

– O que ele faz?

– Acho que você pode dizer que ele faz o que eu faço.

Gurney lançou um olhar interrogativo para Mellery.

– Desde a primeira visita, Justin estava na frequência certa, sempre captava o que eu dizia, com nuances e tudo. Um rapaz inteligente, um colaborador magnífico para tudo o que fazemos. A mensagem do instituto foi feita para ele, e ele foi feito para a mensagem. Terá um futuro conosco, se desejar.

– Mark Jr. – disse Gurney, principalmente para si mesmo.

– Como?

– Parece um filho ideal. Absorve e aprecia tudo o que você tem a oferecer.

Um rapaz bem-arrumado e de aparência inteligente entrou na sala e foi até eles.

– Justin, gostaria que conhecesse um velho amigo, Dave Gurney.

O rapaz estendeu a mão com uma mistura de simpatia e timidez.

Depois de se cumprimentarem, Mellery chamou Justin de lado e falou com ele em voz baixa:

– Gostaria que você fizesse o próximo segmento de meia hora. Dê alguns exemplos de dicotomias internas.

– Eu adoraria – respondeu o rapaz.

Gurney esperou até que Justin fosse ao aparador pegar café para falar com Mellery:

– Se você tiver tempo, gostaria que desse um telefonema antes de eu ir embora.

– Vamos voltar à casa. – Estava claro que Mellery queria poupar seus hóspedes de qualquer coisa que se relacionasse com os problemas atuais.

No caminho, Gurney explicou que desejava que ele ligasse para Gregory Dermott e pedisse

mais detalhes sobre a segurança de sua caixa postal, assim como qualquer informação adicional que ele pudesse dar com relação ao cheque de 289,87 dólares nominal a X. Arybdis que ele devolvera a Mellery. Especificamente se havia mais alguém na empresa de Dermott que tivesse autorização para abrir a caixa, se a chave estava sempre na posse dele ou se havia uma cópia. Fazia quanto tempo que ele alugava a caixa postal? Já havia recebido alguma carta endereçada erroneamente a essa caixa ou algum cheque sem explicação? Os nomes Arybdis, Caribde ou Mark Mellery significavam alguma coisa para ele? Alguém já lhe dissera algo sobre o Instituto Mellery de Renovação Espiritual?

Justo quando Mellery estava começando a parecer sobrecarregado, Gurney pegou um cartão no bolso e lhe entregou.

– As perguntas estão aqui. O Sr. Dermott pode não querer responder todas elas, mas vale tentar.

Enquanto caminhavam por entre canteiros de flores mortas ou agonizantes, Mellery parecia afundar cada vez mais nas preocupações. Quando chegaram ao pátio atrás da elegante casa, ele parou e falou no tom baixo de alguém que temesse ouvidos curiosos:

– Não dormi nada esta noite. Aquele negócio do número 19 me deixou completamente pirado.

– Não lhe ocorreu nenhuma conexão? Nenhum significado possível?

– Nada. Só coisas idiotas. Uma vez um terapeuta me deu um teste de vinte perguntas para descobrir se eu tinha problemas com bebida e eu fiz 19 pontos. Minha primeira esposa tinha 19 anos quando nos casamos. Coisas assim, associações aleatórias, nada que alguém pudesse prever que eu iria pensar, não importando quanto me conhecesse.

– No entanto, previu.

– É o que está me enlouquecendo! Veja os fatos. Um envelope lacrado é posto na minha caixa de correspondência. Eu recebo um telefonema dizendo que ele está lá e pedindo que eu pense em qualquer número que deseje. Eu penso no 19. Vou à caixa de correio, pego o envelope e a carta dentro dele menciona o número 19, o mesmo em que eu tinha pensado. Eu poderia ter pensado em 72.951. Mas pensei em 19 e era o número que estava na carta. Você diz que percepção extrassensorial é besteira, mas como pode explicar de outro modo?

Gurney respondeu num tom extremamente calmo, contrastando com a agitação de Mellery:

– Está faltando alguma coisa no nosso entendimento do que aconteceu. Estamos olhando o problema de um modo que nos leva a fazer a pergunta errada.

– Qual é a pergunta certa?

– Quando eu deduzir, você será o primeiro a saber. Mas garanto que não terá nada a ver com percepção extrassensorial.

Mellery balançou a cabeça e o gesto pareceu mais um tremor do que uma forma de expressão. Depois olhou para os fundos da casa e o pátio onde estava parado. Sua expressão vazia indicava que não tinha certeza de como havia chegado ali.

– Vamos entrar? – sugeriu Gurney.

Mellery se concentrou de novo e pareceu ter uma lembrança súbita.

– Esqueci... desculpe... Caddy está em casa. Não posso... quero dizer, seria melhor se... o que quero dizer é que não vou poder ligar para Dermott agora. Terei que improvisar mais tarde.

– Mas vai fazer isso hoje?

– Vou, vou, claro. Só que precisa ser na hora certa. Ligo para você assim que tiver falado com ele.

Gurney assentiu, olhando nos olhos do ex-colega e vendo neles o medo de uma vida desmoronando.

– Só mais uma coisa antes de eu ir embora. Ouvi você pedir a Justin para falar sobre “dicotomias internas” e fiquei imaginando o que seria isso.

– Você não deixa passar nada – disse Mellery, franzindo de leve a testa. – “Dicotomia” refere-se a uma divisão, uma dualidade dentro de alguma coisa. Eu uso a palavra para descrever os conflitos dentro de nós.

– Quer dizer, coisas do tipo o médico e o monstro?

– É, mas vai além disso. Os seres humanos são cheios de conflitos internos. Eles moldam nossos relacionamentos, criam nossas frustrações e arruinam nossa vida.

– Dê um exemplo.

– Eu poderia dar cem. O conflito mais simples é o que existe entre o modo como nos vemos e o modo como vemos os outros. Por exemplo, se estivessemos discutindo e você gritasse comigo, eu acreditaria que a causa do grito era a sua incapacidade de controlar seu temperamento. Mas, se eu gritasse com você, não pensaria que a causa do problema era meu temperamento, e sim a sua provocação. Ou seja, meu grito seria uma reação adequada a algo que você tivesse feito.

– Interessante.

– Cada um de nós parece acreditar que *minha situação causa meus problemas, mas a sua personalidade causa os seus*. Isso cria conflitos. Meu desejo de que tudo seja feito do meu modo parece fazer sentido, mas seu desejo de que tudo seja feito do seu modo parece infantil. Um dia perfeito seria aquele em que eu me sentisse melhor e você se comportasse melhor. A forma como vejo as coisas é a forma como elas são. O modo como você as vê é deturpado por seus objetivos.

– Entendi.

– Isso é só o início. A mente é uma massa de contradições e conflitos. Nós mentimos para fazer com que os outros confiem em nós. Escondemos nosso eu verdadeiro em busca da intimidade. Nossas estratégias para perseguir a felicidade acabam afastando-a. Quando estamos errados é que mais nos empenhamos em provar que estamos certos.

Questionado sobre o conteúdo de seu programa, Mellery falava com inspiração e eloquência. Mesmo em meio ao estresse atual, aquilo tinha a capacidade de fazê-lo se concentrar.

– Tenho a impressão – disse Gurney – de que estamos falando de uma fonte pessoal de dor, e não apenas da condição humana em geral.

Mellery assentiu devagar.

– Não há dor pior do que ter duas pessoas vivendo no mesmo corpo.

O fim do princípio

Gurney estava com uma sensação desconfortável, que o acompanhava desde a primeira visita de Mellery a Walnut Crossing. Agora percebia, contrariado, que esse sentimento era o desejo da clareza relativa de um crime verdadeiro: uma cena de crime em que pudesse passar um pente fino e que pudesse peneirar, medir e estudar; digitais, pegadas, fios de cabelo e fibras a analisar e identificar; testemunhas a interrogar, suspeitos a localizar, álibis a verificar e relacionamentos a investigar, sem falar na arma a ser encontrada e nas cápsulas para a balística. Nunca havia se envolvido de modo tão frustrante num problema tão ambíguo legalmente, com tantas obstruções aos procedimentos normais.

Durante a viagem montanha abaixo, desde o instituto até o povoado, especulara sobre os medos que competiam dentro de Mellery – de um lado um perseguidor malévolo, de outro uma intervenção policial que afastaria os clientes. A convicção de Mellery de que a cura seria pior do que a doença mantinha a situação no limbo.

Imaginou se o colega de faculdade sabia mais do que estava dizendo. Será que ele tinha consciência de algo que fizera num passado distante e que pudesse ser o motivo para a campanha de ameaças e insinuações que estava sofrendo? Será que o médico sabia o que o monstro havia feito?

O tema da palestra sobre duas mentes em guerra dentro de um corpo interessava a Gurney por outros motivos. O que ouvira combinava com a percepção obtida no correr dos anos como policial, agora reforçada por seus trabalhos de arte com fotos de assassinos, de que as divisões da alma frequentemente são evidentes no rosto, e mais claras ainda nos olhos. Muitas vezes tinha visto rostos que na verdade eram dois. O fenômeno era mais fácil de ser observado numa fotografia. Você só precisava cobrir alternadamente cada metade do rosto com um pedaço de papel ao longo do centro do nariz, de modo que apenas um olho ficasse visível de cada vez. Em seguida, anotar uma descrição de caráter do indivíduo que você visse do lado esquerdo e outra do que visse do lado direito. Era incrível como essas descrições podiam ser diferentes. Um homem poderia parecer pacífico, tolerante, sensato de um lado – e ressentido, frio, manipulador do outro. Nos rostos em que o vazio era preenchido pelo brilho da maldade que levava ao assassinato, com frequência esse brilho estava presente num dos olhos e ausente no outro. Talvez nos relacionamentos da vida real nosso cérebro estivesse preparado para combinar e fazer uma média das características díspares dos dois olhos, tornando as diferenças entre eles difíceis de se notar, mas nas fotos elas dificilmente

passavam despercebidas.

Gurney se lembrou da foto de Mellery na capa do livro. Fez uma anotação mental para analisar mais atentamente os olhos dele quando chegasse em casa. Também se lembrou de que precisava ligar de volta para Sonya Reynolds – o telefonema que Madeleine havia mencionado com a voz gélida. A alguns quilômetros de Peony parou numa área de cascalho cheia de mato que separava a estrada do riacho Esopo, pegou o celular e digitou o número da galeria de Sonya. Depois de quatro toques, a voz suave dela convidou-o a deixar uma mensagem do tamanho que quisesse.

– Sonya, é o Dave Gurney. Sei que prometi um retrato esta semana e espero mandá-lo no sábado, ou pelo menos enviar um arquivo por e-mail para que você possa imprimir uma prova. Está quase pronto, mas ainda não estou satisfeito. – Ele parou, sabendo que sua voz baixara para o registro mais suave provocado por mulheres atraentes, um hábito para o qual Madeleine havia chamado sua atenção uma vez. Pigarreou e prosseguiu: – A essência dessa arte é o caráter. O rosto deve ser coerente com assassinato, em especial os olhos. É nisso que estou trabalhando. É o que está tomando tempo.

Houve um estalo na linha e a voz de Sonya interrompeu, ofegante:

– David, estou aqui. Estava longe quando o telefone tocou, mas ouvi o que você disse e entendo perfeitamente que tenha de conseguir o efeito exato. Mas seria ótimo se pudesse mandar no sábado. Vai haver um festival no domingo, com muita gente circulando pela galeria.

– Vou tentar. Talvez seja no fim da tarde.

– Perfeito! Vou fechar às seis, mas estarei trabalhando aqui por mais uma hora, então apareça. Teremos tempo para conversar.

Gurney ficou pasmo ao perceber que a voz de Sonya conseguia fazer qualquer coisa parecer uma sugestão sexual. Claro, ele sabia que estava colocando receptividade e imaginação demais na situação. Também sabia que estava sendo tremendamente idiota.

– Seis da tarde está ótimo – ouviu-se dizer, ao mesmo tempo em que lembrava que o escritório de Sonya, com seus grandes sofás e tapetes felpudos, era mobiliado mais como uma sala íntima do que como um local de trabalho.

Largou o telefone no porta-luvas e ficou sentado olhando o vale coberto de capim. Como sempre, a voz de Sonya havia interrompido seus pensamentos racionais e sua mente era uma bolinha de fliperama saltando de um objeto a outro: o escritório aconchegante de Sonya; a inquietação de Madeleine; a impossibilidade de alguém saber antecipadamente o número em que outra pessoa pensaria; sangue vermelho como uma rosa pintada; você e eu temos um compromisso, Sr. 658; Caribde; a caixa postal errada; Mellery com medo da polícia; Peter Piggert, o assassino filho da puta; o jovem e charmoso Justin; Caddy, rica e mais velha; o médico e o monstro; e assim por diante, sem nenhuma lógica, girando e girando. Baixou a janela do lado do carona, recostou-se, fechou os olhos e tentou se concentrar no som da água do rio cascadeando no leito de pedras.

Uma batida na janela fechada junto ao seu ouvido acordou-o. Olhou para cima e viu um rosto retangular e inexpressivo, com os olhos escondidos por trás de óculos espelhados, sombreados pela aba circular do quepe cinza de policial. Baixou a janela.

– Tudo bem, senhor? – A pergunta parecia mais ameaçadora do que solícita, o *senhor* mais superficial do que educado.

– Sim, obrigado, só precisava fechar os olhos e descansar um instante. – Olhou para o relógio no painel. Viu que o instante havia durado quinze minutos.

– Para onde o senhor está indo?

– Walnut Crossing.

– Sei. Bebeu alguma coisa hoje, senhor?

– Não, policial, não bebi.

O homem assentiu e deu um passo para trás, examinando o carro. Sua boca, a única coisa visível que poderia trair sua atitude, tinha um ar de desprezo, como se considerasse a resposta de Gurney uma mentira deslavada que logo seria descoberta. Andou devagar até a traseira do carro, depois passou pelo lado do carona, pela frente, e finalmente retornou à janela de Gurney. Depois de um longo silêncio avaliador, falou num tom de ameaça contida, mais adequado a uma peça de Harold Pinter do que a uma verificação de veículo de rotina:

– O senhor sabia que esta não é uma área de estacionamento legal?

– Não percebi – respondeu Gurney, calmo. – Só queria parar por um ou dois minutos.

– Posso ver sua habilitação e os documentos do carro, por favor?

Gurney pegou-os na carteira e entregou-os pela janela. Nessas situações não era de seu feitio revelar seu status como detetive de primeiro grau aposentado do DPNY, com as implicações que isso poderia ter, mas sentiu, enquanto o policial se virava para andar até a viatura, uma arrogância fora do normal e uma hostilidade que seria expressa numa demora sem justificativa, no mínimo. Com relutância, sacou outro documento da carteira.

– Só um momento, policial, isto também pode ser útil.

O policial pegou o documento com cautela. Então Gurney viu a fagulha de uma mudança nos cantos da boca do homem, mas não no bom sentido. Parecia uma combinação de desapontamento e raiva. Com desprezo, ele lhe entregou a carteira de identidade, a habilitação e o documento do carro pela janela.

– Tenha um bom dia, senhor – disse num tom que revelava o sentimento oposto, depois retornou ao veículo, fez um rápido retorno e partiu na direção de onde viera.

Não importava quanto os testes psicológicos tivessem se sofisticado, pensou Gurney, nem o aumento das exigências educacionais, nem o rigor do treinamento na academia: sempre haveria policiais que não deveriam ser policiais. Neste caso o patrulheiro não cometera nenhuma violação específica, mas havia algo duro e odioso nele – Gurney podia sentir, ver nas linhas do rosto – e era apenas questão de tempo até que colidisse com sua imagem no espelho. Então algo terrível aconteceria. Enquanto isso, um monte de gente seria atrasada e intimidada sem finalidade. Era um daqueles policiais que faziam as pessoas não gostarem dos

policiais.

Talvez Mellery tivesse razão.

Na semana seguinte o inverno chegou ao norte das Catskills. Gurney passava a maior parte do tempo em casa, no seu escritório, alternando-se entre o projeto das fotos e um reexame meticuloso das mensagens de Caribde – saltando habilmente entre esses dois mundos e evitando pensar nos desenhos de Danny e no caos interno que vinha junto com esses pensamentos. A solução óbvia seria conversar com Madeleine sobre isso, descobrir por que a mulher quisera puxar o assunto agora – literalmente tirá-lo do porão – e por que ela estava esperando com uma paciência tão peculiar que ele dissesse alguma coisa a respeito. Mas não conseguia reunir a coragem necessária. Então, afastava esse assunto da mente e retornava à questão de Caribde. Pelo menos podia pensar nisso sem se sentir perdido, sem que o coração disparasse.

Pensava frequentemente, por exemplo, na noite depois de sua última ida ao instituto. Como havia prometido, Mellery tinha ligado para ele e contado a conversa que tivera com Gregory Dermott, da GD Sistemas de Segurança. Dermott fora solícito a ponto de responder a todas as perguntas – as que Gurney havia anotado –, mas as informações propriamente ditas não resultaram em grande coisa. O sujeito alugava a caixa postal havia cerca de um ano, desde que tinha transferido sua empresa de consultoria de Hartford para Wycherly; nunca houvera nenhum problema antes, certamente nenhuma carta com endereço errado ou cheques; ele era a única pessoa com acesso à caixa; os nomes Arybdis, Caribde e Mellery não significavam nada para ele; nunca tinha ouvido falar no instituto. Pressionado para dizer se mais alguém em sua empresa poderia estar usando a caixa sem autorização, Dermott explicou que era impossível, porque não *existia* mais ninguém na empresa. A GD Sistemas de Segurança e Gregory Dermott eram a mesma coisa. Ele era um consultor de segurança para empresas com bancos de dados importantes que exigiam proteção contra hackers. Nada que ele disse lançou qualquer luz sobre a questão do cheque devolvido.

As buscas na internet feitas por Gurney também não deram em nada. As fontes concordavam nos pontos principais: Gregory Dermott tinha diploma em ciências do M.I.T., uma sólida reputação como especialista em informática e uma lista de clientes de alto nível. Nem ele nem a GD Sistemas de Segurança estavam ligados a qualquer processo judicial, julgamento, penhora ou matérias negativas na imprensa, no passado ou no presente. Resumindo, ele era uma presença absolutamente limpa num campo absolutamente limpo. No entanto, por algum motivo ainda indecifrável, alguém tinha se apropriado do número de sua caixa postal. Gurney ficava se fazendo a mesma pergunta atordoante: *Por que exigir que um cheque fosse mandado para alguém que quase certamente iria devolvê-lo?*

Deprimia-o ficar pensando nisso, ficar andando naquele beco sem saída, como se na décima vez fosse encontrar algo que não estava ali na nona. Mas era melhor do que pensar em Danny.

A primeira neve significativa da estação caiu na noite da primeira sexta-feira de novembro. Começou com poucos flocos pairando aqui e ali no crepúsculo e aumentou nas duas horas seguintes, diminuindo posteriormente até parar por volta da meia-noite.

Enquanto Gurney voltava à vida com o café da manhã de sábado, o disco pálido do sol se esgueirou por cima de uma montanha coberta de árvores a um quilômetro e meio a leste. Durante a noite não havia ventado e tudo lá fora, desde o pátio até o teto do celeiro, estava coberto por pelo menos sete centímetros de neve.

Ele não tinha dormido bem. Ficara preso durante horas num círculo interminável de preocupações conectadas entre si. Algumas, dissolvendo-se agora à luz do dia, envolviam Sonya. No último minuto ele havia adiado o encontro depois do horário do trabalho. A incerteza do que poderia acontecer – sua incerteza quanto ao que *desejava* que acontecesse – o fez cancelar.

Sentou-se, como havia feito durante toda a semana, de costas para a extremidade do cômodo, onde, sobre a mesinha de centro, estava a caixa amarrada com fita contendo os desenhos de Danny. Bebericou o café e olhou para o pasto coberto de branco.

A visão da neve sempre lhe trazia à mente o cheiro da neve. Num impulso, foi até a porta dupla de vidro e a abriu. O frio cortante tocou uma cadeia de lembranças – barrancos de neve feitos com pás indo até a altura do peito ao longo das estradas, sua mão rosada e dolorida de fazer bolas de neve, pedaços de gelo presos nas mangas do casaco, galhos de árvores se arqueando até o chão, guirlandas de Natal nas portas, ruas vazias, claridade para onde quer que olhasse.

O passado era curioso – o modo como ficava à espera, em silêncio, invisível, quase como se não estivesse lá. Você podia se sentir tentado a achar que ele tinha ido embora, que não existia mais. Então, como um faisão obrigado a sair do esconderijo, subia numa explosão de som, cor, movimento – vivo a ponto de ser chocante.

Queria cercar-se com o cheiro da neve. Tirou o casaco do gancho perto da porta, vestiu-o e saiu. A neve era funda demais para os sapatos comuns que estava usando, mas não queria trocá-los agora. Foi na direção do laguinho fechando os olhos, inalando profundamente. Tinha andado menos de cem metros quando ouviu a porta da cozinha se abrir e a voz de Madeleine chamar:

– David, volte!

Ele se virou e viu-a na metade da porta, com uma expressão alarmada. Começou a voltar.

– O que foi?

– Depressa! – disse ela. – Está no rádio. Mark Mellery morreu!

– O quê?

– Mark Mellery. Ele morreu, acabou de dar no rádio. Foi assassinado! – Ela voltou para dentro.

– Meu Deus – disse Gurney, sentindo um aperto no peito. Correu os últimos metros até a casa, entrando na cozinha sem tirar os sapatos cobertos de neve. – Quando isso aconteceu?

– Não sei. Hoje cedo, ontem à noite, não sei. Não disseram.

O rádio ainda estava ligado, mas o locutor havia passado para outra notícia, algo sobre a falência de uma empresa.

– Como foi?

– Não disseram. Só que parece ser homicídio.

– Alguma outra informação?

– Não. Sim. Algo sobre o instituto, onde ele morreu. O Instituto Mellery de Renovação Espiritual, em Peony, Nova York. Disseram que a polícia está lá.

– Só isso?

– Acho que sim. Que horror!

Ele assentiu devagar, a mente disparando.

– O que você vai fazer? – perguntou ela.

Uma rápida revisão mental das opções eliminou todas, menos uma.

– Informar o policial encarregado do caso sobre minha ligação com Mellery. O que acontecer depois disso fica por conta dele.

Madeleine respirou fundo e pareceu que estava tentando dar um sorriso corajoso, mas não chegou nem perto de obter sucesso.

Segunda parte

Jogos

macabros

Um monte de sangue

Eram exatamente dez da manhã quando Gurney telefonou para a delegacia de Peony para dar seu nome, endereço, número de telefone e um breve resumo do envolvimento com a vítima. O policial com quem falou, o sargento Burkholtz, disse que a informação seria repassada para a equipe do Bureau de Investigação Criminal (BIC) da polícia estadual, que havia assumido o controle do caso.

Presumindo que poderia ser contatado nas próximas 24 ou 48 horas, ficou pasmo quando a ligação veio em menos de dez minutos. A voz era familiar, mas não a identificou imediatamente, problema prolongado pela apresentação que o homem fez, sem dizer o nome.

– Sr. Gurney, aqui é o investigador-chefe no local do crime, em Peony. Soube que o senhor tem informações para nós.

Gurney hesitou. Já ia pedir que o policial se identificasse – um procedimento normal – quando o timbre da voz gerou subitamente uma lembrança do rosto e do nome que o acompanhavam. O Jack Hardwick que ele recordava de um caso sensacional em que haviam trabalhado juntos era um sujeito espalhafatoso, obscuro, de rosto vermelho, com cabelo à escovinha prematuramente branco e olhos claros como os de um husky siberiano. Era um brincalhão incorrigível e meia hora com ele podia parecer meio dia – um dia que você ficava desejando que terminasse logo. Mas também era inteligente, durão, incansável e politicamente incorreto até não poder mais.

– Olá, Jack – disse Gurney, escondendo a surpresa.

– Como foi que você... porra! Alguém contou, porra! Quem contou?

– Você tem uma voz memorável, Jack.

– Voz memorável é o caralho! Já faz dez anos, porra!

– Nove.

A prisão de Peter Possum Piggert fora uma das mais importantes na carreira de Gurney, a que garantira sua promoção para o sonhado posto de detetive de primeira classe, e era uma data que ele recordava.

– Quem contou?

– Ninguém.

– Mentira!

Gurney ficou em silêncio, lembrando-se da tendência de Hardwick para querer dar sempre a última palavra e da conversa idiota que continuaria indefinidamente até que ele conseguisse

o que queria.

Depois de três longos segundos, Hardwick prosseguiu num tom menos combativo:

– Nove anos, caralho. E de repente você aparece do nada, bem no meio do que pode ser o caso de assassinato mais sensacional do estado de Nova York desde que você pescou a metade de baixo da Sra. Piggert no rio. É uma tremenda coincidência.

– Na verdade foi a metade de cima, Jack.

Depois de um curto silêncio, o telefone explodiu com a gargalhada longa e espalhafatosa que era marca registrada de Hardwick.

– Ah! – exclamou ele, sem fôlego no fim do riso. – Davey, Davey, Davey, sempre atento aos detalhes.

Gurney pigarreou.

– Pode dizer como Mark Mellery morreu?

Hardwick hesitou, preso no incômodo espaço entre o relacionamento e o regulamento em que os policiais passavam a maior parte da vida e no qual adquiriam a maioria das úlceras. Optou pela verdade, não porque fosse necessária (Gurney não tinha posição oficial no caso nem direito a nenhuma informação), mas porque era chocante.

– Alguém cortou a garganta dele com uma garrafa quebrada.

Gurney soltou um grunhido como se tivesse levado um soco no estômago. Mas essa reação inicial foi substituída rapidamente por outra mais profissional. A resposta de Hardwick havia colocado no lugar uma das peças soltas do quebra-cabeça mental de Gurney.

– Por acaso era uma garrafa de uísque?

– Como diabos você sabia? – Em quatro palavras o tom de Hardwick tinha passado do espanto para a acusação.

– É uma longa história. Quer que eu dê um pulo aí?

– Acho bom.

O sol, que naquela manhã era visível como um disco frio atrás de uma fina camada cinza de nuvens de inverno, agora estava totalmente obscurecido por um céu pesado, cor de chumbo. A luz sem sombra parecia cheia de mau agouro – o rosto de um universo frio, insensível como gelo.

Achando que essa corrente de pensamento era embaraçosamente fantasiosa, Gurney colocou-a de lado enquanto parava o carro atrás da fila de veículos da polícia estacionados de qualquer jeito na estrada coberta de neve diante do Instituto Mellery de Renovação Espiritual. A maioria tinha a insígnia azul e amarela da Polícia do Estado de Nova York, inclusive um furgão do laboratório de perícia regional. Havia dois carros brancos do departamento do xerife e duas viaturas azuis da polícia de Peony. Na mesma hora se lembrou do tom de Mellery falando sobre a “polícia de Peony”, assim como da expressão dele.

Os canteiros de flores, espremidos entre os carros e o muro de pedras, tinham sido reduzidos pelo frio a massas emaranhadas de hastes marrons sustentando estranhos botões de

neve que pareciam bolas de algodão. Ele saiu do carro e andou até a entrada. Um patrulheiro com uniforme impecável e uma carranca paramilitar estava junto ao portão aberto. Provavelmente era um ou dois anos mais novo do que seu filho, observou Gurney com uma sensação estranha.

– Em que posso ajudar, senhor?

As palavras eram educadas, mas o olhar não.

– Meu nome é Gurney. Vim falar com Jack Hardwick.

O rapaz piscou duas vezes, uma vez ao som de cada nome. Sua expressão sugeria que pelo menos um deles estava lhe causando azia.

– Espere um minuto – disse, tirando um walkie-talkie do cinto. – O senhor precisa ser acompanhado.

Três minutos depois chegou o acompanhante – um agente do Bureau de Investigação Criminal que pelo jeito tentava se parecer com Tom Cruise. Apesar do frio, usava apenas um casaco leve, preto, por cima de uma camiseta preta e jeans. Conhecendo a rigidez do código de vestimenta da polícia estadual, Gurney achou que uma roupa tão informal significava que ele fora chamado num dia de folga ou viera diretamente de uma atividade sob disfarce. A borda de uma Glock nove milímetros num coldre de ombro preto e fosco, visível sob o casaco, era tanto uma declaração de atitude quanto uma ferramenta de trabalho.

– Detetive Gurney?

– Aposentado – respondeu Gurney, como se acrescentasse um asterisco.

– É? – respondeu Tom Cruise, sem interesse. – Isso deve ser bom. Siga-me.

Enquanto Gurney seguia o investigador pelo caminho ao redor do prédio principal em direção à residência que ficava atrás, ficou pasmo com a diferença que sete centímetros de neve tinham causado à aparência do lugar, criando uma tela simplificada, despida de detalhes irrelevantes. Entrar no minimalismo da paisagem branca era como pisar num planeta recém-criado – um pensamento que contrastava de modo absurdo com a realidade suja do momento. Rodearam a antiga casa georgiana onde Mellery havia morado e pararam perto do pátio coberto de neve onde ele tinha morrido.

O local da morte era óbvio. A neve ainda tinha a impressão de um corpo e, espalhada em volta da área da cabeça e dos ombros dessa impressão, havia uma enorme mancha de sangue. Gurney já vira antes aquele contraste chocante entre vermelho e branco. A memória indelével era de uma manhã de Natal em seu primeiro ano no serviço. Um policial alcoólatra que fora trancado do lado de fora de casa pela mulher dera um tiro no próprio coração, sentado num monte de neve.

Gurney expulsou a antiga imagem da mente e concentrou o aguçado olhar profissional na cena à frente.

Um especialista em impressões estava ajoelhado perto de uma fileira de pegadas na neve junto à mancha de sangue principal, borrifando-as com um líquido. De onde estava, Gurney não podia ver o rótulo da lata, mas achou que seria cera para impressões na neve, um produto

químico usado para estabilizar as impressões o suficiente para a aplicação de um composto de moldagem dentária. As impressões na neve eram extraordinariamente frágeis, mas quando tratadas com cuidado forneciam um nível de detalhamento extraordinário. Apesar de ter testemunhado o processo muitas vezes, não pôde deixar de admirar a mão firme e a concentração intensa do especialista.

Uma fita amarela da polícia tinha sido esticada num polígono irregular em volta da maior parte do pátio, incluindo a porta dos fundos da casa. Corredores com o mesmo tipo de fita tinham sido estabelecidos em lados opostos do pátio – para isolar e preservar as rotas de chegada e saída de um nítido conjunto de pegadas que vinham da direção do grande celeiro ao lado da casa, seguiam até a área da mancha de sangue e depois se afastavam do pátio pelo gramado coberto de neve em direção à floresta.

A porta dos fundos da casa estava aberta. Um membro da equipe de perícia estava parado junto à porta, examinando o pátio pela perspectiva da casa. Gurney sabia exatamente o que o sujeito estava fazendo. Quando você estava numa cena de crime, tendia a passar muito tempo simplesmente tentando absorver a sensação geral – com frequência tentando vê-la como a vítima tinha visto em seus momentos finais. Existiam regras claras, bem compreendidas, para localizar e coletar provas – sangue, armas, digitais, pegadas, fios de cabelo, fibras, lascas de tinta, material mineral ou vegetal que não pertencesse ao lugar e assim por diante –, mas também havia um problema fundamental de foco. Simplificando, era preciso permanecer com a mente aberta com relação ao que havia acontecido, exatamente onde e como havia acontecido, porque se tirasse conclusões precipitadas seria fácil deixar escapar provas que não se encaixavam em sua visão da situação. Ao mesmo tempo, você precisava começar a desenvolver pelo menos uma hipótese vaga, que guiaria a busca de provas. É possível cometer erros dolorosos tendo certeza rápido demais com relação ao roteiro aparente do crime, mas você também pode desperdiçar um bocado de tempo e trabalho preciosos passando um pente fino num quilômetro quadrado de terreno procurando Deus sabe o quê.

O que os bons detetives fazem – o que Gurney sabia que o sujeito junto à porta estava fazendo – é uma espécie de salto inconsciente, para trás e para a frente, entre o pensamento indutivo e o dedutivo. O que vejo aqui e que sequência de eventos esses dados sugerem? E, se a hipótese é válida, que provas adicionais eu deveria estar vendo e onde deveria procurá-las?

A chave para o processo, como Gurney havia se convencido depois de muitas tentativas e muitos erros, era manter o equilíbrio entre observação e intuição. O maior perigo era o ego. Um chefe de investigação que fica indeciso com a possível explicação para os dados numa cena de crime pode perder tempo ao deixar de concentrar os esforços da equipe numa direção específica, mas o cara que, ao primeiro olhar, sabe e anuncia agressivamente o que aconteceu naquela sala suja de sangue, colocando todo mundo para provar que ele está certo, pode acabar causando problemas sérios – e o menor deles é o tempo desperdiçado.

Gurney se perguntou que abordagem poderia estar prevalecendo no momento.

Fora da barreira de fita amarela, do lado oposto à mancha de sangue, Jack Hardwick dava

instruções a dois rapazes de aparência séria: um deles era o aspirante a Tom Cruise que tinha levado Gurney até ali e o outro parecia ser seu irmão gêmeo. Os nove anos decorridos desde que haviam trabalhado juntos no infame caso Piggert pareciam ter sido acrescentados em dobro à idade de Hardwick. O rosto dele estava mais vermelho e mais achatado, o cabelo mais ralo e a voz desenvolvera o tipo de aspereza causado pelo excesso de fumo e tequila.

– Há vinte hóspedes – disse Hardwick, dirigindo-se aos dublês de *Top Gun*. – Cada um de vocês fica com nove deles. Peguem declarações preliminares, nomes, endereços, números de telefone. Chequem tudo. Deixem Patty Cakes e o quiroprático comigo. Também vou conversar com a viúva. Voltem a falar comigo às quatro horas.

Mais comentários foram trocados em vozes baixas demais para Gurney ouvir, pontuados pelo riso rascante de Hardwick. O rapaz que havia escoltado Gurney disse uma última palavra, inclinando a cabeça significativamente na direção dele. Depois os dois agentes partiram para o prédio principal.

Assim que ficaram fora de vista, Hardwick se virou e cumprimentou Gurney com algo entre um sorriso e uma careta. Seus estranhos olhos azuis, que já haviam sido luminosamente céticos, pareciam fragilizados por um cinismo cansado.

– Vejam só se não é o Professor Dave! – disse com a voz rouca, andando ao redor da área cercada em direção a Gurney.

– Apenas um humilde instrutor – corrigiu Gurney, imaginando o que mais Hardwick havia se dado ao trabalho de levantar sobre seu período pós-Departamento de Polícia de Nova York, em que ensinara criminologia na universidade estadual.

– Não venha com essa merda de humildade. Você é um astro, meu garoto, e sabe disso.

Os dois trocaram um aperto de mãos pouco caloroso. Gurney percebeu que a atitude espalhafatosa do velho Hardwick havia se coalhado até virar uma coisa tóxica.

– Não há muita dúvida quanto ao local da morte – disse Gurney, assentindo na direção da mancha de sangue. Estava ansioso para ir ao ponto, colocar Hardwick a par do que sabia e ir embora dali.

– Há dúvida quanto a tudo – proclamou Hardwick. – Morte e dúvida são as únicas certezas na vida. – Como não obteve resposta, foi em frente: – Admito que pode haver menos dúvida em relação ao local da morte do que a algumas outras coisas. Este é um tremendo antro de malucos. As pessoas aqui falam da vítima como se ele fosse aquele tal de Deupau e Chupa, da TV.

– Quer dizer Deepak Chopra?

– É, Deupaca ou sei lá o quê. Meu Deus, dá um tempo!

Apesar da reação desconfortável que crescia dentro dele, Gurney não disse nada.

– Que diabos as pessoas vêm fazer em lugares assim? Escutar um babaca da Nova Era com um papo de Rolls-Royce sobre o sentido da vida? – Hardwick balançou a cabeça diante da idiotice de seus companheiros humanos, franzindo a testa o tempo todo na direção dos fundos da casa, como se a arquitetura do século XVIII tivesse grande parte da culpa.

A irritação suplantou a reticência de Gurney.

– Pelo que sei – disse finalmente –, a vítima não era um babaca.

– Eu não disse que era.

– Achei que tinha dito.

– Eu estava fazendo uma observação genérica. Tenho certeza de que seu coleguinha era uma exceção.

O comentário maldoso de Hardwick irritou Gurney.

– Ele não era meu coleguinha.

– Tive a impressão, pelo recado que você deixou com a polícia de Peony e que me foi gentilmente repassado, que o relacionamento de vocês era bem antigo.

– Eu o conheci na faculdade e não tive nenhum contato com ele durante 25 anos, até que recebi um e-mail dele há duas semanas.

– Falando de quê?

– De umas cartas que ele recebeu. Ele estava preocupado.

– Que tipo de cartas?

– Na maior parte eram poemas. Poemas que pareciam ameaças.

Isso fez Hardwick parar e pensar antes de ir em frente.

– O que ele queria de você?

– Conselho.

– Que conselho você lhe deu?

– Eu disse que ele deveria procurar a polícia.

– Imagino que ele não tenha feito isso.

O sarcasmo aborreceu Gurney, mas ele controlou a irritação.

– Houve outro poema – disse Hardwick.

– Como assim?

– Um poema numa folha de papel em cima do corpo, com uma pedra para fazer peso. Tudo muito bem-arrumado.

– Ele é muito preciso. Perfeccionista.

– Quem?

– O assassino. Possivelmente muito perturbado, definitivamente perfeccionista.

Hardwick olhou para Gurney com interesse. A atitude zombeteira havia sumido, pelo menos por ora.

– Antes de continuarmos, preciso que você me diga como sabia sobre a garrafa quebrada.

– Foi só uma suposição.

– Só uma suposição de que era uma garrafa de uísque?

– Uísque Four Roses, quatro rosas, especificamente – disse Gurney, sorrindo com satisfação ao ver os olhos de Hardwick se arregalando.

– Explique como sabe disso.

– Foi meio um chute, baseado em referências que havia nos poemas. Você vai entender

quando tiver lido. – Reagindo à pergunta que se formava no rosto do outro, acrescentou: – Você encontrará os poemas, junto com duas outras mensagens, na gaveta da mesa do escritório, na casa dele. Pelo menos foi o último lugar em que vi Mellery guardá-los. É a sala com a lareira grande, que dá no hall central.

Hardwick continuou olhando para ele como se isso resolvesse alguma questão importante.

– Venha comigo – disse por fim. – Quero mostrar uma coisa.

Ele foi andando, num silêncio pouco característico, até o estacionamento situado entre o celeiro e a estrada, e parou onde ele se ligava ao caminho circular e onde um corredor de fita amarela da polícia começava.

– Este é o lugar mais próximo da estrada onde podemos distinguir claramente as pegadas que acreditamos ser do assassino. A estrada e o caminho foram limpos depois que a neve parou, por volta das duas da manhã. Não sabemos se o assassino entrou na propriedade antes ou depois da limpeza. Se foi antes, quaisquer marcas na estrada do lado de fora ou no caminho foram apagadas pelo limpador. Se foi depois, nenhuma pegada seria feita, para começar. Mas a partir deste ponto, indo pelos fundos do celeiro até o pátio e passando pela área aberta que dá na floresta até um bosque de pinheiros perto da Thornbush Lane, as marcas são perfeitamente nítidas e fáceis de seguir.

– Não foi feito nenhum esforço para escondê-las?

– Não – respondeu Hardwick, parecendo incomodado. – Absolutamente nenhum. A não ser que eu esteja deixando passar alguma coisa.

Gurney olhou para ele com curiosidade.

– Qual é o problema?

– Vou deixar que você mesmo veja.

Andaram pelo corredor de fita amarela, seguindo as marcas até o outro lado do celeiro. As pegadas, gravadas fundo na camada de sete centímetros de neve, eram de botas de caminhada grandes (Gurney avaliou que seriam tamanho 44 ou 45, bico largo). A pessoa que passara por ali durante a madrugada não se preocupara com que sua rota fosse notada mais tarde.

Ao darem a volta nos fundos do celeiro, Gurney viu que uma área larga havia sido isolada. Um fotógrafo da polícia estava registrando tudo com uma câmera de alta resolução enquanto um perito, de macacão branco e touca nos cabelos, esperava sua vez com um kit de coleta de provas. Cada imagem era registrada pelo menos duas vezes, com e sem uma régua enquadrada para estabelecer a escala, e os objetos eram fotografados com várias distâncias focais – grande para estabelecer a posição relativa a outros objetos, normal para apresentar o objeto em si e em close para capturar os detalhes.

O centro da atenção deles era uma frágil cadeira dobrável de jardim, do tipo que pode ser encontrado em lojas populares. As pegadas levavam diretamente à cadeira. Diante dela, esmagadas na neve, havia meia dúzia de guimbas de cigarro. Gurney se agachou para olhar mais de perto e viu que eram da marca Marlboro. Em seguida as pegadas continuavam a partir da cadeira, passando ao redor de um agrupamento de rododendros em direção ao pátio onde o

assassinato aparentemente havia acontecido.

– Meu Deus – disse Gurney. – Ele simplesmente ficou ali sentado, fumando?

– É. Relaxando um pouco antes de cortar a garganta da vítima. Pelo menos é o que parece. Presumo que sua sobancelha levantada seja um modo de perguntar de onde veio essa cadeirinha vagabunda. Também foi o que perguntei.

– E...?

– A mulher da vítima disse que nunca a tinha visto. Pareceu consternada com a péssima qualidade dela.

– Quê? – Gurney brandiu a palavra como se fosse um chicote. Os comentários desdenhosos de Hardwick pareciam giz raspando um quadro-negro.

– Só para aliviar um pouco a tensão. – Ele deu de ombros. – Não podemos deixar que uma garganta cortada acabe com nosso dia. Mas, sério, provavelmente foi a primeira vez, em sua vida chique, que Caddy Smythe-Westerfield Mellery chegou tão perto de uma cadeira barata como essa.

Gurney sabia tudo sobre o humor policial e como ele era necessário para enfrentar os horrores rotineiros do serviço, mas havia ocasiões em que lhe dava nos nervos.

– Está dizendo que o assassino trouxe sua própria cadeira?

– É o que parece – respondeu Hardwick fazendo uma careta diante do absurdo.

– E depois que terminou de fumar... sei lá, meia dúzia de cigarros... foi até a porta dos fundos da casa, fez com que Mellery saísse para o pátio e cortou a garganta dele com uma garrafa quebrada? Essa é a reconstituição dos fatos até agora?

Hardwick assentiu com relutância, como se começasse a perceber que a hipótese do crime sugerida pelas provas parecia meio absurda. E só ficava pior.

– Na verdade – disse ele –, “cortou a garganta” é um eufemismo. A vítima foi golpeada na garganta pelo menos 12 vezes. Quando os assistentes do legista estavam transferindo o corpo para o furgão, a fim de levá-lo até o local da autópsia, a porra da cabeça quase caiu.

Gurney olhou na direção do pátio e, apesar de o local estar totalmente escondido pelos rododendros, a imagem da enorme mancha de sangue voltou à sua mente cheia de cor e intensidade, como se ele a estivesse vendo sob a luz de holofotes.

Hardwick observou-o um tempo, mordendo o lábio pensativamente.

– Na verdade, essa não é a parte mais estranha – falou, por fim. – A parte realmente estranha vem mais tarde, quando a gente segue as pegadas.

Pegadas para lugar nenhum

Hardwick levou Gurney dos fundos do celeiro, passando perto das cercas vivas e pelo pátio, até onde as pegadas do suposto assassino deixavam o local do ataque e seguiam pelo gramado coberto de neve que se estendia da parte de trás da casa até o limite da floresta de bordos, a muitos metros dali.

Não muito longe do pátio, enquanto seguiam as pegadas na direção da floresta, encontraram outro perito recolhendo provas, vestido com o macacão de plástico hermético, a touca cirúrgica e a máscara que eram característicos da profissão – destinados a impedir que amostras de DNA ou outras provas fossem contaminadas pela pessoa que as coletava.

Estava agachado a uns três metros das pegadas, tirando da neve com uma pinça de aço inoxidável o que parecia ser um caco de vidro marrom. Já havia recolhido três outros fragmentos semelhantes e um pedaço de uma garrafa de uísque suficientemente grande para ser reconhecido como tal.

– A arma do crime, provavelmente – disse Hardwick. – Mas você, ás dos detetives, já sabia. Sabia até que a marca era Four Roses.

– O que ela está fazendo no gramado? – perguntou Gurney, ignorando a alfinetada de Hardwick.

– Meu Deus, achei que você teria deduzido isso também. Se você já sabia a porra da marca...

Gurney esperou com impaciência, como se aguardasse que um programa de computador lento finalmente abrisse, a resposta de Hardwick:

– Parece que ele a carregou e largou aqui, longe do corpo, a caminho da floresta. Por que fez isso? Excelente pergunta. Talvez não tivesse percebido que ainda estava com a garrafa na mão. Quero dizer, ele simplesmente cravou o vidro na vítima uma dúzia de vezes. Isso pode ter absorvido sua atenção. Então, enquanto andava pelo gramado, o sujeito notou que ainda estava com a garrafa e jogou-a fora. Pelo menos isso faz algum sentido.

Gurney confirmou com a cabeça, não totalmente convencido, mas incapaz de dar uma explicação melhor.

– Essa é a parte “realmente estranha” que você mencionou?

– Isso? – Hardwick deu uma gargalhada que mais parecia um latido. – Você ainda não viu nada.

Dez minutos e oitocentos metros depois, os dois chegaram a um ponto da floresta de bordos

perto de um pequeno bosque de pinheiros brancos. O som de um carro passando indicou que estavam próximos de uma estrada, mas qualquer visão dela era bloqueada pelos galhos baixos dos pinheiros.

A princípio ele não entendeu por que Hardwick o levara até ali. Então se deu conta – e começou a examinar o terreno com perplexidade crescente. O que via não fazia sentido. A clara progressão das pegadas na neve, uma depois da outra, seguindo por oitocentos metros ou mais, simplesmente acabava. Não havia nenhum sinal do que acontecera ao indivíduo que as tinha deixado. A neve ao redor estava impecável, intocada por um pé humano ou por qualquer outra coisa. A trilha de pegadas terminava a uns três metros da árvore mais próxima e, se o som daquele veículo passando servisse de indicação, a pelo menos cem metros da estrada mais próxima.

– Estou deixando escapar algum detalhe?

– Você não é o único – respondeu Hardwick, parecendo aliviado por Gurney não dar uma explicação simples que ele e sua equipe tivessem deixado passar.

Gurney examinou com mais cuidado o chão em volta da última pegada. Logo depois daquela impressão bem definida, havia uma pequena área com várias pegadas sobrepostas, todas parecendo ter sido feitas pelo mesmo par de botas de caminhada que criara a trilha nítida que eles tinham seguido. Era como se o assassino tivesse andado objetivamente até esse lugar, parado ali, mudando o peso do corpo de um pé para o outro durante alguns minutos, talvez esperando alguém ou alguma coisa, e então... evaporado.

A possibilidade lunática de que Hardwick estivesse pregando uma peça nele passou por sua mente, mas Gurney descartou-a. Adulterar uma importante cena de crime para se divertir seria ir longe demais até mesmo para alguém desrespeitoso como Hardwick.

Portanto, o que eles estavam olhando era o que era.

– Se os jornais sensacionalistas descobrirem isso, vão transformar o caso numa abdução alienígena – disse Hardwick, como se as palavras tivessem gosto de metal em sua boca. – Os repórteres vão agir como moscas num barril de bosta.

– Você tem alguma teoria mais verossímil?

– Minha esperança é a mente afiada do detetive de homicídios mais reverenciado da história do Departamento de Polícia de Nova York.

– Deixa de babaquice. A perícia descobriu alguma coisa?

– Nada que faça sentido. Mas eles pegaram amostras da neve naquele lugar pisoteado onde ele teria parado. Não parece haver nenhum material estranho ali, mas talvez os técnicos do laboratório descubram algo. Também verificaram as árvores e a estrada atrás daqueles pinheiros. Amanhã vão cercar tudo num raio de trinta metros e olhar mais de perto.

– Mas até agora não conseguiram nada?

– Não.

– Então o que resta? Perguntar a todos os hóspedes do instituto e aos vizinhos se alguém viu um helicóptero baixando uma corda para o meio da floresta?

– Ninguém viu.

– Vocês perguntaram?

– Eu me senti um idiota, mas sim. O fato é que alguém veio até aqui hoje de madrugada, quase certamente o assassino. Parou bem aqui. Se um helicóptero ou o maior guindaste do mundo não o tirou, onde é que ele está, porra?

– Então – começou Gurney –, nada de helicópteros, nem cordas, nem túneis secretos...

– Certo – interrompeu Hardwick. – E nenhuma evidência de que ele tenha ido embora usando um pula-pula.

– E isso nos deixa com o quê?

– Nada, chongas, bulhufas. Nenhuma possibilidade real. E não me diga que depois que o assassino chegou aqui voltou todo o caminho andando ao contrário perfeitamente, sem estragar nenhuma pegada, só para enlouquecer a gente. – Hardwick olhou desafiadoramente para Gurney, como se ele fosse propor isso. – Mesmo que fosse possível, e não é, o assassino teria trombado com as duas pessoas que estavam no local do crime nessa hora: Caddy, a esposa, e Patty, o gângster.

– Então é tudo impossível – disse Gurney em tom tranquilo.

– O que é impossível? – reagiu Hardwick, pronto para uma briga.

– Tudo – respondeu Gurney.

– Que diabos você está falando?

– Calma, Jack. Temos de encontrar um ponto de partida que faça sentido. O que parece ter acontecido não pode ter acontecido. Portanto, o que parece ter acontecido *não* aconteceu.

– Está dizendo que isso aí não são pegadas?

– Estou dizendo que há alguma coisa errada no modo como olhamos para elas.

– Isso é ou não é uma pegada? – perguntou Hardwick, exasperado.

– Para mim se parece muito com uma pegada – respondeu Gurney, afável.

– Então o que você está dizendo?

Gurney suspirou.

– Não sei, Jack. Só tenho a sensação de que estamos fazendo as perguntas erradas.

A suavidade de seu tom tirou a tensão da atitude de Hardwick. Nenhum dos dois olhou para o outro nem disse nada durante vários segundos. De repente, Hardwick levantou a cabeça como se tivesse se lembrado de alguma coisa.

– Quase me esqueci de mostrar a cereja do bolo. – Ele enfiou a mão no bolso lateral da jaqueta de couro e pegou um envelope de coleta de provas.

Através do plástico transparente, numa folha de papel de carta branca, Gurney pôde ver a letra benfeita, em tinta vermelha.

– Não tire – disse Hardwick. – Só leia.

Gurney leu. Depois leu de novo. E uma terceira vez, memorizando.

Por cima da neve corri.

*Procure no raso e no fundo.
Indague como sumi.
Você, escória do mundo,
É testemunha do meu nascimento:
A vingança outra vez brotou
Para as crianças que lamentam,
Para todos que você abandonou.*

– Esse é o nosso garoto – disse Gurney, devolvendo o envelope. – Tema: vingança, oito versos, métrica coerente, vocabulário de elite, pontuação perfeita, letra delicada. Como todos os outros – até certo ponto.

– Até certo ponto?

– Há um novo elemento neste: uma indicação de que o assassino odeia outra pessoa além da vítima.

Hardwick olhou o bilhete, franzindo a testa diante da sugestão de que tinha deixado passar algo significativo.

– Quem?

– Você – disse Gurney, sorrindo pela primeira vez naquele dia.

Escória do mundo

Era injusto, claro, um pouco de licença poética, dizer que o assassino tinha mirado tanto em Mark Mellery quanto em Jack Hardwick. O que Gurney queria dizer, explicou enquanto voltavam dos rastros interrompidos na floresta para o local do crime, era que o assassino parecia estar dirigindo parte de sua hostilidade à polícia que investigaria o caso. Longe de perturbar Hardwick, o desafio implícito o energizou. O brilho combativo em seu olhar gritava: “Traga esse escroto!”

Gurney perguntou se ele se lembrava do caso de Jason Strunk.

– Por que deveria?

– Ele ficou conhecido como Papai Noel Satânico. Também ganhou de um desses gênios da mídia o apelido de Noel Canibal.

– Ah, sim, lembrei. Mas ele não era de fato um canibal. Só mastigou os dedos dos pés das vítimas.

– Certo, mas não foi só isso, foi?

Hardwick fez uma careta.

– Tenho uma vaga lembrança de que, depois de arrancar os dedos dos pés a dentadas, ele cortou os corpos com uma serra de fita, lacrou os pedaços em sacos plásticos, muito bem-arrumados, colocou em caixas de presente de Natal e enviou pelo correio. Foi como se livrou deles. Sem problemas para enterrar.

– Por acaso você lembra para onde ele mandou?

– Isso foi há vinte anos. Eu nem estava no serviço na época. Li nos jornais.

– Para a casa de detetives de homicídios das delegacias de onde as vítimas moravam.

– Para a casa? – Hardwick lançou um olhar pasmo para Gurney. Assassinato, canibalismo moderado e esquartejamento com uma serra de fita podiam ser perdoáveis, mas não esse detalhe final.

– Ele odiava policiais – continuou Gurney. – Adorava incomodá-los.

– Imagino que receber um pé pelo correio deva ser bem incômodo.

– Especialmente quando sua mulher abre a caixa.

O tom estranho atraiu a atenção de Hardwick.

– Puta que pariu. O caso era seu. Ele mandou um pedaço de corpo para você e ela abriu a caixa?

– Foi.

– Puta que pariu. Foi por isso que ela pediu o divórcio?

Gurney o olhou com curiosidade.

– Você lembra que minha primeira mulher se divorciou de mim?

– Algumas coisas eu lembro. Não tanto as que eu leio, mas, se uma pessoa me conta algo sobre a vida dela, eu nunca esqueço. Por exemplo, sei que você é filho único, que seu pai nasceu na Irlanda e odiava isso, mas nunca falava com você a esse respeito, e também que ele bebia demais.

Gurney o encarou.

– Você me contou isso quando estávamos trabalhando no caso Piggert.

Gurney não soube se estava mais perturbado por ter revelado essas pequenas curiosidades de família, por ter se esquecido de que fizera isso ou por Hardwick se lembrar delas.

Foram em direção à casa, sob a neve que parecia pó e que tinha começado a formar redemoinhos intermitentes sob um céu cada vez mais escuro. Gurney tentou afastar o frio que o envolvia e se concentrar no que estava falando.

– Voltando ao assunto – disse ele –, o último bilhete do assassino é um desafio para a polícia, e essa pode ser uma novidade significativa.

Hardwick era o tipo de homem que só voltava ao assunto quando bem queria.

– Foi por isso que ela se divorciou? Recebeu o pau de algum cara numa caixa?

Não era da conta dele, mas Gurney decidiu responder:

– Nós tínhamos um monte de outros problemas. Eu poderia lhe dar uma lista das minhas reclamações e outra, mais longa ainda, das dela. Mas acho que o essencial é que ela ficou chocada ao descobrir como é ser casada com um policial. Algumas mulheres descobrem isso lentamente. A minha teve uma revelação.

Tinham chegado ao pátio dos fundos. Dois peritos estavam analisando a neve ao redor da mancha de sangue, agora mais marrom do que vermelha, e examinando o piso que descobriam nesse processo.

– Bem, de qualquer modo – disse Hardwick, como se descartasse uma complicação desnecessária –, Strunk era um assassino em série e esse aqui não parece ser.

Gurney concordou, hesitante. É, Jason Strunk era um típico assassino em série e quem havia matado Mark Mellery não tinha esse perfil. Strunk tinha pouco ou nenhum conhecimento prévio de suas vítimas. Era seguro dizer que não tinha nada que parecesse um “relacionamento” com elas. Escolhia-as por se adequarem aos parâmetros de um certo tipo físico e por estarem disponíveis quando a pressão para agir o dominava – a coincidência entre desejo e oportunidade. No entanto, o assassino de Mellery o conhecia suficientemente bem para torturá-lo com alusões ao passado – conhecia-o suficientemente bem até mesmo para prever quais números viriam à sua mente em certas circunstâncias. Dava indicações de ter compartilhado alguma história íntima com a vítima, o que não era característico dos assassinos em série. Mais ainda, não havia relatos de crimes semelhantes recentemente, se bem que isso seria pesquisado com mais atenção.

– Não parece se tratar de um assassino em série – concordou Gurney. – Duvido que você vá encontrar polegares na sua caixa de correio, mas há algo desconcertante no modo como ele se dirige a você, o chefe da investigação, como “escória do mundo”.

Rodearam a casa até a porta da frente, para não atrapalhar os peritos que trabalhavam no pátio. Um policial uniformizado, do departamento do xerife, estava parado lá para controlar o acesso à casa. O vento era mais forte ali e ele batia os pés e as mãos enluvadas para aquecê-los. Seu desconforto óbvio torceu o sorriso com que cumprimentou Hardwick.

– Será que vai rolar um café? O que você acha?

– Não faço ideia, mas espero que sim – respondeu Hardwick, fungando alto para o nariz não escorrer. Virou-se para Gurney. – Não vou segurá-lo aqui por muito tempo. Só quero que me mostre os bilhetes que você disse que estavam no escritório e confira se estão todos lá.

Dentro da linda casa antiga com piso de nogueira, tudo estava silencioso. Mais do que nunca, o lugar recendia a dinheiro.

Um amigo da família

Um fogo pitoresco ardia na lareira de pedra e tijolos e o ar na sala era adocicado por leves notas de fumaça de cerejeira. Pálida mas controlada, Caddy Mellery dividia o sofá com um homem bem-vestido, de setenta e poucos anos.

Quando Gurney e Hardwick entraram, o homem se levantou com uma destreza surpreendente para sua idade.

– Boa tarde, senhores – disse ele. As palavras tinham um tom cortês, vagamente sulista. – Sou Carl Smale, velho amigo de Caddy.

– Sou o investigador-chefe Hardwick e este é Dave Gurney, amigo do falecido esposo da Sra. Mellery.

– Ah, sim, amigo de Mark. Caddy estava me contando.

– Lamentamos incomodá-los – disse Hardwick, olhando em volta enquanto falava. Seu olhar pousou na pequena mesa encostada na parede do lado oposto à lareira. – Precisamos ter acesso a alguns papéis, possivelmente relacionados ao crime, que temos motivo para crer que estejam naquela mesa. Sra. Mellery, desculpe incomodá-la com essas questões, mas se importa que eu dê uma olhada?

Ela fechou os olhos. Não estava claro se havia entendido a pergunta.

Smale sentou-se de novo no sofá ao lado dela, pondo a mão em seu antebraço.

– Tenho certeza de que Caddy não se opõe a isso.

Hardwick hesitou.

– O senhor está falando como... representante da Sra. Mellery?

A reação de Smale foi quase imperceptível – um ligeiro enrugamento do nariz, como a reação de uma mulher sensível a uma palavra grosseira durante um jantar social.

A viúva abriu os olhos e falou com um sorriso triste:

– Tenho certeza de que o senhor pode avaliar que este é um momento difícil. Estou contando totalmente com o Carl. Qualquer coisa que ele diga é mais sensata do que qualquer coisa que eu diria.

Hardwick insistiu:

– O Sr. Smale é seu advogado?

Ela se virou para Smale com uma benevolência que Gurney suspeitou que fosse alimentada por Valium e disse:

– Ele é meu advogado, meu representante na saúde e na doença, em tempos bons e ruins, há

mais de trinta anos. Meu Deus, Carl, isso não é apavorante?

Smale espelhou seu sorriso nostálgico, depois se dirigiu a Hardwick com uma nova rigidez no tom de voz:

– Sinta-se à vontade para examinar esta sala em busca de qualquer material que possa se relacionar à sua investigação. Naturalmente, gostaríamos de receber uma lista dos itens que o senhor deseje retirar.

A referência evidente a “esta sala” não escapou a Gurney. Smale não estava dando à polícia a isenção total de um mandado de busca. Aparentemente isso também não havia escapado a Hardwick, a julgar pelo olhar duro que ele deu ao homenzinho garboso no sofá.

– Todas as evidências que coletamos são inventariadas. – O tom de Hardwick sugeria o que não tinha sido verbalizado: “Não lhes damos uma lista das coisas que *queremos* pegar. Damos uma lista de coisas que *pegamos*.”

Smale, que obviamente tinha a capacidade de entender o que era dito nas entrelinhas, sorriu. Virou-se para Gurney e perguntou em seu sotaque lânguido:

– Diga, você é o Dave Gurney?

– Sou o único que meus pais tiveram.

– Ora, ora, ora. Um detetive lendário! É um prazer conhecê-lo.

Gurney, que inevitavelmente achava esse tipo de reconhecimento desconfortável, não disse nada.

O silêncio foi rompido por Caddy Mellery:

– Peço desculpas, mas estou com uma dor de cabeça lancinante e preciso me deitar.

– Entendo – respondeu Hardwick. – Mas preciso da sua ajuda com alguns detalhes.

Smale olhou sua cliente com preocupação.

– Isso não poderia esperar uma ou duas horas? A Sra. Mellery está obviamente sentindo dor.

– Minhas perguntas só vão demorar dois ou três minutos. Acredite, eu preferiria não me intrometer, mas qualquer atraso pode criar problemas.

– Caddy?

– Tudo bem, Carl. Agora ou mais tarde não faz diferença. – Ela fechou os olhos. – Estou ouvindo.

– Lamento fazer a senhora pensar nessas coisas – disse Hardwick. – Importa-se se eu me sentar aqui? – Ele apontou para a poltrona de encosto alto mais próxima da ponta do sofá onde Caddy estava sentada.

– Vá em frente. – Os olhos dela ainda estavam fechados.

Ele se empoleirou na beira da almofada. Interrogar uma pessoa que sofreu uma perda recente era desagradável para qualquer policial, mas Hardwick não parecia se incomodar terrivelmente com a tarefa.

– Quero repassar uma coisa que a senhora me disse hoje cedo, para garantir que entendi corretamente. A senhora falou que o telefone tocou pouco depois de uma da madrugada e que a

senhora e seu marido estavam dormindo?

– Sim.

– E a senhora sabe a hora porque...?

– Olhei o relógio. Imaginei quem poderia estar ligando àquela hora.

– E seu marido atendeu?

– Sim.

– O que ele disse?

– Disse alô, alô, alô, três ou quatro vezes. Depois desligou.

– Ele contou à senhora se a pessoa disse alguma coisa?

– Não.

– E alguns minutos depois a senhora ouviu um animal gritando na floresta?

– Guinchando.

– Guinchando?

– É.

– Que diferença a senhora faz entre “guinchando” e “gritando”?

– Gritando... – Ela parou e mordeu o lábio inferior com força.

– Sra. Mellery?

– Isso vai continuar por muito tempo? – perguntou Smale.

– Só preciso saber o que ela ouviu.

– Gritar é mais humano. Gritar é o que eu fiz quando... – Ela piscou como se quisesse tirar um cisco do olho, depois continuou: – Aquilo era algum tipo de animal. Mas não foi na floresta. Pareceu perto da casa.

– Quanto tempo esse grito... *guincho*... durou?

– Um ou dois minutos, não sei bem. Parou depois que Mark desceu.

– Ele disse o que ia fazer?

– Disse que ia ver o que era. Só isso. Ele só... – Ela parou de falar e começou a respirar fundo, lentamente.

– Sinto muito, Sra. Mellery. Isso não vai durar muito mais.

– Ele só queria ver o que era, só isso.

– A senhora ouviu mais alguma coisa?

Ela pôs a mão na boca, segurando as bochechas e o maxilar num esforço aparente para manter o controle. Manchas vermelhas e brancas apareceram sob as unhas, devido à força do aperto.

Quando falou, as palavras saíram abafadas pela mão.

– Eu estava meio adormecida, mas ouvi algo parecido com um tapa, como se alguém tivesse batido palmas. Só isso. – Ela continuou segurando o rosto como se a pressão fosse seu único conforto.

– Obrigado – disse Hardwick, levantando-se da poltrona. – Vamos tentar ser o menos invasivos possível. Por enquanto só preciso examinar aquela mesa.

Caddy Mellery levantou a cabeça e abriu os olhos. Sua mão caiu no colo, deixando marcas lívidas de dedos nas bochechas.

– Detetive – disse com uma voz frágil mas decidida –, pode pegar qualquer coisa que seja relevante, mas, por favor, respeite nossa privacidade. A imprensa é irresponsável. O legado do meu marido é de suprema importância.

Prioridades

— Se a gente se atolar nesses poemas, vai ficar correndo atrás do próprio rabo o ano inteiro – disse Hardwick. Ele articulou a palavra “poemas” como se fosse o tipo mais sujo de pântano.

As mensagens do assassino estavam arrumadas numa mesa grande no meio da sala da diretoria do instituto, ocupada pela equipe de investigação como sede local da intensiva fase inicial dos trabalhos.

Havia a primeira carta, em duas partes, em que “X. Arybdis” fazia a previsão espantosa de que o número em que Mellery pensaria seria o 658 e pedia 289,87 dólares para cobrir as despesas de sua localização. Havia os três poemas cada vez mais ameaçadores que tinham chegado em seguida pelo correio. (O terceiro era o que Mellery havia posto num pequeno saco plástico de guardar comida para preservar digitais, como dissera a Gurney.) Também arrumados em sequência estavam o cheque de 289,87 dólares devolvido, junto com o bilhete de Gregory Dermott informando que não existia nenhum “X. Arybdis” naquele endereço; o poema ditado pelo assassino ao telefone para a secretária de Mellery; uma fita cassete da conversa telefônica daquela noite entre o assassino e sua futura vítima, na qual Mellery mencionou o número 19; a carta encontrada na caixa de correio do instituto prevendo que Mellery escolheria o 19; e o último poema, encontrado junto com o cadáver. Era uma quantidade notável de provas.

– Você sabe alguma coisa sobre o saco plástico? – perguntou Hardwick. Ele parecia tão pouco entusiasmado com o plástico quanto com a poesia.

– Nesse ponto Mellery estava seriamente amedrontado. Disse que estava tentando preservar possíveis digitais.

Hardwick balançou a cabeça.

– É aquela babaquice do *CSI*. O plástico parece mais tecnológico do que o papel. Se a gente guardar provas em sacos plásticos elas apodrecem devido à umidade presa. Babacas.

Um policial uniformizado, com distintivo da polícia de Peony no quepe e uma expressão preocupada no rosto, estava parado junto à porta.

– O que é? – disse Hardwick, desafiando o visitante a lhe trazer outro problema.

– A perícia precisa de acesso. Tudo bem?

Hardwick assentiu, mas sua atenção havia retornado à coleção de ameaças poéticas espalhadas na mesa.

– Bela letra – disse, o rosto se enrugando com nojo. – O que acha, Dave? Que talvez estejamos lidando com uma freira homicida?

Meio minuto depois os peritos apareceram na sala da diretoria com seus sacos de provas, um laptop e uma impressora de códigos de barras para etiquetar todos os itens temporariamente arrumados na mesa. Hardwick pediu que cada material fosse fotocopiado antes de ir para o laboratório forense em Albany, para inspeção de digitais latentes e análise de letra, papel e tinta – com atenção especial para o bilhete deixado no corpo.

Gurney se manteve discreto, observando Hardwick trabalhar como supervisor da cena do crime. O modo como um caso podia se estender por meses, ou mesmo anos, dependia, em geral, de como o sujeito encarregado do local fazia o serviço nas primeiras horas do processo. Na opinião de Gurney, Hardwick estava fazendo um trabalho muito bom. Observou-o examinar a documentação do local feita pelo fotógrafo para garantir que todas as áreas relevantes da propriedade tivessem sido cobertas, inclusive partes fundamentais do perímetro, entradas e saídas, todas as pegadas e evidências físicas visíveis (cadeira dobrável, guimbas de cigarro, garrafa quebrada), o corpo no local e a neve encharcada de sangue ao redor. Hardwick também pediu que o fotógrafo conseguisse imagens aéreas de toda a propriedade e ao redor – o que não era um procedimento normal, mas, dadas as circunstâncias, particularmente as pegadas que levavam a lugar nenhum, fazia sentido.

Além disso, Gurney conferenciou com os dois detetives mais jovens para verificar se as entrevistas designadas antes tinham sido feitas. Reuniu-se com o perito-chefe para revisar a lista de coleta de vestígios e provas, depois mandou um dos seus detetives arranjar um cão farejador para inspecionar o local na manhã seguinte – sinal para Gurney de que o problema das pegadas permanecia vivo na mente de Hardwick. Por fim, tinha examinado o relatório de chegadas e partidas feito pelo patrulheiro que estava no portão da frente para se certificar de que nenhuma pessoa não autorizada tivesse entrado no local. Ao ver Hardwick absorver e avaliar, priorizar e direcionar, Gurney concluiu que o sujeito ainda era tão competente sob pressão quanto havia se mostrado durante a colaboração anterior. Ele podia ser um sacana estourado, mas não havia como negar que era eficiente.

Às quatro e quinze Hardwick lhe disse:

– Foi um dia longo e você nem está sendo pago. Por que não vai para casa? – Depois hesitou, como se um pensamento o tivesse emboscado, e acrescentou: – Quer dizer, nós não estamos lhe pagando. Você estava sendo pago pelos Mellery? Merda, aposto que sim. O talento de um cara famoso não sai barato.

– Não tenho licença para isso. Não poderia cobrar nem se quisesse. Além disso, trabalhar como investigador particular é a última coisa que desejo na vida.

Hardwick lançou-lhe um olhar incrédulo.

– Na verdade, acho que vou aceitar sua sugestão e encerrar o dia.

– Será que poderia dar um pulo na sede regional por volta do meio-dia de amanhã?

– Para quê?

– Duas coisas. Primeiro precisamos de uma declaração: sua história com a vítima, a parte sobre antigamente e a parte atual. Você sabe como é. Segundo, gostaria que você participasse de uma reunião, uma orientação para colocar todo mundo em sintonia. Relatórios preliminares sobre a causa da morte, entrevistas com testemunhas, sangue, pegadas, arma do crime, etc. Teorias iniciais, prioridades, próximos passos. Um cara como você poderia ser de grande ajuda para nos colocar na trilha certa, impedir o desperdício de dinheiro do contribuinte. Seria um crime não compartilhar sua genialidade de cidade grande com borra-botas como nós. Amanhã ao meio-dia. Seria bom se você levasse seu depoimento.

O sujeito precisava ser engraçadinho. Isso definia seu lugar no mundo: Hardwick, o Engraçadinho, Unidade de Crimes Hediondos, Bureau de Investigação Criminal, Polícia do Estado de Nova York. Mas Gurney sentiu que, por baixo do papo-furado, Hardwick desejava mesmo sua ajuda num caso que estava ficando cada vez mais estranho.

Gurney dirigiu durante a maior parte do caminho sem notar a paisagem. Só quando havia entrado na extremidade alta do vale depois do Armazém Abelard, em Dillweed, percebeu que as nuvens que haviam se juntado mais cedo tinham ido embora e, no lugar delas, o brilho notável do sol poente iluminava a face oeste dos morros. Os milharais cobertos de neve que ladeavam o rio sinuoso estavam banhados em uma variedade tão grande de tons pastel que seus olhos se arregalaram diante da vista. Então, com velocidade surpreendente, o sol coral desceu abaixo do cume oposto das montanhas e o brilho se extinguiu. De novo as árvores desfolhadas ficaram pretas e a neve, de um branco vazio.

Enquanto se aproximava lentamente de sua saída na estrada, um corvo à beira do caminho chamou sua atenção. O pássaro estava pousado em algo que o deixava alguns centímetros acima do nível do asfalto. Quando Gurney chegou perto, olhou com mais atenção. O corvo estava em cima de um gambá morto. Estranhamente, considerando a cautela normal dos corvos, ele não voou para longe nem demonstrou qualquer sinal de perturbação com a passagem do carro. Imóvel, tinha um ar de expectativa – dando à estranha imagem a qualidade de um sonho.

Gurney pegou sua estradinha e diminuiu a marcha para a subida lenta, sinuosa – a mente tomada pela imagem do pássaro preto, atento, parado em cima do animal morto no crepúsculo que se esvaía.

Eram pouco mais de três quilômetros – e cinco minutos – desde a bifurcação até a propriedade de Gurney. Quando chegou à estreita trilha de fazenda que ia do celeiro até a casa, a atmosfera havia ficado mais cinza e mais fria. Um fantasmagórico redemoinho de neve correu pelo pasto, quase chegando à floresta escura antes de se dissolver.

Parou mais perto de casa do que costumava, levantou a gola por causa do frio e correu para a porta dos fundos. Assim que entrou na cozinha, percebeu o som especialmente vazio que sinalizava a ausência de Madeleine. Era como se ela tivesse ao redor o leve zumbido de uma

corrente elétrica, uma energia que preenchia o espaço quando estava presente e deixava um vácuo palpável quando não estava.

Também havia outra coisa no ar: o resíduo emocional daquela manhã, a presença escura da caixa tirada do porão, a caixa que continuava na mesinha de centro, na parte sombreada da sala, com a delicada fita branca intocada.

Depois de um breve desvio no banheiro perto da despensa, foi direto ao seu escritório e verificou os recados telefônicos. Havia só um. A voz era de Sonya – acetinada, parecendo um violoncelo: “Alô, David. Tenho um cliente que está fascinado por seu trabalho. Eu disse que você estava terminando outra peça e gostaria de saber quando ela estará disponível para avisá-lo. *Fascinado* não é um termo forte demais, e dinheiro não parece ser problema. Ligue assim que puder. Precisamos pensar juntos sobre o que fazer neste caso. Obrigada, David.”

Ele estava começando a repassar a mensagem quando ouviu a porta dos fundos se abrindo e fechando. Apertou o botão de parar a fim de evitar a repetição da mensagem de Sonya e gritou:

– É você?

Não houve resposta, o que o incomodou.

– Madeleine – gritou, mais alto do que precisava.

Escutou a voz dela respondendo, mas baixa demais para que ele entendesse o que tinha sido dito. Era uma voz comedida que, em seus momentos hostis, ele rotulava de “grave passivo-agressivo”. Sua primeira inclinação foi ficar no escritório, mas achou que seria infantil, por isso foi à cozinha.

Madeleine se virou para ele, dando as costas para os ganchos dos casacos do outro lado do cômodo, onde havia pendurado sua parca laranja. O casaco ainda tinha neve salpicada nos ombros, o que significava que a mulher havia caminhado entre os pinheiros.

– Está tão-ã-ão lindo lá fora – disse ela, passando os dedos pelo cabelo castanho e denso, afofando-o onde o capuz o havia achatado. Entrou na despensa, saiu um minuto depois e olhou os armários ao redor.

– Onde você pôs as nozes?

– O quê?

– Eu não pedi para você comprar nozes?

– Acho que não.

– Talvez não tenha pedido. Ou será que você não ouviu?

– Não faço ideia. – Gurney estava com dificuldade para encaixar o assunto em seu estado mental do momento. – Compro amanhã.

– Onde?

– No Abelard.

– No domingo?

– Domin... Ah, certo, vai estar fechado. Para que você precisa?

– Eu é que vou fazer a sobremesa.

– Que sobremesa?
– Elizabeth vai fazer a salada e o pão, Jan vai fazer a pasta e eu vou fazer a sobremesa. – Os olhos dela ficaram sombrios. – Você esqueceu?
– Eles vêm aqui amanhã?
– Isso mesmo.
– A que horas?
– Isso é problema?
– Tenho de entregar um depoimento por escrito ao Bureau de Investigação Criminal ao meio-dia.
– No domingo?
– É uma investigação de assassinato – disse ele obedientemente, esperando que não soasse sarcástico.

Ela assentiu.

– Então você vai ficar fora o dia todo.
– Parte do dia.
– De que tamanho é essa parte?
– Meu Deus, você sabe qual é a natureza dessas coisas.

A tristeza e a raiva que brigavam uma com a outra em cada um dos olhos dela perturbaram Gurney mais do que se tivesse levado um tapa.

– Então acho que você vai chegar em casa amanhã à hora que tiver de chegar e talvez jante conosco ou não – disse ela.

– Preciso entregar um depoimento assinado como testemunha das circunstâncias anteriores a um assassinato. Não é uma coisa que eu *queira* fazer. – O tom de voz dele subiu abruptamente, de modo chocante, e ele cuspiu as palavras: – Há algumas coisas na vida que nós *temos* que fazer. É uma obrigação legal, não questão de preferência. Eu não escrevi a porcaria da lei!

Ela o encarou com um cansaço tão súbito quanto a fúria dele.

– Você ainda não vê, não é?
– O quê?
– Que seu cérebro está tão tomado por crime, tumulto, sangue, monstros, mentirosos e psicopatas que simplesmente não sobra espaço para mais nada.

Esclarecendo as coisas

Naquela noite Gurney passou duas horas escrevendo e revisando o depoimento. Ele narrava com simplicidade – sem adjetivos, emoções, opiniões – os fatos de seu relacionamento com Mark Mellery, inclusive a ligação casual na faculdade e os contatos recentes, a começar pelo e-mail de Mellery pedindo que ele o recebesse e terminando com sua recusa em levar o assunto à polícia.

Tomou duas canecas de café forte enquanto escrevia e, como resultado, dormiu mal. Com frio, suado, com coceiras, sedento, com uma dor transitória que saltava inexplicavelmente de uma perna para a outra – a sucessão de desconfortos da noite agiu como uma distração maligna para os pensamentos perturbados, em especial relativos à dor que tinha vislumbrado nos olhos de Madeleine.

Sabia que essa dor resultava da maneira como a esposa enxergava as prioridades dele. Madeleine estava reclamando que Dave, o Detetive, sempre suplantava Dave, o Marido, quando os dois papéis entravam em choque. A aposentadoria não tinha feito nenhuma diferença. Estava claro que ela esperava que fizesse, talvez acreditasse que faria. Mas como ele podia deixar de ser o que era? Por mais que gostasse da mulher, por mais que quisesse estar com ela, por mais que desejasse fazê-la feliz, como poderia se tornar alguém que não era? Sua mente trabalhava excepcionalmente bem de um modo específico, e as maiores satisfações de sua vida resultavam do uso desse dom intelectual. Tinha um cérebro surpreendentemente lógico e uma antena afinada para discrepâncias. Essas qualidades faziam dele um detetive notável. Também criavam a camada de abstração que lhe permitia manter uma distância tolerável dos horrores da profissão. Outros policiais tinham diferentes tipos de proteção – álcool, solidariedade dos colegas, cinismo que endurecia o coração. O escudo de Gurney era sua capacidade de captar as situações como desafios intelectuais e os crimes como equações a ser resolvidas. Ele era assim. Não era algo que pudesse deixar de ser simplesmente aposentando-se. Pelo menos era nisso que pensava quando finalmente caiu no sono, uma hora antes do amanhecer.

Localizada cem quilômetros a leste de Walnut Crossing, 16 quilômetros depois de Peony, num penhasco à vista do rio Hudson, a sede regional da polícia estadual tinha a aparência de uma fortaleza recém-erigida. Sua enorme fachada de pedra cinza e as janelas estreitas pareciam

destinadas a suportar o apocalipse. Gurney se perguntou se a arquitetura era influenciada pela histeria do 11 de Setembro, que havia gerado projetos ainda mais idiotas do que delegacias inexpugnáveis.

Dentro do prédio, a luz fluorescente maximizava a aparência áspera dos detectores de metal, das câmeras, da cabine à prova de bala e do piso de concreto polido. Havia um microfone para se comunicar com o guarda na cabine – que mais parecia uma sala de controle, contendo um monte de monitores para as câmeras de segurança. A luz, que lançava uma claridade fria sobre todas as superfícies duras, dava ao guarda uma palidez exausta. Até seu cabelo sem cor parecia doentio com a iluminação pouco natural. Ele aparentava estar a ponto de vomitar.

Gurney falou ao microfone, resistindo à ânsia de perguntar se o guarda estava bem.

– David Gurney. Vim para uma reunião com Jack Hardwick.

O guarda empurrou um passe temporário e uma folha para assinatura dos visitantes através de uma fenda estreita na base da formidável parede de vidro que ia do teto até o balcão que os separava. Em seguida pegou o telefone, consultou uma lista presa com fita adesiva no seu lado do balcão, apertou quatro dígitos para um ramal, disse algo que Gurney não conseguiu ouvir e pôs o fone de volta no gancho.

Um minuto depois uma porta de aço cinza na parede ao lado da cabine se abriu, revelando o mesmo policial à paisana que o havia acompanhado no dia anterior no instituto. Ele fez um gesto para Gurney sem qualquer indicação de reconhecê-lo e o levou por um corredor cinza até outra porta de aço, que abriu.

Entraram numa grande sala de reuniões sem janelas – certamente para manter os participantes a salvo dos estilhaços de vidro de um ataque terrorista. Gurney era meio claustrofóbico, odiava espaços sem janelas e odiava os arquitetos que achavam isso boa ideia.

Seu guia lacônico foi direto para a máquina de café no canto oposto. A maioria das cadeiras à mesa já estava reservada para pessoas que ainda não tinham chegado. Havia casacos pendurados nos encostos de quatro das dez cadeiras e três outras tinham sido inclinadas para a frente, dando a entender que estavam ocupadas. Gurney tirou o agasalho leve que estava usando e o colocou no encosto de uma das cadeiras livres.

A porta se abriu e Hardwick entrou, seguido por uma mulher ruiva de aparência profissional – vestindo um terninho unissex e carregando um laptop e uma pasta de arquivo grossa – e pelo outro sócia de Tom Cruise, que foi para perto do colega junto à máquina de café. A mulher se dirigiu a uma cadeira livre e pôs suas coisas na mesa. Hardwick se aproximou de Gurney, o rosto congelado numa estranha expressão entre a expectativa e o desdém.

– Você ganhou um presente, garoto – sussurrou ele, com a voz rouca. – O chefe da promotoria, o mais novo da história do condado, está nos brindando com sua presença.

Gurney sentiu aquele antagonismo involuntário em relação a Hardwick que já percebera ser

desproporcional à acidez leviana do sujeito. Apesar do esforço para não reagir, seus lábios se enrijeceram quando falou:

– O envolvimento dele não seria esperado em algo assim?

– Eu não disse que não era esperado – sibilou Hardwick. – Só que você ganhou um presente. – Ele olhou para as três cadeiras inclinadas no centro da mesa e, com o lábio repuxado que estava se tornando parte de seu rosto, falou para ninguém especificamente: – Tronos para os Três Reis Magos.

Acompanhando sua observação, a porta se abriu e três homens entraram.

Hardwick identificou-os sussurrando junto ao ombro de Gurney, que ficou pasmo ao ver que a vocação perdida de Hardwick era a ventriloquia, considerando sua capacidade de falar sem mexer os lábios.

– O capitão Rod Rodriguez, babaca enxerido – disse o sussurro incorpóreo, enquanto um homem atarracado com bronzeado artificial, sorriso frouxo e olhos malévolos entrava na sala e segurava a porta para o mais alto que vinha atrás, um tipo esguio, alerta, cujo olhar varreu a sala e se deteve por não mais de um segundo em cada indivíduo. – O promotor Sheridan Kline – continuou o sussurro. – Quer ser o governador Kline.

O terceiro homem que deslizou para dentro atrás de Kline, prematuramente careca e irradiando todo o charme de uma tigela de chucrute frio, era “Stimmel, principal assistente de Kline”.

Rodriguez levou-os às cadeiras inclinadas, oferecendo a do centro a Kline, que a pegou com naturalidade. Stimmel sentou-se à sua esquerda e Rodriguez à direita. O capitão olhou os outros rostos na sala através de óculos com aros finos de metal. A massa imaculadamente penteada de cabelos densos e pretos erguendo-se da testa curta era obviamente tingida. Ele deu algumas batidas fortes na mesa com os nós dos dedos, olhando ao redor para garantir que tinha a atenção de todo mundo.

– Nossa agenda diz que esta reunião começa ao meio-dia e o relógio está marcando meio-dia. Se não se importam de ocupar seus lugares...

Hardwick se sentou ao lado de Gurney. O grupo do café veio para a mesa e, em meio minuto, todos haviam se acomodado. Rodriguez olhou ao redor com um ar azedo, como se estivesse sugerindo que profissionais de verdade não teriam demorado tanto para fazer isso. Ao ver Gurney, sua boca se retorceu de um modo que poderia ser um sorriso rápido ou uma careta de repulsa. A expressão azeda se aprofundou ao ver uma cadeira vazia. Depois continuou:

– Não preciso dizer que um homicídio de grande visibilidade caiu no nosso colo. Estamos aqui para garantir que estamos todos aqui. – Fez uma pausa, como se verificasse quem apreciaria sua sabedoria zen. Depois traduziu para os de mente obtusa: – Estamos aqui para garantir que tenhamos os mesmos objetivos desde o primeiro dia deste caso.

– Segundo dia – murmurou Hardwick.

– Como? – perguntou Rodriguez.

Os gêmeos Cruise trocaram olhares igualmente confusos.

– Hoje é o *segundo* dia, senhor. Ontem foi o primeiro dia, senhor, e foi um pé no saco.

– Obviamente eu estava usando uma figura de linguagem. Quero dizer que precisamos ter os mesmos objetivos desde o início deste caso. Todos precisamos marchar na mesma batida do tambor. Estou sendo claro?

Hardwick assentiu com inocência. Rodriguez fez questão de lhe dar as costas para direcionar os comentários às pessoas mais sérias à mesa.

– Pelo pouco que sabemos neste ponto, o caso promete ser difícil, complexo, delicado, potencialmente sensacional. Disseram-me que a vítima era um escritor e palestrante de sucesso. A família da esposa dele parece ser riquíssima. A clientela do Instituto Mellery inclui pessoas endinheiradas, cheias de opinião e problemáticas. Qualquer um desses fatores pode provocar um circo na mídia. Se juntarmos os três, teremos um desafio enorme pela frente. As quatro chaves para o sucesso serão organização, disciplina, comunicação e mais comunicação. Nada do que vocês virem, ouvirem, concluírem valerá alguma coisa se não for adequadamente registrado e informado. Comunicação e mais comunicação.

O capitão passou os olhos por todos os presentes, demorando mais tempo em Hardwick, identificando-o não muito sutilmente como o principal violador das regras de registro e informação. O investigador-chefe estava estudando uma sarda enorme nas costas de sua mão direita.

– Não gosto de pessoas que tentam adaptar as regras às suas necessidades – continuou Rodriguez. – Quem manipula as regras causa mais problemas a longo prazo do que quem as viola. Os que manipulam as regras afirmam que fazem isso para realizar as coisas, mas no fundo agem assim por conveniência pessoal, porque não têm disciplina, e a falta de disciplina destrói as organizações. Então ouçam, alto e claro. Vamos seguir as regras neste caso. Todas elas. Vamos usar nossas listas de verificação. Vamos preencher nossos relatórios detalhadamente. Vamos entregá-los no prazo. Tudo seguirá pelos canais devidos. Cada questão legal será levada primeiro ao escritório do promotor Kline, antes – repito, antes – que qualquer ação questionável seja feita. Comunicação, comunicação, comunicação. – Ele disparou as palavras como uma sucessão de projéteis de artilharia contra uma posição inimiga. Julgando que toda a resistência estava destruída, virou-se com deferência açucarada para o promotor, que estivera inquieto durante o áspero sermão, e disse: – Sheridan, sei que você pretende se envolver pessoalmente neste caso. Há algo que queira dizer à nossa equipe?

Kline deu um sorriso largo com o que, a uma distância maior, poderia ser confundido com cordialidade. De perto o que transmitia era o narcisismo radiante de um político.

– A única coisa que desejo dizer é que estou aqui para ajudar. Ajudar de qualquer modo que eu possa. Vocês são profissionais. Profissionais treinados, experientes, talentosos. Conhecem o trabalho. O show é de vocês. – A sugestão de um risinho chegou ao ouvido de Gurney. Rodriguez piscou. Será que Rodriguez estaria tão afinado assim com a frequência de Hardwick? – Mas concordo com Rod. Pode ser um grande espetáculo, difícil de ser

administrado. Tenho certeza de que vai estar no noticiário da TV e muita gente vai assistir. Preparem-se para as manchetes sensacionalistas. “Assassinato Brutal do Guru da Nova Era”. Gostando ou não, senhores, este caso é um prato cheio para os tabloides. Não podemos nos igualar aos babacas do Colorado que estragaram o caso JonBenét ou aos babacas da Califórnia que estragaram o caso Simpson. Vamos fazer malabarismo com um monte de bolas e, se elas começarem a cair, teremos nas mãos uma confusão só. Essas bolas...

A curiosidade de Gurney com relação ao destino das bolas ficou insatisfeita. Kline foi silenciado pelo toque intrometido de um telefone, que atraiu a atenção de todo mundo com vários graus de irritação. Rodriguez olhou exasperado enquanto Hardwick enfiava a mão no bolso, pegava o instrumento ofensivo e recitava, sério, o mantra do capitão:

– Comunicação, comunicação, comunicação.

Depois apertou o botão para atender e falou ao telefone:

– Hardwick falando... Vá em frente... Onde?... Combinam com as pegadas?... Alguma indicação de como chegaram aí?... Alguma ideia de por que ele fez isso?... Certo, leve ao laboratório imediatamente... Sem problema. – Ele desligou e olhou pensativo para o telefone.

– E então? – perguntou Rodriguez, com o olhar de irritação distorcido pela curiosidade.

Hardwick dirigiu a resposta à mulher ruiva com terninho unissex, que tinha o laptop aberto sobre a mesa e estava olhando-o cheia de expectativa.

– Notícias da cena do crime. Encontraram as botas do assassino, ou pelo menos um par de botas de caminhada que combina com as pegadas que se afastam do corpo. Elas estão sendo levadas para o seu pessoal no laboratório.

A ruiva assentiu e começou a digitar no teclado.

– Pensei que você tivesse dito que as pegadas iam para o meio de lugar nenhum e paravam de repente – disse Rodriguez, como se tivesse apanhado Hardwick em alguma mentira.

– É – respondeu Hardwick, sem olhar para ele.

– Então onde as botas foram encontradas?

– No meio do mesmo lugar nenhum. Numa árvore perto de onde os rastros terminavam. Penduradas num galho.

– Está dizendo que o assassino subiu numa árvore, tirou as botas e deixou-as ali?

– É o que parece.

– Bem... onde... quer dizer, o que ele fez em seguida?

– Não temos a mínima ideia. Talvez as botas nos apontem a direção certa.

Rodriguez soltou um riso áspero como um latido.

– Esperemos que alguma coisa aponte. Enquanto isso temos de voltar à nossa agenda. Sheridan, acho que você foi interrompido.

– Com as bolas no ar – observou o sussurro do ventríloquo.

– Não fui interrompido – disse Kline com um riso do tipo “posso transformar tudo em vantagem”. – A verdade é que prefiro ouvir, principalmente as notícias vindas do campo. Quanto melhor entender o problema, mais poderei ajudar.

– Como quiser, Sheridan. Hardwick, você parece ter a atenção de todo mundo. Seria bom nos dar o resto dos fatos, o mais brevemente possível. O promotor está sendo generoso com o tempo dele, mas ele tem muita coisa para cuidar. Tenha isso em mente.

– Certo, garotos, vocês ouviram o homem. Aqui está a versão resumida. Sem devaneios, sem perguntas idiotas. Escutem.

– Epa! – Rodriguez levantou as duas mãos. – Não quero que ninguém ache que não pode fazer perguntas.

– É uma figura de linguagem, senhor. Só não quero prender o promotor por mais tempo do que o necessário. – O nível de respeito com que ele articulou o título de Kline foi exagerado apenas o suficiente para sugerir um insulto, porém mantendo uma ambiguidade segura.

– Ótimo, ótimo – disse Rodriguez com um aceno impaciente. – Continue.

Hardwick começou a recitar os dados disponíveis:

– Num período de três a quatro semanas antes do assassinato, a vítima recebeu várias mensagens escritas de natureza perturbadora ou ameaçadora, além de dois telefonemas: um deles recebido e transcrito pela secretária de Mellery e o outro recebido e gravado pela vítima. Cópias dessas comunicações serão distribuídas. A esposa da vítima, Cassandra, mais conhecida como Caddy, informou que na noite do assassinato ela e o marido foram despertados à uma da madrugada por um telefonema de alguém que desligou.

Enquanto Rodriguez estava abrindo a boca, Hardwick respondeu antecipadamente à pergunta que seria feita:

– Estamos em contato com a companhia telefônica para acessar registros de linhas fixas e de celular na noite do assassinato e na hora dos dois telefonemas anteriores. No entanto, dado o nível de planejamento envolvido na execução do crime, eu ficaria surpreso se o assassino deixasse uma trilha telefônica passível de ser rastreada.

– Veremos – disse Rodriguez.

Gurney concluiu que o capitão era um homem cujo maior imperativo era parecer no controle de qualquer situação ou conversa em que estivesse envolvido.

– Sim, senhor – respondeu Hardwick com aquele toque de deferência excessiva, sutil demais para ser questionado, que gostava de usar. – De qualquer modo, dois minutos depois eles foram perturbados por sons próximos da casa que ela descreveu como guinchos de animal. Quando voltei e perguntei de novo sobre isso, ela disse que achou que poderiam ser gambás brigando. Seu marido foi investigar. Um minuto depois ela ouviu o que descreveu como um tapa abafado e pouco depois *ela* foi investigar. Encontrou o esposo caído no pátio perto da porta dos fundos. O sangue estava se espalhando na neve a partir de ferimentos na garganta. Ela gritou, ou pelo menos acha que gritou, tentou estancar o sangramento, não conseguiu, correu de volta para a casa e ligou para a emergência.

– Você sabe se ela mudou a posição do corpo quando tentou estancar o sangramento? – Rodriguez fez com que parecesse uma pergunta capciosa.

– Ela diz que não lembra.

O capitão pareceu cético.

– Acredito nela – disse Hardwick.

Rodriguez deu de ombros de um modo que demonstrava que pouco se importava com aquilo em que os outros acreditavam. Olhando para suas anotações, Hardwick continuou a narrativa sem emoção:

– Os policiais de Peony foram os primeiros a chegar ao local, seguidos por uma viatura do departamento do xerife, seguida pelo patrulheiro Calvin Maxon, do quartel local. O Bureau de Investigação Criminal foi contatado à uma e cinquenta e seis da madrugada. Eu cheguei às duas e vinte e o legista às três e vinte e cinco.

– Por falar no Thrasher – disse Rodriguez com raiva –, ele ligou para alguém avisando que ia se atrasar?

Gurney correu os olhos pelos rostos à mesa. Ninguém demonstrou interesse pela pergunta, sugerindo que o médico era uma daquelas pessoas que sempre chegam tarde. Irritado com a violação de sua agenda, Rodriguez olhou para a porta da sala de reuniões, por onde Thrasher deveria ter entrado dez minutos antes.

Como se estivesse espreitando atrás dela, esperando que o mau humor do capitão explodisse, a porta se abriu e um homem desengonçado entrou rapidamente na sala com uma pasta enfiada sob o braço, um copo de café na mão e, aparentemente, no meio de uma frase.

– ... atrasos devido à construção, homens trabalhando. Rá! É o que dizem as placas. – Ele deu um sorriso luminoso para várias pessoas em sucessão. – Parece que a palavra *trabalhando* significa ficar parado coçando o saco. Nada de cavar ou pavimentar. Nada que eu pudesse ver. Um bando de preguiçosos incompetentes bloqueando a estrada. – Ele espiou Rodriguez por trás dos óculos de leitura tortos. – Não creio que a polícia estadual possa fazer alguma coisa com relação a isso, não é, capitão?

Rodriguez reagiu com o sorriso cansado de um homem sério obrigado a lidar com idiotas.

– Boa *tarde*, Dr. Thrasher.

Thrasher pôs a pasta e o café na mesa diante do único assento desocupado. Seu olhar percorreu a sala, pousando no promotor.

– Olá, Sheridan – disse com alguma surpresa. – Entrando cedo neste caso, não é?

– Tem alguma informação interessante para nós, Walter?

– Na verdade, sim. Pelo menos uma pequena surpresa.

Obviamente ansioso para manter o controle da reunião, Rodriguez fez questão de guiá-la para onde já estava indo:

– Olhe, gente, estou vendo uma oportunidade de usar o atraso do doutor a nosso favor. Estávamos ouvindo uma narrativa dos acontecimentos relativos à descoberta do corpo. O último fato descrito foi a chegada do legista ao local do crime. Bem, como o legista acaba de chegar, por que não escutamos o relato dele?

– Boa ideia – disse Kline, sem afastar o olhar de Thrasher.

O legista começou a falar como se tivesse planejado fazer sua apresentação assim que

chegasse.

– Os senhores receberão o relatório integral por escrito em uma semana. Hoje vou apresentar apenas o esqueleto.

Se aquilo era uma piadinha, pensou Gurney, não foi apreciada. Talvez tivesse sido repetida com tanta frequência que a plateia nem a registrava mais.

– Homicídio interessante – continuou Thrasher, pegando o copo de café. Tomou um gole comprido, pensativo, e pôs o copo de volta na mesa. Gurney sorriu. Aquela figura amarrotada, de cabelos cor de areia, tinha bom timing e gosto pela dramaticidade. – As coisas não são exatamente como pareciam a princípio.

Ele parou até que a sala estivesse a ponto de explodir de impaciência.

– O exame inicial do corpo no local levou à hipótese de que a causa da morte fora a secção da artéria carótida por múltiplos cortes e furos feitos por uma garrafa quebrada, descoberta posteriormente no local. No entanto, os primeiros resultados da autópsia indicam que a morte foi causada pela secção da carótida por uma única bala disparada de perto contra o pescoço da vítima. Os ferimentos com a garrafa quebrada foram subsequentes ao tiro e infligidos depois que a vítima havia caído. Houve um mínimo de quatorze furos, podendo chegar a vinte. Vários deles deixaram cacos de vidro no tecido e quatro atravessaram totalmente os músculos do pescoço e a traqueia, emergindo na parte de trás do pescoço.

Todos ficaram em silêncio e seguiu-se uma variedade de olhares perplexos e intrigados. Rodriguez juntou as pontas dos dedos formando um triângulo com as mãos. Foi o primeiro a falar.

– Tiro, é?

– Tiro – disse Thrasher, com o prazer de alguém que adora descobrir o imprevisto.

Rodriguez olhou acusadoramente para Hardwick.

– Por que nenhuma das suas testemunhas ouviu esse tiro? Você disse que havia pelo menos vinte hóspedes na propriedade, e, por sinal, por que a esposa dele não ouviu?

– Ela ouviu.

– O quê? Há quanto tempo você sabe disso? Por que não me contou?

– Ela ouviu, mas não soube o que tinha ouvido – respondeu Hardwick. – Ela disse que escutou algo parecido com um tapa abafado. O verdadeiro significado não lhe ocorreu na hora e só me ocorreu neste minuto.

– Abafado? – perguntou Rodriguez, incrédulo. – Está dizendo que a vítima levou um tiro com um silenciador?

A atenção de Sheridan Kline aumentou.

– Isso explica! – exclamou Thrasher.

– Explica o quê? – perguntaram Rodriguez e Hardwick em uníssono.

Os olhos de Thrasher brilharam de triunfo.

– Os traços de pluma de ganso no ferimento.

– E nas amostras de sangue na área em volta do corpo. – A voz da ruiva era tão neutra

quanto seu terno.

Thrasher assentiu:

– Claro que estariam ali também.

– Isso tudo é muito fascinante – disse Kline. – Será que algum de vocês que entenda o que está sendo dito pode parar um momento para me explicar?

– Pluma de ganso! – gritou Thrasher, como se Kline fosse surdo.

A cordial expressão de confusão de Kline começou a congelar.

Hardwick falou como se a verdade baixasse sobre ele.

– O som abafado do tiro, junto com a presença de pluma de ganso, sugere que a arma pode ter sido silenciada ao ser enrolada em algum tipo de material acolchoado, talvez um casaco de esquiador ou uma parca.

– Está dizendo que a arma poderia ser silenciada simplesmente se alguém a segurasse dentro de um casaco de esquiador?

– Não exatamente. O que estou dizendo é que, se eu segurar a arma e enrolá-la várias vezes, especialmente o cano, com um material acolchoado suficientemente grosso, é possível que o som se reduza a algo parecido com um tapa, se você estiver ouvindo de dentro de uma casa que tenha um bom isolamento acústico e se as janelas estiverem fechadas.

A explicação pareceu satisfazer todo mundo, menos Rodriguez.

– Quero ver os resultados de alguns testes antes de engolir isso.

– Vocês não acham que foi um silenciador de verdade? – Kline pareceu desapontado.

– Pode ter sido – respondeu Thrasher. – Mas aí a gente precisaria explicar de algum outro modo todas aquelas partículas microscópicas de pluma de ganso.

– Então – disse Kline – o assassino atira na vítima à queima-roupa...

– Não foi à queima-roupa – corrigiu Thrasher. – Queima-roupa implica praticamente o contato entre o cano e a vítima, e não encontrei provas disso.

– De que distância, então?

– É difícil dizer. Havia algumas queimaduras de pólvora nítidas no pescoço, o que colocaria a arma a menos de um metro e meio da vítima, mas as queimaduras não eram suficientemente numerosas para formar um padrão. A arma podia estar mais perto ainda, mas as marcas de pólvora seriam minimizadas pelo material em volta do cano.

– Não imagino que vocês tenham recuperado uma bala. – Rodriguez dirigiu a crítica a um ponto no ar entre Thrasher e Hardwick.

O maxilar de Gurney se contraiu. Ele havia trabalhado para homens como Rodriguez, que confundiam liderança com obsessão pelo controle e obstinação com negativismo.

Thrasher respondeu primeiro:

– A bala não acertou as vértebras. Não há muita coisa no tecido do pescoço em si que pudesse pará-la. Temos um ferimento de entrada e outro de saída, nenhum dos dois fácil de achar, por sinal, com todos os danos dos furos infligidos depois.

Se ele estava pescando elogios, pensou Gurney, era um objetivo inútil. Rodriguez virou o

olhar interrogativo para Hardwick, cujo tom saiu novamente à beira da insubordinação.

– Não procuramos uma bala. Não tínhamos motivo para acreditar que houvesse uma bala.

– Bem, agora têm.

– Excelente observação, senhor – disse Hardwick com uma sugestão de zombaria. Em seguida pegou o celular e digitou um número, afastando-se da mesa. Apesar da voz baixa, estava claro que falava com algum policial no local do crime, requisitando uma busca prioritária da bala. Quando retornou à mesa, Kline perguntou se havia alguma esperança de recuperar uma bala disparada em local aberto.

– Geralmente não – respondeu Hardwick. – Mas neste caso há uma chance. Considerando a posição do corpo, ele provavelmente levou o tiro de costas para a casa. Se o projétil não foi muito desviado, devemos encontrá-lo na forração exterior, de madeira.

Kline assentiu devagar.

– Certo. Então, como comecei a dizer há um minuto, só para deixar tudo claro: o assassino atira na vítima de perto, a vítima cai no chão com a artéria carótida cortada e sangue jorrando do pescoço. Daí o assassino pega uma garrafa quebrada, agacha-se perto do corpo e o golpeia quatorze vezes. É esse o quadro? – perguntou, incrédulo.

– Pelo menos quatorze, talvez mais – retificou Thrasher. – Quando os cortes se sobrepõem, a contagem exata fica difícil.

– Sei, mas estou querendo chegar ao seguinte ponto: por quê?

– O motivo – disse Thrasher, como se o conceito estivesse no mesmo nível científico da interpretação dos sonhos – não é minha área de atuação. Pergunte aos seus amigos aqui do BIC.

Kline se virou para Hardwick.

– Uma garrafa quebrada é uma arma de conveniência, de momento, um substituto para uma faca ou um revólver num bar. Por que alguém que já tem uma arma de fogo sente necessidade de levar uma garrafa quebrada? E por que iria usá-la depois de já ter matado a vítima com um tiro?

– Para garantir que ele estivesse morto? – sugeriu Rodriguez.

– Então por que não atirar nele de novo? Por que não atirar na cabeça? Por que não atirar na cabeça, para início de conversa? Por que no pescoço?

– Talvez ele fosse um péssimo atirador.

– A um metro e meio de distância? – Kline voltou a se dirigir a Thrasher. – Temos certeza da sequência? Tiro e depois golpes de garrafa quebrada?

– Temos um nível razoável de segurança profissional, como dizemos no tribunal. As queimaduras de pólvora, ainda que limitadas, são nítidas. Se a área do pescoço já estivesse coberta de sangue dos ferimentos com a garrafa na hora do tiro, é improvável que tivessem ocorrido queimaduras nítidas.

– E você teria encontrado a bala. – A ruiva disse isso tão baixo e de um modo tão casual que poucas pessoas ouviram. Kline foi uma delas. Gurney, outra. Ele estivera imaginando

quando essa ideia ocorreria a alguém. A expressão de Hardwick era indecifrável, mas ele não parecia surpreso.

– Como assim? – perguntou Kline.

Ela respondeu sem desviar o olhar da tela do laptop:

– Se ele fosse golpeado com a garrafa quatorze vezes como parte do ataque inicial, com quatro dos ferimentos atravessando completamente o pescoço, dificilmente poderia ficar de pé. E se em seguida levasse um tiro de cima enquanto estivesse deitado de costas, a bala estaria no chão embaixo dele.

Kline lançou-lhe um olhar de avaliação. Diferentemente de Rodriguez, pensou Gurney, ele era inteligente o bastante para respeitar a inteligência.

Rodriguez fez um esforço para recuperar as rédeas da reunião.

– Que calibre de bala estamos procurando, doutor?

Thrasher olhou por cima dos óculos meia-lua que escorregavam por seu longo nariz.

– O que preciso fazer para que vocês entendam os fatos mais simples da patologia?

– Eu sei, sei – disse Rodriguez mal-humorado. – A carne cede, encolhe, se expande, você não pode saber com exatidão, etc. Mas você diria que está mais próximo de um 22 ou de um 44? Dê um chute com base nas evidências levantadas até agora.

– Não sou pago para chutar. Além disso, ninguém se lembra por mais do que cinco minutos que foi somente uma suposição. O que lembram depois é que o legista disse algo sobre um 22 e que, no fim das contas, ele estava errado. – Havia um brilho frio de recordação em seus olhos, mas tudo o que disse foi: – Quando vocês tirarem a bala da parede da casa e entregarem à balística, vão saber...

– Doutor – interrompeu Kline como um menininho perguntando ao Sr. Sábio –, é possível avaliar o intervalo exato entre o tiro e os golpes posteriores?

O tom da pergunta pareceu aplacar Thrasher.

– Se o intervalo entre os dois fosse substancial e os dois ferimentos sangrassem, encontraríamos sangue em dois estágios diferentes de coagulação. Neste caso eu diria que os dois tipos de ferimento ocorreram em sequência, com um intervalo suficientemente curto entre eles para tornar impossível esse tipo de comparação. No entanto, é difícil dizer se foram dez segundos ou dez minutos. Mas esta é uma boa pergunta sobre patologia – concluiu o legista, distinguindo-a da pergunta do capitão.

A boca de Rodriguez se retorceu.

– Se é só isso que tem para nos dizer no momento, doutor, não vamos segurá-lo aqui. Receberei o relatório escrito dentro de no máximo uma semana a partir de hoje?

– Creio que foi isso que eu disse. – Thrasher pegou sua pasta volumosa na mesa, acenou para o promotor com um sorriso crispado e saiu da sala.

Sem deixar vestígios

— Lá se vai um chato patológico – disse Rodriguez, examinando os rostos à mesa em busca de apreciação da sua esprituosidade ao descrever o patologista, mas somente os risinhos eternos dos gêmeos Cruise chegaram perto de oferecer isso. Kline interrompeu o silêncio pedindo a Hardwick que continuasse a descrição da cena do crime que estava fazendo quando o legista chegou.

– Exatamente o que eu tinha pensado, Sheridan – entoou Rodriguez. – Hardwick, continue de onde você havia parado e atenha-se aos fatos fundamentais. – O aviso sugeria que isso não era algo que o investigador-chefe fizesse normalmente.

Gurney observou a previsibilidade das atitudes do capitão: hostil com Hardwick, puxa-saco com Kline e metido a importante de modo geral.

Hardwick falou rapidamente:

– A marca mais visível do assassino foi um conjunto de pegadas entrando na propriedade pelo portão da frente, seguindo pelo estacionamento e passando atrás do celeiro, onde parou junto a uma cadeira dobrável...

– Na neve? – perguntou Kline.

– Correto. Foram encontradas guimbas de cigarro no chão em frente à cadeira.

– Sete – disse a ruiva com o laptop.

– Sete – repetiu Hardwick. – As pegadas se afastaram da cadeira...

– Com licença, detetive, mas os Mellery normalmente mantinham cadeiras dobráveis na neve? – perguntou Kline.

– Não, senhor. Parece que o assassino levou a cadeira.

– Levou?

Hardwick deu de ombros.

Kline balançou a cabeça.

– Desculpe interromper. Continue.

– Não se desculpe, Sheridan. Pergunte o que quiser. Muitas dessas coisas não fazem sentido para mim também – disse Rodriguez, com uma expressão que atribuía a falta de sentido a Hardwick.

– As pegadas seguiam da cadeira até o local do encontro com a vítima.

– Você se refere ao local onde Mellery foi morto? – perguntou Kline.

– Sim, senhor. E dali continuaram através de uma abertura na cerca viva, cruzaram o

gramado e entraram na floresta, onde finalmente terminaram a 800 metros da casa.

– Como assim, “terminaram”?

– Elas param. Não vão adiante. Há uma pequena área onde a neve está pisoteada, como se o indivíduo tivesse parado ali durante um tempo, mas não há mais pegadas, nem chegando nem saindo daquele lugar. Como vocês ouviram há pouco, as botas que fizeram as pegadas foram encontradas numa árvore próxima, sem qualquer sinal do que aconteceu ao indivíduo que as usava.

Gurney estava observando o rosto de Kline e viu uma combinação de perplexidade diante da charada com surpresa por sua incapacidade de enxergar uma solução. Hardwick ia abrindo a boca para continuar quando a ruiva falou de novo em sua voz baixa e sem inflexão, perfeitamente afinada entre o masculino e o feminino:

– Neste ponto deveríamos dizer que os padrões das solas das botas são *coerentes* com as pegadas na neve. O laboratório determinará se elas de fato fizeram as pegadas.

– Vocês podem ser tão precisos assim com pegadas na neve? – perguntou Kline.

– Ah, sim – respondeu ela, demonstrando pela primeira vez um discreto entusiasmo. – As pegadas na neve são as melhores de todas. A neve comprimida pode capturar detalhes sutis demais para serem vistos a olho nu. Nunca mate ninguém na neve.

– Vou me lembrar disso – observou Kline. – Desculpe de novo pela interrupção, detetive. Por favor, continue.

– Esta pode ser uma boa hora para um relatório das evidências coletadas até agora. Não há problema para o senhor, capitão? – Aos ouvidos de Gurney, o tom de Hardwick soou novamente como uma imitação zombeteira de respeito.

– Vou gostar de ouvir alguns fatos concretos – observou Rodriguez.

– Deixe-me puxar o arquivo – disse a ruiva digitando no computador. – Querem os itens em alguma ordem específica?

– Que tal a ordem de importância?

Sem demonstrar nenhuma reação à arrogância do capitão, ela começou a ler na tela do computador.

– Prova número um: uma cadeira dobrável, de jardim, feita de tubo de alumínio leve e trama de plástico branco. O exame inicial em busca de materiais estranhos revelou alguns milímetros quadrados de Tyvek presos na junta dobrável entre o assento e o apoio de braço.

– Aquele material usado para isolar casas? – perguntou Kline.

– Sim, ele serve como uma barreira contra a umidade ao ser aplicado por cima de folhas de compensado, mas também é usado em outros produtos, principalmente em macacões de pintores. Foi o único material estranho encontrado, a única indicação de que a cadeira já foi usada.

– Nenhuma digital, nenhum pelo, nenhum traço de saliva nem de abrasões, absolutamente nada? – perguntou Rodriguez, como se suspeitasse que o pessoal dela não havia procurado direito.

– Nenhuma digital, nenhum pelo, nem saliva, nem abrasões, mas eu não diria que não havia absolutamente nada – disse ela, deixando o tom da pergunta passar por ela como um soco de bêbado. – Metade da trama de plástico da cadeira tinha sido substituída: todas as tiras horizontais.

– Mas você disse que ela nunca foi usada.

– Não há nenhum sinal de uso, mas a trama definitivamente foi trocada.

– Que motivo poderia haver para isso?

Gurney ficou tentado a sugerir uma explicação, mas Hardwick colocou-a primeiro em palavras:

– Ela disse que toda a trama era branca. Esse tipo de cadeira normalmente tem duas cores de tramas entrelaçadas para criar um padrão: azul e branco, verde e branco, algo assim. Talvez ele não quisesse isso.

Rodriguez mastigou isso como um chiclete estragado.

– Prossiga, sargento Wigg. Temos muito que examinar antes do almoço.

– Item número dois: sete guimbas de cigarro Marlboro, também sem vestígios humanos.

Kline se inclinou para a frente e perguntou:

– Nenhum traço de saliva? Nenhuma digital parcial? Nem mesmo traços de oleosidade da pele?

– Nada.

– Isso não é estranho?

– Extremamente. Item número três: uma garrafa de uísque quebrada, incompleta, rótulo com a marca Four Roses.

– Incompleta?

– Aproximadamente metade da garrafa foi encontrada num pedaço único. Isso e todos os cacos remanescentes somavam menos do que dois terços de uma garrafa inteira.

– Nenhuma digital? – perguntou Rodriguez.

– Nenhuma. O que não é surpresa considerando-se a ausência de digitais na cadeira e nos cigarros. Havia uma substância presente além do sangue da vítima: um traço minúsculo de detergente numa fissura ao longo da borda quebrada do vidro.

– E isso quer dizer o quê? – perguntou Rodriguez.

– A presença de detergente e a ausência de uma parte da garrafa sugere que ela foi quebrada em outro lugar e lavada antes de ser levada ao local do crime.

– Então os golpes frenéticos com a garrafa foram tão premeditados quanto o tiro?

– É o que parece. Devo continuar?

– Por favor – disse Rodriguez, fazendo a palavra parecer grosseira.

– Item número quatro: as roupas da vítima, inclusive cueca, roupão de banho e mocassins, tudo manchado com seu próprio sangue. Três fios de cabelo estranhos foram encontrados no roupão, possivelmente da esposa da vítima, o que ainda precisa ser verificado. Item número cinco: amostras de sangue retiradas do chão ao redor do corpo. Os testes estão em andamento

e até agora todas as amostras são da vítima. Item número seis: cacos de vidro tirados da pedra do piso sob o pescoço da vítima. Isso combina com a descoberta inicial da autópsia, de que quatro ferimentos feitos com a garrafa transpassaram o pescoço e que a vítima estava no chão na hora em que foi golpeada.

Kline tinha os olhos apertados com o ar dolorido de quem dirige ao sol.

– Estou com a impressão de que alguém cometeu um crime extremamente violento, envolvendo tiro, golpes com uma garrafa quebrada, mais de uma dúzia de ferimentos profundos, alguns provocados com grande força, sem deixar um único traço não intencional.

Um dos gêmeos Cruise falou pela primeira vez, uma voz surpreendentemente aguda para a aparência máscula do corpo de onde ela saía.

– E a cadeira dobrável, a garrafa, as pegadas, as botas?

O rosto de Kline se retorceu, impaciente.

– Eu disse traços *não intencionais*. Essas coisas parecem ter sido deixadas de propósito.

O rapaz deu de ombros como se isso fosse um complicado sofisma.

– O item número sete é dividido em subcategorias – disse a neutra (mas talvez não desprovida de sensualidade, observou Gurney, notando os olhos interessantes e a boca bem esculpida) sargento Wigg. – Ele inclui as comunicações recebidas pela vítima, que podem ser relevantes para o crime, inclusive o bilhete encontrado no corpo.

– Mandei fazer cópias de tudo isso – anunciou Rodriguez. – Vou entregá-las no momento apropriado.

Kline perguntou a Wigg:

– O que você está procurando nessas mensagens?

– Digitais, marcas de reentrâncias nos papéis...

– Como impressões deixadas por um bloco de escrita?

– Correto. Também estamos fazendo testes de identificação da tinta nas cartas escritas à mão e testes de identificação da impressora na carta gerada por um editor de texto, a última recebida antes do assassinato.

– Também temos peritos examinando a letra, o vocabulário e a sintaxe – exclamou Hardwick – e vamos receber uma análise de som da conversa telefônica que a vítima gravou. Wigg já tem uma abordagem preliminar disso e vamos revê-la hoje.

– Além disso, vamos examinar as botas que foram encontradas hoje assim que elas chegarem ao laboratório. Por enquanto é só – concluiu Wigg, digitando uma tecla em seu computador. – Alguma pergunta?

– Eu tenho uma – disse Rodriguez. – Como falamos de apresentar essas provas em ordem de importância, eu estava imaginando por que você pôs a cadeira dobrável em primeiro lugar.

– Foi só uma intuição, senhor. Não sabemos como tudo se encaixa até que tudo se encaixe. Neste ponto é impossível dizer que peça do quebra-cabeça...

– Mas você pôs a cadeira em primeiro lugar – interrompeu Rodriguez. – Por quê?

– Ela parecia ilustrar a característica mais notável do caso.

– Como assim?

– O planejamento – respondeu Wigg baixinho.

Ela possuía a capacidade, pensou Gurney, de responder ao interrogatório do capitão como se fosse uma série de perguntas objetivas feitas no papel, sem qualquer ar de superioridade ou qualquer entonação insultuosa. Havia uma pureza curiosa nessa falta de envolvimento emocional, nessa imunidade à provocação mesquinha. E isso atraía a atenção das pessoas. Gurney notou que todo mundo à mesa, a não ser Rodriguez, se inclinou para a frente inconscientemente.

– Não só o planejamento – continuou ela –, mas a estranheza do planejamento. Levar uma cadeira dobrável para um assassinato. Fumar sete cigarros sem tocá-los com os dedos ou os lábios. Quebrar uma garrafa, lavá-la e levá-la para o local do crime para golpear um cadáver com ela. Isso sem mencionar as pegadas impossíveis e o modo como o criminoso desapareceu na floresta. É como se o sujeito fosse uma espécie de gênio assassino. Não é somente uma cadeira dobrável, mas uma cadeira dobrável cuja metade da trama foi retirada e substituída. Por quê? Porque ele queria que ela ficasse toda branca? Porque ficaria menos visível na neve? Porque ficaria menos visível contra o macacão de pintor, feito de Tyvek, que ele podia estar usando? Mas, se a necessidade de não ser visto era uma questão tão importante, por que ele ficaria sentado ali, numa cadeira de jardim, fumando? Não sei por quê, mas não ficaria surpresa se a cadeira fosse a chave para decifrar a coisa toda.

Rodriguez balançou a cabeça.

– A chave para resolver este crime será a disciplina policial, os procedimentos e a comunicação.

– Eu aposto na cadeira de jardim – sussurrou Hardwick com uma piscadela para Wigg.

O comentário marcou as feições do capitão, mas, antes que ele pudesse falar, a porta da sala se abriu e um homem entrou segurando um CD brilhante.

– O que é isso? – perguntou Rodriguez ríspidamente.

– O senhor me disse para trazer qualquer resultado de digitais que tivéssemos assim que tivéssemos, senhor.

– E...?

– Aqui está – disse ele, estendendo o CD. – É melhor dar uma olhada. Talvez a sargento Wigg possa...?

Ele estendeu o CD para o laptop, hesitando. Ela inseriu-o e digitou algumas teclas.

– Interessante – disse ela.

– Prekowski, poderia nos contar o que temos aqui?

– Krepowski, senhor.

– Ótimo. Agora, por favor, poderia nos dizer se encontraram alguma digital?

O homem pigarreou antes de responder:

– Bem, sim e não.

Rodriguez suspirou.

– Quer dizer que estão borradas demais para serem úteis?
– Estão mais do que borradas – respondeu o sujeito. – Na verdade, não são realmente digitais.

– Bem, o que são?

– Acho que poderíamos chamar de manchas. Parece que o sujeito usou as pontas dos dedos para escrever, com o óleo da pele dos dedos como tinta invisível.

– Para escrever? O quê?

– Mensagens com apenas uma palavra. No verso de cada poema que mandou para a vítima. Assim que tornamos as palavras quimicamente visíveis, fotografamos e copiamos as imagens no CD. Aparece com bastante clareza na tela.

Com uma leve sugestão de diversão brincando nos lábios, o sargento Wigg girou lentamente seu laptop até que a tela ficasse virada para Rodriguez. Havia três folhas de papel na foto, lado a lado – os versos das folhas em que os três poemas tinham sido escritos arrumados na sequência em que foram recebidos. Em cada uma das folhas, uma única palavra de sete letras aparecia em letra de forma manchada:

POLÍCIA IMBECIL MALIGNA

O crime do ano

— Que porra...? – disseram os garotos Cruise em uníssono.

Rodriguez franziu a testa.

– Droga! – exclamou Kline. – Isso está ficando mais interessante a cada minuto. O cara está declarando guerra.

– É obviamente maluco – disse Cruise Um.

– Um maluco esperto, implacável, que quer entrar em guerra com a polícia. – Estava claro que Kline achava as implicações empolgantes.

– E daí? – perguntou Cruise Dois.

– Eu disse antes que este crime tinha probabilidade de atrair o interesse da imprensa. Esqueçam o que eu falei. Este pode ser o crime do ano, talvez da década. Todos os elementos são ímãs de mídia. – Os olhos de Kline brilharam com as possibilidades. Estava tão inclinado na cadeira que suas costelas pressionavam a beira da mesa. Em seguida, tão subitamente quanto se entusiasmara, ele se conteve, recostando-se de novo com expressão pensativa, como se um alarme particular o tivesse alertado de que assassinatos eram uma coisa trágica e precisavam ser tratados como tal. – O elemento antipolícia pode ser significativo – falou em tom sóbrio.

– Sem dúvida – concordou Rodriguez. – Eu gostaria de saber se algum hóspede do instituto tem algo contra a polícia. Que tal, Hardwick?

O investigador-chefe soltou a sílaba única de uma gargalhada, como um latido.

– O que há de tão engraçado?

– A maioria dos hóspedes que entrevistamos coloca a polícia em algum ponto entre os fiscais do imposto de renda e as lesmas de jardim.

De algum modo, maravilhou-se Gurney, Hardwick havia conseguido transmitir que era exatamente isso que ele achava do capitão.

– Eu gostaria de ver os testemunhos deles.

– Estão na sua caixa de entrada. Mas posso lhe poupar algum tempo. Os testemunhos são inúteis. Todo mundo estava dormindo. Ninguém viu nada. Ninguém ouviu nada, a não ser Pasquale Cachesse, vulgo Patty Cakes. Diz que não conseguiu dormir. Abriu a janela para tomar um pouco de ar e ouviu o suposto tapa abafado. Logo imaginou que era um tiro. – Hardwick folheou uma pilha de papéis em sua pasta de arquivo e tirou um, enquanto Kline se inclinava para a frente na cadeira. – Ele disse: “Pareceu que alguém tinha levado um teco.”

Seu tom foi muito casual, como se fosse um som com o qual ele estivesse familiarizado.

Os olhos de Kline estavam brilhando de novo.

– Está dizendo que havia um mafioso presente na hora do assassinato?

– Presente na propriedade, não no local do crime – respondeu Hardwick.

– Como você sabe?

– Porque ele acordou o assistente de Mellery, Justin Bale, um rapaz que fica num quarto no mesmo prédio dos hóspedes. Cachesse disse a ele que tinha ouvido um barulho vindo da direção da casa de Mellery, achou que poderia ser um intruso e sugeriu que dessem uma olhada. Quando se vestiram e atravessaram o jardim até os fundos da casa do guru, Caddy Mellery já havia descoberto o corpo do marido e entrado para ligar para a emergência.

– Cachesse não disse ao tal de Bale que tinha ouvido um tiro? – Kline estava começando a se comportar como se estivesse em um tribunal.

– Não. Ele nos disse quando o entrevistamos no dia seguinte. Mas nesse ponto tínhamos encontrado a garrafa ensanguentada e todos os ferimentos óbvios, mas nenhum ferimento de bala perceptível e nenhuma outra arma, por isso não fomos em frente com o negócio do tiro. Achamos que Patty era o tipo de cara que só pensa em armas e que poderia ter tirado uma conclusão precipitada.

– Por que ele não disse ao Bale que tinha pensado que era um tiro?

– Disse que não queria assustá-lo.

– Tremenda consideração – disse Kline, com um risinho de desprezo. Em seguida olhou para o estoico Stimmel, ao lado, que espelhou seu riso. – Se ele tivesse...

– Mas ele disse a *você* – interveio Rodriguez. – Uma pena você não ter prestado atenção.

Hardwick conteve um bocejo.

– Que diabos um mafioso estava fazendo num lugar que vende “renovação espiritual”? – perguntou Kline.

Hardwick deu de ombros.

– Ele fala que adora o lugar. Vai lá uma vez por ano para acalmar os nervos. Diz que é um pedacinho do céu e que Mellery era um santo.

– Ele disse isso mesmo?

– Ele disse isso mesmo.

– Este caso é espantoso! Mais algum hóspede interessante na área?

Aquele brilho irônico que Gurney achava tão inexplicavelmente desagradável surgiu nos olhos de Hardwick.

– Se o senhor quer falar de malucos arrogantes, infantis, drogados, sim, há um bom número de “hóspedes interessantes”, além da viúva mais rica do que Deus.

Enquanto Kline refletia, talvez sobre o interesse da mídia por uma cena de crime tão sensacional, o olhar dele pousou em Gurney, que por acaso estava sentado do outro lado da mesa, na sua diagonal. A princípio sua expressão permaneceu tão desconectada quanto se estivesse olhando uma cadeira vazia. Depois inclinou a cabeça com curiosidade.

– Espere um minuto – disse ele. – Dave Gurney, Departamento de Polícia de Nova York. Rod me disse quem estaria nesta reunião, mas só registrei seu nome agora. Você não é o cara sobre quem a revista *New York* fez um artigo há alguns anos?

Hardwick respondeu primeiro:

– É o nosso garoto. A manchete era “Superdetetive”.

– Agora me lembro – exclamou Kline. – Você resolveu uns casos importantes de assassinos em série. O lunático do Natal com os pedaços de corpos e o Porky Pig, ou sei lá como diabos era o nome dele.

– Peter Possum Piggert – respondeu Gurney afavelmente.

Kline olhou-o com espanto.

– Então esse tal de Mellery por acaso é o melhor amigo do astro dos assassinatos em série do DPNY? – As possibilidades de mídia estavam obviamente ficando melhores a cada minuto.

– Eu me envolvi até certo ponto nos dois casos – disse Gurney numa voz tão desprovida de emoção quanto a de Kline era cheia de empolgação. – Assim como um monte de outras pessoas. Quanto a Mellery ser meu melhor amigo, seria triste se fosse verdadeiro, considerando que não nos falamos durante 25 anos e que mesmo naquela época...

– Mas – cortou Kline –, quando se viu encrocado, foi você que ele procurou.

Gurney observou os rostos à mesa, expressando várias gradações de respeito e inveja, e se maravilhou com o poder sedutor da simplificação. ASSASSINATO SANGRENTO DE AMIGO DE TIRA DA PESADA apelava instantaneamente àquela parte do cérebro que adora desenho animado e odeia complexidade.

– Suspeito que ele me procurou porque eu era o único policial que ele conhecia.

Kline parecia não estar pronto para encerrar o assunto, mas por enquanto estava disposto a seguir em frente e voltar a ele mais tarde.

– Qualquer que fosse o relacionamento entre vocês, seu contato com a vítima lhe abre uma janela para o caso que ninguém mais tem.

– Foi por isso que eu quis que ele viesse aqui hoje – disse Rodriguez em seu estilo “encarregado das coisas”.

Uma gargalhada curta chegou à garganta de Hardwick, seguida por um sussurro que só Gurney ouviu.

– Ele odiou a ideia até que Kline gostou.

Rodriguez foi em frente.

– Programei para que ele nos desse seu depoimento em seguida e respondesse a qualquer pergunta que ele suscitar. E pode haver um bom número delas. Para evitar interrupções, vamos fazer uma pausa de cinco minutos agora, para quem quiser ir ao banheiro.

– Está cagando para você, Gurney – disse o sussurro incorpóreo, perdido em meio ao som de cadeiras sendo afastadas da mesa.

Interrogando Gurney

Gurney tinha a teoria de que os homens se comportavam no banheiro como se estivessem num vestiário ou num elevador – quer dizer, com familiaridade espalhafatosa ou distanciamento inquieto. Esta era uma turma tipo elevador. Só quando todos retornaram à sala de reuniões alguém falou.

– Como é que um cara tão modesto fica tão famoso? – perguntou Kline, rindo com um charme ensaiado que ao mesmo tempo escondia e revelava o gelo que havia por baixo.

– Não sou tão modesto assim e tenho toda a certeza de que não sou tão famoso – respondeu Gurney.

– Se todo mundo já sentou – disse Rodriguez bruscamente –, cada um de vocês vai encontrar à sua frente cópias das mensagens recebidas pela vítima. À medida que nossa testemunha apresentar o relato sobre suas conversas com a vítima, vocês poderão examinar as mensagens que foram discutidas. – Com um rápido movimento de cabeça para Gurney, ele concluiu: – Quando estiver pronto.

Gurney não estava mais surpreso com o estilo controlador do sujeito, mas mesmo assim era desagradável. Olhou ao redor, conseguindo contato visual com todos, menos com o oficial que o tinha levado até a cena do crime, que folheava ruidosamente seu maço de papéis, e com Stimmel, o assistente do promotor, que olhava o espaço como um sapo contemplativo.

– Como o capitão sugeriu, há muita coisa a abordar. Talvez seja melhor eu fazer um resumo dos acontecimentos na ordem em que ocorreram e deixar as perguntas de vocês para o fim, depois que tiverem ouvido toda a história. – Ele viu a cabeça de Rodriguez se levantando para questionar e depois baixando no instante em que Kline assentiu, aprovando o procedimento proposto.

De seu modo claro e conciso (mais de uma vez tinham lido dito que ele poderia ser professor de lógica), Gurney fez um resumo do caso durante vinte minutos – começando com o e-mail de Mellery pedindo para vê-lo, passando pela série de mensagens desconcertantes e as reações de Mellery e concluindo com o telefonema do assassino e o bilhete na caixa de correio (o que mencionava o número 19).

Kline era um ouvinte fascinado e foi o primeiro a falar quando o relato acabou:

– É uma história de vingança épica! O assassino estava obcecado por acertar as contas com Mellery por algo terrível que ele fez anos atrás, bêbado.

– Por que esperar tanto tempo? – perguntou a sargento Wigg, que Gurney estava achando

mais interessante a cada vez que ela falava.

Os olhos de Kline ficaram brilhantes com as possibilidades.

– Talvez Mellery tenha revelado alguma coisa num de seus livros. Talvez assim o assassino tenha descoberto que ele era responsável por algum acontecimento trágico que não havia associado a Mellery antes. Ou talvez o sucesso de Mellery tenha sido a gota d'água, aquilo que o assassino não suportou. Ou talvez, como disse o primeiro bilhete, o assassino o tenha encontrado por acaso na rua um dia. Um ressentimento antigo retorna à vida. O inimigo entra na mira e... pou!

– Pou porra nenhuma – disse Hardwick.

– Tem uma opinião diferente, investigador-chefe Hardwick? – perguntou Kline com um sorriso tenso.

– Cartas redigidas cuidadosamente, mistérios com números, orientações para mandar um cheque a um endereço errado, uma série de poemas cada vez mais ameaçadores, mensagens ocultas para a polícia que só poderiam ser descobertas através de um composto químico em busca de impressões latentes, guimbas de cigarro cirurgicamente limpas, uma trilha impossível de pegadas e uma porra de uma cadeira dobrável, pelo amor de Deus! Esse é um pou tremendamente prolongado.

– Meu esboço da situação não se destinava a excluir a premeditação – disse Kline. – Mas neste ponto estou mais interessado no motivo básico do que nos detalhes. Quero entender a ligação entre o assassino e sua vítima. Entender a conexão que costuma ser a chave para a condenação.

Essa resposta parecida com um sermão gerou um silêncio desagradável, rompido por Rodriguez.

– Blatt! – rosou ele para o guia de Gurney, que olhava para suas cópias das duas primeiras mensagens como se tivessem caído do espaço sobre seu colo. – Você parece perdido.

– Não entendi. O criminoso manda uma carta para a vítima, diz para ela pensar num número e depois olhar num envelope lacrado e ali está: 658. Está dizendo que isso aconteceu mesmo?

Antes que alguém pudesse responder, seu parceiro interveio:

– E duas semanas depois o criminoso faz isso de novo, dessa vez pelo telefone. Diz para Mellery pensar num número e olhar na caixa de correio. A vítima pensa no 19, olha na caixa de correio e lá está o número 19 no meio de uma carta do criminoso. É estranho pra caralho, meu chapa.

– Temos a gravação que a vítima fez do telefonema – disse Rodriguez, fazendo parecer uma realização pessoal – Passe a parte em que ele fala do número, Wigg.

Sem comentários, a sargento digitou algumas teclas e, depois de um intervalo de dois ou três segundos, o telefonema entre a vítima e seu perseguidor – o que Gurney tinha ouvido através do equipamento de teleconferência de Mellery – começou a ser ouvido, já no ponto intermediário. Os rostos à mesa ficaram fascinados pela estranha inflexão da voz da pessoa que ligava e pelo medo tenso na de Mellery.

– *Sussurre o número.*

– *Sussurrar?*

– *É.*

– *Dezenove.*

– *Bom, muito bom.*

– *Quem é você?*

– *Ainda não sabe? Tanta dor e você não faz ideia. Achei que isso poderia acontecer. Deixei uma coisa para você mais cedo. Um bilhetinho. Tem certeza de que não recebeu?*

– *Não sei do que você está falando.*

– *Ah, mas você sabia que o número era 19.*

– *Você me disse para pensar em um número.*

– *Mas era o número certo, não era?*

– *Não estou entendendo!*

Depois de um instante a sargento Wigg digitou duas teclas e disse:

– É isso.

A breve audição deixou Gurney consternado, com raiva, enjoado.

Blatt levantou as palmas das mãos num gesto de perplexidade.

– Que diabos era aquilo, homem ou mulher?

– Quase com certeza um homem – respondeu Wigg.

– Como você sabe?

– Fizemos uma análise do tom da voz hoje cedo e o gráfico mostra mais tensão à medida que a frequência aumenta.

– E...?

– O tom varia consideravelmente de uma frase para outra, até mesmo de uma palavra para outra, e em cada caso a voz era nitidamente menos tensa nas frequências mais graves.

– Quer dizer que a pessoa estava se esforçando para falar num tom mais agudo e que os mais graves saíam naturalmente? – perguntou Kline.

– Exato – respondeu Wigg em sua voz ambígua mas não desprovida de atrativos. – Não é uma prova conclusiva, mas é bastante sugestiva.

– E o ruído de fundo? – perguntou Kline.

Era uma pergunta que também estava na mente de Gurney. Ele havia percebido vários sons de veículos na gravação, o que situava a chamada numa área aberta, talvez uma rua movimentada ou um shopping center ao ar livre.

– Teremos mais detalhes depois de outras análises, mas no momento parece haver três categorias de sons: a conversa em si, o trânsito e o zumbido de algum tipo de motor.

– Quanto tempo essa análise vai demorar? – perguntou Rodriguez.

– Depende da complexidade dos dados capturados – respondeu Wigg. – Avalio que entre

12 e 24 horas.

– Faça com que sejam 12.

Depois de um silêncio incômodo, algo que Rodriguez tinha talento para provocar, Kline fez uma pergunta a ninguém especificamente:

– E aquele negócio de sussurrar? Quem não deveria ouvir Mellery dizer o número 19? – Ele se virou para Gurney. – Alguma ideia?

– Não. Mas duvido que tenha algo a ver com não ser ouvido.

– Por que diz isso? – desafiou Rodriguez.

– Porque sussurrar é um modo péssimo de não ser ouvido – sussurrou Gurney, de forma bastante audível, para enfatizar o argumento. – É como outros elementos peculiares do caso.

– Como o quê? – insistiu Rodriguez.

– Bem, por exemplo, por que a incerteza no bilhete, se referindo a novembro ou dezembro? Por que uma arma de fogo e uma garrafa quebrada? Por que o mistério das pegadas? E a outra pequena questão que ninguém mencionou: por que nenhuma pegada de animal?

– O quê? – Rodriguez pareceu atarantado.

– Caddy Mellery disse que ela e o marido ouviram os guinchos de animais brigando atrás da casa, por isso ele desceu e olhou pela porta dos fundos. Mas não havia rastros de animais em nenhum lugar próximo e eles deveriam ser muito óbvios na neve.

– Estamos perdendo o foco. Não sei como a presença ou a ausência de rastros de guaxinim, ou do que quer que estejamos falando, pode ter importância para o caso.

– Meu Deus – disse Hardwick, ignorando Rodriguez e lançando um riso de admiração para Gurney. – Está certo. Naquela neve não havia uma única marca que não fosse feita pela vítima ou pelo assassino. Por que não notei isso?

Kline se virou para Stimmel.

– Nunca vi um caso com tantas provas e tão poucas que fizessem sentido. – Ele balançou a cabeça. – Quer dizer, como foi que o assassino fez aquele negócio dos números? E por que fazer duas vezes? – Ele olhou para Gurney. – Tem certeza de que os números não significavam nada para Mellery?

– Noventa por cento de certeza. Quase tanta quanto tenho com relação a qualquer outra coisa.

– Voltando ao quadro geral – disse Rodriguez. – Eu estava pensando na questão do motivo que você mencionou antes, Sheridan...

O celular de Hardwick tocou. Ele o tirou do bolso e encostou no ouvido antes que Rodriguez pudesse questionar.

– Merda – disse depois de ouvir durante uns dez segundos. – Tem certeza? – Ele olhou as pessoas em volta da mesa. – Nenhuma bala. Eles examinaram cada centímetro da parede dos fundos da casa. – Nada.

– Mande verificarem dentro da casa – disse Gurney.

– Mas o tiro foi disparado do lado de fora.

– Eu sei, mas Mellery provavelmente não fechou a porta depois de sair. Uma pessoa ansiosa, numa situação dessas, ia querer que ela ficasse aberta. Diga aos peritos que considerem as trajetórias possíveis e verifiquem qualquer parede do interior que pudesse estar na linha de tiro.

Hardwick repassou as instruções rapidamente e desligou.

– Boa ideia – disse Kline.

– Muito boa – concordou Wigg.

– Quanto aos números – disse Blatt, mudando abruptamente de assunto –, isso tem que ser algum tipo de hipnose ou percepção extrassensorial, não é?

– Não creio – respondeu Gurney.

– Mas tem que ser. O que mais poderia ser?

Hardwick compartilhava os sentimentos de Gurney nesse aspecto e respondeu primeiro:

– Meu Deus, Blatt, quando foi a última vez que a polícia estadual investigou um crime envolvendo controle místico da mente?

– Mas ele sabia o que o cara estava pensando!

Desta vez Gurney respondeu primeiro, com seu modo conciliador:

– Parece mesmo que alguém sabia exatamente o que Mellery estava pensando, mas aposto que estamos deixando de ver alguma coisa, algo que vai ser muito mais simples do que leitura de mentes.

– Deixe-me fazer uma pergunta, detetive Gurney. – Rodriguez estava recostado na cadeira, o punho direito apoiado na palma da mão esquerda diante do peito. – Houve provas que se acumularam rapidamente, por meio de uma série de cartas ameaçadoras e telefonemas, de que Mark Mellery era o alvo de um perseguidor homicida. Por que o senhor não trouxe essas provas à polícia antes do assassinato?

O fato de Gurney ter antecipado a pergunta e estar preparado para respondê-la não diminuiu a ferocidade.

– Agradeço o título de “detetive”, capitão, mas me aposentei dele, assim como do distintivo e da arma, há dois anos. Quanto a informar o caso à polícia à medida que ele se desenrolava, nada de prático poderia ser feito sem a colaboração de Mellery, e ele deixou claro que não colaboraria.

– Está dizendo que não poderia levar a situação à polícia sem permissão dele? – O tom de voz de Rodriguez estava subindo, sua atitude se enrijecendo.

– Ele deixou claro que não queria que a polícia se envolvesse, que considerava a ideia da intromissão policial mais destrutiva do que útil e que faria o que fosse preciso para impedir isso. Se eu tivesse informado, ele teria erguido um muro contra vocês e recusado qualquer outra comunicação comigo.

– As outras comunicações dele com você não ajudaram muito, não é?

– Infelizmente, capitão, o senhor está certo com relação a isso.

A suavidade, a ausência de resistência na resposta de Gurney, deixou Rodriguez

momentaneamente desequilibrado. Sheridan Kline aproveitou a deixa:

– Por que ele se opunha ao envolvimento da polícia?

– Ele considerava a polícia desajeitada e incompetente para alcançar um resultado positivo. Não acreditava que os policiais fossem garantir sua segurança e temia que criassem publicidade negativa para o instituto.

– Isso é ridículo – disse Rodriguez, afrontado.

– Elefantes numa loja de louças, era essa comparação que ele fazia com a polícia. Estava decidido a não cooperar. Nenhum policial teria permissão de entrar em sua propriedade, nenhum policial faria contato com seus hóspedes nem receberia informações dadas por ele. Mellery parecia disposto a partir para uma ação judicial diante da menor sugestão de interferência da polícia.

– Ótimo, mas o que eu gostaria de saber... – começou Rodriguez, sendo de novo interrompido pelo toque familiar do telefone de Hardwick.

– Hardwick falando... Certo... Onde?... Fantástico... Obrigado. – Ele enfiou o telefone no bolso e anunciou a Gurney, em voz suficientemente alta para que todos ouvissem: – Encontraram a bala. Numa parede interna. Na verdade, no hall central da casa, na linha da porta dos fundos, que aparentemente estava aberta quando o tiro foi dado.

– Parabéns – disse a sargento Wigg a Gurney e depois, a Hardwick: – Alguma ideia do calibre?

– Acham que é uma 357, mas vamos esperar o que diz a balística.

Kline pareceu preocupado. Fez uma pergunta a ninguém em particular:

– Será que Mellery poderia ter algum outro motivo para não querer a polícia por perto?

Blatt, com o rosto franzido de perplexidade, acrescentou sua própria pergunta:

– Que diabos são “elefantes numa loja de louças”?

Um cheque em branco

No tempo que Gurney levou para ir das montanhas Catskills até seu sítio perto de Walnut Crossing, a exaustão o havia dominado – uma névoa emocional que misturava fome, sede, frustração, tristeza e dúvida. O progresso de novembro em direção ao inverno estava tornando os dias perturbadoramente mais curtos, em especial nos vales, onde as montanhas ao redor criavam crepúsculos mais cedo. O carro de Madeleine não estava em seu lugar habitual, perto do barracão do jardim. A neve, parcialmente derretida pelo sol do meio-dia e recongelada pelo frio da tarde, fazia barulho sob os pés.

A casa estava num silêncio de morte. Gurney acendeu a luminária sobre uma pequena mesa da cozinha. Lembrou-se de Madeleine dizendo algo naquela manhã sobre o cancelamento do jantar para convidados por causa de alguma reunião a que todas as mulheres queriam ir, mas os detalhes lhe escaparam. *Portanto, no final das contas, não houve necessidade da porcaria das nozes.* Colocou um saquinho de chá Darjeeling numa xícara, encheu-a com água da torneira e colocou no micro-ondas. Movido pelo hábito, foi para sua poltrona na outra extremidade da cozinha. Afundou-se nela e apoiou os pés num banquinho de madeira. Dois minutos depois o apito do micro-ondas foi absorvido pela textura de um sonho cheio de sombras.

Acordou com o som dos passos de Madeleine.

Era uma percepção supersensível, talvez, mas algo nos passos parecia raivoso. A direção e a proximidade deles pareciam indicar que ela o vira na poltrona, mas optara por não falar com ele.

Abriu os olhos a tempo de vê-la sair da cozinha, indo para o quarto. Espreguiçou-se, ergueu-se das profundezas da poltrona, foi até o aparador pegar um lenço de papel e assoou o nariz. Ouviu uma porta do armário se fechar, um tanto forte demais, e um minuto depois ela retornou à cozinha. Tinha trocado a blusa de seda por um suéter sem forma.

– Você acordou – disse ela.

Ele interpretou o comentário como uma crítica ao fato de ter dormido.

Ela acendeu uma fileira de luzes sobre a bancada e abriu a geladeira.

– Já comeu? – Parecia uma acusação.

– Não, tive um dia muito cansativo e, quando cheguei em casa, fiz uma xícara de... Ah,

droga, esqueci. – Ele foi até o micro-ondas, tirou uma xícara de chá escuro e frio e esvaziou-a, com saquinho e tudo, na pia.

Madeleine foi até a pia, tirou o saquinho de chá e fez questão de jogá-lo no lixo.

– Também estou bastante cansada. – Ela balançou a cabeça em silêncio durante um momento. – Não entendo por que esses idiotas daqui acreditam que é uma boa ideia construir uma prisão horrorosa, cercada por arame farpado, no meio da região mais linda do estado.

De repente ele lembrou. Naquela manhã ela dissera que planejava ir a uma reunião da prefeitura em que aquela controvertida proposta seria discutida mais uma vez. A questão era se a cidade deveria concorrer para se tornar o local de uma instalação que os opositores chamavam de prisão e os apoiadores, de centro de tratamento. A batalha da nomenclatura surgia da linguagem burocrática ambígua que autorizava esse projeto piloto para uma nova classe de instituição. Seria conhecido como ACTE (Ambiente Correcional e Terapêutico Estadual), e o objetivo duplo era o encarceramento e a reabilitação de criminosos envolvidos com drogas. Na verdade, a linguagem burocrática era praticamente impenetrável e deixava muito espaço para interpretações e discussões.

Era um tema sensível entre os dois, não porque Gurney não compartilhasse o desejo dela de manter o ACTE fora de Walnut Crossing, mas porque ele não estava entrando na batalha com tanta ênfase quanto a mulher achava que deveria.

– Há provavelmente meia dúzia de pessoas que vão se dar muito bem – falou Madeleine mal-humorada –, e todas as outras do vale, além das que tiverem que passar por aqui, vão ser obrigadas a ver uma porcaria de um monstro pelo resto da vida. E em troca de quê? Da suposta reabilitação de um bando de traficantes sacanas? Me poupe!

– Outras cidades estão competindo. Com sorte, uma delas vai ganhar.

Ela deu um sorriso frio.

– Claro, se os conselhos municipais delas forem mais corruptos ainda do que o nosso, isso pode acontecer.

Sentindo o calor da indignação dela como uma forma de pressão sobre si mesmo, ele decidiu que tentaria mudar de assunto.

– Acho que vou fazer omeletes. Quer? – Gurney viu a fome dela disputar brevemente com a raiva. A fome venceu.

– Sem pimentão – alertou ela. – Não gosto.

– Por que compra, então?

– Não sei. Certamente não para omeletes.

– Quer cebolinha?

– Sem cebolinha.

Ela arrumou a mesa enquanto ele batia os ovos e esquentava a frigideira.

– Quer beber alguma coisa? – perguntou ele.

Ela balançou a cabeça. Gurney sabia que ela nunca bebia nada junto com a comida, mas ele perguntava assim mesmo. Mania esquisita, pensou, a de continuar perguntando embora já

soubesse a resposta.

Nenhum dos dois falou mais do que algumas palavras até que terminaram de comer e deram um empurrãozinho nos pratos em direção ao centro da mesa.

– Como foi seu dia? – disse ela.

– Meu dia? Quer dizer, minha reunião com a fantástica equipe de homicídios?

– Você não ficou impressionado?

– Ah, fiquei. Se você quisesse escrever um livro sobre dinâmica de equipes problemáticas sob o comando do Capitão Infernal, poderia colocar um gravador naquele lugar e transcrever palavra por palavra.

– Pior do que a que você deixou ao se aposentar?

Ele foi lento em responder, não porque não tivesse certeza da resposta, mas por causa da entonação esgarçada que detectou na palavra *aposentar*. Decidiu responder às palavras, não ao tom.

– Havia algumas pessoas difíceis na cidade, mas o Capitão Infernal opera num nível de arrogância e insegurança totalmente diferente. Ele está desesperado para impressionar o promotor, não tem respeito pelo seu próprio pessoal nem qualquer sentimento verdadeiro pelo caso. Cada pergunta, cada comentário, era hostil ou sem sentido, geralmente as duas coisas.

Ela o encarou especulativamente.

– Não estou surpresa.

– Como assim?

Ela deu de ombros suavemente. Parecia que estava tentando compor a expressão para transmitir o mínimo possível.

– Simplesmente não estou surpresa. Acho que se você chegasse em casa e dissesse que passou o dia com a melhor equipe de homicídios que já conheceu, me surpreenderia. Só isso.

Gurney sabia que não era só isso. Mas era inteligente o bastante para também saber que Madeleine era mais inteligente do que ele e de jeito nenhum ele iria convencê-la a falar de algo que não queria.

– Bem – disse ele –, o fato é que foi exaustivo e pouco encorajador. Neste momento, pretendo tirar isso da cabeça e fazer algo totalmente diferente.

Foi uma declaração espontânea, irrefletida, seguida por um vazio mental. Passar para algo totalmente diferente não era tão fácil quanto parecia. As dificuldades do dia continuavam a girar num redemoinho diante dele, junto com a reação enigmática de Madeleine. Nesse momento a opção que, na última semana, viera cutucando as bordas da sua resistência, a opção que ele mantivera fora de vista mas não totalmente fora da cabeça, se intrometeu de novo. Desta vez, inesperadamente, junto com ela veio um jorro de determinação de tomar a atitude que vinha evitando.

– A caixa... – disse. Sua garganta estava apertada, a voz rouca, enquanto forçava o assunto a sair antes que seu medo pudesse recapturá-lo, antes mesmo que soubesse como iria terminar a frase.

Calma, curiosa, atenta, Madeleine o olhou por cima do prato vazio, esperando que continuasse.

– Os desenhos dele... O que... Ou seja, por que...? – Ele lutou para tirar uma pergunta racional do meio do conflito e da confusão em seu coração.

O esforço era desnecessário. A capacidade de Madeleine de ver os pensamentos nos olhos do marido sempre excedia a capacidade dele de articulá-los.

– Precisamos dizer adeus. – A voz dela era suave, relaxada.

Ele olhou para a mesa. Nada em sua mente se transformava em palavras.

– Já faz muito tempo – disse ela. – Danny se foi e nós nunca nos despedimos dele.

Gurney assentiu, quase imperceptivelmente. Seu sentido de tempo estava se dissolvendo, a mente estranhamente vazia.

Quando o telefone tocou, era como se ele estivesse sendo acordado, puxado de volta para o mundo – um mundo de problemas familiares, mensuráveis, descritíveis. Madeleine continuava à mesa ao seu lado, mas Gurney não sabia quanto tempo tinham ficado sentados ali.

– Quer que eu atenda? – perguntou ela.

– Tudo bem. Eu atendo. – Ele hesitou, como um computador recarregando informações, depois se levantou, um tanto inseguro, e foi ao escritório.

– Gurney. – Atender ao telefone assim, como havia feito durante todos os anos na delegacia de homicídios, era um hábito que tinha achado difícil abandonar.

A voz que falou com ele era animada, agressiva, artificialmente calorosa. Fez com que se lembrasse de uma velha regra de vendas: sempre sorria quando estiver falando ao telefone, porque isso o faz parecer mais amigável.

– Dave, que bom que você está aí! É o Sheridan Kline. Espero não ter interrompido seu jantar.

– O que posso fazer por você?

– Vou direto ao ponto. Acho que você é o tipo de homem com quem posso ser franco. Conheço sua reputação e esta tarde tive uma mostra de por que você a conquistou. Fiquei impressionado. Espero não estar deixando você sem graça.

Gurney estava imaginando onde aquilo iria parar.

– É muita gentileza sua.

– Gentileza, não. Sinceridade. Estou ligando porque este caso pede alguém com sua capacidade e eu adoraria encontrar um modo de aproveitar seu talento.

– Você sabe que eu me aposentei, não sabe?

– Foi o que me disseram. E tenho certeza de que voltar à velha rotina é a última coisa que você gostaria de fazer. Não estou sugerindo nada disso. Tenho a sensação de que este caso vai ser muito grande e adoraria contar com você.

– Não sei bem o que você está pedindo.

– Em termos ideais, gostaria que você descobrisse quem matou Mark Mellery.

– Não é para isso que existe a Unidade de Crimes Hediondos do BIC?

- Claro. E com alguma sorte ela pode acabar tendo sucesso.
- Mas...?
- Mas quero aumentar minhas chances. Este caso é importante demais para ser deixado à mercê dos procedimentos usuais. Quero ter um ás na manga.
- Não sei como me encaixo nisso.
- Você não se vê trabalhando para o BIC? Não se preocupe. Achei que Rod não era seu tipo. Não, você vai prestar contas pessoalmente a mim. Nós poderíamos colocá-lo como uma espécie de investigador adjunto ou consultor do meu escritório, o que for melhor para você.
- De quanto do meu tempo estamos falando?
- Isso é com você. – Quando Gurney não respondeu, ele foi em frente: – Mark Mellery devia confiar em você, admirá-lo. Pediu que o ajudasse a enfrentar um predador. Estou pedindo que me ajude a pegar o mesmo sujeito. Agradecerei por qualquer coisa que você possa me dar.

Esse cara é bom, pensou Gurney. Sabe tudo sobre a arte da sinceridade.

- Vou falar com minha esposa – respondeu. – Ligo de volta amanhã de manhã. Dê um número onde eu possa encontrá-lo.

O sorriso na voz era gigantesco.

- Vou lhe dar o número da minha casa. Tenho a sensação de que você costuma acordar cedo, como eu. Ligue a qualquer hora depois das seis da manhã.

Quando ele voltou à cozinha, Madeleine estava à mesa, mas seu humor havia mudado. Estava lendo o *Times*. Ele se sentou diante dela, ficando de frente para o velho fogão a lenha. Olhou para ele sem vê-lo de verdade e começou a massagear a testa como se a decisão que o confrontava fosse uma cãibra que tivesse de ser aliviada.

- Não é tão difícil, é? – perguntou Madeleine sem levantar os olhos do jornal.

– O quê?

– O que você está pensando.

– O promotor parece ansioso pela minha ajuda.

– Por que ele não ficaria?

– Normalmente uma pessoa de fora não seria trazida para uma coisa dessas.

– Mas você não é simplesmente uma pessoa de fora, é?

– Acho que minha conexão com Mellery faz diferença.

Ela inclinou a cabeça, espiando-o com sua visão de raio X.

– Ele foi muito lisonjeiro – disse Gurney, tentando não parecer lisonjeado.

– Provavelmente só estava descrevendo seus talentos com precisão.

– Comparado com o capitão Rodriguez, qualquer um pareceria bom.

Ela riu de sua humildade desajeitada.

– O que ele lhe ofereceu?

- Na verdade, um cheque em branco. Eu atuaria através do escritório dele. Mas precisaria ter muito cuidado para não pisar no calo de ninguém. Eu disse que decidiria até amanhã de

manhã.

- Decidiria o quê?
- Se quero fazer isso ou não.
- Está brincando?
- Você acha má ideia?
- Quero dizer, você está brincando ao dizer que ainda não decidiu?
- Há muita coisa envolvida.
- Mais do que você pode imaginar, mas é óbvio que você vai aceitar.

Ela voltou a ler o jornal.

- Como assim, mais do que eu posso imaginar? – perguntou ele depois de um longo minuto.
- Às vezes as escolhas têm consequências que não prevemos.
- Como o quê?

O olhar triste dela dizia que essa era uma pergunta idiota.

Depois de uma pausa, ele disse:

- Eu sinto que devo algo ao Mark.

Um brilho de ironia foi acrescentado ao olhar dela.

- Por que essa expressão esquisita?
- É a primeira vez que ouço você chamá-lo pelo primeiro nome.

Conhecendo o promotor

O Edifício do Ministério Público, que tinha essa designação inócua desde 1935, fora chamado anteriormente de Asilo de Lunáticos Bumblebee – fundado em 1899 devido à generosidade (e à insanidade temporária, como argumentaram seus herdeiros deserdados sem resultado prático) do inglês Sir George Bumblebee. O prédio de tijolos vermelhos, escurecido por um século de fuligem, erguia-se sombrio sobre a praça da cidade. Ficava a cerca de um quilômetro e meio da sede da polícia estadual e a uma hora e quinze de viagem de Walnut Crossing.

O interior era menos atraente ainda do que o lado de fora, por motivos opostos. Nos anos 1960, o edifício fora reformado e modernizado. Lustres sujos e lambris de carvalho tinham sido substituídos por luzes fluorescentes claras demais e divisórias brancas. Passou pela mente de Gurney a ideia de que a forte luz moderna devia servir para manter os fantasmas loucos dos residentes anteriores a distância – uma coisa estranha para se pensar a caminho de negociar os detalhes de um contrato de trabalho, por isso se concentrou no que Madeleine dissera naquela manhã, quando ele saía: “Ele precisa de você mais do que você precisa dele.” Gurney refletiu sobre isso enquanto esperava para passar pelo elaborado aparato de segurança do saguão. Assim que atravessou essa barreira, seguiu uma série de setas até uma porta com um painel de vidro fosco em que se lia em elegantes letras pretas: PROMOTOR DISTRITAL.

Ao entrar, a mulher sentada à mesa da recepção ficou olhando para ele. Gurney já havia observado que a escolha que um homem faz de uma secretária se baseia em competência, sexo ou prestígio. Aquela mulher parecia oferecer as três opções. Apesar de ter cerca de cinquenta anos, ela possuía o cabelo, a pele, a maquiagem, as roupas e o corpo tão bem cuidados que sugeriam uma atenção excessiva à aparência física. A expressão avaliadora nos olhos dela era fria, além de sensual. Um pequeno retângulo de latão na mesa anunciava que seu nome era Ellen Rackoff.

Antes que qualquer um dos dois falasse, uma porta à direita da mesa dela se abriu e Sheridan Kline entrou na sala de recepção. Riu dando a impressão de algo parecido com cordialidade.

– Nove horas em ponto! Não estou surpreso. Você parece uma pessoa que faz exatamente o que diz que vai fazer.

– É mais fácil do que a alternativa.

– O quê? Ah, sim, sim, claro. – Riso maior, porém menos cordial. – Prefere café ou chá?

– Café.

– Eu também. Nunca entendi o chá. Você curte cachorro ou gato?

– Cachorro, acho.

– Já notou que os fãs de cachorro preferem café? Que o chá é para o pessoal dos gatos?

Gurney não achou que valesse a pena pensar nisso. Kline fez um gesto para que ele o seguisse à sua sala, depois estendeu o gesto na direção de um sofá de couro estilo contemporâneo, acomodando-se numa poltrona parecida do outro lado de uma mesa de vidro baixa e substituindo o riso por uma expressão de seriedade quase cômica.

– Dave, preciso dizer como fico feliz por você estar disposto a nos ajudar.

– Presumindo que haja um papel adequado para mim.

Kline piscou.

– Território é uma questão sensível – disse Gurney.

– Concordo totalmente. Deixe-me ser franco, falar de peito aberto, como diz o ditado.

Gurney escondeu uma careta por baixo do sorriso educado.

– Algumas pessoas que conheço no Departamento de Polícia de Nova York falam coisas impressionantes de você. Você foi o investigador-chefe em alguns casos muito importantes, o homem-chave, que juntou tudo, mas, quando chegava a hora de receber os parabéns, sempre dava o crédito a outra pessoa. O que dizem é que você tinha o maior talento e o menor ego do departamento.

Gurney sorriu, não do elogio, que ele sabia que era calculado, mas da expressão de Kline, que parecia realmente perplexa com a ideia da relutância em aceitar o crédito.

– Gosto do trabalho. Não gosto de ser o centro das atenções.

Por um longo momento Kline pareceu estar tentando identificar um sabor fugaz em sua comida, depois desistiu.

Inclinou-se para a frente.

– Diga como você acha que pode atuar neste caso.

Esta era a pergunta crítica. Prever como deveria respondê-la havia ocupado boa parte da viagem de Gurney desde Walnut Crossing.

– Como analista consultor.

– O que isso significa?

– A equipe de investigação do BIC é responsável por reunir, inspecionar e preservar provas, entrevistar testemunhas, seguir pistas, verificar álbis e formular hipóteses funcionais relativas à identidade, aos movimentos e às motivações do assassino. Esta última parte é crucial e é nela que acho que posso ajudar.

– Como?

– Olhar os fatos de uma situação complexa e desenvolver uma hipótese razoável era a única parte do trabalho em que eu era bom.

– Duvido.

– Outras pessoas são melhores em interrogar suspeitos, descobrir provas no local...

– Como a bala que ninguém sabia onde procurar?

– Aquilo foi uma suposição, um golpe de sorte. Geralmente há alguém melhor do que eu em cada pedacinho da investigação. Mas quando se trata de juntar as peças, de ver o que importa e o que não importa, eu sei fazer o trabalho. Nem sempre eu estava certo, mas isso acontecia com frequência suficiente para fazer diferença.

– Então você tem ego, afinal de contas.

– Se quiser chamar assim. Conheço minhas limitações e meus pontos fortes.

Pelos anos de experiência em interrogatórios também sabia como certas personalidades reagiriam a determinadas atitudes, e não estava errado com relação a Kline. O olhar do sujeito refletia uma compreensão mais confortável do tal sabor exótico que estivera tentando rotular.

– Deveríamos falar sobre compensação – disse Kline. – O que tenho em mente é um valor por hora, que estabelecemos para algumas categorias de consultores no passado. Posso lhe oferecer 75 dólares por hora, além de despesas – despesas razoáveis –, começando agora.

– Está bom.

Kline estendeu sua mão de político.

– Estou ansioso para trabalhar com você. Ellen montou um pacote de formulários, liberações, garantias, acordos de sigilo. Talvez você demore algum tempo se quiser ler o que está assinando. Ela vai deixar uma sala à sua disposição. Há detalhes que teremos de discutir à medida que trabalharmos. Vou colocá-lo pessoalmente a par de qualquer informação nova que receber do BIC ou do meu pessoal, e o incluirei nas reuniões gerais como as de ontem. Se você precisar falar com o pessoal das investigações, combine isso através do meu escritório. Para falar com testemunhas, suspeitos, pessoas que interessem, também acione meu escritório. Tudo bem?

– Tudo.

– Você não desperdiça palavras. Eu também não. Agora que estamos trabalhando juntos, deixe-me perguntar uma coisa. – Kline se recostou e juntou as pontas dos dedos formando um triângulo com as mãos, para dar mais peso à pergunta. – Por que você atiraria primeiro em alguém antes de furá-lo quatorze vezes?

– Um número tão alto normalmente sugeriria um ato de fúria ou a tentativa de forjar a sangue-frio a aparência de fúria. O número exato pode não ser significativo.

– Mas atirar primeiro...

– Sugere que o propósito de golpear com a garrafa era algo diferente do homicídio.

– Não estou entendendo. – Kline inclinou a cabeça como um pássaro curioso.

– Mellery levou o tiro de perto. A bala perfurou a artéria carótida. Não havia sinal na neve de que a arma fora largada ou jogada no chão. Portanto, o assassino deve ter demorado para desenrolar a arma do material usado para abafar o som e depois recolocá-la num bolso ou num coldre antes de pegar a garrafa quebrada e se posicionar para golpear a vítima, agora deitada inconsciente na neve. Nesse ponto o ferimento arterial estaria espirrando sangue dramaticamente. Então por que se incomodar em golpeá-lo com a garrafa? Não foi para matar

a vítima, que, para todos os objetivos práticos, já estava morta. Não, a intenção do criminoso pode ter sido apagar a evidência do tiro...

– Por quê? – perguntou Kline inclinando-se na poltrona.

– Não sei. É só uma possibilidade. Mas, dados o conteúdo dos bilhetes que precederam o ataque e o trabalho que ele teve para levar a garrafa quebrada, é mais provável que os golpes tivessem algum significado ritual.

– Satânico? – A expressão de horror de Kline mal disfarçava seu apetite para o potencial de mídia que um motivo desses geraria.

– Duvido. Por mais que os bilhetes pareçam loucos, não acho que sejam loucos desse modo específico. Não. Quero dizer “ritual” no sentido de que cometer o assassinato de um modo específico era importante para ele.

– Uma fantasia de vingança?

– Pode ser. Ele não seria o primeiro assassino a passar meses ou anos imaginando como iria se vingar de alguém.

Kline pareceu perturbado.

– Se a parte fundamental do ataque foram os golpes com a garrafa, por que se incomodar com a arma?

– Incapacitação instantânea. Ele queria que fosse uma coisa garantida, e uma arma é um modo mais seguro do que uma garrafa para incapacitar a vítima. Depois de todo o planejamento para o serviço, ele não queria que nada desse errado.

Kline assentiu, depois saltou para outra peça do quebra-cabeça.

– Rodriguez insiste que o assassino é um dos hóspedes.

Gurney sorriu.

– Qual?

– Ele não está pronto para dizer, mas é nisso que ele aposta. Não concorda?

– A ideia não é completamente louca. Os hóspedes estão abrigados no instituto, o que coloca todos se não no local do crime, pelo menos convenientemente perto. Eles são, de fato, um grupo estranho: drogados, emocionalmente descontrolados, pelo menos um tem conexões com criminosos de alto nível...

– Mas...?

– Mas há problemas práticos.

– Como o quê?

– Pegadas e álibis, para começar. Todo mundo concorda que a neve começou a cair por volta do crepúsculo e continuou até depois da meia-noite. As pegadas do assassino entraram na propriedade vindas da estrada, depois de a neve ter parado de cair completamente.

– Como você pode ter certeza?

– As pegadas estão na neve, mas não há neve nova nelas. Para que um dos hóspedes tivesse feito as pegadas, ele precisaria ter saído do prédio principal antes que a neve começasse a cair, já que não há pegadas na neve se afastando da casa.

– Em outras palavras...

– Em outras palavras, alguém teria de estar desaparecido entre o crepúsculo e a meia-noite. Mas ninguém estava.

– Como sabe disso?

– Oficialmente, não sei. Digamos que ouvi Jack Hardwick comentar alguma coisa. Segundo os resumos das entrevistas, todos os indivíduos foram vistos por pelo menos seis outras pessoas em vários momentos da noite. De modo que, a não ser que todo mundo esteja mentindo, todos estavam realmente presentes.

Kline parecia relutante em abandonar a possibilidade de que todo mundo estivesse mentindo.

– Talvez alguém tenha tido ajuda externa – disse.

– Como um matador de aluguel?

– Algo assim.

– Então por que estaria lá?

– Como assim?

– O único motivo para ter qualquer suspeita dos hóspedes atuais é sua proximidade física com o local do assassinato. Se você tivesse contratado alguém para entrar e cometer o crime, por que ficar tão perto, para começar?

– Pela empolgação?

– Acho que é concebível – disse Gurney com óbvia falta de entusiasmo.

– Certo, vamos esquecer os hóspedes por enquanto – disse Kline. – Que tal um crime da máfia encomendado por alguém que não um dos hóspedes?

– Esta é a segunda teoria de Rodriguez?

– Ele acha que é uma possibilidade. Por sua expressão, percebo que você não concorda.

– Não vejo a lógica. Acho que ela nem viria à mente se Patty Cakes não fosse por acaso um dos hóspedes. Primeiro, não há atualmente nada conhecido sobre Mark Mellery que faça dele alvo da máfia...

– Espere um minuto. Imagine que o guru persuasivo fizesse um dos hóspedes, alguém como Patty Cakes, lhe confessar alguma coisa, você sabe, no interesse da harmonia interna, da paz espiritual ou de qualquer babaquice que estivesse vendendo às pessoas.

– E...?

– Talvez mais tarde, em casa, o bandido tivesse começado a pensar que fora um pouco longe demais com toda aquela honestidade e abertura. A harmonia com o universo pode ser uma coisa ótima, mas talvez não valha o risco de alguém obter uma informação que possa causar problemas sérios. Talvez, longe do charme do guru, o bandido tenha voltado a pensar em termos mais práticos e resolvido contratar alguém para eliminar o risco com o qual estava preocupado.

– Hipótese interessante.

– Mas...?

– Mas não existe nenhum assassino de aluguel que iria se incomodar com o tipo de jogos mentais envolvido neste assassinato em particular. Homens que matam por dinheiro não penduram as botas em galhos de árvore nem deixam poemas em cadáveres.

Kline parecia a ponto de discutir isso, mas parou quando a porta se abriu depois de uma batida superficial. A criatura esguia da recepção entrou com uma bandeja laqueada em que havia duas xícaras e dois pires de porcelana, um bule elegante, um açucareiro e uma leiteira, ambos delicados, e um prato Wedgwood com quatro biscoitos. Pôs a bandeja na mesa de centro.

– Rodriguez ligou – disse ela, olhando para Kline, e acrescentou, como se respondesse a uma pergunta telepática: – Ele está vindo, falou que chegaria em alguns minutos.

Kline olhou para Gurney como se estivesse tentando ler a reação dele.

– Rod ligou para mim hoje cedo – explicou. – Parecia ansioso para compartilhar algumas opiniões sobre o caso. Sugeriu que ele desse um pulo enquanto você estava aqui. Gosto que todo mundo saiba de tudo ao mesmo tempo. Quanto mais todos soubermos, melhor. Sem segredos.

– Boa ideia – disse Gurney, suspeitando que a motivação de Kline para ter os dois ali ao mesmo tempo não tinha nada a ver com abertura e tudo com uma tendência para administrar por meio do conflito e do confronto.

A secretária de Kline saiu da sala, mas não antes que Gurney captasse em seu rosto o sorriso de Mona Lisa que confirmava essa visão da situação.

Kline serviu os dois cafés. A porcelana parecia antiga e cara, no entanto ele a manuseava sem orgulho ou preocupação, reforçando a impressão de Gurney de que o promotor havia nascido em berço de ouro e que o trabalho com a lei era um passo na direção de algo mais compatível com o nascimento nobre. O que, mesmo, Hardwick havia sussurrado para ele na reunião da véspera? Algo sobre o desejo de ser governador? Talvez o velho e cínico Hardwick estivesse certo de novo. Ou talvez Gurney estivesse lendo coisas de mais no modo como um homem segurava uma xícara.

– Por sinal – disse Kline, recostando-se na poltrona –, aquela bala na parede, a que eles achavam que era uma 357, não era. Isso foi só uma suposição baseada no tamanho do buraco na parede antes de eles a tirarem. A balística disse que é de um 38 Special.

– Estranho.

– Na verdade, é bem comum. É a arma padrão na maioria dos departamentos de polícia desde os anos 80.

– Calibre comum, mas escolha estranha.

– Não entendi.

– O assassino se deu a um certo trabalho para abafar o som do tiro, torná-lo o mais silencioso possível. Se o barulho fosse uma grande preocupação, um 38 Special seria uma arma estranha para se escolher. Uma pistola 22 faria muito mais sentido.

– Talvez fosse a única arma que ele tivesse.

- Talvez.
- Mas você não acha.
- Ele é um perfeccionista. Iria se assegurar de ter a arma certa.

Kline deu a Gurney um olhar digno de tribunal.

– Você está se contradizendo. Primeiro disse que as provas mostram que ele queria que o tiro fosse o mais silencioso possível. Depois, que ele escolheu a arma errada para fazer isso. Agora está dizendo que ele não é o tipo de cara que escolheria a arma errada.

– Manter o som do tiro baixo era importante. Mas talvez outra coisa também fosse.

– O quê, por exemplo?

– Se há um aspecto ritual neste caso, então a escolha da arma pode fazer parte disso. A obsessão por realizar o assassinato de um certo modo seria mais importante do que o problema do som. Ele faria a coisa do modo como se sentia compelido a fazer e cuidaria da questão do som da melhor forma possível.

– Quando você fala ritual, eu ouço psicopata. Até que ponto você acha que o cara é louco?

– *Louco* não é um termo que eu considere útil. Jeffrey Dahmer foi julgado legalmente *são* e ele comia as vítimas. David Berkowitz foi julgado legalmente *são* e matava pessoas porque um cão satânico mandou.

– É com isso que você acha que estamos lidando?

– Não exatamente. Nosso assassino é vingativo e obcecado, no limiar do transtorno emocional, mas provavelmente não a ponto de comer pedaços de corpos ou receber ordens de um cachorro. É óbvio que ele é muito doente, mas não há nada nos bilhetes que reflita o critério da Associação Americana de Psiquiatria para definir psicose.

Houve uma batida à porta.

– Entre – disse Kline finalmente, em voz alta.

A porta se abriu e Rodriguez entrou. Não conseguiu esconder totalmente o desprazer ao ver Gurney.

– Rod! – exclamou Kline. – Que bom você ter vindo! Sente-se.

Evitando explicitamente o sofá em que Gurney estava sentado, ele escolheu uma poltrona virada para Kline.

O promotor deu um sorriso caloroso. Gurney achou que era a perspectiva de ver um embate de pontos de vista.

– Rod queria dar uma passadinha para apresentar sua opinião atual sobre o caso. – Ele parecia um juiz apresentando um boxeador ao outro.

– Estou ansioso para ouvir – disse Gurney em tom afável.

Não suficientemente afável para impedir Rodriguez de interpretar o comentário como uma provocação disfarçada. Ele não precisou de incentivo para dar sua opinião.

– Todo mundo está concentrado nas árvores – falou alto o bastante para ser ouvido numa sala muito maior do que a de Kline. – Estamos esquecendo a floresta!

– E a floresta é...? – perguntou Kline.

– A floresta é a questão da oportunidade. Todo mundo está concentrado em especular a motivação e os pequenos detalhes loucos do método. Estamos nos esquecendo da Questão Número Um: uma casa cheia de viciados em drogas e outros criminosos com fácil acesso à vítima.

Gurney imaginou se essa reação seria resultado de o capitão sentir que seu controle sobre o caso estava sendo ameaçado ou se haveria mais alguma coisa.

– O que você está sugerindo que deva ser feito? – perguntou Kline.

– Vou mandar que todos os hóspedes sejam entrevistados de novo e pedir que o passado deles seja investigado mais profundamente. Vamos vasculhar a vida desses viciados. Pode anotar o que estou dizendo: um deles é o criminoso e é só questão de tempo até descobrirmos qual.

– O que você acha, Dave? – O tom de Kline era quase casual demais, como se estivesse tentando esconder o prazer que sentia em provocar uma batalha.

– Outras entrevistas e verificação do passado podem ser úteis – respondeu Gurney, afável.

– Úteis, mas não necessárias?

– Só vamos saber depois de fazer. Também pode ser útil abordar a questão da oportunidade, ou do acesso à vítima, num contexto mais amplo: por exemplo, hotéis ou pousadas nas vizinhanças imediatas, que podem ser quase tão convenientes quanto os alojamentos dos hóspedes no instituto.

– Eu apostaria que foi um hóspede – disse Rodriguez. – Quando um nadador desaparece em águas infestadas de tubarões, não é porque foi sequestrado por um sujeito que passava de jet ski. – Ele olhou irritado para Gurney, cujo sorriso interpretou como um desafio. – Vamos cair na real!

– Estamos olhando as pousadas, Rod? – perguntou Kline.

– Estamos olhando tudo.

– Bom. Dave, há mais alguma coisa que estaria na sua lista de prioridades?

– Nada que já não esteja encaminhado. Trabalho de laboratório com o sangue; fibras estranhas na vítima ou ao redor; marca, disponibilidade e qualquer peculiaridade das botas; análise de balística; análise da gravação do telefonema do assassino a Mellery, com melhoria nos sons de fundo e identificação da torre transmissora, se for uma ligação de celular; registros de linhas fixas e de celular dos hóspedes atuais; análise grafotécnica dos bilhetes, com identificação de papel e tinta; perfil psicológico baseado nas comunicações e no modo de operação do assassino; cruzamento com o banco de dados de cartas ameaçadoras do FBI. Acho que isso cobre tudo. Estou esquecendo alguma coisa, capitão?

Antes que Rodriguez pudesse dar uma resposta, algo que ele não parecia ter pressa em fazer, a secretária de Kline abriu a porta e entrou.

– Com licença, senhor – disse com uma deferência que parecia destinada a consumo público. – Há uma tal de sargento Wigg querendo ver o capitão.

Rodriguez franziu a testa.

– Mande-a entrar – disse Kline, cujo apetite por confronto parecia ilimitado.

A ruiva que estivera na reunião na sede do Bureau de Investigação Criminal entrou, usando o mesmo terninho azul simples e carregando o mesmo laptop.

– O que você quer, Wigg? – perguntou Rodriguez, mais irritado do que curioso.

– Descobrimos uma coisa, senhor, que achei suficientemente importante para trazer à sua atenção.

– O que é?

– É sobre as botas, senhor.

– Botas?

– As botas na árvore, senhor.

– O que é que tem?

– Posso colocar isso na mesa de centro? – perguntou Wigg, indicando o laptop.

Rodriguez olhou para Kline, que assentiu.

Depois de trinta segundos e algumas teclas digitadas, os três homens estavam olhando para um par de fotos de pegadas aparentemente idênticas dividindo a tela.

– As da esquerda são pegadas deixadas no local. As da direita são as que fizemos na mesma neve com as botas recuperadas da árvore.

– Então as botas que fizeram as pegadas são as mesmas que encontramos no fim da trilha. Você não precisava vir até esta reunião para dizer isso.

Gurney não pôde resistir a uma interrupção:

– Acho que a sargento Wigg veio nos dizer exatamente o oposto.

– Está dizendo que as botas que estavam na árvore não eram as que o assassino usava? – perguntou Kline.

– Isso não faz nenhum sentido – disse Rodriguez.

– Muito pouca coisa neste caso faz sentido – corrigiu Kline. – Sargento?

– As botas são da mesma marca, do mesmo estilo, do mesmo tamanho. Ambos os pares são novos em folha. Mas são definitivamente diferentes. A neve, especialmente a dez graus abaixo do ponto de congelamento, é um meio excelente para registrar detalhes. O detalhe relevante aqui é esta deformidade minúscula nesta parte da pegada. – Ela apontou com um lápis para uma elevação quase invisível no calcanhar da bota da direita, a da árvore. – Esta deformidade, que provavelmente ocorreu durante o processo de fabricação, aparece em todas as pegadas que fizemos com esta bota, mas em nenhuma do local do crime. A única explicação plausível é que foram feitas por botas diferentes.

– Certamente poderia haver outras explicações – disse Rodriguez.

– O que o senhor tem em mente?

– Só estou apontando a possibilidade de algo ter sido desconsiderado.

Kline pigarreou.

– Só para argumentar, vamos presumir que a sargento Wigg esteja certa e estejamos lidando com dois pares, um usado pelo assassino e outro deixado na árvore no fim da trilha. O que,

afinal, isso significa? O que nos diz?

Rodriguez olhou a tela do computador, cheio de ressentimento.

– Absolutamente nada de útil para pegar o assassino.

– E você, Dave?

– Isso me diz a mesma coisa que o bilhete deixado no corpo. É só outro tipo de mensagem: “Peguem-me se puderem, mas não podem, porque sou inteligente demais para vocês.”

– Como diabos um segundo par de botas diz isso a você? – Havia raiva na voz de Rodriguez.

Gurney respondeu com uma calma quase sonolenta, sua reação característica à raiva desde que conseguia se lembrar:

– Sozinho, ele não me diria nada. Mas, somando-o aos outros detalhes peculiares, todo o quadro me parece cada vez mais um jogo elaborado.

– Se é um jogo, o objetivo é nos distrair, e está funcionando – zombou Rodriguez.

Quando Gurney não respondeu, Kline o cutucou.

– Você parece não ter concordado com isso.

– Acho que o jogo é mais do que uma distração. Acho que é todo o sentido da coisa.

Rodriguez se levantou da poltrona, enojado.

– A não ser que precise de mim para outra coisa, Sheridan, tenho de voltar ao meu escritório.

Após apertar a mão de Kline com o rosto sério, ele saiu, seguido logo depois por Wigg. O promotor não demonstrou nenhuma reação à partida.

– O que você acha que deveríamos estar fazendo e não estamos? – perguntou, inclinando-se para Gurney. – Claramente você não vê a situação como o Rod.

Gurney deu de ombros.

– Não faz mal olhar mais de perto os hóspedes. Isso teria de ser feito em algum momento. Mas o capitão tem esperanças mais elevadas do que eu de que isso leve a uma prisão.

– Está dizendo que é essencialmente perda de tempo?

– É um processo de eliminação necessário. Só não acho que o assassino seja um dos hóspedes. O capitão fica enfatizando a importância da oportunidade, a suposta conveniência de o assassino estar no local. Mas eu vejo isso como inconveniência, uma chance grande demais de ser visto saindo ou voltando ao quarto, sem falar em coisas de mais para serem escondidas. Onde ele manteria a cadeira dobrável, as botas, a garrafa, a arma? Os riscos e complicações seriam inaceitáveis para esse tipo de indivíduo.

Kline levantou uma sobrancelha, curioso, e Gurney continuou:

– Numa escala de personalidade indo de desorganizada até organizada, esse cara ultrapassou o extremo da organização, está fora da curva. Sua atenção aos detalhes é extraordinária.

– Quer dizer, como ao refazer a trama da cadeira dobrável para deixá-la toda branca e reduzir a visibilidade na neve?

– É. Além disso, ele tem muito sangue-frio. Não fugiu da cena do crime: saiu andando. As pegadas que vão do pátio até a floresta foram feitas tão tranquilamente que parece até que ele saiu para um passeio.

– Aquele frenesi de golpear a vítima com uma garrafa de uísque quebrada não me parece frio.

– Se acontecesse num bar, você estaria certo. Mas lembre-se de que a garrafa foi preparada cuidadosamente antes, até mesmo lavada e enxugada para tirar as digitais. Eu diria que a aparência de frenesi foi tão planejada como todo o resto.

– Certo – concordou Kline lentamente. – Frio, calmo, organizado. O que mais?

– É um perfeccionista no modo como se comunica. Culto, com um sentido de linguagem e métrica. Cá entre nós, eu chegaria ao ponto de dizer que os poemas têm uma formalidade estranha, que me parece a nobreza afetada que às vezes encontramos na sofisticação de primeira geração.

– Que diabos você está falando?

– O filho bem-educado de pais sem formação, desesperado para se destacar. Mas, como eu disse, estou indo longe nesse aspecto, muito além de qualquer prova concreta.

– Mais alguma coisa?

– Modos afáveis por fora, cheio de ódio por dentro.

– E você não acha que é um dos hóspedes?

– Não. Pelo ponto de vista dele, a vantagem da proximidade seria suplantada pela desvantagem do risco.

– Você é um homem muito lógico, detetive Gurney. Acha que o assassino é igualmente lógico?

– Ah, sim. Tão lógico quanto patológico. Fora da curva nos dois quesitos.

De volta à cena do crime

A rota de Gurney ao sair do escritório de Kline passava por Peony, então ele decidiu dar uma parada no instituto.

O documento temporário que a secretária de Kline havia lhe dado permitiu que ele passasse pelo policial do portão sem perguntas. Enquanto respirava o ar gélido, Gurney refletiu que o dia estava fantasmagoricamente parecido com a manhã depois do assassinato. A camada de neve, que nos dias seguintes havia derretido em parte, agora estava restaurada. As nevascas noturnas, comuns nas áreas mais altas das Catskills, tinham renovado e branqueado a paisagem.

Decidiu refazer a rota do assassino, achando que poderia notar na paisagem algo que havia deixado passar. Seguiu pela entrada de veículos, atravessou o estacionamento, os fundos do celeiro onde a cadeira dobrável fora encontrada. Olhou ao redor, tentando entender por que o assassino escolhera aquele local para se sentar. Sua concentração foi interrompida pelos sons de uma porta se abrindo e batendo e por uma voz áspera e familiar:

– Meu Deus! A gente deveria pedir um ataque aéreo e arrasar a porra desse lugar.

Achando melhor revelar sua presença, Gurney passou pela alta cerca viva que separava a área do celeiro do pátio traseiro da casa. O sargento Hardwick e o investigador Tom Cruise Blatt o receberam com olhares pouco receptivos.

– Que diabos você está fazendo aqui? – perguntou Hardwick.

– Fiz um acordo temporário com o promotor. Só queria dar outra olhada no local. Desculpe interromper, mas achei que você gostaria de saber que eu estava aqui.

– No meio dos arbustos?

– Atrás do celeiro. Onde o assassino se sentou.

– Para quê?

– Uma pergunta melhor seria *por que* ele ficou ali.

Hardwick deu de ombros.

– Espreitando nas sombras? Fazendo uma pausa para fumar na porra da cadeira dobrável? Esperando o momento certo?

– O que tornaria o momento certo?

– Que diferença isso faz?

– Não sei. Mas por que esperar aqui? E por que chegar ao local tão cedo a ponto de ter de trazer uma cadeira?

– Talvez ele quisesse esperar até que os Mellery dormissem. Talvez quisesse esperar até que todas as luzes fossem apagadas.

– Segundo Caddy Mellery, eles foram para a cama e apagaram as luzes horas antes. E o telefonema que acordou os dois era quase certamente do assassino. O que significa que ele queria que os dois estivessem acordados, e não dormindo. E, se ele quisesse saber se as luzes estavam apagadas, por que se colocar num dos poucos lugares de onde não poderia ver as janelas do andar de cima? De fato, pela posição da cadeira, ele mal podia ver a casa.

– Que porra isso tudo deve significar? – reagiu Hardwick, o tom belicoso anulado pela expressão inquieta nos olhos.

– Que um criminoso muito inteligente e cuidadoso se esforçou tremendamente para fazer uma coisa sem sentido ou que nossa reconstituição do que aconteceu aqui está errada.

Blatt, que estivera acompanhando a conversa como se fosse um jogo de tênis, olhou para Hardwick.

O investigador-chefe parecia estar sentindo um gosto desagradável.

– Há alguma chance de você conseguir um café?

Blatt franziu os lábios insatisfeito, mas voltou para a casa, presumivelmente para cumprir a ordem.

Hardwick se demorou acendendo um cigarro.

– Há outra coisa que não faz sentido. Eu estava olhando um relatório sobre as pegadas, e o espaçamento entre as pegadas que vêm da estrada para o local da cadeira atrás do celeiro é, em média, sete centímetros e meio maior do que entre as que vão do corpo para a floresta.

– O que quer dizer que o criminoso estava andando mais rápido quando chegou do que quando saiu?

– Exatamente.

– Então ele estava com mais pressa para chegar ao celeiro, sentar e esperar do que para ir embora do local depois do assassinato?

– Foi como Wigg interpretou os dados, e não consegui pensar em outra hipótese.

Gurney balançou a cabeça.

– Estou dizendo, Jack: nossa lente está fora de foco. E, por sinal, há outros dados que me incomodam. Onde, exatamente, a garrafa de uísque foi encontrada?

– A uns trinta metros do corpo, ao lado das pegadas que se afastavam.

– Por que ali?

– Porque foi onde ele largou. Qual é o problema?

– Por que carregar até lá? Por que não deixar perto do corpo?

– Por uma distração. No calor do momento ele não percebeu que ainda estava com ela. Quando notou, jogou fora. Não vejo qual é o problema.

– Talvez não haja problema nenhum. Mas as pegadas são muito regulares, relaxadas, sem pressa, como se tudo estivesse acontecendo de acordo com o plano.

– O que você quer dizer com isso? – Hardwick demonstrava uma frustração semelhante à de

alguém tentando segurar as compras dentro de uma sacola rasgada.

– Tudo neste caso parece tranquilo, planejado, cerebral. Meu instinto diz que tudo está aqui por algum motivo.

– Está dizendo que ele carregou a garrafa por trinta metros e a largou ali premeditadamente?

– É o que suponho.

– Que porcaria de motivo ele teria?

– Que efeito isso provocou em nós?

– O que você está falando?

– Esse cara está tão focalizado na polícia quanto estava em Mark Mellery. Já lhe ocorreu que as estranhezas no local do crime podem ser parte de um jogo que ele está fazendo com a gente?

– Não, isso não me ocorreu. Francamente, é meio louco demais.

Gurney conteve a ânsia de continuar argumentando. Em vez disso, falou:

– Creio que o capitão Rod ainda acha que foi um dos hóspedes.

– É, “um dos lunáticos do asilo”, como ele diz.

– Você concorda?

– Que eles são lunáticos? Sem dúvida. Que um deles é o assassino? Pode ser.

– E pode ser que não?

– Não sei, mas não diga isso ao Rodriguez.

– Ele tem algum candidato favorito?

– Qualquer um dos viciados serviria para ele. Ontem ele estava falando que o Instituto Mellery de Renovação Espiritual não passava de um spa caro para vagabundos ricos.

– Não captei a conexão.

– Entre o quê?

– O que, exatamente, o vício em drogas tem a ver com o assassinato de Mark Mellery?

Hardwick deu uma última tragada pensativa no cigarro, depois jogou a guimba na terra molhada sob a cerca viva. Gurney refletiu que esse não era o tipo de coisa que alguém deveria fazer numa cena de crime, mesmo depois de terem passado um pente fino, mas era o tipo de coisa a que havia se acostumado durante a colaboração anterior entre os dois. Nem ficou surpreso quando Hardwick foi até a cerca para apagar a guimba com o bico do sapato. Era assim que o sujeito se dava tempo para pensar no que iria ou não dizer. Quando a guimba estava totalmente apagada e enterrada uns bons sete centímetros no solo, ele falou:

– Provavelmente não tem muito a ver com o assassino, mas tem um bocado a ver com o Rodriguez.

– Algo que você possa me dizer?

– Ele tem uma filha no Greystone.

– O hospital psiquiátrico em Nova Jersey?

– É. Ela sofreu algum dano permanente. Drogas de boate, metanfetamina, crack. Fritou

alguns circuitos, tentou matar a mãe. Para Rodriguez, todos os viciados em drogas do mundo são responsáveis pelo que aconteceu com ela. Não é um assunto sobre o qual ele consiga pensar racionalmente.

– Por isso ele acha que um viciado matou Mellery?

– É como ele quer que seja, o que o faz pensar assim.

Um sopro de vento úmido varreu o pátio vindo da direção do gramado coberto de neve. Gurney estremeceu e enfiou as mãos no fundo dos bolsos do casaco.

– Achei que ele só queria impressionar Kline.

– Isso também. Para um idiota, ele é bem complicado. Louco por controle, ambicioso e totalmente inseguro. Obcecado por castigar os viciados. E não muito feliz com você, por sinal.

– Algum motivo específico?

– Não gosta de desvios do procedimento-padrão. Não gosta de caras inteligentes. Não gosta que ninguém fique mais perto de Kline do que ele. Quem sabe o que mais, porra?

– Não parece o estado de espírito ideal para comandar uma investigação.

– Bem, qual a novidade no maravilhoso mundo da justiça criminal? Só porque um cara é um escroto fodido não quer dizer que esteja sempre errado.

Gurney preferiu não comentar essa pérola de sabedoria de Hardwick e mudou de assunto.

– O foco nos hóspedes significa que outras linhas estão sendo ignoradas?

– Tipo o quê?

– Tipo falar com as pessoas da área. Motéis, hotéis, pousadas...

– Nada está sendo *ignorado* – disse Hardwick com um súbito ar defensivo. – O pessoal das casas vizinhas, e não são muitas, menos de uma dúzia na estrada que vem do povoado ao instituto, foi contatado nas primeiras 24 horas, um esforço que produziu informação zero. Ninguém ouviu nada, viu nada, lembrou nada. Nenhum estranho, nenhum barulho, nenhum veículo em horário esquisito, nada fora do comum. Algumas pessoas disseram ter ouvido coiotes. Um casal achou que ouviu uma coruja.

– A que horas foi isso?

– A que horas foi o quê?

– A coruja.

– Não faço ideia, porque eles não faziam ideia. O mais próximo que puderam chegar foi que era no meio da noite.

– Locais de hospedagem?

– O quê?

– Alguém verificou os locais de hospedagem na área?

– Há um motel fora do vilarejo, um lugar decadente que serve a caçadores. Estava vazio naquela noite. Os únicos outros lugares num raio de cinco quilômetros são duas pousadas. Uma está fechada para o inverno. A outra, se me lembro bem, tinha um quarto ocupado na noite do assassinato, um observador de pássaros e a mãe dele.

– Observando pássaros em novembro?

– Também achei estranho, por isso verifiquei uns sites de observadores de pássaros. Por acaso os que levam o negócio a sério adoram o inverno: árvores sem folhas, melhor visibilidade, muitos faisões, corujas, galos silvestres, chapins, blá-blá-blá.

– Você falou com as pessoas?

– Blatt conversou com um dos donos: dois veados com nomes esquisitos, nenhuma informação útil.

– Nomes esquisitos?

– É, um deles era Peachpit, algo assim.

– Peachpit?

– Algo assim. Não, Plumstone, é isso. Paul Plumstone. Dá para acreditar?

– Alguém falou com o observador de pássaros e a mãe?

– Acho que eles foram embora antes que Blatt passasse por lá, mas não diga que eu falei.

– Ninguém seguiu essa linha?

– Meu Deus! Como eles iriam saber de alguma coisa? Se quiser visitar os Peachpit, fique à vontade. O nome do lugar é Pousada dos Loureiros, fica a dois quilômetros e meio do instituto, descendo a montanha. Eu tenho um número limitado de homens designados para este caso e não posso sair por aí perseguindo qualquer um que tenha passado por Peony.

– Certo.

O significado da resposta de Gurney era vago, na melhor das hipóteses, mas de algum modo pareceu aplacar Hardwick, que disse num tom quase cordial:

– Por falar nisso, preciso voltar ao trabalho. O que você disse que estava fazendo aqui?

– Achei que, se andasse de novo pelo terreno, algo poderia me ocorrer.

– Essa é a metodologia do grande solucionador de crimes do Departamento de Polícia de Nova York? Patético!

– Eu sei, Jack, eu sei. Mas neste momento é o melhor que posso fazer.

Hardwick voltou para a casa balançando a cabeça numa incredulidade exagerada.

Gurney inalou o cheiro úmido da neve e, como sempre, aquele odor deslocou por um momento todos os seus pensamentos racionais, evocando uma poderosa emoção da infância para a qual não tinha palavras. Seguiu pelo gramado branco em direção à floresta, com o cheiro da neve inundando-o de lembranças – de histórias que seu pai lia para ele quando tinha cinco ou seis anos e que eram mais nítidas do que qualquer coisa em sua vida real. Eram histórias sobre pioneiros, cabanas em lugares ermos, trilhas na floresta, índios bons, índios maus, galhos partidos, pegadas de mocassins no capim, a haste partida de uma samambaia oferecendo a prova crucial da passagem do inimigo e os gritos dos pássaros da floresta, alguns reais, alguns imitados pelos índios como comunicação em código – imagens concretas, ricamente detalhadas. Era irônico, pensou, como as lembranças das histórias contadas pelo pai haviam substituído a maioria de suas lembranças do homem em si. Com razão, pois, excetuando-se as histórias que contava, seu pai nunca tivera muito a ver com ele. Acima de tudo, seu pai trabalhava. Trabalhava e ficava isolado.

Trabalhava e ficava isolado. Gurney percebeu que essa frase, como resumo de vida, descrevia seu próprio comportamento com tanta precisão quanto o de seu pai. As barreiras que ele erguera para não reconhecer essas semelhanças pareciam ameaçadas por enormes buracos ultimamente. Ele suspeitava não só que estava se transformando no pai como também que isso vinha acontecendo há muito tempo. *Trabalhava e ficava isolado.* Como isso dava um sentido pequeno e gélido à sua vida! Como era humilhante ver quanto de nosso tempo na Terra podia ser capturado numa frase tão curta. Que tipo de marido era ele, se suas energias eram tão circunscritas? E que tipo de pai? Que tipo de pai é tão absorvido por suas prioridades profissionais que... Não, chega.

Gurney andou até a floresta, seguindo o que lembrava ser a rota das pegadas, agora obscurecidas pela neve recente. Quando chegou ao bosque de sempre-verdes onde a trilha terminava de modo implausível, inalou a fragrância de pinho, ouviu o silêncio profundo do lugar e esperou uma inspiração. Não veio nenhuma. Sem graça por ter esperado outra coisa, forçou-se a repassar pela vigésima vez o que sabia sobre os acontecimentos da noite do assassinato. Que o assassino havia entrado na propriedade a pé, vindo da estrada? Que trazia um 38 Special, uma garrafa quebrada de uísque Four Roses, uma cadeira dobrável de jardim, um par extra de botas e um minigravador com os guinchos de animais que tiraram Mellery da cama? Que usava macacão de Tyvek, luvas e um grosso casaco com forro de pluma de ganso que ele poderia usar para abafar os tiros? Que se sentou atrás do celeiro para fumar? Que fez Mellery sair para o pátio, matou-o com um tiro e depois golpeou o corpo pelo menos quatorze vezes? Que depois andou calmamente 800 metros pelo gramado e pela floresta, pendurou um par extra de botas num galho de árvore e desapareceu sem deixar vestígios?

O rosto de Gurney havia se retorcido numa careta – em parte por causa do frio úmido do dia que ia escurecendo e em parte porque agora, mais claramente do que nunca, percebia que o que “sabia” sobre o crime não fazia absolutamente nenhum sentido.

Para trás

Novembro era o mês de que menos gostava, um mês de luz fraca, um mês incerto arrastando-se trôpego entre o outono e o inverno.

Essa percepção parecia exacerbar o sentimento de que ele estava cambaleando na névoa no caso Mellery, cego para algo que se encontrava bem diante de seus olhos.

Quando chegou em casa naquele dia vindo de Peony, decidiu, para variar, compartilhar sua confusão com Madeleine, que estava sentada à mesa de pinho diante dos restos de chá com bolo.

– Eu adoraria ouvir sua opinião sobre uma coisa – disse ele.

Madeleine inclinou a cabeça com curiosidade, o que ele interpretou como um incentivo.

– O Instituto Mellery fica numa área de quarenta hectares entre a Filchers Brook Road e a Thornbush Lane, nos morros acima do povoado. Há uns trinta e seis hectares de floresta e talvez uns quatro hectares de gramados, canteiros de flores, um estacionamento e três prédios – o principal, que abriga o centro de palestras, os escritórios e os quartos de hóspedes; a residência particular dos Mellery; e um celeiro para o equipamento de manutenção.

Madeleine levantou os olhos para o relógio na parede da cozinha e ele se apressou.

– Os policiais que chegaram primeiro encontraram um conjunto de pegadas que entravam na propriedade vindo da Filchers Brook Road e iam até uma cadeira atrás do celeiro. Da cadeira elas iam até o local onde Mellery foi morto e dali até um lugar a oitocentos metros de distância, na floresta, onde paravam. Depois não havia mais pegadas. Nenhuma pista de como o indivíduo que chegou até aquele ponto poderia ter ido embora sem deixar mais nenhuma pegada.

– Isso é uma brincadeira?

– Estou descrevendo as provas no local do crime.

– Que tal a outra estrada que você mencionou?

– A Thornbush Lane fica a uns trinta metros da última pegada.

– O urso voltou – disse Madeleine depois de um curto silêncio.

– O quê? – perguntou Gurney, sem entender.

– O urso. – Ela acenou para a janela.

Entre a janela e os canteiros de flores adormecidos e incrustados de geada, o suporte de aço em forma de bengala que sustentava um alimentador de pássaros fora dobrado até o chão e o próprio alimentador tinha sido partido ao meio.

– Eu cuido disso depois – disse Gurney, irritado com o comentário irrelevante. – Você tem alguma ideia em relação ao problema das pegadas?

Madeleine bocejou.

– Acho bobo e a pessoa que fez isso é maluca.

– Mas como ela fez?

– É como o truque do número.

– Como assim?

– O que estou dizendo é: que diferença faz o modo como o assassino fez?

– Continue – pediu Gurney, com a curiosidade ligeiramente maior do que a irritação.

– Não importa *como*. A questão é *por quê*, e a resposta é óbvia.

– E a resposta óbvia é...?

– Ele quer provar que vocês são um bando de idiotas.

A resposta provocou em Gurney emoções contraditórias: ficou satisfeito porque Madeleine achava, como ele, que a polícia era o alvo do caso; por outro lado, não gostou muito da ênfase que ela deu à palavra *idiotas*.

– Talvez ele tenha andado de trás para a frente – sugeriu ela dando de ombros. – Talvez o lugar para onde vocês acham que as pegadas foram seja de onde elas vieram e o lugar de onde vocês acham que elas vieram seja para onde elas foram.

Isso estava entre as possibilidades que Gurney havia considerado e descartado.

– Esses são dois problemas. Primeiro, só muda a questão de como as pegadas puderam parar no meio de lugar nenhum para como elas puderam começar no meio de lugar nenhum. Segundo, os passos são muito bem espaçados. É difícil imaginar alguém andando para trás por um trecho tão exenso pela floresta sem tropeçar nenhuma vez.

De repente ele se deu conta de que até mesmo o menor sinal de interesse da parte de Madeleine era algo que ele deveria encorajar, por isso acrescentou calorosamente:

– Mas, na verdade, é um pensamento bem interessante. Então, por favor, continue pensando.

Às duas horas da madrugada, olhando pela janela do quarto, levemente iluminada por uma lasca de lua atrás de uma nuvem, era Gurney que ainda estava pensando – e refletindo sobre a observação de Madeleine de que a direção em que as pegadas apontavam e a direção para onde iam eram coisas diferentes. Isso era verdade, mas como ajudava na interpretação dos dados? Mesmo que alguém conseguisse andar para trás até tão longe num terreno irregular sem errar um único passo, coisa que ninguém podia fazer, essa hipótese só servia para transformar o fim inexplicável da trilha num início inexplicável.

Ou não?

E se...

Mas seria improvável. *Mesmo assim, suponha só por um momento...*

Citando Sherlock Holmes: “Quando você elimina o impossível, o que restar, por mais improvável que seja, deve ser a verdade.”

- Madeleine?
- Humm?
- Desculpe acordar você. É importante.

A resposta foi um longo suspiro.

- Está acordada?
- Agora estou.

– Escute. Suponha que o assassino entre na propriedade não vindo da estrada principal, mas pela de trás. Suponha que ele chegue várias horas antes do crime, na verdade antes que comece a nevar. Suponha que ele entre no pequeno bosque de pinheiros vindo da estrada de trás, com sua cadeirinha dobrável e o resto da parafernália, vista o macacão de Tyvek e as luvas de borracha e espere.

- Na floresta?

– No bosque de pinheiros, no local onde achamos que as pegadas terminam. Ele fica ali sentado e espera até que a neve pare, pouco depois da meia-noite. Depois se levanta, pega a cadeira, a garrafa de uísque, a arma e o minigravador com os guinchos de animais e anda 800 metros até a casa. No caminho, liga para Mellery pelo celular, a fim de garantir que ele esteja suficientemente acordado para ouvir os ruídos de animais...

– Espere um minuto. Pensei que você tinha dito que ele não podia andar para trás pela floresta.

– Não podia. Não precisava. Você estava certa em separar a orientação das pegadas da direção verdadeira, mas temos de fazer mais uma separação. Suponha que as solas das botas tenham sido separadas das próprias botas.

- Como?

– O assassino só precisaria cortar as solas de um par de botas e colar em outro, de trás para a frente. Então poderia andar para a frente com facilidade e deixar uma trilha de pegadas que parecesse estar indo na direção de onde ele vinha.

- E a cadeira dobrável?

– Ele a leva até o pátio. Talvez arrume os vários itens nela enquanto enrola o casaco com forro de pluma de ganso em volta da arma como um silenciador. As marcas da cadeira podiam ser facilmente obscurecidas pelas pegadas, de modo que ninguém visse mais tarde. Depois ele toca a fita com os animais guinchando para trazer Mellery à porta dos fundos. Há variações quanto ao modo exato como isso tudo poderia ser feito, mas o importante é que ele consegue trazer Mellery ao pátio e atira nele. Quando Mellery cai, o assassino pega a garrafa quebrada e o golpeia repetidamente. Depois joga a garrafa na direção das pegadas que fez ao ir para o pátio, pegadas que, claro, apontam para longe do pátio.

- Por que não deixá-la simplesmente perto do corpo ou levá-la com ele?

– Ele não fez isso porque queria que nós a encontrássemos. A garrafa de uísque é parte do jogo, parte da coisa toda. E acho que ele a jogou perto das pegadas que aparentemente iam embora para colocar a cereja no bolo dessa pequena trapaça.

- É um detalhe bastante sutil.
- Como o detalhe sutil de deixar um par de botas no que parecia ser o fim da trilha. Mas, claro, ele as deixou lá antes de cometer o crime.
- Então não foram as botas que fizeram as pegadas?
- Não, mas já sabíamos disso. Um técnico no laboratório de criminologia encontrou uma diferença minúscula entre a sola de uma das botas e as pegadas na neve. A princípio isso não fazia sentido. Mas se encaixa nessa versão revisada dos fatos. Perfeitamente.

Madeleine não disse nada durante alguns instantes, mas ele quase podia sentir sua mente absorvendo, avaliando, testando a nova hipótese em busca de pontos fracos.

- E depois que ele jogou a garrafa?
- Ele vai para o fundo do celeiro, põe a cadeira ali e joga um punhado de guimbas de cigarro no chão, para parecer que estivera sentado ali antes do assassinato. Tira o macacão de Tyvek e as luvas de borracha, veste o casaco, caminha pelo outro lado do celeiro – deixando a porcaria das pegadas de trás para a frente –, segue para a Filchers Brook Road, que teve a neve tirada pela prefeitura, de modo que não restam pegadas ali, e vai até seu carro na Thornbush Lane, ou desce até o povoado, ou qualquer outra coisa.

- A polícia de Peony viu alguém quando estava subindo a estrada?
- Aparentemente não, mas ele poderia ter facilmente entrado na floresta ou... – Gurney parou para avaliar as opções.

- Ou...?
- Não é a possibilidade mais provável, mas disseram que há uma pousada na montanha, que o BIC deveria estar verificando. Parece bizarro depois de quase decepar a cabeça da vítima, mas nosso maníaco homicida pode simplesmente ter caminhado de volta até uma pousadinha aconchegante.

Ficaram deitados em silêncio no escuro durante longos minutos, a mente de Gurney disparando para trás e para a frente em sua revisão do crime como alguém que tivesse acabado de lançar no mar um bote construído em casa e o estivesse verificando com atenção em busca de possíveis vazamentos. Quando teve certeza de que não havia grandes buracos, perguntou o que Madeleine achava.

- É o adversário perfeito – disse ela.
- O quê?
- O adversário perfeito.
- Quer dizer...?
- Você adora quebra-cabeças. Ele também. É um casamento feito no céu.
- Ou no inferno?
- Tanto faz. Por sinal, há alguma coisa errada com aqueles bilhetes.
- Errada com... o quê?

Madeleine tinha um jeito de saltar em sua cadeia de associações que às vezes o deixava vários passos atrás.

- Os bilhetes que você me mostrou, do assassino para Mellery. Os dois primeiros e depois os poemas. Eu estava tentando me lembrar exatamente do que havia em cada um.
- E...?
- E estava com dificuldade, mesmo tendo boa memória. Então percebi por quê. Não há nada de real neles.
- Como assim?
- Não há nada específico. Nenhuma menção ao que Mellery fez ou quem foi prejudicado. Por que ser tão vago? Nenhum nome, data, lugar, nenhuma referência concreta a coisa nenhuma. Curioso, não é?
- Os números 658 e 19 foram bem específicos.
- Mas não significavam nada para Mellery, além do fato de ele ter pensado neles. E isso tinha de ser um truque.
- Se foi, não consegui deduzir como.
- Ah, mas vai deduzir. Você é bom em ligar os pontos. – Ela bocejou. – Ninguém é melhor nisso do que você. – Não havia ironia detectável em sua voz.
- Gurney ficou deitado no escuro ao lado dela, relaxando muito brevemente no conforto do elogio. Então sua mente começou a passar um pente fino, de modo implacável, nos bilhetes do criminoso, revisando a linguagem à luz da observação dela.
- Eles eram suficientemente específicos para fazer Mellery se borrar de medo – disse. Ela suspirou sonolenta.
- Ou suficientemente inespecíficos.
- O que você está querendo dizer?
- Não sei. Talvez não houvesse nenhum evento específico com o qual ser específico.
- Mas, se Mellery não fez nada, por que foi morto?
- Ela fez um sonzinho na garganta que era o equivalente a um dar de ombros.
- Não sei. Só sei que há alguma coisa errada com aqueles bilhetes. Hora de voltar a dormir.

O Chalé Esmeralda

Ele acordou ao amanhecer sentindo-se melhor do que nas últimas semanas, ou mesmo nos últimos meses. Talvez fosse exagero dizer que, ao desvendar o mistério das botas, o primeiro dominó havia caído, mas era como ele se sentia enquanto viajava pelo campo, indo para o leste na direção do sol nascente, a caminho da pousada na Filchers Brook Road, em Peony.

Ocorreu-lhe que entrevistar “os veados” sem pedir permissão ao escritório de Kline ou ao BIC poderia fugir um pouco às regras. Mas, se alguém o repreendesse mais tarde, ele sobreviveria. Além disso, tinha a sensação de que as coisas estavam começando a virar a seu favor. *“Há uma maré nas questões dos homens...”*

Faltando menos de um quilômetro e meio para o cruzamento com a Filchers Brook, seu celular tocou. Era Ellen Rackoff.

– O promotor Kline recebeu uma notícia que gostaria de compartilhar com o senhor. Ele pediu que eu lhe dissesse que a sargento Wigg, do laboratório do BIC, conseguiu melhorar o som da fita que Mark Mellery fez do telefonema do assassino. O senhor sabe do telefonema?

– Sei – respondeu Gurney, lembrando-se da voz disfarçada e de Mellery pensando no número 19, depois descobrindo o número na carta que o assassino havia deixado na caixa de correio.

– O relatório da sargento Wigg diz que a análise de ondas sonoras mostra que os ruídos de tráfego ao fundo foram pré-gravados.

– Poderia repetir?

– Segundo Wigg, a fita contém duas gerações de sons. A voz da pessoa que liga e o som de fundo de um motor, que segundo ela é definitivamente de automóvel, são de primeira geração. Isto é, são sons ao vivo captados na hora do telefonema. Mas os outros sons, basicamente de tráfego, são de segunda geração. Ou seja, estavam sendo tocados num gravador durante o telefonema ao vivo. Está ouvindo, detetive?

– Estou, estou. É... muito interessante.

– O promotor Kline pensou que o senhor acharia isso. Ele gostaria que o senhor ligasse quando deduzir o que significa.

– Sem dúvida farei isso.

Ele entrou na Filchers Brook Road e um quilômetro e meio depois viu uma placa à esquerda proclamando que a propriedade bem cuidada era a POUSADA DOS LOUREIROS. A placa era de um oval gracioso, com as letras em caligrafia delicada. Pouco depois havia uma treliça em

arco no meio de uma fileira de altos loureiros de montanha. Uma entrada de veículos estreita passava pela treliça. Ainda que as flores tivessem sumido meses antes, algum truque da mente conjurou um perfume floral e, por associação, fez com que ele se lembrasse do comentário do rei Duncan sobre a propriedade de Macbeth, onde naquela noite ele seria assassinado: “*Este castelo tem uma localização agradável...*”

Para além da treliça havia um pequeno estacionamento de cascalho tão limpo quanto um jardim zen. Um caminho com o mesmo cascalho limpíssimo levava do estacionamento à porta da frente de uma construção impecável, com telhado de tábuas. No lugar de campainha, havia uma aldrava antiga. Quando Gurney estendeu a mão para ela, a porta se abriu revelando um homem pequeno com olhos alertas, avaliadores. Tudo nele parecia recém-lavado, desde a camisa polo verde-limão até a pele rosada e o cabelo um pouquinho louro demais para seu rosto de meia-idade.

– Ahh! – disse ele com a satisfação tensa de alguém cujo pedido de pizza, atrasado em vinte minutos, tivesse finalmente chegado.

– Sr. Plumstone?

– Não, não sou o Sr. Plumstone – disse o homenzinho. – Sou Bruce Wellstone. A aparente harmonia entre os nomes é pura coincidência.

– Sei – respondeu Gurney, perplexo.

– E o senhor, pelo que presumo, é o policial?

– Investigador especial Gurney, da promotoria. Quem lhe disse que eu viria?

– O policial que telefonou. Não tenho absolutamente nenhuma memória para nomes. Mas por que estamos parados à porta? Entre.

Gurney acompanhou-o por um corredor curto até uma sala de estar mobiliada com elaboradas peças vitorianas. O pensamento sobre quem poderia ser o policial ao telefone pôs uma expressão interrogativa nos olhos dele.

– Desculpe – disse Wellstone, evidentemente interpretando mal a expressão de Gurney. – Não sou familiarizado com os procedimentos nesses casos. Preferiria ir diretamente ao Chalé Esmeralda?

– Desculpe, não entendi.

– O Chalé Esmeralda.

– Que chalé esmeralda?

– O local do crime.

– Que crime?

– Eles não contaram nada?

– Sobre o quê?

– Sobre o motivo para o senhor estar aqui.

– Sr. Wellstone, não quero ser grosseiro, mas talvez o senhor devesse começar pelo princípio e me dizer do que está falando.

– Isso é exasperador! Eu contei tudo ao sargento que atendeu. Na verdade contei tudo duas

vezes, já que ele parecia não estar entendendo o que eu falava.

– Compreendo sua frustração, mas talvez o senhor pudesse me dizer o que contou a ele.

– Meus sapatinhos de rubi foram roubados. O senhor faz alguma ideia de quanto eles valem?

– Seus sapatinhos de rubi?

– Meu Deus, eles não lhe contaram absolutamente nada, não foi? – Wellstone começou a respirar fundo como se tentasse evitar algum tipo de ataque. Então fechou os olhos. Quando os abriu de novo, parecia reconciliado com a inépcia da polícia e falou com Gurney com a voz de um professor do ensino fundamental: – Meus sapatinhos de rubi, que valem um bocado de dinheiro, foram roubados do Chalé Esmeralda. Apesar de não ter provas, não tenho dúvida de que foram levados pelo último hóspede que o ocupou.

– Esse Chalé Esmeralda faz parte do seu estabelecimento?

– Claro que faz. Toda a propriedade se chama Pousada dos Loureiros por motivos óbvios. Há três construções: a casa principal, onde estamos, e dois chalés, o Chalé Esmeralda e o Chalé Mel. A decoração do Chalé Esmeralda é inspirada em *O mágico de Oz*, o maior filme de todos os tempos. – Um brilho em seus olhos pareceu desafiar Gurney a discordar. – O ponto alto da decoração era uma reprodução notável dos sapatinhos mágicos de Dorothy. Eu descobri hoje cedo que eles haviam sumido.

– E o senhor informou isso a...?

– Ao seu pessoal, obviamente, por isso o senhor está aqui.

– O senhor ligou para o Departamento de Polícia de Peony?

– Bem, certamente não liguei para o Departamento de Polícia de Chicago.

– Temos dois problemas separados, Sr. Wellstone. A polícia de Peony, sem dúvida, vai entrar em contato com o senhor para falar do roubo, mas não é por isso que estou aqui. Estou investigando outro assunto e preciso lhe fazer algumas perguntas. Um detetive que esteve aqui outro dia foi informado, creio que por um tal de Sr. Plumstone, que há três noites os senhores receberam dois observadores de pássaros como hóspedes, um homem e a mãe dele.

– Foi ele!

– Ele o quê?

– Que roubou meus sapatinhos de rubi!

– O observador de pássaros roubou seus sapatinhos?

– O observador de pássaros, o ladrão, o desgraçado afanador. Isso mesmo, foi ele!

– E o motivo para isso não ter sido mencionado ao detetive da polícia estadual...?

– Não foi mencionado porque ninguém sabia. Eu disse que só descobri o roubo hoje cedo.

– Então o senhor não entrou no chalé desde que o homem e a mãe dele fecharam a conta?

– Eles não fecharam a conta, simplesmente partiram em algum momento do dia. Tinham pago antecipadamente, de modo que não havia necessidade de fechar nada. Nós tentamos manter uma certa informalidade civilizada aqui, o que, claro, torna a traição de nossa confiança ainda mais insuportável. – Falar sobre isso levava Wellstone a quase engasgar na

última palavra.

– É normal demorar tanto tempo para...?

– Arrumar o quarto? É normal nesta época do ano. Novembro é o mês mais fraco. A próxima reserva do Chalé Esmeralda é para a semana do Natal.

– O homem do BIC não examinou o chalé?

– Homem do BIC?

– O detetive que esteve aqui há dois dias era do Bureau de Investigação Criminal.

– Ah. Bem, ele falou com o Sr. Plumstone, não comigo.

– Quem, exatamente, é o Sr. Plumstone?

– Essa é uma pergunta muito boa. É uma pergunta que eu mesmo venho fazendo. – Ele disse isso com amargura, depois balançou a cabeça. – Desculpe, não devo deixar que questões emocionais se intrometam num negócio da polícia. Paul Plumstone é meu sócio. Somos os donos dos Loureiros. Pelo menos até o momento.

– Sei. Voltando à minha pergunta: o homem do BIC examinou o chalé?

– Por que ele faria isso? Quer dizer, parece que ele veio aqui por causa daquele crime horrível que aconteceu no instituto lá em cima na montanha, queria saber se nós tínhamos visto alguma pessoa suspeita espreitando por aí. Paul... o Sr. Plumstone... disse a ele que não tínhamos visto e o detetive foi embora.

– Ele não pediu nenhuma informação específica sobre os hóspedes?

– Os observadores de pássaros? Não, claro que não.

– Claro que não?

– A mãe era semi-inválida e o filho, mesmo sendo um ladrão, não fazia nem um pouco o tipo matança e carnificina.

– Que tipo de pessoa o senhor diria que ele era?

– Eu diria que era meio frágil. Definitivamente frágil. Tímido.

– Diria que ele era gay?

Wellstone ficou pensativo.

– Pergunta interessante. Quase sempre eu tenho certeza, para um lado ou para o outro, mas neste caso não tenho. Tive a impressão de que ele queria me dar a impressão de que era gay. Mas isso não faz muito sentido, faz?

A não ser que toda a personalidade fosse uma fraude, pensou Gurney.

– Além de frágil e tímido, como o senhor o descreveria?

– Ladrão.

– Quero dizer fisicamente.

Wellstone franziu a testa.

– Bigode. Óculos fumê.

– Fumê?

– Como óculos de sol, escuros a ponto de não dar para ver seus olhos. Odeio falar com alguém sem ver seus olhos, o senhor não? Mas suficientemente claros para ele usar dentro de

casa.

– Mais alguma coisa?

– Gorro de lã, um daqueles peruanos que cobrem parte do rosto, além de cachecol e de um casaco volumoso.

– Como o senhor teve a impressão de que ele era frágil?

A testa de Wellstone se franziu numa espécie de consternação.

– Pela voz? Pelos modos? Sabe, não tenho realmente certeza. Só me lembro de ter visto, visto de *verdade*, um casaco grande e grosso e gorro, óculos escuros e bigode. – Os olhos dele se arregalaram com súbita indignação. – O senhor acha que era um disfarce?

Óculos escuros e bigode? Para Gurney, mais parecia uma paródia de disfarce. Mas mesmo esse detalhe poderia se encaixar na estranheza do caso. Ou será que ele estaria exagerando? De qualquer modo, se era um disfarce, era eficaz, deixando-os sem qualquer descrição física útil.

– Consegue se lembrar de mais alguma coisa sobre ele? Qualquer coisa?

– Era obcecado por nossos amiguinhos emplumados. Tinha um binóculo enorme, como aqueles de infravermelho que a gente vê os soldados das forças especiais usando nos filmes. Deixava a mãe no chalé e passava o tempo todo na floresta procurando pássaros, fringilídeos de peito rosa.

– Ele contou isso?

– Ah, sim.

– É surpreendente.

– Por quê?

– Não existem fringilídeos de peito rosa nas Catskills durante o inverno.

– Mas ele até disse... Desgraçado mentiroso!

– Ele até disse o quê?

– Na manhã antes de ir embora ele entrou na casa principal e não conseguia parar de falar na porcaria do pássaro. Ficava repetindo toda hora que tinha visto quatro. Ficava dizendo: quatro fringilídeos de peito rosa, como se eu duvidasse.

– Talvez ele quisesse ter certeza de que o senhor se lembraria – disse Gurney, meio para si mesmo.

– Mas o senhor disse que ele não pode ter visto, porque não há nenhum. Por que ele ia querer que eu lembrasse uma coisa que não aconteceu?

– Boa pergunta, senhor. Posso dar uma olhada rápida no chalé, agora?

Da sala de estar, Wellstone guiou-o por uma sala de jantar igualmente vitoriana, cheia de cadeiras de carvalho ornamentadas e espelhos, saindo por uma porta lateral e pegando um caminho de piso creme limpíssimo imitando pedras que, mesmo não se parecendo exatamente com a estrada de tijolos amarelos de Oz, fazia lembrar. O caminho terminava num chalé de livro de histórias coberto com hera inglesa de um verde luminoso, apesar da estação.

Wellstone destrancou a porta, abriu-a e ficou de lado. Em vez de entrar, Gurney olhou da

soleira. A sala da frente era parte sala e parte templo dedicado ao filme – com sua coleção de cartazes, um chapéu de bruxa, uma varinha mágica, bonecos do Leão Covarde e do Homem de Lata e uma réplica de pelúcia do Totó.

– Gostaria de entrar e ver a caixa de vidro de onde os sapatinhos foram tirados?

– Prefiro não fazer isso – respondeu Gurney, voltando para o caminho. – Se o senhor foi a única pessoa que esteve aí dentro desde que os hóspedes foram embora, eu gostaria de manter assim, até que possamos trazer uma equipe da perícia.

– Mas o senhor disse que não veio aqui para... Espere um minuto, o senhor disse que estava aqui por um “assunto diferente”, não foi o que disse?

– Sim, foi isso mesmo.

– De que tipo de “perícia” está falando? Quer dizer, o que... Ah, não, certamente o senhor não pode estar achando que meu observador de pássaros mão leve é o seu Jack, o Estripador.

– Francamente, senhor, não tenho motivo para pensar que seja. Mas não posso descartar nenhuma possibilidade e seria prudente que o chalé fosse examinado com mais atenção.

– Ah, minha nossa! Não sei o que dizer. Se não é um crime, é outro. Bem, acho que não posso impedir o trabalho da polícia, por mais absurdo que pareça. E há um lado positivo. Mesmo que tudo isso não tenha a ver com o terror lá do morro, talvez vocês acabem descobrindo uma pista dos sapatinhos desaparecidos.

– Sempre há uma possibilidade – disse Gurney com um sorriso educado. – O senhor pode esperar a chegada de uma equipe da perícia amanhã. Enquanto isso mantenha a porta fechada. Agora, deixe-me perguntar de novo, porque é muito importante: tem certeza de que ninguém além do senhor entrou no chalé nos últimos dois dias, nem mesmo seu sócio?

– O Chalé Esmeralda foi minha criação e é minha responsabilidade exclusiva. O Sr. Plumstone é responsável pelo Chalé Mel, inclusive pela decoração lamentável.

– Perdão?

– O tema do Chalé Mel é a apicultura, de matar qualquer um de tédio. Preciso dizer mais?

– Uma última pergunta. O senhor tem o nome e o endereço do observador de pássaros em seu livro de registros?

– Tenho o nome e o endereço que ele me deu. Considerando o roubo, duvido que as informações sejam verdadeiras.

– É melhor eu dar uma olhada no livro e anotá-los, de qualquer modo.

– Ah, não precisa olhar o livro. Agora vejo com clareza perfeita, dolorosa. Sr. e Sra... modo estranho, não acha, de um cavalheiro se registrar com a mãe? Sr. e Sra. Cila. O endereço era uma caixa postal em Wycherly, Connecticut. Posso até lhe dar o número.

Um telefonema de rotina do Bronx

Gurney estava sentado no impecável estacionamento de cascalho. Havia terminado de ligar para o BIC pedindo que uma equipe de perícia fosse mandada à Pousada dos Loureiros o mais breve possível e estava enfiando o celular no bolso quando ele tocou. Era Ellen Rackoff de novo. Primeiro ele contou a novidade sobre o casal Cila e o roubo peculiar, para que ela repassasse a Kline. Depois perguntou por que ela havia ligado. Ela lhe deu um número de telefone.

– É um detetive de homicídios do Bronx que quer falar com você sobre um caso em que está trabalhando.

– Quer falar comigo?!

– Quer falar com alguém do caso Mellery, sobre o qual leu nos jornais. Ligou para a polícia de Peony, que o repassou ao BIC, que o repassou ao capitão Rodriguez, que o repassou ao promotor, que o repassou a você. O nome dele é detetive Clamm. Randy Clamm.

– Isso é alguma piada?

– Não faço ideia.

– O que o sujeito informou sobre o caso dele?

– Zero. O senhor sabe como são os policiais. Ele queria principalmente saber sobre o nosso caso.

Gurney ligou para o número. Foi atendido ao primeiro toque.

– Clamm.

– Dave Gurney, ligando por causa do seu telefonema. Estou trabalhando com o promotor...

– Sim, senhor, sei. Agradeço o retorno rápido.

Mesmo baseando-se em praticamente nada, Gurney teve uma impressão vívida sobre o policial do outro lado: um sujeito de pensamento rápido, fala rápida, multitarefa que, com conexões melhores, poderia ter ido parar em West Point em vez de na academia de polícia.

– Soube que o senhor está trabalhando no homicídio de Mellery – disse rapidamente a voz nítida e jovem.

– Correto.

– Múltiplos ferimentos na garganta da vítima?

– Correto.

– O motivo do meu telefonema é que houve um homicídio semelhante aqui e queríamos descartar a possibilidade de qualquer ligação.

– Com semelhante você quer dizer...

– Múltiplos ferimentos na garganta.

– Minha lembrança das estatísticas de facadas no Bronx é que há mais de mil incidentes informados por ano. Você procurou conexões mais perto de casa?

– Estamos procurando. Mas até agora o seu caso é o único com mais de uma dúzia de ferimentos, todos na mesma parte do corpo.

– O que posso fazer por você?

– Depende do que estiver disposto a fazer. Eu estava pensando que seria útil para nós dois se o senhor pudesse passar aqui um dia, dar uma olhada no local do crime, acompanhar uma entrevista com a viúva, fazer perguntas, ver se alguma coisa chama a atenção.

Era a própria definição de possibilidade remota: mais remota do que muitas pistas tênues que ele havia perdido tempo seguindo em seus anos no Departamento da Polícia de Nova York. Mas Dave Gurney ignorar uma possibilidade, por mais débil que fosse, era uma impossibilidade constitucional.

Concordou em se encontrar com o detetive Clamm no Bronx na manhã seguinte.

Terceira parte

De volta ao
início

Capítulo 32

A limpeza que há de vir

O rapaz se recostou nas almofadas deliciosamente macias apoiadas na cabeceira da cama e sorriu placidamente para a tela do laptop.

- Cadê o meu Patinho Dickie? – perguntou a velha ao lado dele na cama.
- Está na caminha dele, planejando como fazer os monstros morrerem.
- Você está escrevendo um poema?
- Estou, mamãe.
- Leia em voz alta.
- Ainda não está pronto.
- Leia em voz alta – repetiu ela, como se tivesse esquecido que já dissera isso antes.
- Não está muito bom. Precisa de mais alguma coisa. – Ele ajustou o ângulo da tela.
- Você tem uma voz linda – disse ela, como por hábito, tocando distraidamente os cachos louros de sua peruca.

Ele fechou os olhos um momento. Depois, como se fosse tocar uma flauta, lambeu os lábios levemente. Quando começou a falar, era num semissussurro cadenciado:

*Eis algumas das minhas coisas preferidas:
A mágica mudança por uma bala produzida,
O sangue que jorra no chão
Até se esvair totalmente,
Olho por olho, dente por dente,
O momento da verdade, o fim de tudo a seguir,
Com a arma daquele bêbado, o bem que fiz –
Nada disso se compara com a limpeza que há de vir.*

Ele suspirou e olhou para a tela, franzindo o nariz.

– A métrica não está certa.

A velha assentiu com serena incompreensão e perguntou numa voz tímida de menininha:

– O que meu Patinho Dickie vai fazer?

Ele sentiu-se tentado a descrever a “limpeza que há de vir” com todos os detalhes que imaginava. A morte de todos os monstros. Era tão colorido, tão empolgante, tão... satisfatório! Mas também se orgulhava de seu realismo, da percepção das limitações da mãe. Sabia que as perguntas dela não precisavam de respostas específicas, que ela se

esquecia da maior parte assim que falava, que as palavras dele eram principalmente sons, sons dos quais ela gostava, que achava tranquilizadores. Poderia dizer qualquer coisa: contar até dez, recitar uma canção de ninar. Não fazia diferença, desde que dissesse com sentimento e ritmo. Ele sempre se esforçava para conseguir uma certa riqueza de inflexão. Gostava de agradá-la.

Uma noite infernal

De vez em quando Gurney tinha um sonho dolorosamente triste, um sonho que parecia estar no coração da própria tristeza. Nesses sonhos via com uma clareza impossível de ser posta em palavras que a fonte da tristeza era a perda, e que a maior perda de todas era a perda do amor.

Na versão mais recente do sonho, pouco mais do que uma vinheta, seu pai estava vestido como costumava se vestir para ir trabalhar quarenta anos antes, e em todos os aspectos parecia exatamente como era na época. O casaco bege comum e a calça cinza, as sardas desbotadas nas costas das mãos grandes e a testa redonda com os cabelos recuando, a expressão de zombaria nos olhos que pareciam focalizados numa cena em algum outro lugar, a sugestão sutil de uma inquietação para ir andando, para estar em qualquer local que não fosse ali, o fato estranho de dizer muito pouco e ao mesmo tempo revelar tanta insatisfação com o silêncio – todas essas imagens enterradas ressuscitaram numa cena que não durou mais de um minuto. E Gurney fazia parte da cena como uma criança, olhando com expressão carente aquela figura distante, implorando para que não fosse embora, com lágrimas quentes escorrendo pelo rosto na intensidade do sonho – como ele tinha certeza de que nunca fizera na presença real do pai, porque não conseguia se lembrar de uma única expressão de emoção forte que tivesse sido trocada entre os dois. Então ele acordou de repente, o rosto ainda banhado em lágrimas, o coração doendo.

Sentiu-se tentado a acordar Madeleine, contar o sonho, deixar que ela visse as lágrimas. Mas isso não tinha nada a ver com ela. Ela mal havia conhecido seu pai. E os sonhos, afinal de contas, eram apenas sonhos. Ultimamente não significavam nada. Em vez disso perguntou-se que dia era. Quinta-feira. Com esse pensamento veio aquela transformação rápida e prática de sua paisagem mental, com a qual passara a contar para varrer o resíduo de uma noite perturbadora e substituí-lo pela realidade das coisas a ser feitas à luz do dia. Quinta-feira. O dia seria ocupado principalmente com sua ida ao Bronx, a um bairro que não ficava longe de onde havia crescido.

Um dia escuro

A viagem de três horas era uma jornada em direção à feiura, uma percepção ampliada pela garoa fria que exigia o ajuste contínuo da velocidade intermitente do limpador de para-brisa. Gurney estava deprimido e tenso – em parte por causa do tempo e em parte, suspeitava, porque o sonho o deixara com uma perspectiva crua, exageradamente sensível.

Odiava o Bronx. Odiava tudo no Bronx: desde as calçadas cheias de calombos até as carcaças queimadas de carros roubados. Odiava os outdoors espalhafatosos anunciando viagens de quatro dias e três noites a Las Vegas. Odiava o cheiro – um miasma inconstante composto de fumaça de óleo diesel, mofo, alcatrão e peixe morto, com um toque insinuante de algo metálico. Mais ainda do que o que via, odiava a lembrança da infância que invadia a mente sempre que estava no Bronx – caranguejos-ferradura horrendos, pré-historicamente blindados, com caudas parecendo lanças, espreitando nos baixios lamacentos da Eastchester Bay.

Tendo passado meia hora se esgueirando na engarrafada “via expressa” até a última saída, ficou aliviado ao passar pelos poucos quarteirões urbanos até o ponto de encontro marcado – o estacionamento da igreja Holy Saints. O estacionamento era isolado por uma cerca de arame com uma placa avisando que as vagas eram reservadas aos que iam à igreja. Estava vazio, a não ser por um sedã Chevy comum, ao lado do qual um rapaz com cabelo à escovinha elegantemente besuntado de gel estava falando ao celular. Quando Gurney parou do outro lado do Chevy, o sujeito encerrou a ligação e prendeu o telefone no cinto.

A garoa que havia amortalhado a maior parte da viagem naquela manhã tinha diminuído até virar uma névoa fina demais para ser vista, mas quando Gurney saiu do carro pôde sentir as espetadas frias na testa. Podia ser que o rapaz também estivesse sentindo; talvez isso explicasse sua expressão de desconforto e ansiedade.

– Detetive Gurney?

– Dave – respondeu Gurney, estendendo a mão.

– Randy Clamm. Obrigado por ter vindo. Espero que o senhor não esteja perdendo seu tempo. Só estou tentando cobrir todos os ângulos e temos um modo de operação maluco que se parece com o caso em que estão trabalhando. Pode não ter nenhuma relação, sei que não faz muito sentido que o mesmo cara quisesse matar um guru figurão no interior do estado e um vigia noturno desempregado no Bronx, mas, com todos aqueles ferimentos na garganta, não pude deixar a ideia de lado. A gente tem uma sensação com essas coisas, pensa: “Meu Deus, e

se eu deixar para lá e for o mesmo cara?”, sabe como é?

Gurney imaginou se o ritmo ofegante da fala de Clamm seria impelido pela cafeína, pela cocaína, pelas pressões do trabalho ou se era simplesmente seu modo de ser.

– Quero dizer, uma dúzia de ferimentos na garganta não é tão comum assim. Pode haver outras conexões entre os casos. Talvez pudéssemos trocar relatórios, mas achei que, se o senhor pudesse ir ao local do crime e falar com a esposa da vítima, talvez visse ou perguntasse alguma coisa que poderia não lhe ocorrer se não estivesse lá. Era o que eu esperava. Acredito que haja alguma coisa nisso aí. Espero que não seja uma perda de tempo.

– Vá com calma, filho. Deixe-me dizer uma coisa. Eu vim aqui hoje porque parecia uma coisa razoável a fazer. Você quer verificar todas as possibilidades. Eu também. A pior hipótese é eliminarmos uma dessas possibilidades, e isso não é perda de tempo, é parte do processo. Então, não se preocupe com o meu tempo.

– Obrigado, senhor, eu só queria... quero dizer, sei que foi uma viagem longa. Muito obrigado. – A voz e os modos de Clamm haviam baixado de tom um ou dois pontos. Ele ainda tinha uma expressão acelerada, nervosa, mas pelo menos havia refreado o pique exagerado.

– Por falar em tempo – disse Gurney –, agora seria um bom momento para me levar ao local?

– Seria ótimo. É melhor deixar seu carro aqui e irmos no meu. A casa da vítima fica numa área espremida: em algumas ruas há apenas cinco centímetros de folga de cada lado do carro.

– Parece Salmon Beach.

– O senhor conhece Salmon Beach?

Gurney assentiu. Estivera lá uma vez, quando era adolescente, no aniversário de uma garota que era amiga de sua namorada na época.

– Como conhece Salmon Beach? – perguntou Clamm enquanto saía do estacionamento na direção oposta à avenida principal.

– Eu cresci perto daqui, em City Island.

– Jura? Achei que era do norte do estado.

– Moro lá no momento – disse Gurney. Ele notou o aspecto temporário nas palavras que havia escolhido e percebeu que não teria falado desse jeito na frente de Madeleine.

– Bem, ainda é a mesma colônia de bangalôs pequenos e feios. Na maré alta, com céu azul, quase dá para pensar que a gente está numa praia de verdade. Depois a maré vai embora, a lama fede e a gente lembra que está no Bronx.

– Certo – concordou Gurney.

Cinco minutos mais tarde pararam numa poeirenta rua secundária diante de outra cerca de arame igual à que cercava o estacionamento da igreja. Uma placa de metal pintada presa na cerca anunciava que aquele era o Salmon Beach Club e que o estacionamento era somente para sócios. Uma linha de buracos de bala havia cortado a placa praticamente ao meio.

A imagem da festa de três décadas antes veio à mente de Gurney. Imaginou se esta era a mesma entrada que havia usado na ocasião. Podia ver o rosto da garota que fazia aniversário,

uma gordinha com rabo de cavalo e aparelho nos dentes.

– É melhor parar aqui – disse Clamm, comentando de novo sobre as ruas impossíveis do bairro sujo. – Espero que não se incomode em andar.

– Meu Deus, que idade eu aparento ter?

Clamm respondeu com um riso sem jeito e uma pergunta tangencial enquanto saíam do carro:

– Há quanto tempo o senhor está nesse serviço?

Sem vontade de falar da aposentadoria e do emprego temporário, Gurney respondeu simplesmente:

– Vinte e cinco anos.

– É um caso estranho – disse Clamm, como se a observação fosse um desdobramento natural da conversa. – Não só os ferimentos a faca. É mais do que isso.

– Tem certeza de que a arma usada foi uma faca?

– Por que pergunta?

– No nosso caso foi uma garrafa quebrada, uma garrafa de uísque quebrada. Vocês recuperaram alguma arma?

– Não. O cara da perícia disse que eram “prováveis ferimentos a faca”, mas de gume duplo, como uma adaga. Acho que um pedaço de vidro pontudo poderia fazer cortes como aqueles. Eles estavam meio superpostos. Ainda não recebemos o relatório da autópsia. Mas, como eu estava dizendo, é mais do que isso. A mulher... não sei, tem alguma coisa estranha com a mulher.

– Estranha como?

– De vários modos. Primeiro, ela é uma espécie de fanática religiosa. De fato, esse é o álibi dela. Estava numa espécie de reunião de orações.

Gurney deu de ombros.

– O que mais?

– Está tomando remédios pesados. Precisa tomar uns comprimidos grandes para lembrar que este é o seu planeta.

– Espero que continue tomando. Mais alguma coisa o incomoda com relação a ela?

– É – disse Clamm, parando no meio da rua estreita em que estavam andando, mais um beco do que uma rua. – Ela está mentindo com relação a alguma coisa. – Ele parecia estar com dor nos olhos. – Tem alguma coisa que ela não está dizendo. Ou talvez esteja contando alguma mentira. Provavelmente as duas coisas. Essa é a casa. – Clamm apontou para um bangalô atarracado logo adiante, à esquerda, afastado uns três metros da ruazinha. A tinta descascando na parede era de um verde bilioso e a porta, de um marrom avermelhado, fez Gurney se lembrar de sangue seco. Uma fita amarela da polícia, amarrada em suportes portáteis, cercava a propriedade pequena e precária. Tudo o que faltava para transformá-la num presente do inferno, pensou Gurney, era um laço na frente.

Clamm bateu à porta.

– Ah, mais uma coisa – disse. – Ela é grande.

– Grande?

– O senhor vai ver.

O aviso não havia preparado Gurney para a mulher que abriu a porta. Com bem mais de 130 quilos, braços do tamanho de coxas, ela parecia deslocada na casinha. Mais deslocado ainda era o rosto de criança naquele corpo muito amplo – uma criança desequilibrada, meio atordoada. O cabelo preto e curto era partido e penteado como o de um menininho.

– Em que posso ajudá-los? – perguntou ela, parecendo que ajuda era a última coisa na Terra que seria capaz de fornecer.

– Olá, Sra. Rudden, sou o detetive Clamm. Lembra?

– Olá. – Ela disse a palavra como se estivesse lendo num livro de expressões estrangeiras.

– Estive aqui ontem.

– Lembro.

– Precisamos fazer mais algumas perguntas.

– Quer saber mais sobre o Albert?

– Também. Podemos entrar?

Sem responder, ela deu as costas para a porta, atravessou a pequena sala de estar e sentou-se num sofá, que pareceu se encolher sob seu grande volume.

– Sentem-se – disse ela.

Os dois olharam em volta. Não havia cadeiras. Os únicos outros objetos na sala eram uma mesinha de centro absurdamente ornamentada, com um vaso barato contendo flores de plástico cor-de-rosa, uma estante vazia e uma televisão suficientemente grande para um salão de baile. O piso de compensado estava limpo, a não ser por algumas fibras sintéticas espalhadas – significando, supôs Gurney, que o tapete em que o corpo fora encontrado tinha sido levado ao laboratório para exame de perícia.

– Não precisamos nos sentar – respondeu Clamm. – Não vamos demorar muito.

– Albert gostava de esportes – disse a Sra. Rudden, dando um sorriso vazio para a TV gigantesca.

Um arco do lado esquerdo da pequena sala de estar levava a três portas. De trás de uma delas vieram os efeitos sonoros de um videogame de combate.

– É o Jonah, meu filho. Aquele é o quarto dele.

Gurney perguntou quantos anos ele tinha.

– Doze. Em alguns sentidos é mais velho, em outros é mais novo – disse ela, como se fosse algo que tivesse pensado pela primeira vez.

– Ele estava com a senhora? – perguntou Gurney.

– Como assim, ele estava *comigo*? – respondeu ela, com um estranho tom sugestivo que causou arrepios em Gurney.

– Quero dizer – disse Gurney, tentando manter longe da voz qualquer coisa que estivesse sentindo –, ele estava com a senhora em seu serviço religioso na noite em que seu marido foi

morto?

– Ele aceitou Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador.

– Isso significa que ele estava com a senhora?

– É. Eu disse ao outro policial.

Gurney deu um sorriso simpático.

– Às vezes é bom repassarmos essas coisas mais de uma vez.

Ela balançou a cabeça como se concordasse profundamente e repetiu:

– Ele aceitou Jesus Cristo.

– Seu marido aceitou Jesus Cristo?

– Acredito que sim.

– A senhora não tem certeza?

Ela fechou os olhos com força, como se procurasse a resposta no interior das pálpebras.

– Satã é poderoso e malignos são seus expedientes – disse ela.

– Malignos mesmo, Sra. Rudden – concordou Gurney.

Em seguida puxou a mesinha de centro com flores rosa afastando-a um pouco do sofá, circulou-a e sentou na beirada, de frente para a mulher. Tinha aprendido que o melhor modo de conversar com alguém que falava assim era falar do mesmo modo, mesmo que não soubesse aonde a conversa chegaria.

– Malignos e terríveis – continuou, observando-a atentamente.

– O Senhor é meu pastor – disse ela. – Nada me faltará.

– Amém.

Clamm pigarreou e se remexeu.

– Diga – pediu Gurney – de que modo maligno Satã foi atrás de Albert.

– É o homem direito que Satã persegue! – gritou ela com súbita veemência. – Pois o homem mau ele já tem em seu poder.

– E Albert era um homem direito?

– Jonah! – gritou ela mais alto ainda, levantando-se do sofá movendo-se com velocidade surpreendente pela passagem em arco à esquerda e indo até uma das portas do outro lado, onde começou a bater com a palma da mão. – Abra a porta! Agora! Abra a porta!

– Que porra...? – disse Clamm.

– Eu disse agora, Jonah!

Uma fechadura estalou e a porta se abriu até a metade, revelando um garoto obeso, quase tão grande quanto a mãe, com quem se parecia de modo perturbador – até o estranho distanciamento no olhar, fazendo Gurney imaginar se a causa seria genética ou medicação, ou as duas coisas. O cabelo curto era descolorido até um branco puro.

– Eu mandei não trancar essa porta quando eu estiver em casa. Abaixei o volume. Parece que alguém está sendo assassinado aí. – Se algum dos dois achou o comentário impróprio diante das circunstâncias, não demonstrou. O garoto olhou para Gurney e para Clamm sem interesse. Sem dúvida, pensou Gurney, esta era uma daquelas famílias tão acostumadas a

intervenções do serviço social a ponto de estranhos com aparência oficial na sala não merecerem uma segunda consideração. O garoto olhou de volta para a mãe.

- Posso chupar meu picolé agora?
- Você sabe que não. Deixe o som baixo ou não vai chupar hora nenhuma.
- Eu vou – disse, categórico, e fechou a porta na cara dela.

A mulher voltou à sala e sentou-se de novo no sofá.

- Ele ficou arrasado com a morte do Albert.
- Sra. Rudden – disse Clamm do seu jeito “vamos seguir em frente” –, o detetive Gurney precisa lhe fazer algumas perguntas.

– Não é uma coincidência engraçada? Eu tenho uma tia chamada Bernie. Estive pensando nela hoje de manhã.

- É Gurney, não Bernie – disse Clamm.
- Mas é quase igual, não é? – Os olhos dela pareceram brilhar com a constatação da semelhança.

– Sra. Rudden – disse Gurney –, no último mês o seu marido falou sobre alguma coisa que o estivesse preocupando?

- Albert nunca se preocupava.
- Ele pareceu diferente de algum modo?
- Albert era sempre o mesmo.

Gurney suspeitou que essa percepção poderia se dever tanto ao torpor e à nebulosidade provocados pelos medicamentos quanto a qualquer atitude coerente por parte de Albert.

– Alguma vez ele recebeu uma correspondência com um endereço escrito à mão ou com alguma coisa escrita em tinta vermelha?

- Na correspondência só vêm contas e propaganda. Eu nunca olho.
- Albert cuidava da correspondência?
- Era só contas e propaganda.
- A senhora sabe se Albert pagou alguma conta especial ultimamente ou se emitiu algum cheque incomum?

Ela balançou a cabeça enfaticamente, o que fez seu rosto imaturo parecer infantil de um modo chocante.

– Uma última pergunta. Depois que encontrou o corpo do seu marido, a senhora mudou de lugar ou tirou alguma coisa antes que a polícia chegasse?

De novo ela balançou a cabeça. Podia ser imaginação, mas Gurney pensou ter captado um vislumbre de algo novo na expressão dela. Teria havido uma ondulação de alarme naquele olhar vazio? Decidiu se arriscar.

- O Senhor fala com a senhora? – perguntou.
- Agora havia outra coisa na expressão dela, não tanto alarme, e sim justificação.
- Sim, Ele fala.
- Justificação e orgulho, pensou Gurney.

– O Senhor lhe falou quando a senhora encontrou Albert?
– O Senhor é meu pastor – começou ela, recitando todo o Salmo 23. Os tiques e as piscadelas impacientes que surgiram no rosto de Clamm eram perceptíveis até mesmo à visão periférica de Gurney.

– O Senhor lhe deu instruções específicas?
– Não ouço vozes – respondeu ela. De novo aquele tremor de alarme.
– Não, não são vozes. Mas o Senhor falou com a senhora, não foi, para ajudar?
– Estamos aqui na Terra para fazer o que Ele manda.
Gurney inclinou-se para ela, empoleirado na beira da mesinha de centro.
– E a senhora fez o que o Senhor ordenou?
– Fiz o que o Senhor ordenou.
– Quando a senhora encontrou Albert, havia algo que precisava ser mudado, algo que não estava como deveria, algo que o Senhor quis que a senhora fizesse?

Os olhos da mulher enorme se encheram de lágrimas, que escorreram por suas bochechas redondas e infantis.

– Eu precisava guardar.
– Guardar?
– Os policiais iriam levar embora.
– Levar o quê embora?
– Eles levaram todo o resto: as roupas que ele estava usando, o relógio, a carteira, o jornal que ele estava lendo, a poltrona em que estava sentado, o tapete, os óculos, o copo em que ele estava bebendo... Quero dizer, eles levaram tudo.

– Nem tudo, não é, Sra. Rudden? Eles não levaram o que a senhora guardou.
– Eu não podia. Era um presente. Foi o último presente de Albert para mim.
– Posso ver o presente?
– O senhor já viu. Está aí, atrás do senhor.

Gurney se virou e acompanhou o olhar dela até o vaso com flores cor-de-rosa no meio da mesa ou o que, depois de uma inspeção mais atenta, mostrou-se um vaso com uma flor de plástico tão grande e espalhafatosa que dava a impressão inicial de um buquê.

– Albert deu essa flor à senhora?
– Era a intenção dele – respondeu ela depois de alguma hesitação.
– Ele não deu de fato?
– Não podia, não é?
– Quer dizer, porque estava morto?
– Sei que ele trouxe para mim.
– Isso pode ser muito importante, Sra. Rudden – disse Gurney baixinho. – Por favor, conte exatamente o que a senhora encontrou e o que fez.

– Quando Jonah e eu chegamos do Salão da Revelação, ouvimos a televisão ligada e eu não quis incomodar o Albert. Ele adorava televisão. Não gostava que ninguém passasse na frente

dele. Por isso Jonah e eu fomos até a porta dos fundos, que dá na cozinha, para não entrar pela frente e atrapalhá-lo. Nós sentamos na cozinha e Jonah chupou o picolé dele antes de dormir.

– Quanto tempo vocês ficaram sentados na cozinha?

– Não sei dizer. Nós ficamos falando. Jonah é muito profundo.

– Falando o quê?

– O assunto predileto do Jonah, a tribulação do Fim dos Tempos. Diz nas Escrituras que no Fim dos Tempos vai haver uma grande tribulação. Jonah sempre pergunta se eu acredito nisso, quanta tribulação vai haver e de que tipo. Nós falamos muito sobre isso.

– Então vocês conversaram sobre tribulação e Jonah chupou o picolé.

– Como sempre.

– E depois?

– Depois era hora de ele ir para a cama.

– E...?

– E ele passou pela porta da cozinha e entrou na sala para ir até o quarto, mas não demorou cinco segundos e ele voltou para a cozinha, meio recuando e apontando para a sala. Tentei fazer com que dissesse alguma coisa, mas ele só apontava. Por isso eu entrei lá. Quero dizer, eu entrei aqui – disse ela, olhando ao redor.

– E o que a senhora viu?

– Albert.

Gurney esperou que ela continuasse. Quando isso não aconteceu, instigou:

– Albert estava morto?

– Tinha um monte de sangue.

– E a flor?

– A flor estava no chão perto dele. Veja só, ele devia estar segurando ela. Devia querer me dar quando eu voltasse para casa.

– O que a senhora fez, então?

– Então? Ah, eu fui até a casa da vizinha. A gente não tem telefone. Acho que eles ligaram para a polícia. Antes que a polícia chegasse, eu peguei a flor. Era para mim – insistiu como uma criança. – Era um presente. Eu coloquei no nosso melhor vaso.

Tropeçando em direção à luz

Apesar de ser a hora do almoço quando finalmente saíram da casa dos Rudden, Gurney não estava no clima para comer. Não que estivesse sem fome ou que Clamm não tivesse sugerido um local conveniente. Ele estava frustrado demais, principalmente consigo mesmo, para dizer sim a qualquer coisa. Enquanto o detetive o levava de volta ao estacionamento da igreja onde haviam deixado o carro, fizeram uma última tentativa desanimada de alinhar os fatos dos casos e ver se havia algo que pudesse conectá-los. A tentativa não levou a lugar nenhum.

– Bem – disse Clamm, esforçando-se para ver o esforço pelo lado positivo –, pelo menos não há prova de que eles *não* sejam conectados. O marido pode ter recebido correspondências que a mulher nunca viu, e esse não parece o tipo de casamento em que houvesse muita comunicação, de modo que ele pode não ter contado nada a ela. E ainda por cima, não importa que porcaria ela esteja tomando, a mulher provavelmente não teria notado nenhuma mudança emocional nele. Talvez valha a pena conversar de novo com o garoto. Sei que ele é tão desorientado quanto ela, mas é possível que se lembre de alguma coisa.

– Claro – respondeu Gurney, com convicção zero. – E você poderia ver se Albert tinha uma conta bancária e se há o canhoto de um cheque feito para alguém chamado Caribde, Arybdis ou Cila. É uma possibilidade remota, mas a esta altura... que diabos.

Na volta para casa o tempo piorou ainda mais, numa espécie de simpatia mórbida pelo estado mental de Gurney. A garoa da manhã se transformou numa chuva constante, reforçando sua avaliação negativa da viagem. Se havia qualquer conexão entre os assassinatos de Mark Mellery e Albert Rudden além do grande número de cortes e do local dos ferimentos, ela não era aparente. Nenhuma das características específicas do local do crime em Peony estava presente em Salmon Beach. Não havia pegadas esquisitas, nem cadeira dobrável, nem garrafa de uísque quebrada, nem poemas – nenhum sinal de um jogo. As vítimas não pareciam ter nada em comum. O fato de um assassino escolher Mark Mellery e Albert Rudden como alvos gêmeos não fazia sentido.

Esses pensamentos, junto com o fato desagradável de dirigir em meio a um aguaceiro, sem dúvida contribuíram para sua expressão tensa quando entrou pingando pela porta da cozinha da velha casa de fazenda.

– O que aconteceu com você? – perguntou Madeleine, levantando o olhar da cebola que

estava picando.

– O que você quer dizer com isso?

Ela deu de ombros e cortou outra fatia da cebola.

A tensão da resposta dele pairava no ar. Depois de um momento Gurney murmurou um pedido de desculpas:

– Tive um dia exaustivo, seis horas de ida e volta na chuva.

– E...?

– E a coisa toda provavelmente não vai dar em nada.

– Que mais?

– Isso não basta?

Ela lhe lançou um sorrisinho incrédulo.

– Para dar um toque a mais, foi no Bronx – acrescentou ele mal-humorado. – Não existe experiência humana que o Bronx não consiga tornar ainda mais feia.

Madeleine começou a picar a cebola em pedacinhos minúsculos. Falava como se estivesse se dirigindo à tábua de corte.

– Você tem dois recados na secretária. Da sua amiga de Ithaca e do seu filho.

– Recados detalhados ou só pedindo para eu ligar de volta?

– Não prestei muita atenção.

– Com minha “amiga de Ithaca” você quer dizer Sonya Reynolds?

– Existem outras?

– Outras o quê?

– Amigas de Ithaca.

– Não tenho nenhum “amigo” em Ithaca. Sonya Reynolds tem uma relação profissional comigo, e só isso. E o que ela queria, afinal?

– Já disse: o recado está na secretária. – A faca de Madeleine, que estivera pairando sobre a pilha de pedaços de cebola, cortou-os com força redobrada.

– Meu Deus, cuidado com os dedos! – As palavras brotaram dele com mais raiva do que preocupação.

Com o gume da faca ainda apertando a tábua, ela o olhou curiosa.

– Então, o que aconteceu de fato hoje? – perguntou, rebobinando a conversa até o ponto em que estava antes de ir por água abaixo.

– Frustração, acho. Não sei. – Ele foi até a geladeira e pegou uma garrafa de Heineken, abriu-a e pôs na mesa do café da manhã, perto da porta de vidro. Depois tirou o casaco, pendurou no encosto de uma cadeira e sentou-se.

– Quer saber o que aconteceu? Vou contar. A pedido de um detetive do Departamento de Polícia de Nova York com o nome ridículo de Randy Clamm, viajei três horas até uma casinha triste no Bronx, onde um desempregado foi esfaqueado na garganta.

– Por que ele ligou para você?

– Ah! Boa pergunta. Parece que o detetive Clamm ouviu falar do assassinato aqui de Peony.

A semelhança do método o levou a ligar para a polícia de Peony, que o passou para o QG da polícia estadual, que o passou ao capitão que supervisiona o caso, um babaca puxa-saco chamado Rodriguez, cujo cérebro só tem tamanho suficiente para reconhecer uma pista horrorosa.

– E ele passou para você?

– Não, para o promotor, que ele sabia que passaria imediatamente para mim.

Madeleine não disse nada, mas a pergunta óbvia estava em seus olhos.

– É, eu sabia que era uma pista de merda. Facadas naquela parte do mundo são só outra forma de discutir, mas por algum motivo achei que poderia encontrar algo que ligasse os dois casos.

– Nada?

– Nada. Mas por um tempo pareceu haver alguma esperança. A viúva aparentava estar escondendo alguma coisa. Por fim ela admitiu que mexeu na cena do crime. Havia uma flor no chão, que aparentemente o marido levava para ela. Ela teve medo de que os peritos levassem a flor e queria ficar com ela, compreensivelmente. Por isso pegou-a e pôs num vaso. Fim da história.

– Você esperava que ela admitisse que andou escondendo algumas pegadas na neve ou uma cadeira dobrável?

– Algo assim. Mas era só uma flor de plástico.

– De plástico?

– De plástico. – Ele tomou um gole comprido e lento da garrafa de Heineken. – Acho que não era um presente de muito bom gosto.

– Não era um presente de verdade – disse ela com alguma convicção.

– Como assim?

– Flores de verdade podem ser um presente. Quase sempre são, não é? Flores artificiais são outra coisa.

– O quê?

– Algo para decorar a casa, eu diria. Um homem provavelmente não compraria uma flor de plástico para uma mulher, assim como não compraria um rolo de papel de parede com estampa floral.

– O que você está querendo dizer?

– Não sei bem. Mas, se essa mulher achou uma flor de plástico no local do assassinato e presumiu que o marido comprou para ela, acho que está errada.

– De onde você acha que a flor veio?

– Não faço ideia.

– Ela parecia ter bastante certeza de que era um presente.

– Ela iria querer pensar isso, não é?

– Talvez. Mas se o marido não levou a flor para casa e se o filho estava fora com a mãe o tempo todo, como ela diz, a única fonte possível seria o assassino.

– Acho que sim – disse Madeleine com o interesse diminuindo.

Gurney sabia que ela traçava uma linha nítida entre entender o que uma pessoa faria numa determinada circunstância e criar uma hipótese do nada sobre a fonte de um objeto numa sala. Sentiu que tinha acabado de atravessar essa linha, mas pressionou assim mesmo.

– E por que um assassino deixaria uma flor perto da vítima?

– Que tipo de flor?

Ele tinha certeza de que ela faria uma pergunta mais específica.

– Não sei o que era. Sei o que não era. Não era uma rosa, nem um cravo, nem uma dália. Mas era meio parecida com todas.

– Em que sentido?

– Bem, a primeira coisa que me lembrou foi uma rosa, mas era maior, com muito mais pétalas, espremidas juntas. Era quase do tamanho de um cravo grande ou uma dália, mas as pétalas eram mais largas do que as de dalias ou cravos. Meio como pétalas de rosa enrugadas. Era uma flor muito complicada, meio espalhafatosa.

Pela primeira vez desde que ele havia chegado em casa, o rosto de Madeleine estava vivo, com interesse verdadeiro.

– Alguma coisa lhe ocorreu? – perguntou ele.

– Talvez... hummm...

– O quê? Você sabe que tipo de flor é?

– Acho que sim. É uma tremenda coincidência.

– Meu Deus! Você vai contar ou não?

– A não ser que eu esteja enganada, a flor que você acaba de descrever se parece muito com uma peônia.

A garrafa de Heineken escorregou da mão dele.

– Santo Deus!

Depois de fazer algumas perguntas pertinentes sobre peônias, ele foi ao escritório dar uns telefonemas.

Uma coisa leva a outra

Quando deixou o telefone, Gurney havia convencido o detetive Clamm de que tinha de ser mais do que coincidência o fato de a flor que dava nome à cidade onde acontecera o primeiro assassinato aparecer no local do segundo.

Também sugeriu que várias ações teriam de ser feitas sem demora: uma busca detalhada na casa dos Rudden em busca de qualquer carta ou bilhete estranho, qualquer coisa em versos, qualquer coisa escrita à mão, qualquer coisa em tinta vermelha; alertar os peritos sobre a combinação entre arma de fogo e garrafa quebrada usada em Peony, para o caso de eles quererem dar uma segunda olhada no corpo de Rudden; passar um pente fino na casa em busca de evidências de um tiro ou de material que pudesse ser usado para abafar o som de um tiro; examinar de novo a propriedade e as outras ao redor, além do caminho entre a casa e a cerca da comunidade, em busca de garrafas quebradas, especialmente de uísque; e começar a compilar um perfil biográfico de Albert Rudden para buscar alguma ligação potencial com Mark Mellery: conflitos ou inimigos, problemas legais ou encrencas envolvendo álcool.

Percebendo enfim o tom peremptório de suas “sugestões”, ele diminuiu o ritmo e pediu desculpas.

– Desculpe, Randy. Estou ultrapassando os limites. O caso Rudden é seu. Você é o responsável, o que torna o próximo passo uma decisão toda sua. Sei que não estou no comando e peço desculpas por ter me comportado como se estivesse.

– Sem problema. Por sinal, aqui tem um tenente Everly que diz que esteve na academia com um tal de Dave Gurney. É o senhor?

Gurney riu. Tinha esquecido que Bobby Everly fora parar naquela delegacia.

– Sim, sou eu.

– Bem, senhor, nesse caso eu acatarei qualquer sugestão sua a qualquer momento. E quando quiser falar com a Sra. Rudden de novo, por favor, terei o maior prazer em acompanhá-lo. Achei que o senhor se saiu muito bem com ela.

Se era sarcasmo, estava bem escondido. Gurney decidiu considerar um elogio.

– Obrigado. Não preciso falar com ela diretamente, mas deixe-me fazer uma sugestão. Se por acaso eu estivesse cara a cara com ela de novo, perguntaria de modo bem casual o que o Senhor mandou que ela fizesse com a garrafa de uísque.

– Que garrafa de uísque?

– A que ela pode ter tirado do local por motivos que só ela conhece. Eu perguntaria de

modo a sugerir que você já sabe que a garrafa estava lá e que ela a tirou por ordem do Senhor, e que você só está curioso em saber onde ela está. Claro, pode não haver nenhuma garrafa de uísque. Se você sentir que ela realmente não faz ideia do que está sendo dito, mude de assunto.

– Tem certeza de que todo esse negócio vai seguir o padrão do caso de Peony e que deve haver uma garrafa de uísque em algum lugar?

– É o que estou imaginando. Mas, se você não se sente à vontade em abordá-la desse modo, tudo bem. Você é quem manda.

– Talvez valha a pena tentar. Não há muito a perder. Vou mantê-lo informado.

– Boa sorte.

A próxima pessoa com quem Gurney precisava falar era Sheridan Kline. O chavão segundo o qual seu chefe nunca deve ouvir de outra pessoa o que deveria saber por você é duas vezes mais verdadeiro entre os que trabalham com a lei. O detetive conseguiu falar com Kline enquanto ele estava a caminho de um congresso regional de promotores em Lake Placid. As interrupções frequentes causadas pela cobertura irregular de linhas de celular nas montanhas do norte do estado tornaram a conexão “peônia” mais difícil de explicar do que Gurney desejaria. Depois de ouvir tudo, Kline demorou tanto para responder que Gurney sentiu medo de ele ter saído de novo da área de cobertura.

– Esse negócio da flor... você se sente seguro com isso? – perguntou ele finalmente.

– Se for só uma coincidência – respondeu Gurney –, é notável.

– Mas não temos nada sólido. Se eu quisesse bancar o advogado do diabo, teria de observar que sua mulher não viu de fato a flor de plástico que você estava descrevendo. E se não for uma peônia? Em que pé ficamos? Mesmo que *seja* uma peônia, não prova absolutamente nada. Deus sabe que não é o tipo de descoberta que eu poderia defender e abordar numa entrevista coletiva. Meu Deus, por que não podia ser uma flor de verdade, de modo que houvesse menos dúvida? Por que de plástico?

– Isso me incomodou também – disse Gurney, tentando esconder a irritação com a reação de Kline. – Por que não de verdade? Há alguns minutos perguntei à minha esposa e ela disse que os floristas não vendem peônias. A flor é pesada demais e não fica de pé na haste. São encontradas em mudas para plantar, mas não nesta época do ano. De modo que uma de plástico poderia ser o único modo de ele nos mandar sua mensagem. Acredito que tenha sido uma questão de oportunidade. Ele viu a flor numa loja e teve a ideia, imaginou como poderia jogar com ela.

– Jogar?

– Ele está nos provocando, fazendo um jogo conosco. Lembre-se do bilhete que ele deixou no corpo de Mellery: venha me pegar se puder. Era o que as pegadas de trás para a frente estavam dizendo. Esse maníaco está deixando mensagens bem na nossa cara e todas dizem a mesma coisa: “Podem me caçar, podem me caçar, mas aposto que não vão me pegar!”

– É, sei, entendi o que você está dizendo. Talvez você esteja certo. Mas não há como eu conectar publicamente esses dois casos baseado na suposição de uma pessoa sobre o

significado de uma flor de plástico. Consiga algo de verdade. O mais rápido possível.

Depois de desligar o telefone, Gurney ficou sentado perto da janela do escritório olhando a penumbra do fim da tarde. E se, como Kline havia conjecturado, a flor não fosse uma peônia, afinal de contas? Ficou chocado ao perceber como seu novo “elo” era frágil e quanta confiança ele depositara naquilo. Deixar de ver uma falha monumental em sua teoria era um claro sinal de ligação emocional excessiva. Quantas vezes repetira isso aos estudantes de criminologia no curso que dera na universidade estadual? E ali estava ele, caindo na mesma armadilha. Era deprimente.

As pontas soltas do dia rodaram em sua cabeça num círculo exaustivo durante cerca de meia hora, talvez mais.

– Por que você está sentado no escuro?

Gurney girou na cadeira e viu a silhueta de Madeleine junto à porta.

– Kline quer conexões mais tangíveis do que uma peônia discutível – disse. – Eu sugeri ao cara do Bronx alguns lugares onde procurar. Espero que ele encontre alguma coisa.

– Você parece em dúvida.

– Bem, por um lado, temos a peônia, ou pelo menos o que achamos que seja uma peônia. Por outro, temos a dificuldade de imaginar os Rudden e os Mellery se conectando de algum modo. Se algum dia já houve pessoas vivendo em mundos mais diferentes...

– E se for um assassino em série e não houver conexões?

– Nem mesmo os assassinos em série são matadores aleatórios. Suas vítimas tendem a ter algo em comum: são todas louras, ou asiáticas, ou gays, ou possuem alguma característica que tenha significado especial para o assassino. Por isso, mesmo que Mellery e Rudden nunca tivessem se envolvido juntos diretamente em alguma coisa, ainda estaríamos procurando uma base comum ou semelhança entre eles.

– E se... – começou Madeleine, mas o toque do telefone a interrompeu.

Era Randy Clamm.

– Desculpe incomodar, mas pensei que gostaria de saber que estava certo. Fui até lá ver a viúva e fiz aquela pergunta como o senhor disse que eu deveria, meio casualmente. Só falei: “Posso pegar a garrafa de uísque que a senhora encontrou?” Nem precisei colocar Deus na conversa. E, veja só, ela respondeu com tanta casualidade quanto eu: “Está no lixo.” Fomos até a cozinha e ali estava, bem na lata de lixo, uma garrafa de Four Roses quebrada. Fiquei olhando para ela, sem fala. Não que eu tenha ficado surpreso por seu palpite estar certo, não me entenda mal, mas... meu Deus, eu não esperava que fosse ser tão fácil. Tão tremendamente óbvio. Assim que rearrumei meus pensamentos, pedi que ela mostrasse onde, exatamente, havia achado a garrafa. Mas então algo mexeu com ela. Talvez porque agora eu não estivesse mais falando de modo tão casual. E ela ficou muito chateada. Eu disse para ela relaxar, para não se preocupar, e perguntei se ela poderia me dizer onde a garrafa estava, pois isso era muito importante para as investigações. Será que poderia dizer por que diabos a tirara do lugar? Não falei desse modo, claro, mas era o que eu estava pensando. Aí ela olhou para mim

e sabe o que disse? Que Albert estava se saindo tão bem em relação ao problema da bebida que não bebia havia quase um ano. Que frequentava os Alcoólicos Anônimos, que estava indo muito bem. E quando ela viu a garrafa no chão ao lado dele, perto da flor de plástico, a primeira coisa que pensou foi que ele tinha voltado a beber e que devia ter caído em cima da garrafa e cortado a garganta. Não lhe ocorreu imediatamente que ele fora assassinado. Isso nem lhe passou pela cabeça até que os policiais chegaram e começaram a falar sobre essa possibilidade. Mas, antes que a polícia aparecesse, ela escondeu a garrafa porque pensou que era dele e não queria que ninguém soubesse que o marido tivera uma recaída.

– E, mesmo depois de ter percebido que ele fora morto, ela continuou sem querer que soubessem da garrafa?

– Sim, porque ainda achava que a garrafa era dele e não queria que ninguém descobrisse que ele andava bebendo, especialmente os novos amigos dos Alcoólicos Anônimos.

– Meu Deus.

– Assim, tudo acabou virando uma confusão patética. Por outro lado, o senhor tem sua prova de que os assassinatos estão ligados.

Clamm estava perturbado, cheio dos sentimentos conflitantes com os quais Gurney se sentia familiarizado demais – os sentimentos que tornavam tão difícil ser um bom policial, tão absolutamente exaustivo.

– Você fez um trabalho fantástico, Randy.

– Só fiz o que o senhor mandou – respondeu Clamm no seu jeito rápido, agitado. – Depois de pegar a garrafa, chamei a equipe de perícia para fazer outra visita, examinar a casa inteira em busca de cartas, bilhetes, qualquer coisa. Pedi à Sra. Rudden o talão de cheques deles. Lembrei que o senhor mencionou isso hoje cedo. Ela me entregou, mas não sabia de nada, me deu como se ele fosse radiativo. Disse que Albert cuidava de todas as contas. Falou que não gosta de cheques porque têm números e que a gente precisa ter cuidado com números, que eles podem ser malignos, alguma bosta sobre Satã, uma baboseira religiosa. De qualquer modo, eu dei uma olhada no talão, e o fato é que vai ser preciso mais tempo para descobrir. Albert podia pagar as contas, mas não era muito de manter registros. Não havia referência em nenhum canhoto sobre um cheque mandado a alguém chamado Arybdis, Caribde ou Cila, que foi o que eu procurei primeiro, mas isso não quer dizer grande coisa, porque a maioria dos canhotos não tinha nomes, só quantias, e alguns nem isso. Quanto aos extratos mensais, ela não fazia ideia se existia algum na casa, mas vamos fazer uma busca meticulosa e obter a permissão dela para conseguir cópias do banco. Enquanto isso, agora que sabemos que estamos segurando dois vértices do mesmo triângulo, há mais alguma coisa que queira contar sobre o assassinato de Mellery?

Gurney pensou.

– A série de ameaças que Mellery recebeu antes do assassinato incluía vagas referências a coisas que ele fez quando estava bêbado. Agora ficamos sabendo que Rudden também tinha problemas com bebida.

- Quer dizer que estamos procurando um cara que anda por aí apagando bebuns?
- Não exatamente. Se fosse só isso, haveria modos mais fáceis de fazer.
- Como jogar uma bomba numa reunião dos A.A.
- Uma coisa simples, que maximizasse as oportunidades e minimizasse os riscos. Mas a abordagem desse cara é complicada e inconveniente. Não há nada de fácil ou direto nela. Para qualquer parte que você olhe, surgem perguntas.
- O quê, por exemplo?
- Para começar, por que ele escolheria vítimas tão distantes geograficamente? E, por sinal, distantes em todos os outros sentidos também.
- Para impedir que a gente encontre uma conexão entre elas?
- Mas ele quer que a gente faça a conexão. Esse é o objetivo da peônia. Ele quer ser notado. Quer crédito. Não é um bandido comum à solta. Esse cara quer guerra, não só com as vítimas, mas também com a polícia.
- Por falar nisso, preciso colocar o meu tenente em dia. Ele não ficaria feliz se soubesse que liguei primeiro para o senhor.
- Onde você está?
- Voltando para a delegacia.
- Está na Avenida Tremont?
- Como sabe?
- O barulho do trânsito do Bronx ao fundo. Não há nada igual.
- Deve ser bom estar em outro lugar. Tem algum recado que queira que eu dê ao tenente Everly?
- É melhor guardar os recados para depois. Ele vai estar mais interessado no que você tem a contar.

As coisas ruins chegam de três em três

Gurney sentiu uma ânsia de ligar para Sheridan Kline com a nova prova decisiva que sustentava a conexão da peônia, mas queria primeiro dar outro telefonema. Se os dois casos eram tão paralelos como pareciam agora, era possível não somente que o criminoso tivesse pedido dinheiro a Rudden, mas também que tivesse passado instruções para que ele o mandasse à mesma caixa postal em Wycherly, Connecticut.

Ele pegou na mesa sua fina pasta de arquivo do caso e localizou a cópia do bilhete que Gregory Dermott enviara a Mellery junto com o cheque devolvido. O timbre da GD Sistemas de Segurança – sério, conservador, até mesmo um pouco antiquado – incluía um número de telefone na área de Wycherly.

A ligação foi atendida no segundo toque por uma voz que combinava com o estilo do timbre.

- Boa tarde. GD Segurança. Em que posso ajudar?
- Gostaria de falar com o Sr. Dermott, por favor. Aqui é o detetive Gurney, da promotoria.
- Finalmente! – A veemência que transformou a voz soou espantosa.
- Como?
- O senhor está ligando por causa do cheque com o endereço errado?
- É, de fato, mas...?
- Eu informei há seis dias. Seis dias!
- Informou o quê há seis dias?
- O senhor não disse que estava ligando por causa do cheque?
- Vamos recomeçar, Sr. Dermott. Pelo que sei, Mark Mellery falou com o senhor aproximadamente há dez dias sobre um cheque que o senhor devolveu a ele, um cheque nominal a “X. Arybdis” mandado para sua caixa postal. Isso é verdade?
- Claro que é verdade. Que tipo de pergunta é essa? – O homem parecia furioso.
- Quando o senhor diz que informou há seis dias, acho que não...
- O segundo!
- O senhor recebeu um segundo cheque?
- Não é por isso que o senhor está ligando?
- Na verdade, senhor, eu liguei para fazer exatamente essa pergunta.

– Que pergunta?
– Se o senhor teria recebido um cheque de um homem chamado Albert Rudden.
– Sim, o nome no segundo cheque era Rudden. Foi isso que informei por telefone. Há seis dias.

– Para quem o senhor ligou?

Gurney ouviu duas respirações longas e profundas, como se o homem estivesse tentando se conter para não explodir.

– Olha, detetive, há um nível de confusão aqui com o qual não estou satisfeito. Eu liguei para a polícia há seis dias informando uma situação perturbadora. Três cheques foram mandados para minha caixa postal, endereçados a um indivíduo de quem nunca ouvi falar. Agora o senhor me liga de volta, a respeito desses cheques, mas parece não saber do que estou falando. O que é que estou deixando de entender? Que diabos está acontecendo?

– Para que departamento de polícia o senhor ligou?

– O meu, claro, o de Wycherly. Como o senhor pode não saber, se está ligando de volta?

– O fato, senhor, é que não estou ligando *de volta*. Estou ligando do estado de Nova York para falar do primeiro cheque, que o senhor devolveu a Mark Mellery. Não sabíamos de mais nenhum. O senhor disse que chegaram mais dois, depois do primeiro?

– Foi o que eu disse.

– Um de Albert Rudden e um de outra pessoa?

– Sim, detetive. Está claro agora?

– Perfeitamente claro. Mas agora estou imaginando por que três cheques com endereço errado perturbaram tanto o senhor a ponto de ligar para a polícia de sua cidade.

– Liguei para a polícia porque o correio, que notifiquei primeiro, exibiu uma falta de interesse colossal. Antes que o senhor pergunte por que liguei para o correio, deixe-me dizer que, para um policial, o senhor tem uma percepção um tanto obtusa das questões de segurança.

– Por que diz isso, senhor?

– Eu trabalho no ramo de segurança, policial, ou detetive, ou sei lá o que o senhor é. Ramo de segurança de informática. O senhor tem alguma ideia de como é comum o roubo de identidade? Ou da frequência com que o roubo de identidade envolve a apropriação indébita de endereços?

– Sei. E o que a polícia de Wycherly fez?

– Menos do que o correio, se é que isso é possível.

Gurney podia imaginar a reação desinteressada aos telefonemas de Dermott. Três pessoas desconhecidas mandando cheques para a caixa postal de alguém não parecia um caso de alta prioridade.

– O senhor devolveu o segundo e o terceiro cheques aos remetentes, como fez com o de Mark Mellery?

– Certamente, e anexei bilhetes perguntando quem lhes deu o número da minha caixa postal, mas nenhum dos dois teve a cortesia de responder.

– O senhor guardou o nome e o endereço do terceiro cheque?

– Sem dúvida.

– Preciso do nome e do endereço agora mesmo.

– Por quê? Está acontecendo alguma coisa que eu não saiba?

– Mark Mellery e Albert Rudden estão mortos. Possíveis homicídios.

– Homicídios? Como assim, homicídios? – A voz de Dermott tinha ficado esganiçada.

– Eles podem ter sido assassinados.

– Ah, meu Deus! O senhor acha que isso tem ligação com os cheques?

– Quem deu o endereço de sua caixa postal a eles seria uma pessoa de interesse para o caso.

– Ah, meu Deus! Por que o meu endereço? Que conexão existe comigo?

– Boa pergunta, Sr. Dermott.

– Mas eu nunca ouvi falar de ninguém chamado Mark Mellery ou Albert Rudden.

– Qual era o nome no terceiro cheque?

– No terceiro cheque? Minha nossa, me deu um branco total.

– O senhor disse que anotou um nome.

– Sim, sim, claro que anotei. Richard Kartch. É, é isso. Richard Kartch. K-a-r-t-c-h. Vou pegar o endereço. Espere, está aqui. Quarry Road, 349, Sotherton, Massachusetts.

– Anotei.

– Olha, detetive, como parece que estou envolvido nisso de algum modo, gostaria de saber o que o senhor puder me contar. Deve haver um motivo para minha caixa postal ter sido escolhida.

– O senhor tem certeza de que é o único com acesso a essa caixa?

– O máximo de certeza que posso ter. Mas Deus sabe quantos trabalhadores do correio têm acesso a ela. Ou quem poderia ter uma duplicata da chave sem o meu conhecimento.

– O nome Richard Kartch significa alguma coisa para o senhor?

– Nada. Tenho certeza. É o tipo de nome que eu lembraria.

– Certo, senhor. Vou lhe dar dois números de telefone nos quais me encontrar. Gostaria de ficar sabendo imediatamente se o senhor se lembrar de alguma coisa em relação ao nome dessas três pessoas, ou de qualquer acesso que alguém possa ter à sua correspondência. E uma última pergunta: o senhor se recorda das quantias do segundo e do terceiro cheque?

– Isso é fácil. Os valores do segundo e do terceiro eram iguais ao do primeiro: 289,87 dólares.

Um homem difícil

Madeleine acendeu uma das lâmpadas do escritório usando um interruptor junto à porta. Durante a conversa de Gurney com Dermott, o crepúsculo havia se aprofundado e a sala estava quase escura.

– Fazendo progresso?
– Muito progresso. Graças a você.
– Minha tia-avó Mimi tinha peônias.
– Qual era a Mimi?
– A irmã da mãe do meu pai – respondeu ela, sem esconder a exasperação pelo fato de um homem tão propenso a fazer malabarismo com os detalhes das investigações mais complexas não se lembrar de meia dúzia de familiares. – Seu jantar está pronto.

– Bem, na verdade...
– Está no fogão. Não esqueça.
– Você vai sair?
– Vou.
– Para onde?
– Eu disse duas vezes na semana passada.
– Estou lembrando alguma coisa sobre a quinta-feira. Os detalhes...
– ... lhe escapam no momento? Não há nada de novo nisso. Vejo você mais tarde.
– Não vai contar aonde...?

Os passos dela já estavam se afastando pela cozinha em direção à porta dos fundos.

Na lista não havia o número de telefone de Richard Kartch na Quarry Road, 349, em Sotherton, mas uma busca de endereços próximos na internet revelou os nomes e números de telefone das casas 329 e 369.

A grossa voz masculina que finalmente atendeu ao telefonema para o número 329 negou monossilabicamente conhecer alguém chamado Kartch, saber qual poderia ser a casa 349 na rua ou mesmo quanto tempo fazia que ele próprio morava na área. Parecia alcoolizado ou drogado, provavelmente estava mentindo e claramente não ajudaria em nada.

A mulher da casa 369 falou mais.

– Está se referindo ao eremita? – Seu modo de falar deu ao epíteto uma patologia arrepiante.

– O Sr. Kartch mora sozinho?

– Ah, mora sim, a não ser que o senhor considere os ratos que o lixo dele atrai como companhia. A mulher dele teve sorte em escapar. O senhor disse que é policial? Não fico surpresa por estar ligando.

– Sou investigador especial da promotoria. – Ele sabia que, para ser totalmente transparente, deveria mencionar o estado e o condado, mas racionalizou que os detalhes poderiam ser revelados mais tarde.

– O que ele fez agora?

– Nada que eu saiba, mas talvez ele possa ajudar numa investigação e precisamos entrar em contato com ele. Por acaso a senhora sabe onde ele trabalha ou a que horas chega em casa?

– Trabalho? Isso só pode ser piada!

– O Sr. Kartch está desempregado?

– Melhor dizer que ele é inempregável. – Havia veneno em sua voz.

– Parece que a senhora tem um problema real com ele.

– Ele é um porco, é estúpido, sujo, perigoso, maluco e fedido. Vive armado até os dentes e geralmente está bêbado.

– Parece um ótimo vizinho.

– O vizinho do inferno! O senhor tem alguma ideia do que é mostrar sua casa a um possível comprador enquanto o vizinho gorila, sem camisa e tomando cerveja, fica dando tiros de espingarda numa lata de lixo?

Mesmo sabendo qual seria a resposta, ele decidiu fazer a próxima pergunta.

– A senhora estaria disposta a dar um recado ao Sr. Kartch para mim?

– Está brincando?

– Quando ele teria mais probabilidade de estar em casa?

– Escolha uma hora, qualquer hora. Nunca vi aquele lunático sair da propriedade.

– Há um número de casa visível?

– Rá! O senhor não precisa de nenhum número para reconhecer a casa. Ela não estava pronta quando a mulher dele foi embora. Ainda não está. Não tem acabamento. Nem gramado. Nem degraus até a porta da frente. É a casa perfeita para um maluco completo. Se alguém for lá, é melhor levar uma arma.

Gurney agradeceu e encerrou a conversa.

E agora?

Vários indivíduos precisavam ser informados rapidamente. Primeiro e mais importante, Sheridan Kline. E, claro, Randy Clamm. Para não mencionar o capitão Rodriguez e Jack Hardwick. A questão era para quem ligar primeiro. Decidiu que todos podiam esperar mais alguns minutos. Em vez disso, pegou com o serviço de informações o número do Departamento de Polícia de Sotherton, Massachusetts.

Falou com o sargento de plantão, um homem sério chamado Kalkan. Depois de se identificar, Gurney explicou que um sujeito de Sotherton chamado Richard Kartch era peça importante numa investigação de assassinato no estado de Nova York, que ele poderia estar

correndo perigo iminente, que aparentemente não tinha telefone e que era importante que um telefone fosse levado até ele, ou que ele fosse levado a um telefone, para ser alertado sobre sua situação.

– Nós sabemos bem quem é Richard Kartch – disse Kalkan.

– Parece que vocês tiveram problemas com ele.

Kalkan não respondeu.

– Ele tem ficha?

– Quem você disse que era?

Gurney repetiu, com um pouco mais de detalhes.

– E isso faz parte de sua investigação sobre o quê?

– Dois assassinatos, um no norte do estado de Nova York e outro no Bronx, com o mesmo padrão. Antes de ser mortas, as duas vítimas receberam algumas mensagens do assassino. Temos evidências de que Kartch recebeu pelo menos uma comunicação igual, o que o torna um possível terceiro alvo.

– Então você quer que o Richie Maluco entre em contato com você?

– Ele precisa ligar para mim imediatamente, de preferência na presença de um policial daí. Depois de falar com ele ao telefone, provavelmente vamos querer entrevistá-lo em Sotherton, com a cooperação do seu departamento.

– Vamos mandar um carro até a casa dele assim que pudermos. Dê um número em que você possa ser encontrado.

Gurney deu o número do celular, deixando o telefone de casa livre para as ligações que pretendia fazer para Kline, o BIC e Clamm.

Kline estava passando o dia fora, assim como Ellen Rackoff, e a ligação foi automaticamente transferida para um telefone que foi atendido ao sexto toque, quando Gurney já ia desligar.

– Stimmel.

Gurney se lembrou do homem que tinha ido com Kline à reunião do BIC e que parecia um criminoso de guerra mudo.

– É o Dave Gurney. Tenho um recado para o seu chefe.

Não houve resposta.

– Você está aí?

– Estou.

Gurney percebeu que isso era o máximo de incentivo que receberia para continuar. Então, foi em frente e contou a Stimmel sobre a prova confirmando a ligação entre os assassinatos um e dois; a descoberta, por meio de Dermott, de uma terceira vítima potencial; e os passos que estava dando para contatá-la com o auxílio da polícia de Sotherton.

– Pegou tudo?

– Peguei.

– Depois de falar com o promotor, você quer passar a informação ao BIC ou eu devo entrar

em contato com Rodriguez?

Houve um silêncio curto durante o qual Gurney presumiu que o sujeito austero e fechado estivesse calculando as consequências das duas coisas. Conhecendo a queda por controle da maioria dos policiais, tinha quase noventa por cento de certeza da resposta que receberia.

– Eu cuido disso – respondeu Stimmel.

Tendo se livrado da necessidade de ligar para o BIC, restava Randy Clamm.

Como sempre, ele atendeu ao primeiro toque.

– Clamm.

E, como sempre, parecia com pressa e fazendo três outras coisas enquanto falava.

– Que bom que ligou. Estou fazendo uma lista tripla de possibilidades na conta bancária de Rudden: canhotos de cheques com quantias mas sem nomes, cheques emitidos mas não sacados, cheques faltando. Estou checando do mais recente para trás.

– A quantia de 289,87 aparece em alguma lista?

– O quê? Como sabe? É um dos cheques emitidos mas não sacados. Como é que...?

– É a quantia que ele sempre pede.

– Sempre? Quer dizer, mais de duas vezes?

– Um terceiro cheque foi mandado à mesma caixa postal. Estamos no processo de contatar o remetente. Por isso liguei, para você saber que temos um padrão. Se ele estiver sendo seguido à risca, a bala que você está procurando na casa de Rudden é de um 38 Special.

– Quem é o terceiro cara?

– Richard Kartch, de Sotherton, Massachusetts. Aparentemente uma figura difícil.

– Massachusetts? Meu Deus, o nosso homem está em toda parte. Esse terceiro cara ainda está vivo?

– Saberemos dentro de alguns minutos. A polícia local mandou uma viatura à casa dele.

– Certo. Eu agradeceria se me atualizasse assim que for possível. Vou fazer mais barulho para mandar nossa equipe de perícia de volta à casa dos Rudden. Mantenho-o informado. Obrigado por ligar.

– Boa sorte. Falo com você em breve.

O respeito de Gurney pelo jovem detetive estava crescendo. Quanto mais ouvia, mais gostava do que estava escutando: energia, inteligência, dedicação. E havia outra coisa. Uma seriedade imaculada. Algo que tocava seu coração.

Balançou a cabeça como um cachorro molhado se sacudindo e respirou fundo várias vezes. O dia, percebeu, tinha sido mais exaustivo emocionalmente do que havia pensado. Ou talvez algum resíduo do sonho com o pai ainda estivesse com ele. Recostou-se na cadeira e fechou os olhos.

Foi acordado pelo telefone, a princípio confundindo-o com o despertador. Pegou-se ainda na cadeira do escritório, com o pescoço dolorosamente rígido. Segundo o relógio, havia dormido quase duas horas. Atendeu ao telefone e pigarreou.

– Gurney.

A voz do promotor do outro lado explodiu como uma largada de cavalos de corrida.

– Dave, acabo de receber a notícia. Minha nossa, esse negócio está ficando cada vez maior. Uma terceira vítima potencial em Massachusetts? Pode ser o maior caso de assassinato desde o Filho de Sam, para não mencionar o seu Jason Strunk. Isso é grande! Eu só queria ouvir da sua boca antes de falar com a mídia: temos prova real de que foi o mesmo cara que matou as duas primeiras vítimas, certo?

– A prova sugere isso enfaticamente, senhor.

– Sugere?

– Sugere enfaticamente.

– Você poderia ser mais definitivo?

– Não temos digitais. Não temos DNA. Eu diria que os dois casos estão definitivamente ligados, mas ainda não podemos provar que o mesmo indivíduo cortou as duas gargantas.

– A probabilidade é alta?

– Muito alta.

– A sua avaliação é suficientemente boa para mim.

Gurney sorriu diante desse evidente fingimento de confiança. Sabia que Sheridan Kline era o tipo de homem que valorizava bem mais o próprio julgamento do que o de qualquer outra pessoa, mas sempre deixaria uma porta aberta para jogar a culpa em alguém caso algo saísse errado.

– Eu diria que é hora de falar com nossos amigos da Fox News, o que significa que preciso fazer contato com o BIC esta noite e montar uma declaração oficial. Mantenha-me atualizado minuto a minuto, Dave, especialmente se surgir alguma novidade do lado de Massachusetts. Quero saber tudo. – Kline desligou sem nem sequer se despedir.

Aparentemente ele estava planejando ir a público em grande estilo – acionar o circo da mídia, tendo ele próprio como mestre de cerimônias – antes que isso ocorresse ao promotor do Bronx ou ao de qualquer outra jurisdição para onde a série de assassinatos pudesse se espalhar. Ele não ia perder aquela oportunidade de publicidade pessoal. Os lábios de Gurney se repuxaram enojados enquanto imaginava as entrevistas coletivas que viriam.

– Você está bem?

Espantado com a voz tão próxima, levantou os olhos e viu Madeleine junto à porta do escritório.

– Meu Deus, como...?

– Você estava tão concentrado na conversa que não me ouviu entrar.

– Parece que não. – Piscando, ele olhou o relógio. – E onde você foi, afinal?

– Lembra-se do que eu disse quando saí?

– Que não iria me contar aonde ia.

– Não, que já contei duas vezes.

– Certo, ótimo. Bem, tenho trabalho a fazer.

Como se fosse seu aliado, o telefone tocou.

A ligação era de Sotherton, mas não de Richard Kartch. Era de um detetive chamado Gowacki.

– Temos um problema – disse ele. – Quando você acha que pode chegar aqui?

Você e eu temos um compromisso, Sr. 658

Quando Gurney acabou de falar ao telefone com o monocórdico Mike Gowacki, eram nove e quinze. Encontrou Madeleine já na cama, encostada nos travesseiros, com um livro. *Guerra e Paz*. Ela o estava lendo há três anos, intercalando-o, de modo incongruente, com *Walden*, de Thoreau.

– Preciso ir ao local de um crime.

Ela ergueu o olhar do livro, curiosa, preocupada, solitária.

Ele só se sentiu capaz de reagir à curiosidade.

– Outra vítima do sexo masculino. Furado na garganta, pegadas na neve.

– A que distância?

– O quê?

– A que distância você tem de ir?

– Sotherton, Massachusetts. Três, quatro horas, talvez.

– Então só vai voltar amanhã.

– Para o café da manhã, espero.

Ela deu seu sorriso do tipo “quem você acha que está enganando?”.

Gurney já ia saindo, depois parou e sentou na beira da cama.

– Esse é um caso estranho – disse, deixando sua incerteza se revelar. – E está ficando mais estranho a cada dia.

Ela assentiu, um tanto aplacada.

– Você não acha que é um assassino em série comum?

– Não é a versão-padrão.

– Comunicação demais com as vítimas?

– É. Além de muita diversidade entre elas, tanto do ponto de vista pessoal quanto geográfico. O típico assassino em série não salta das Catskills para o Bronx e de lá para o meio de Massachusetts perseguindo escritores famosos, vigias noturnos aposentados e tipos solitários desagradáveis.

– Eles devem ter alguma coisa em comum.

– Todos têm histórias com bebida e as evidências indicam que o assassino é concentrado nisso. Mas devem ter mais alguma coisa em comum. Caso contrário, por que se dar ao

trabalho de escolher vítimas a trezentos quilômetros de distância umas das outras?

Ficaram em silêncio. Gurney alisou distraidamente as dobras da colcha de retalhos no espaço entre os dois. Madeleine observou-o durante um tempo, com as mãos pousadas no livro.

– É melhor eu ir – disse ele.

– Tenha cuidado.

– Certo. – Ele se levantou devagar, quase como se tivesse artrite. – Vejo você de manhã.

A mulher o olhou com uma expressão que ele jamais poderia colocar em palavras, nem poderia dizer se era boa ou ruim, mas que conhecia bem. Sentiu o toque quase físico no centro do peito.

Já passava bastante da meia-noite quando Gurney saiu da autoestrada de Massachusetts e, ao cruzar a deserta rua principal de Sotherton, era uma e meia. Dez minutos depois, na esburacada Quarry Road, deparou com uma confusão de veículos da polícia, um dos quais estava com as luzes piscando. Parou ao lado dele. Enquanto Gurney saía do carro, um policial uniformizado, com ar de irritação, desceu da patrulha.

– Espere aí. Aonde você pensa que vai? – Ele não parecia apenas irritado, mas também exausto.

– Meu nome é Gurney, vim ver o detetive Gowacki.

– A respeito do quê?

– Ele está me esperando.

– Do que se trata?

Gurney imaginou se a irritação do sujeito era consequência de um dia longo ou de um comportamento naturalmente desagradável. Tinha pouca tolerância com esse tipo de atitude.

– Trata-se de ele ter pedido que eu viesse aqui. Quer alguma identificação?

O policial acendeu a lanterna e iluminou o rosto de Gurney.

– Quem você disse que era?

– Gurney, da promotoria, investigador especial.

– Por que não disse logo, porra?

Gurney sorriu sem qualquer emoção que parecesse amabilidade.

– Vai dizer ao Gowacki que eu estou aqui?

Depois de uma última pausa hostil, o homem se virou e foi andando pela borda externa de uma estradinha de veículos longa e inclinada na direção de uma casa que, sob os holofotes que iluminavam a propriedade para os peritos, parecia feita apenas pela metade. Sem ser convidado, Gurney seguiu-o.

A estradinha virava à esquerda ao se aproximar da casa e chegava à entrada de uma garagem para dois carros que no momento abrigava um. A princípio Gurney achou que a porta da garagem estava aberta, depois percebeu que não havia porta. A neve que cobria a estradinha ia até o lado de dentro. O policial parou junto à entrada, bloqueada por fita de

isolamento, e gritou:

– Mike!

Não houve resposta. O policial deu de ombros como se tivesse realmente feito um esforço e fracassado e que esse era o fim da questão. Em seguida uma voz cansada veio do quintal atrás da casa.

– Estou aqui.

Sem esperar, Gurney deu a volta no perímetro da fita, indo naquela direção.

– Fique do lado de fora da fita. – O aviso do policial pareceu a Gurney o último latido de um cachorro mal-humorado.

Contornando o canto de trás da casa, viu que a área, clara como o dia sob os facho de luz, não era exatamente o “quintal” que ele havia esperado. Como a casa, exibia uma estranha mistura de algo inacabado e decrepitude. Um homem pesadão, com cabelos ralos, estava parado em um dos degraus de uma escada grosseira, feita de restos de caibro, junto à porta dos fundos. Os olhos do sujeito examinavam os dois mil metros quadrados de terreno aberto que separava a casa de um bosque de sumagre.

O terreno era cheio de calombos, como se nunca tivesse sido aplainado depois que os alicerces foram assentados. Restos de madeira, empilhados aqui e ali, tinham adquirido um desgastado tom de cinza. A casa tinha apenas parte do acabamento externo e o isolante de umidade por cima do compensado estava desbotado pela exposição ao tempo. A impressão não era de uma obra em progresso, e sim de uma construção abandonada.

Quando o olhar do homem corpulento alcançou Gurney, ele o examinou durante alguns segundos antes de perguntar:

– Você é o sujeito das Catskills?

– Isso mesmo.

– Ande mais três metros ao longo da fita, depois passe por baixo e venha aqui, até a porta dos fundos. Certifique-se de ficar longe daquela linha de pegadas que vão da casa até a entrada de veículos.

Presumivelmente aquele era Gowacki, mas Gurney tinha aversão por suposições, por isso fez a pergunta e recebeu um grunhido afirmativo.

Enquanto seguia pela terra devastada que deveria ser um quintal, chegou suficientemente perto das pegadas para notar a semelhança com as do instituto.

– Parece familiar? – perguntou Gowacki, olhando Gurney cheio de curiosidade.

A mente do detetive, ao contrário de seu corpo, não era nada obtusa, pensou Gurney. Assentiu. Agora era sua vez de ser perceptivo.

– Essas pegadas incomodam você?

– Um pouco – respondeu Gowacki. – Não as pegadas exatamente. Mais a localização do corpo com relação às pegadas. Você sabe de alguma coisa que eu não sei?

– A localização do corpo faria mais sentido se a direção das pegadas fosse invertida?

– Se a direção fosse... Espere um minuto... É, cacete, faz todo o sentido! – Ele encarou

Gurney. – Que diabos estamos enfrentando aqui?

– Em primeiro lugar, de acordo com o que sabemos até agora, alguém que matou três pessoas na última semana. É um planejador e perfeccionista. Deixa um monte de provas para trás, mas apenas o que quer que a gente veja. É extremamente inteligente, provavelmente estudou bastante e pode odiar a polícia ainda mais do que odeia as vítimas. Por sinal, o corpo ainda está aí?

Gowacki parecia estar fazendo um registro mental da resposta de Gurney. Por fim disse:

– É, o corpo está aqui. Eu queria que você visse. Pensei que alguma coisa poderia chamar sua atenção, baseado no que você sabe sobre os outros dois casos. Pronto para dar uma olhada?

A porta dos fundos dava numa pequena área inacabada, provavelmente destinada a ser uma lavanderia, pela posição do esboço do encanamento, mas não havia máquina de lavar nem secadora. Nem havia acabamento sobre o isolamento térmico. A iluminação era fornecida por uma lâmpada nua, num bocal branco e barato pregado numa viga exposta.

À luz crua e pouco convidativa, o corpo estava caído de costas, metade na futura lavanderia e metade na cozinha, que ficava do outro lado do portal sem acabamento que separava as duas áreas.

– Posso olhar mais de perto? – perguntou Gurney fazendo uma careta.

– É para isso que você veio.

A olhada mais de perto revelou uma poça de sangue coagulado que se espalhara de múltiplos ferimentos na garganta, indo pelo piso da cozinha até uma mesa de segunda mão. O rosto da vítima estava cheio de raiva, mas as linhas amargas desenhadas na cara grande e rígida eram produto de toda uma vida e não revelavam nada sobre o último ataque.

– Sujeito de aparência infeliz – disse Gurney.

– Filho da puta desgraçado, isso sim.

– Imagino que vocês tenham tido problemas com o Sr. Kartch.

– Nada além de problemas. E absolutamente todos desnecessários. – Gowacki olhou irritado para o corpo, como se o fim violento e sangrento tivesse sido castigo insuficiente. – Toda cidade tem encenqueiros, bêbados raivosos, vagabundos que transformam a casa em pocilgas para irritar os vizinhos, malucos cujas ex-mulheres precisam de ordens de proteção, sacanas que deixam os cachorros latirem a noite toda, tipos esquisitos que as mães do bairro não querem ver a menos de um quilômetro dos filhos. Aqui em Sotherton todos esses escrotos eram sintetizados num só cara: Richie Kartch.

– Parece uma figura e tanto.

– Só por curiosidade, as outras duas vítimas também eram assim?

– O primeiro era o oposto. Do segundo ainda não tenho os detalhes pessoais, mas duvido que fosse parecido com esse cara. – Gurney olhou de novo para o rosto deitado no chão, tão feio na morte quanto aparentemente havia sido em vida.

– Só pensei que talvez tivéssemos um assassino em série tentando livrar o mundo dos

escrotos. De qualquer modo, voltando ao seu comentário sobre as pegadas na neve, como sabia que elas fariam mais sentido se fossem na outra direção?

– Foi assim no primeiro assassinato.

Os olhos de Gowacki demonstraram interesse.

– A posição deste corpo é coerente com um agressor que tenha entrado pela porta dos fundos, mas as pegadas mostram alguém vindo pela porta da frente e saindo pela dos fundos. Não faz sentido.

– Posso dar uma olhada na cozinha?

– À vontade. O fotógrafo, o legista, os caras do sangue, das digitais e das fibras já estiveram aqui. Só não mexa em nada. Ainda estamos examinando os bens dele.

– O legista disse alguma coisa sobre queimaduras de pólvora?

– Queimaduras de pólvora? Esses são ferimentos a faca.

– Suspeito que haja um ferimento a bala no meio daquela confusão sangrenta.

– Você vê alguma coisa que eu deixei passar?

– Acho que estou vendo um pequeno buraco redondo no canto daquele teto, acima da geladeira. Alguém da equipe de vocês comentou sobre isso?

Gowacki acompanhou o olhar de Gurney até o lugar.

– O que você está querendo dizer?

– Que Kartch pode primeiro ter levado um tiro, depois os golpes cortantes.

– E as pegadas vão mesmo na direção oposta?

– Vão.

– Deixe-me entender. Você está dizendo que o assassino entrou pela porta de trás e atirou na garganta de Richie, que caiu, depois o assassino o esfaqueou uma dúzia de vezes na garganta como se estivesse amaciando uma porra de um bife?

– É mais ou menos o que aconteceu em Peony.

– Mas as pegadas...

– As pegadas podem ter sido feitas grudando uma segunda sola na bota, ao contrário, para parecer que ele entrou pela frente e saiu por trás, quando na verdade veio por trás e saiu pela frente.

– Merda, isso é ridículo! Que diabo de jogo ele está fazendo?

– Essa é a palavra.

– Qual?

– *Jogo*. Um jogo infernal, mas é o que ele está fazendo, e agora já fez três vezes. “Não só vocês estão errados como estão vendo tudo ao contrário. Eu deixo uma pista depois da outra e, mesmo assim, vocês não me pegam. Para ver como vocês, policiais, são uns inúteis.” Essa é a mensagem que ele está deixando em cada cena de crime.

Gowacki deu um olhar lento e avaliador na direção de Gurney.

– Você vê esse cara de modo bastante vívido.

Gurney sorriu, girando o tronco para pegar um maço de papéis na bancada da cozinha.

– Quer dizer que pareço meio intenso?

– Não sei dizer. Não há muitos assassinatos em Sotherton. Mesmo os que temos, e só acontecem mais ou menos a cada cinco anos, são do tipo culposos. Costumam envolver bastões de beisebol e chaves de roda em estacionamento de bares. Nada planejado. Definitivamente nada que pareça um jogo.

Gurney resmungou demonstrando simpatia. Tinha visto sua cota de crimes grosseiros.

– A maior parte disso aí é besteira – disse Gowacki, acenando para a pilha de correspondência que Gurney estava examinando com cuidado.

Ele já ia concordar quando, bem no fim da pilha desorganizada de propagandas, panfletos, revistas de armas e catálogos de sobras de material do exército, chegou a um envelope pequeno e vazio, com a aba rasgada, endereçado a Richard Kartch. A letra era lindamente precisa. A tinta era vermelha.

– Encontrou alguma coisa? – perguntou Gowacki.

– Talvez você queira colocar isto num saco de provas – respondeu Gurney, segurando o envelope pelo canto e levando-o para uma parte limpa da bancada. – Nosso assassino gosta de se comunicar com as vítimas.

– Tem mais lá em cima.

Gurney e Gowacki se viraram na direção da nova voz: um rapaz grande parado junto à porta do lado oposto da cozinha.

– Encontrei três envelopes escritos com tinta vermelha embaixo de uma pilha de revistas pornôns na mesa perto da cama dele.

– Acho que eu deveria subir para dar uma olhada – disse Gowacki, com a relutância de um homem gordo o suficiente para pensar duas vezes antes de subir um lance de escada. – Bobby, este aqui é o detetive Gurney, do condado de Delaware, Nova York.

– Bob Muffit – disse o rapaz, estendendo a mão nervosamente para Gurney e mantendo o olhar longe do corpo no chão.

O andar de cima tinha a mesma aparência meio inacabada e abandonada do resto da casa. O corredor dava acesso a quatro portas. Muffit foi à frente, entrando na primeira da direita. Mesmo para o padrão precário já estabelecido, era um lixo. Nas partes do carpete que não estavam cobertas de roupas sujas ou latas de cerveja vazias, Gurney observou o que pareciam ser manchas secas de vômito. O ar era azedo, com cheiro de suor. As venezianas estavam fechadas. A luz vinha da única lâmpada que funcionava numa luminária de três lâmpadas, no meio do teto.

Gowacki foi até a mesa ao lado da cama desarrumada. Perto de uma pilha de revistas pornográficas havia três envelopes escritos com tinta vermelha e junto deles um cheque nominal. Gowacki não tocou em nada diretamente, empurrando os quatro itens para cima de uma revista chamada *Hot Buns*, que usou como bandeja.

– Vamos descer e ver o que temos aqui – disse.

Os três voltaram para a cozinha, onde Gowacki depositou os envelopes e o cheque na mesa

do café da manhã. Com uma caneta e uma pinça tiradas do bolso da camisa, ele levantou a aba rasgada de cada envelope e tirou o conteúdo. Os três envelopes continham poemas que aparentavam ser idênticos – até na letra, que parecia de freira – aos enviados a Mellery.

O olhar de Gurney pousou primeiro nos versos “O que você tomou você dará / Quando receber o que deu. ... Você e eu temos um compromisso, / Sr. 658”.

Mas o item que prendeu sua atenção por mais tempo foi o cheque. Era nominal a “X. Arybdis” e estava assinado por “R. Kartch”. Era evidentemente o cheque devolvido por Gregory Dermott a Kartch, sem ser sacado. Tinha o mesmo valor dos de Mellery e Rudden: 289,87 dólares. O nome e o endereço, “R. Kartch, Quarry Road, 349, Sotherton, Mass. 01055”, apareciam no canto superior esquerdo do cheque.

R. Kartch. Havia algo no nome que incomodava Gurney.

Talvez fosse apenas a experiência peculiar que sempre tinha ao ver o nome impresso de uma pessoa falecida. Era como se o próprio nome tivesse perdido o sopro da vida, ficado menor, separado do que lhe daria estatura. Esquisito, refletiu, como a gente pode acreditar que passou a aceitar a morte, até mesmo que a presença dela não tem mais um grande efeito sobre a gente, que é apenas parte da profissão. Então ela chega de modo estranho – na qualidade inquietante, encolhida, do nome de um morto. Não importa quanto a gente tente ignorar, a morte sempre arranja um modo de ser notada. Penetra nos sentimentos como água através da parede de um porão.

Talvez por isso o nome R. Kartch lhe parecesse estranho. Ou haveria outro motivo?

Um tiro no escuro

Mark Mellery. Albert Rudden. Richard Kartch. Três homens. Escolhidos como alvos, torturados mentalmente, alvejados a tiro e depois repetidamente golpeados com objetos cortantes na garganta até que a cabeça quase fosse decepada. O que teriam feito, separadamente ou em conjunto, para inspirar uma vingança tão macabra?

Ou não seria vingança? Será que a sugestão de vingança revelada nas notas seria – como havia proposto Rodriguez uma vez – uma cortina de fumaça para esconder um motivo mais prático?

Qualquer coisa ainda era possível.

Havia quase amanhecido quando Gurney começou a voltar para Walnut Crossing. O ar cortante tinha cheiro de neve. Ele havia entrado naquele estado de consciência tenso em que um cansaço profundo luta com uma vigília agitada. Pensamentos e imagens cascadeavam no cérebro sem progressão ou lógica.

Uma dessas imagens era o cheque do morto, o nome R. Kartch, algo que espreitava por baixo de um alçapão inacessível da memória, algo que não estava totalmente certo. Como uma estrela de luz fraca, podia passar despercebido numa busca direta e aparecer na visão periférica assim que ele parasse de procurá-lo.

Fez um esforço para se concentrar em outros aspectos do caso, mas a mente se recusava a analisar os fatos de modo organizado. Em vez disso via a poça de sangue meio seco no piso da cozinha de Kartch, a borda se espalhando à sombra da mesa frágil. Olhou com intensidade para a rodovia à frente tentando exorcizar a imagem, mas só conseguiu substituí-la pela mancha de sangue de tamanho semelhante no pátio de pedras de Mark Mellery – que por sua vez dava lugar a uma imagem de Mellery no dia em que fora visitá-lo, inclinando-se na cadeira, pedindo proteção, ajuda.

Inclinando-se, pedindo...

Gurney sentiu a pressão de lágrimas brotando.

Parou numa área de descanso. Só havia mais um carro no pequeno estacionamento e parecia mais abandonado do que estacionado. Seu rosto estava quente, as mãos frias. Não ser capaz de pensar direito o amedrontava, fazia com que se sentisse impotente.

A exaustão era uma lente através da qual tendia a ver sua vida como um fracasso – um fracasso tornado mais doloroso pela montanha de elogios profissionais que recebia. Saber que isso era um truque da mente cansada não o tornava menos convincente. Afinal de contas, ele

tinha uma longa lista de provas. Como detetive, havia fracassado com Mark Mellery. Como marido, fracassara com Karen e agora estava seguindo o mesmo caminho com Madeleine. Como pai, tinha falhado com Danny e agora estava fracassando com Kyle.

Seu cérebro tinha limites e, depois de suportar mais quinze minutos dessa laceração, ele se fechou. Gurney caiu num sono breve e restaurador.

Não soube quanto tempo durou, quase certamente menos de uma hora, mas quando acordou sentiu que o tumulto emocional havia passado e que em seu lugar havia uma clareza sem estorvos. Além disso estava com o pescoço duro, mas esse parecia um preço pequeno a ser pago.

Talvez porque agora havia espaço para ela, uma nova visão do mistério da caixa postal de Wycherly começou a se formar na mente. As duas hipóteses originais nunca tinham parecido totalmente satisfatórias: que as vítimas foram direcionadas por engano a mandar os cheques para a caixa postal errada (improvável, dada a atenção do assassino aos detalhes) ou que era a caixa certa mas que alguma coisa havia dado errado, permitindo a Dermott receber e inocentemente devolver os cheques antes que o assassino pudesse pegá-los usando qualquer método que tivesse planejado.

Mas agora Gurney via uma terceira explicação. E se fosse a caixa certa e nada tivesse dado errado? E se o propósito de pedir os cheques não fosse sacá-los? E se o assassino tivesse conseguido acesso à caixa, aberto os envelopes, olhado os cheques ou feito cópias deles e depois os colocado de novo nos envelopes, lacrado e posto na caixa para que Dermott os pegasse?

Se essa hipótese estivesse mais próxima da verdade – se o assassino de fato estivesse usando a caixa postal de Dermott para alcançar seus propósitos –, isso abriria uma nova via fascinante. *Gurney poderia se comunicar diretamente com o assassino.* Apesar de se tratar de uma mera suposição, e apesar da confusão e da depressão em que estivera imerso pouco antes, esse pensamento o empolgou a tal ponto que vários minutos se passaram antes que ele se desse conta de que havia saído da área de descanso e estava voando para casa a 130 por hora.

Madeleine havia saído. Ele pôs a carteira e as chaves na mesa do café da manhã e pegou o bilhete que estava ali. Tinha sido escrito na letra rápida e clara de Madeleine e, como sempre, era desafiadoramente conciso: “Fui fazer ioga às 9 horas. Volto antes da tempestade. 5 recados. O peixe era um salmão?”

Que tempestade?

Que peixe?

Ele queria ir ao escritório e ouvir os cinco recados sobre os quais presumia que ela estivesse falando, mas havia outra coisa que desejava fazer primeiro, algo mais urgente. A ideia de que poderia escrever ao assassino, enviar um bilhete para ele via caixa postal de Dermott, o levava a sentir um desejo avassalador de fazer isso.

Podia ver que o cenário era frágil, com suposições em cima de suposições, mas tinha grande apelo. A chance de *fazer* alguma coisa era muito empolgante comparada com a frustração da investigação e com a sensação arrepiante de que qualquer progresso alcançado podia ser parte do plano do inimigo. Por mais impulsivo e pouco razoável que fosse, a chance de jogar uma granada por cima de um muro onde o inimigo poderia estar espreitando era irresistível. A única coisa que restava era construir a granada.

Realmente deveria ouvir os recados telefônicos. Poderia haver algo urgente, importante. Começou a andar em direção ao escritório. Mas uma frase lhe veio à mente – uma frase que ele não queria esquecer, um dístico com rima, o começo perfeito para uma mensagem ao assassino. Empolgado, pegou o bloco e a caneta que Madeleine havia deixado na mesa e começou a escrever. Quinze minutos depois pousou a caneta e leu os oito versos escritos em letra elaborada, decorativa.

*Sei como seu grande feito foi realizado,
Das botas ao contrário ao revólver abafado.
O jogo que você começou logo terminará:
O amigo de um morto sua garganta cortará.
Com a neve e com o sol é melhor tomar cuidado,
Seja noite ou dia, não terá esconderijo adequado.
Cheio de tristeza, da sepultura dele cuidarei,
E para o inferno seu assassino mandarei.*

Satisfeito, limpou as digitais do papel. Parecia estranho fazer isso – algo sombrio, evasivo –, mas afastou o sentimento, pegou um envelope e endereçou-o a X. Arybdis, com o número da caixa postal de Dermott em Wycherly, Connecticut.

De volta ao mundo real

Gurney mal conseguiu chegar à caixa de correio a tempo de entregar o envelope a Rhonda, que substituíra Baxter, o carteiro regular, duas vezes por semana. Quando voltou para casa, passando pelo pasto, a empolgação já estava sendo roída pelo remorso que inevitavelmente seguia seus raros atos impulsivos.

Lembrou-se dos cinco recados.

O primeiro era da galeria em Ithaca:

“David, é Sonya. Precisamos conversar sobre seu projeto. Nada de ruim, só coisas boas, mas temos de falar quanto antes. Vou estar na galeria até as seis, ou você pode ligar para minha casa mais tarde.”

O segundo era de Randy Clamm e ele parecia empolgado:

“Tentei o seu celular, mas parece desligado. Achamos umas cartas na casa de Rudden e gostaríamos que você olhasse para ver se parecem familiares. Tudo indica que Al estava recebendo uns poeminhas esquisitos e não queria que a esposa visse. Escondeu-os no fundo da caixa de ferramentas. Dê um número e eu mando por fax. Desde já agradeço.”

O terceiro era de Jack Hardwick, do BIC, sua atitude pretensiosa totalmente fora de controle:

“Ei, Sherlock, estão dizendo por aí que o cara fez mais duas vítimas. Você provavelmente esteve ocupado demais para colocar seu velho chapa em dia. Por um momento fiquei tentado a achar que não estava à altura do Sr. Sherlock Fodão Gurney dar um telefonema ao humilde Jack Hardwick. Mas, claro, você não é assim, certo? Que vergonha para mim! Só para mostrar que não fiquei chateado, estou ligando para avisar sobre uma reunião que está sendo planejada para amanhã, um relatório do progresso do BIC no caso Mellery, inclusive uma discussão sobre como os acontecimentos recentes no Bronx e em Sotherton devem afetar a direção da investigação. O capitão Rod vai ser o anfitrião dessa suruba. O promotor Kline está sendo convidado e ele, por sua vez, sem dúvida vai convidar você. Só pensei que gostaria de saber antecipadamente. Afinal de contas, para que servem os amigos?”

O quarto recado era o previsto telefonema de Kline. Não era especialmente “convidativo”. A energia da voz dele havia coalhado, transformando-se em agitação:

“Gurney, que diabos está acontecendo com seu celular? Tentamos falar com você diretamente, depois através da polícia de Sotherton. Eles disseram que você saiu de lá há duas horas e meia. Me informaram que agora estamos lidando com o assassinato número três

cometido pelo mesmo indivíduo. Isso é um fato importante, não acha? Há algo que você deveria ter me ligado para contar? Precisamos falar quanto antes. Tenho que tomar decisões e preciso de todas as informações disponíveis. Amanhã ao meio-dia vai haver uma reunião no BIC. Isso é prioridade. Ligue para mim assim que receber este recado.”

A mensagem final era de Mike Gowacki:

“Só queria que você soubesse: tiramos uma bala daquele buraco na parede da cozinha. Era uma 38 Special, como você disse. Além disso, fizemos mais uma descoberta depois que você saiu. Estávamos verificando a caixa de correspondência para ver se havia mais um daqueles bilhetinhos amorosos vermelhos. Você não mencionou que um peixe morto fazia parte do modo de operação. Avise se significar alguma coisa. Não sou psicólogo, mas eu diria que seu criminoso é, sem dúvida, pirado. Por enquanto é só isso. Vou para casa dormir um pouco.”

Um peixe?

Voltou à cozinha, à mesa do café da manhã, para dar mais uma olhada no bilhete de Madeleine.

“Fui fazer ioga às 9 horas. Volto antes da tempestade. 5 recados. O peixe era um salmão?”

Por que ela perguntaria isso? Ele verificou a hora no velho relógio de pêndulo sobre o aparador. Nove e meia. Mais parecia o amanhecer – a luz que entrava pela porta de vidro era de um cinza gelado. *Volto antes da tempestade*. Parecia mesmo que ia acontecer alguma coisa. Provavelmente nevaria. Ele esperava que não caísse uma chuva gelada. Nesse caso ela estaria em casa por volta das dez e meia, talvez às dez, se ficasse preocupada com as estradas. Então ele poderia perguntar sobre o salmão. Madeleine não era uma pessoa que se preocupava à toa, mas tinha um problema com estradas escorregadias.

Gurney ia voltar ao escritório para telefonar quando teve um estalo. O local do primeiro assassinato era a cidade de Peony e o assassino deixara uma peônia perto do corpo da segunda vítima. O local do segundo assassinato era o pequeno enclave do Bronx chamado Salmon Beach, “praia do salmão”, o que tornava a suposição de Madeleine sobre o peixe na cena do terceiro crime bem pensada e com alta probabilidade de estar correta.

Ele começou a retornar as ligações. Seu primeiro telefonema foi para Sotherton. O sargento de plantão passou-o para a caixa de recados de Gowacki. Ele deixou dois pedidos: a confirmação de que o peixe era um salmão e fotos da balística para terem certeza de que os projéteis tirados da parede de Kartch e de Mellery eram da mesma arma. Não tinha muita dúvida quanto às duas respostas, mas certamente perguntar era a coisa certa.

Em seguida ligou para Kline.

Naquela manhã o promotor estava no tribunal. Ellen Rackoff reiterou as reclamações do chefe, dando uma bronca em Gurney por causa da dificuldade que tiveram para encontrá-lo e porque ele não os mantivera informados. Disse a ele que era melhor não perder a grande reunião ao meio-dia do dia seguinte no BIC. Mesmo nesse sermão ela conseguiu insuflar um leve tom erótico. Gurney imaginou se sua falta de sono podia estar deixando-o meio louco.

Ligou para Randy Clamm, agradeceu pela atualização e deu o fax da promotoria para que

ele enviasse as cartas encontradas na casa de Rudden, além do número do BIC para que mandasse cópias a Rodriguez. Em seguida colocou-o a par do caso de Richard Kartch, inclusive a conexão do salmão e o fato de que agora o álcool era um elemento óbvio nos três casos.

Quanto ao telefonema para Sonya, podia esperar. Também não estava com muita pressa de ligar para Hardwick. Sua mente ficava pulando para a reunião do dia seguinte. Os pulos não eram de alegria – longe disso. Ele odiava reuniões em geral. Sua mente trabalhava melhor sozinha. O pensamento em grupo lhe dava vontade de sair da sala. E sua apressada granada poética o deixara incomodado com aquela reunião específica. Não gostava de ter segredos.

Deixou-se afundar na poltrona de couro macio no canto do escritório para organizar os fatos principais dos três casos, deduzir que hipótese geral se sustentava melhor e como testá-la. Mas o cérebro, privado de sono, não cooperava. Fechou os olhos e toda a tentativa de um pensamento linear se dissolveu. Não soube direito quanto tempo ficou ali sentado, mas quando abriu os olhos viu que a neve havia começado a cair pesadamente, branqueando a paisagem, e no silêncio singular pôde ouvir um motor ao longe na estrada, aproximando-se. Forçou-se a sair da poltrona e foi à cozinha, chegando à janela a tempo de ver o carro de Madeleine desaparecer atrás do celeiro. Presumivelmente ela fora checar a correspondência. Um minuto depois o telefone tocou. Ele atendeu à extensão na bancada da cozinha.

– Bom, você está aí. Sabe se o correio já passou?

– Madeleine?

– Estou aqui na caixa de correio. Tenho uma coisa para mandar, mas, se o carteiro já passou, posto depois na cidade.

– Na verdade foi Rhonda e ela passou há um bom tempo.

– Droga. Certo, não faz mal, cuido disso mais tarde.

Lentamente o carro dela surgiu de trás do celeiro e entrou na estradinha do pasto indo em direção à casa.

Ela entrou pela porta lateral da cozinha, com a expressão tensa que surgia em seu rosto quando dirigia na neve. Depois notou uma expressão muito diferente no rosto dele.

– O que foi?

Concentrado num pensamento que lhe ocorrera enquanto Madeleine telefonava da caixa de correio, Gurney só respondeu quando ela já havia tirado o casaco e os sapatos.

– Acho que acabei de deduzir uma coisa.

– Bom! – Ela sorriu e esperou os detalhes, espanando flocos de neve do cabelo.

– O mistério do número, o segundo. Sei como ele fez. Ou como pode ter feito.

– E o segundo foi...?

– O do número dezenove, o que Mellery gravou. Eu mostrei a carta a você.

– Estou lembrada.

– O assassino pediu que Mellery pensasse num número e depois o sussurrasse para ele.

– Por que ele pediu para sussurrar? Por sinal, aquele relógio está errado – disse ela,

olhando para o relógio de pêndulo.

Ele a encarou.

– Desculpe – disse ela despreocupadamente. – Continue.

– Acho que ele pediu para sussurrar porque isso dava um elemento estranho ao pedido, um elemento que iria levá-lo mais para longe da verdade do que um simples “Diga o número”.

– Não estou entendendo.

– O assassino não tinha ideia de que número estava na mente de Mellery. O único modo de descobrir era perguntando. Ele só estava tentando jogar um pouco de fumaça para desviar a atenção.

– Mas o número não estava numa carta que o assassino já havia deixado na caixa de correspondência de Mellery?

– Sim e não. Sim, o número estava na carta que Mellery encontrou na caixa alguns minutos depois, mas não, ele não estava na caixa *naquele momento*. Na verdade, a carta ainda não tinha sido impressa.

– Não entendi.

– Imagine que o assassino tivesse uma daquelas mini-impressoras conectada ao seu laptop. O texto da carta já estava pronto, a não ser pelo número certo a ser preenchido. Agora imagine que o criminoso estivesse sentado no carro perto da caixa de correio de Mellery, naquela estrada escura que passa pelo instituto. Ele liga pelo celular, como você telefonou da caixa de correio, e, no instante em que Mellery diz o número, o assassino o digita no texto e aperta o botão de imprimir. Meio minuto depois enfia a carta num envelope, coloca na caixa de correio e vai embora, criando a impressão de que é um diabólico leitor de mentes.

– Muito esperto – disse Madeleine.

– Ele ou eu?

– Obviamente, os dois.

– Acho que faz sentido. E faz sentido ele ter gravado ruído de tráfego, para dar a impressão de que estava em outro lugar que não fosse uma silenciosa estrada no campo.

– Ruído de tráfego?

– Ruído de tráfego gravado. Um técnico de laboratório do BIC usou um programa de análise de som para examinar a gravação que Mellery fez do telefonema e descobriu que havia dois sons de fundo por trás da voz do assassino: um de motor de carro e outro de trânsito. O motor era som de primeira geração, isto é, estava sendo emitido ao mesmo tempo que a voz, mas o som de tráfego era de segunda geração, ou seja, uma fita com ruídos de tráfego estava sendo tocada por trás da voz ao vivo. A princípio não fazia sentido.

– Agora faz – disse Madeleine –, agora que você deduziu. Muito bom.

Ele olhou-a atentamente, procurando o sarcasmo que frequentemente sublinhava os comentários sobre seu envolvimento no caso, mas não encontrou nada. Ela o olhava com verdadeira admiração.

– Sério – disse ela, como se detectasse a dúvida. – Estou impressionada.

Gurney teve uma lembrança com uma pungência surpreendente: *quantas vezes ela havia olhado para ele daquele jeito nos primeiros anos do casamento, como havia sido maravilhoso receber com tanta frequência e de tantas maneiras a aprovação amorosa de uma mulher tão inteligente, como era inestimável a ligação entre os dois! E ali estava aquele sentimento de novo, ou pelo menos uma deliciosa sugestão daquilo, viva nos olhos dela.* E então Madeleine se virou meio de lado para a janela e a luz cinzenta escondeu um pouco sua expressão. Ela pigarreou.

– Por sinal, nós compramos um novo limpador de telhado? Estão falando que vão cair entre quinze e vinte centímetros de neve antes da meia-noite, e não estou ansiosa por outro vazamento no closet do andar de cima.

– De quinze a vinte centímetros?

Ele se lembrava vagamente de que, no celeiro, havia um velho ancinho usado para limpar o telhado, talvez possível de ser consertado se houvesse fita adesiva suficiente...

Ela soltou um pequeno suspiro e foi para a escada.

– Vou esvaziar o closet.

Ele não conseguiu pensar em nada sensato para dizer. O telefone tocando sobre a bancada o salvou de falar algo idiota. Atendeu ao terceiro toque.

– Gurney.

– Detetive Gurney, aqui é Gregory Dermott. – A voz era educada, mas abalada.

– Sim, Sr. Dermott?

– Aconteceu uma coisa. Quero ter certeza de que estou alertando as autoridades adequadas.

– Sim, Sr. Dermott?

– Recebi um comunicado estranho. Acho que pode estar ligado às cartas que o senhor disse que foram recebidas pelas vítimas dos crimes. Posso ler para o senhor?

– Primeiro diga como recebeu.

– O modo como recebi é mais perturbador do que o que o bilhete diz. Meu Deus, faz minha pele se arrepiar! Estava colado do lado de fora da minha janela, a janela da cozinha perto da mesa onde tomo o café toda manhã. Entende o que isso significa?

– O quê?

– Significa que ele esteve aqui, tocando a casa, a menos de trinta metros de onde eu estava dormindo. E sabia em que janela deveria colar. É isso que torna o fato tão arrepiante.

– Como assim, em que janela colar?

– A janela perto de onde eu me sento todas as manhãs. Isso não foi por acaso, ele deve saber que eu tomo café naquela mesa, o que significa que andou me vigiando.

– O senhor ligou para a polícia?

– É por isso que estou ligando para o senhor agora.

– Quero dizer a polícia daí.

– Sei o que o senhor quer dizer. Sim, liguei, mas eles não estão levando o caso a sério. Eu esperava que um telefonema seu pudesse ajudar. Poderia fazer isso por mim?

– Conte o que o bilhete diz.

– Só um segundo. Aqui está. São só duas linhas escritas com tinta vermelha. “Cai um, caem todos. / Agora todos os tolos morrem.”

– O senhor leu isso para a polícia?

– Li. Expliquei que pode ter uma ligação com dois assassinatos e eles disseram que um detetive viria falar comigo amanhã de manhã, por isso não me parece que tenham achado urgente.

Gurney avaliou os prós e os contras de dizer que agora havia três assassinatos, mas decidiu que a notícia só geraria mais medo, e Dermott parecia já estar bastante assustado.

– O que a mensagem significa para o senhor?

– Significa? – A voz de Dermott estava em pânico. – Só o que ela diz: que alguém vai *morrer. Agora*. E a mensagem foi entregue a *mim*. É isso que ela significa, pelo amor de Deus! Qual é o problema com vocês? Quantos cadáveres são necessários para atrair a atenção da polícia?

– Tente ficar calmo, senhor. Pode me passar o nome do policial com quem falou?

De cabeça para baixo

Quando Gurney terminou a difícil conversa telefônica com o tenente John Nardo, do Departamento de Polícia de Wycherly, tinha recebido a promessa relutante de que um policial seria despachado naquela tarde para proteger Gregory Dermott, pelo menos temporariamente, sujeita apenas à aprovação final do chefe.

Enquanto isso a tempestade de neve havia se transformado num vendaval cheio de redemoinhos. Gurney estava acordado havia quase trinta horas e sabia que precisava dormir, mas decidiu se forçar um pouco mais e fez um bule de café. Gritou para o andar de cima perguntando se Madeleine também queria. Não conseguiu decifrar a resposta monossilábica, ainda que devesse saber qual seria. Perguntou de novo. Desta vez o “Não!” soou alto e claro – mais alto e mais claro do que o necessário, pensou.

A neve não estava tendo o costumeiro efeito tranquilizador sobre ele. Os acontecimentos do caso iam se acumulando rápido demais e parecia um erro ter lançado sua própria missiva poética para a caixa postal em Wycherly. Tinha recebido um certo grau de autonomia investigativa, mas isso talvez não cobrisse essas intervenções “criativas”. Enquanto esperava que o café ficasse pronto, imagens da cena do crime em Sotherton, inclusive o salmão – que ele visualizava tão nitidamente quanto se o tivesse visto –, competiam por espaço em sua mente com o bilhete na janela de Dermott: “Cai um, caem todos. / Agora todos os tolos morrem.”

Procurando uma rota para fora do atoleiro emocional, ocorreu-lhe que poderia consertar o ancinho quebrado ou pensar um pouco mais na questão do número 19 para ver se isso poderia levá-lo a algum lugar. Escolheu a segunda opção.

Presumindo que o golpe tinha sido aplicado como ele acreditava, que conclusões poderiam ser tiradas? Que o assassino era inteligente, criativo, frio sob pressão, jocosamente sádico? Que era obcecado por controle, por fazer com que as vítimas se sentissem desamparadas? Todas as opções acima, mas essas qualidades já eram óbvias. O que não era óbvio era o motivo para ele ter escolhido agir desse modo específico. Gurney percebeu que o fato mais notável sobre o truque do 19 era ser um *truque*. E o efeito era criar a impressão de que o perpetrador conhecia a vítima suficientemente bem para saber o que ela estava pensando – sem exigir qualquer conhecimento sobre ela.

Meu Deus!

Qual era mesmo a frase no segundo poema enviado a Mellery?

Gurney quase correu da cozinha para o escritório, pegou a pasta do caso e folheou os papéis. Ali estava! Pela segunda vez naquele dia sentiu a empolgação de desvendar parte da verdade.

*Sei o que você pensa,
Quando pisca,
Onde esteve,
Onde estará.*

O que mesmo Madeleine dissera à noite na cama? Teria sido na noite passada ou na anterior? Algo sobre as mensagens serem particularmente inespecíficas – não tendo nenhum fato, nem nomes, nem lugares, nada concreto?

Na empolgação, Gurney podia sentir grandes peças do quebra-cabeça se encaixando. A peça central era a que ele estivera segurando de cabeça para baixo o tempo todo. O conhecimento íntimo que o assassino dizia ter das vítimas e do passado delas era fingimento, pelo menos agora isso parecia claro. De novo Gurney leu as cartas e as transcrições dos telefonemas que Mellery e os outros haviam recebido e não conseguiu encontrar nem um fiapo de prova de que o assassino tivesse qualquer conhecimento específico sobre eles, além dos nomes e endereços. Parecia saber que numa determinada época todos haviam bebido demais, mas mesmo assim não fornecia detalhes – nenhum incidente, nenhuma pessoa, nenhum lugar, nenhuma data. Tudo era coerente com um assassino que tentava dar às vítimas a impressão de que as conhecia intimamente quando de fato não conhecia nem um pouco.

Isso levantava uma nova questão. Por que matar estranhos? Se a resposta era que ele sentia um ódio patológico por todo mundo que tem problemas com bebida, então por que (como havia dito Randy Clamm no Bronx) não jogar uma bomba na reunião dos Alcoólicos Anônimos mais próxima?

De novo seus pensamentos começaram a girar em círculos enquanto o cansaço inundava a mente e o corpo. Com o cansaço vinha a dúvida. A empolgação de saber como o truque do número fora feito e o que isso significava sobre o relacionamento entre o assassino e suas vítimas foi substituída por aquele velho sentimento de autocrítica, de que deveria ter percebido mais cedo – e depois pelo medo de que até mesmo isso fosse outro beco sem saída.

– O que há de errado agora?

Madeleine estava parada à porta do escritório segurando um volumoso saco de lixo, com o cabelo desalinhado pela missão de liberar o closet.

– Nada.

Ela fez uma expressão de “não acredito” e pôs o saco de lixo perto da porta.

– Estas coisas estavam do seu lado do closet.

Ele olhou para o saco.

Ela voltou para cima.

O vento provocava um assobio fino numa janela que precisava de uma nova vedação. Droga. Tinha pretendido consertar. Cada vez que o vento batia na casa naquele ângulo...

O telefone tocou.

Era Gowacki, de Sotherton.

– É, é mesmo um salmão – começou ele, sem se incomodar em dizer alô. – Como diabos você sabia?

A confirmação do peixe deu à mente de Gurney, privada de sono, uma nova injeção de vigor. Deu-lhe energia suficiente para ligar para o irritante Jack Hardwick e falar de um ponto que o incomodava há algum tempo. Era o primeiro verso do terceiro poema – que ele tirou da pasta enquanto ligava para o número de Hardwick.

*Eu farei o que fiz
Não por dinheiro ou prazer,
Mas por dívidas a serem pagas
E correções a fazer.
Por sangue que é tão vermelho
Quanto uma rosa pintada.
De modo que cada um saiba
Que colhe a semente plantada.*

Como sempre, teve de suportar um longo minuto de insultos aleatórios antes de conseguir que o detetive do BIC ouvisse o que o preocupava e se posicionasse a esse respeito. A resposta foi típica de Hardwick:

– Você acha que o uso do passado significa que o criminoso já tinha cortado algumas cabeças quando apagou o seu coleguinha?

– Seria o significado óbvio – disse Gurney –, já que as três vítimas das quais sabemos estavam vivas quando isso foi escrito.

– Então o que você quer que eu faça?

– Poderia ser uma boa ideia fazer uma busca sobre *modus operandi* semelhantes.

– Você quer que eu escreva *modus operandi* ou posso usar “modo de operação”? – A entonação áspera de Hardwick fez com que a expressão latina parecesse uma piada. Sua tendência chauvinista de achar risíveis as línguas estrangeiras sempre irritava Gurney.

– Isso é com você. Na minha opinião os ferimentos na garganta são a peça-chave.

– Humm. Acha que eu deveria mandar esse pedido para Pensilvânia, Nova York, Connecticut, Rhode Island, Massachusetts, talvez New Hampshire e Vermont?

– Não sei, Jack. Você decide.

– Que janela temporal?

– Os últimos cinco anos? O que acha?

– Parece tão bom quanto qualquer outro período. – Ele deu a entender que parecia péssimo.
– Está preparado para a reunião do capitão R.?

– Amanhã? Claro, estarei lá.

Houve uma pausa.

– Então você acha que essa porra desse lunático está por aí há algum tempo?

– Parece uma possibilidade, não é?

Outra pausa.

– Está conseguindo alguma coisa aí do seu lado?

Gurney fez um resumo dos fatos e de sua nova interpretação sobre eles, terminando com uma sugestão:

– Sei que Mellery foi para uma clínica de reabilitação há quinze anos. Talvez seja bom verificar qualquer dado criminal ou de registro público sobre ele, qualquer coisa envolvendo bebidas alcoólicas. O mesmo com relação a Albert Rudden e Richard Kartch. Os caras que cuidam dos casos de Rudden e Kartch estão trabalhando nas biografias das vítimas. Eles podem ter desencavado alguma coisa relevante. Já que você está com a mão na massa, não faria mal cutucar um pouquinho o passado de Gregory Dermott. Ele está embolado nessa confusão de algum modo. O assassino escolheu aquela caixa postal em Wycherly por algum motivo e agora está ameaçando o próprio Dermott.

– Está o quê?

Gurney contou a Hardwick sobre o bilhete do “Cai um, caem todos. / Agora todos os tolos morrem.” colado na janela de Dermott e a conversa com o tenente Nardo.

– O que você acha que vamos encontrar ao investigar o passado deles?

– Algo que dê sentido a três fatos. Primeiro, o assassino se concentra em vítimas com histórias de bebedeira. Segundo, não há provas de que ele conhecesse nenhuma delas pessoalmente. Terceiro, ele escolheu vítimas que viviam muito longe umas das outras, o que sugere algum fator na escolha que não seja apenas o consumo excessivo de álcool, um fator que os ligue uns aos outros, ao assassino e provavelmente a Dermott. Não faço ideia do que seja, mas saberei quando vir.

– Isso é fato?

– Vejo você amanhã, Jack.

Madeleine

O dia seguinte chegou com uma brusquidão peculiar. Depois da conversa com Hardwick, Gurney havia tirado os sapatos e se esparramado no sofá do escritório. Dormiu profundamente, sem interrupção, pelo resto da tarde e por toda a noite. Quando abriu os olhos, era de manhã.

Levantou-se, espreguiçou-se e olhou pela janela. O sol estava se esgueirando por cima da crista marrom no lado leste do vale, o que o fez pensar que seriam sete horas. Só precisaria sair para a reunião do BIC às dez e meia. O céu estava de um azul perfeito e a neve brilhava como se tivesse sido misturada a cacos de vidro. A beleza e a paz da paisagem se fundiram com o aroma de café fresco, fazendo a vida naquele momento parecer simples e fundamentalmente boa. Seu longo descanso fora reparador. Sentia-se pronto para dar os telefonemas que estivera adiando – para Sonya e Kyle – e só não fez isso porque se deu conta de que os dois ainda deviam estar dormindo. Ficou alguns segundos imaginando Sonya na cama, depois foi para a cozinha e decidiu dar os telefonemas logo depois das nove horas.

A casa tinha a aparência vazia de quando Madeleine não estava. Sua ausência foi confirmada pelo bilhete encontrado na bancada: “Amanheceu. O sol vai sair. Incrivelmente lindo. Vou caminhar com sapatos de neve até a laje do Carlson. Café no bule. M.” Foi ao banheiro, lavou o rosto, escovou os dentes. Enquanto estava penteando o cabelo, pensou que poderia ir atrás dela. A referência ao nascer do sol iminente significava que ela havia saído uns dez minutos antes. Se usasse os esquis de cross-country e seguisse a trilha dos sapatos de neve dela, provavelmente a alcançaria em vinte minutos.

Vestiu calças e botas de esqui por cima do jeans, colocou um suéter de lã grosso, prendeu os esquis e saiu pela porta de trás sobre trinta centímetros de neve fofa. A crista do morro, que propiciava uma longa visão do vale ao norte e das fileiras de montanhas atrás, ficava a cerca de um quilômetro e meio e se chegava a ela por uma velha trilha de madeireiros que subia por uma encosta suave começando nos fundos da propriedade. Era impossível usá-la no verão, com os emaranhados de arbustos de framboesa silvestre, mas no fim do outono e no inverno o mato baixo e espinhento sumia.

Uma família de corvos cautelosos, cujos gritos graves eram o único som no ar frio, voou das árvores nuas cem metros adiante e logo desapareceu por cima da crista, deixando um silêncio ainda mais profundo.

Enquanto saía da floresta para o promontório acima da fazenda de Carlson, viu Madeleine.

Estava sentada imóvel numa laje de pedra, a uns trinta metros dele, olhando a paisagem que ia até o horizonte com apenas dois silos distantes e uma estrada sinuosa para sugerir qualquer presença humana. Parou, hipnotizado pela imobilidade dela. Madeleine parecia tão... tão absolutamente solitária... e ao mesmo tempo intensamente *conectada* ao seu mundo. Uma espécie de farol atraindo-o para um lugar um pouco além de seu alcance.

Sem aviso, sem palavras para conter o sentimento, a visão despedaçou seu coração.

Santo Deus, será que ele estava tendo algum tipo de esgotamento? Pela terceira vez numa semana seus olhos se encheram de lágrimas. Engoliu em seco e enxugou o rosto. Sentindo-se tonto, afastou mais os esquis para se firmar.

Talvez tenha sido esse movimento na periferia de seu campo de visão, ou o som dos esquis na neve seca, que a fez se virar. Ela o viu se aproximando. Deu um sorriso rápido, mas não disse nada. Gurney teve a curiosa sensação de que ela podia ver sua alma tão claramente quanto seu corpo – curiosa porque “alma” não era uma ideia na qual ele já tivesse encontrado significado nem uma palavra que costumasse usar. Sentou-se ao lado dela na pedra chata e olhou, sem enxergar, a paisagem de morros e vales. Ela pegou seu braço e apertou-o contra o corpo.

Ele examinou o rosto dela. Não tinha palavras para expressar o que via. Era como se toda a radiância da paisagem coberta de neve se refletisse na expressão de Madeleine e a radiância da expressão dela se refletisse na neve.

Depois de um tempo – ele não teve certeza de quanto – os dois voltaram por um caminho mais longo para casa.

Mais ou menos na metade ele perguntou:

- O que você está pensando?
- Não estou pensando em nada. Pensar interfere.
- Em quê?
- No céu azul, na neve branca.

Ele não falou de novo até estarem de volta na cozinha.

- Não tomei aquele café que você deixou para mim – disse ele.
- Vou fazer um bule novo.

Gurney ficou observando enquanto ela pegava um saco de café em grão e media uma quantidade no moedor elétrico.

- Que foi? – Ela olhou-o com curiosidade, o dedo no botão.
- Nada. Só estou olhando.

Ela apertou o botão. A maquininha fez um barulho enorme, que ficou mais fraco à medida que os grãos eram pulverizados. Ela o olhou de novo.

- Vou verificar o closet – disse ele, sentindo necessidade de fazer alguma coisa.

Dirigiu-se para o andar de cima, mas antes de chegar ao closet parou no patamar, junto à janela que dava para o campo dos fundos, com a floresta atrás e a trilha até a laje. Visualizou-a sentada na pedra em sua paz solitária e aquela intensidade emocional sem nome o preencheu

de novo, dolorida. Lutou para identificar a dor.

Perda. Separação. Isolamento.

Cada uma dessas coisas parecia verdadeira, cada uma era uma faceta da mesma sensação.

O terapeuta que ele frequentara no fim da adolescência por causa de um ataque de pânico – o mesmo que tinha dito que o pânico vinha de uma hostilidade profunda que ele sentia em relação ao pai e que sua completa falta de emoção consciente pelo pai era prova da força oculta e da negatividade desse sentimento – um dia lhe confidenciara o que acreditava ser o objetivo da vida.

– O objetivo da vida é ficarmos o mais próximo possível de outras pessoas – tinha dito de modo surpreendentemente direto, como se estivesse observando que os caminhões servem para transportar coisas.

Em outra ocasião afirmou, no mesmo tom casual:

– Uma vida isolada é uma vida desperdiçada.

Aos 17 anos, Gurney não sabia direito do que o sujeito estava falando. Parecia profundo, mas era uma profundidade cheia de sombras e ele não conseguia ver nada lá dentro. Aos 47, ainda não entendia completamente, pelo menos não do modo como entendia o objetivo dos caminhões.

Esquecendo-se do closet, voltou à cozinha. Entrando pelo corredor mais escuro, teve a sensação de que o cômodo reluzia com uma intensa claridade. O sol, agora bem acima das árvores num céu sem nuvens, brilhava diretamente pela porta de vidro virada para o sudeste. O pasto fora transformado pela neve nova num refletor ofuscante, lançando luz em cantos da cozinha que raramente eram iluminados.

– Seu café está pronto – disse Madeleine. Ela estava carregando uma folha de jornal embolada e um punhado de gravetos até o fogão a lenha. – A luz é tão mágica! Parece música.

Ele sorriu e confirmou com a cabeça. Às vezes invejava a capacidade que ela possuía de se fascinar com pequenos aspectos da natureza. Imaginou por que uma mulher assim, tão entusiasmada, tão naturalmente esteta no sentido admirável da palavra, uma mulher tão em contato com a *glória* das coisas, havia se casado com um detetive tão sem espontaneidade e tão cerebral. Teria imaginado que um dia ele descartaria o casulo cinza de sua profissão? Será que ele havia conspirado para criar essa fantasia, imaginando que num retiro pastoral iria se tornar uma pessoa diferente?

Formavam um casal estranho, pensou, mas certamente não mais estranho do que seus pais. Sua mãe, com todas as inclinações artísticas, todos os passatempos fantasiosos – escultura em papel machê, aquarelas fantásticas, origami –, havia se casado com seu pai, um homem cuja monotonia essencial era interrompida apenas por fagulhas de sarcasmo, cuja atenção estava sempre em outro lugar, cujas paixões eram desconhecidas e cuja partida para o trabalho de manhã parecia agradá-lo mais do que o retorno para casa no fim da tarde. Um homem que, na busca pela paz, estava sempre *indo embora*.

– A que horas você tem de sair para a reunião? – perguntou Madeleine, demonstrando sua

sensibilidade incrivelmente exata com relação aos pensamentos dele.

Argumentos finais

Déjà-vu.

O procedimento de entrada foi o mesmo pelo qual ele havia passado antes. A área de recepção do prédio – ironicamente projetada para repelir – era tão antisséptica quanto um necrotério, porém menos tranquila. Havia um novo guarda na cabine de segurança, mas a iluminação lhe dava a mesma palidez de quimioterapia do outro. E, de novo, o guia de Gurney até a claustrofóbica sala de reuniões foi o investigador Blatt, com seu cabelo cheio de gel e charme nulo.

Ele entrou à frente de Gurney na sala que estava exatamente como se lembrava, só que parecendo mais decadente. Havia manchas no carpete desbotado que ele não havia notado antes. O relógio, meio torto e pequeno demais para a parede, marcava meio-dia. Como sempre, Gurney havia chegado na hora exata – o que era mais uma neurose do que uma virtude. Chegar cedo tanto quanto tarde o deixava desconfortável.

Blatt sentou-se à mesa. Wigg e Hardwick já se encontravam lá, nas mesmas cadeiras que tinham ocupado na primeira reunião. Uma mulher com expressão tensa estava parada perto da máquina de café no canto, obviamente insatisfeita porque a pessoa que ela estava esperando não chegara junto com Gurney. Parecia-se tanto com Sigourney Weaver que ele imaginou se estaria fazendo um esforço consciente para que os outros achassem isso.

As três cadeiras mais perto do centro da mesa comprida tinham sido inclinadas contra ela, como antes. Enquanto Gurney ia pegar um café, Hardwick riu como um tubarão.

– Detetive de primeira classe Gurney, tenho uma pergunta para você.

– Olá, Jack.

– Ou, melhor ainda, tenho uma resposta para você. Vejamos se consegue adivinhar qual é a pergunta. A resposta é “um padre que perdeu a batina em Boston”. Para ganhar o grande prêmio, você só precisa deduzir a pergunta.

Em vez de responder, Gurney pegou um copo, notou que não estava totalmente limpo, tentou outro, depois um terceiro, em seguida voltou ao primeiro.

Sigourney estava batendo o pé no chão e olhando seu Rolex, numa paródia de impaciência.

– Oi – disse ele, resignadamente enchendo o copo sujo com o que esperava que fosse um café tão quente que tivesse efeito esterilizante. – Sou Dave Gurney.

– Sou a Dra. Holdenfield – disse ela, como se estivesse jogando uma trinca de ases contra seu par de dois. – Sheridan está vindo?

Algo complexo no tom dela atraiu sua atenção. E “Holdenfield” lembrou alguma coisa.

– Não sei. – Ele imaginou que tipo de relacionamento poderia existir entre o promotor e a doutora. – Se não se importa com a pergunta, que tipo de doutora você é?

– Psicóloga forense – respondeu ela distraidamente, olhando não para ele, mas para a porta.

– Como eu disse, detetive – interveio Hardwick, alto demais para o tamanho da sala –, se a resposta é um padre de Boston que perdeu a batina, qual é a pergunta?

Gurney fechou os olhos.

– Pelo amor de Deus, Jack, por que não diz logo?

Hardwick fez uma careta, enojado.

– É que aí terei de explicar duas vezes: uma para você e outra para o comitê executivo. – Ele indicou com a cabeça as cadeiras inclinadas.

A doutora olhou de novo o relógio. A sargento Wigg continuou prestando atenção ao que quer que estivesse acontecendo na tela de seu laptop enquanto ela digitava. Blatt parecia entediado. A porta se abriu e Kline entrou, com a fisionomia carregada, seguido por Rodriguez – que vinha trazendo uma gorda pasta de papelão e parecia mais malévolo do que nunca – e Stimmel, que se assemelhava a um sapo pessimista. Tão logo se sentaram, Rodriguez lançou um olhar interrogador para Kline.

– Vá em frente – disse o promotor.

Rodriguez fixou o olhar em Gurney, os lábios apertados numa linha fina.

– Houve uma novidade trágica. Um policial de Connecticut, despachado para a casa de Gregory Dermott, supostamente por sua insistência, foi morto.

Todos os olhares na sala, com vários graus de curiosidade desagradável, se viraram para Gurney.

– Como? – perguntou ele calmamente, apesar de uma pontada de ansiedade.

– Do mesmo modo que o seu amigo. – Havia algo azedo e acusador na voz dele e Gurney optou por não reagir a isso.

– Sheridan, que diabos está acontecendo aqui? – A doutora, que estava de pé junto à outra extremidade da mesa, parecia-se tanto com a hostil Sigourney Weaver de *Alien* que Gurney decidiu que deveria ser de propósito.

– Becca! Desculpe, não vi você aí. Ficamos meio enrolados. Complicações de último minuto. Aparentemente houve outro assassinato. – Ele se virou para Rodriguez. – Rod, por que não coloca todo mundo a par desse negócio do policial de Connecticut? – Ele deu uma pequena sacudida de cabeça, como se houvesse água num dos ouvidos – É o caso mais infernal que já vi!

– Isso mesmo – ecoou Rodriguez, abrindo sua pasta. – O telefonema foi recebido às onze e vinte desta manhã, do tenente John Nardo, de Wycherly, Connecticut, com relação a um homicídio na propriedade de um tal de Gregory Dermott, conhecido por nós como o dono da caixa postal do caso Mark Mellery. Dermott recebera proteção temporária da polícia por insistência do investigador especial David Gurney. Às oito da manhã de hoje...

Kline levantou a mão.

– Espere um segundo, Rod. Becca, já conheceu o Dave?

– Já.

A afirmativa fria e curta parecia destinada a afastar qualquer apresentação prolongada, mas Kline continuou assim mesmo.

– Vocês dois devem ter muito que conversar. A psicóloga com o registro de caracterização de perfis mais preciso do ramo e o detetive com o maior número de prisões por homicídio do Departamento de Polícia de Nova York.

O elogio pareceu deixar todo mundo desconfortável. Mas também fez Holdenfield olhar para Gurney com algum interesse pela primeira vez. E, apesar de ele não ser fã de criadores profissionais de perfis, agora sabia por que o nome dela soava familiar.

Kline prosseguiu, aparentemente decidido a colocar seus dois astros em destaque.

– Becca lê a mente deles, Gurney os encontra. Noel Canibal, Jason Strunk, Peter Possum Não-sei-das-quantas...

A doutora se virou para Gurney, os olhos se arregalando só um pouquinho.

– Piggert? Esse caso foi seu?

Gurney assentiu.

– Uma prisão tremendamente celebrada – disse ela com alguma admiração.

Ele conseguiu dar um sorrisinho distraído. A situação em Wycherly – e a possibilidade de sua intervenção impulsiva ao enviar o poema ter tido alguma influência na morte do policial – o estava corroendo.

– Continue, Rod – disse Kline abruptamente, como se o capitão tivesse provocado a interrupção.

– Às oito da manhã de hoje Gregory Dermott foi ao correio de Wycherly, acompanhado pelo policial Gary Sissek. Segundo Dermott, eles retornaram às oito e meia, hora em que ele tomou café com torradas e examinou a correspondência, enquanto o policial Sissek permanecia do lado de fora para verificar o perímetro da propriedade e a segurança externa da casa. Às nove horas Dermott foi procurar o policial Sissek e descobriu o corpo dele na varanda dos fundos. Ligou para a emergência. Os primeiros policiais a chegar isolaram a área e encontraram um bilhete grudado na porta dos fundos, acima do corpo.

– Bala e múltiplos ferimentos como os outros? – perguntou Holdenfield.

– Ferimentos confirmados, bala ainda não confirmada.

– E o bilhete?

Rodriguez leu um fax em sua pasta:

– “Vim de onde? / Fui para onde? / Quantos morrerão / Por que você não responde?”

– As mesmas coisas esquisitas – disse Kline. – O que acha, Becca?

– O processo pode estar se acelerando.

– O processo?

– Até agora tudo era cuidadosamente premeditado: a escolha das vítimas, as séries de

bilhetes, tudo. Mas este assassinato foi diferente, mais reativo do que planejado.

Rodriguez parecia cético.

– É o mesmo ritual de golpear a garganta, o mesmo tipo de bilhete.

– Mas foi uma vítima não planejada. Parece que o Sr. Dermott era o alvo original, mas em vez disso esse policial foi morto de modo oportunista.

– Mas o bilhete...

– O bilhete pode ter sido levado para ser posto no corpo de Dermott se tudo tivesse corrido bem, ou pode ter sido feito no local em reação às circunstâncias alteradas. Pode ser significativo o fato de ter somente quatro versos. Os outros não eram de oito? – Ela olhou para Gurney em busca de confirmação.

Ele assentiu, ainda meio perdido em especulações sobre a própria culpa, depois se obrigou a voltar ao presente:

– Concordo com a Dra. Holdenfield. Eu não havia pensado no significado possível de quatro versos em vez de oito, mas faz sentido. Uma coisa que eu acrescentaria é que esse assassinato, apesar de não poder ter sido planejado do mesmo modo que os outros, mantém o elemento do ódio contra policiais que faz parte da estrutura mental do criminoso. Isso integra, pelo menos em parte, essa morte ao padrão e pode responder pelos aspectos rituais a que o capitão se referiu.

– Becca disse algo sobre o ritmo se acelerar – interveio Kline. – Já temos quatro vítimas. Isso significa que virão mais?

– Na verdade, cinco.

Todos os olhares se voltaram para Hardwick.

O capitão levantou a mão e foi estendendo os dedos à medida que enunciava cada nome:

– Mellery. Rudden. Kartch. O policial Sissek. Com isso são quatro.

– Com o reverendo Michael McGrath são cinco – afirmou Hardwick.

– Quem? – A pergunta brotou num uníssono entrecortado vindo de Kline (empolgado), do capitão (irritado) e de Blatt (pasma).

– Há cinco anos um padre da diocese de Boston foi privado de seus deveres pastorais devido a alegações envolvendo vários coroinhas. Ele fez algum tipo de acordo com o bispo, atribuiu o comportamento inadequado ao álcool, submeteu-se um longo tratamento de reabilitação, sumiu de vista, fim da história.

– Que diabos acontece com a diocese de Boston? – zombou Blatt. – Aquele lugar inteiro está infestado de pedófilos.

Hardwick ignorou-o.

– Fim da história até um ano atrás, quando McGrath foi encontrado morto em seu apartamento. Múltiplos ferimentos de corte na garganta. Um bilhete de vingança estava grudado ao corpo. Era um poema de oito versos escrito em tinta vermelha.

O rosto de Rodriguez estava ficando ruborizado.

– Há quanto tempo você sabe disso?

Hardwick olhou para o relógio.

– Meia hora.

– O quê?

– Ontem o investigador especial Gurney requisitou que eu fizesse um levantamento junto a todos os departamentos de polícia dos estados do Nordeste em busca de *modus operandi* semelhantes aos do caso Mellery. Hoje de manhã recebemos um caso: o do falecido padre McGrath.

– Alguém foi preso ou processado pelo assassinato? – perguntou Kline.

– Não. O cara da delegacia de homicídios de Boston com quem falei não quis dizer, mas tive a impressão de que eles não tinham priorizado o caso.

– Como assim? – O capitão pareceu insolente.

Hardwick deu de ombros.

– Ex-pederasta é esfaqueado, o assassino deixa um bilhete referindo-se vagamente a delitos do passado. Parece que alguém decidiu se vingar. Talvez os policiais tenham achado que estavam cheios de merda para resolver, um monte de outros bandidos para pegar com motivações menos nobres do que fazer justiça pelas próprias mãos. De modo que talvez não tenham se importado muito.

Rodriguez parecia estar com indigestão.

– Mas ele não disse isso explicitamente.

– Claro que não.

– Então – interveio Kline como se estivesse apresentando os argumentos finais no tribunal –, independentemente do que a polícia de Boston fez ou não fez, o fato é que o padre Michael McGrath é o número cinco.

– *Sí, número cinco* – disse Hardwick num espanhol fajuto. – Mas na verdade é o *número uno*, já que foi retalhado um ano antes dos outros quatro.

– Então Mellery, que achávamos ser o primeiro, foi o segundo – observou Kline.

– Duvido muito – disse Holdenfield. Quando havia conseguido a atenção de todo mundo, continuou: – Não existe prova de que o padre foi o primeiro, pelo que sabemos pode ter sido o décimo, mas mesmo que *tenha* sido o primeiro, há outro problema. Um assassinato há um ano, depois quatro em menos de duas semanas, não é um padrão que a gente veja normalmente. Eu esperaria outros no intervalo.

– A não ser – supôs Gurney baixinho – que algum fator que não a psicopatologia do assassino esteja determinando o momento e a seleção das vítimas.

– O que você tem em mente?

– Acredito que é algo que as vítimas têm em comum além do alcoolismo, algo que ainda não encontramos.

Holdenfield balançou a cabeça especulativamente de um lado para outro e fez uma cara de que não concordava com a suposição de Gurney, mas também não tinha elementos para derrubá-la.

– Então podemos descobrir ou não ligações com alguns cadáveres antigos – disse Kline, parecendo inseguro com relação a como se sentia a respeito disso.

– Para não mencionar alguns novos – completou Holdenfield.

– Como assim? – A pergunta estava se tornando a predileta de Rodriguez.

Holdenfield não demonstrou qualquer reação ao tom provocador.

– O ritmo dos assassinatos, como tentei explicar antes, sugere que a fase final do jogo começou.

– Fase final? – Kline entou as palavras como se gostasse do som.

– Neste caso mais recente, ele foi levado a agir de modo não planejado – continuou Holdenfield. – O processo pode estar fugindo ao seu controle. Minha sensação é que ele não vai conseguir controlá-lo por muito tempo.

– Controlar o que por muito tempo? – Blatt fez a pergunta, como na maioria das vezes, com uma espécie de hostilidade inata.

Holdenfield o encarou por um momento com uma expressão neutra, depois se virou para Kline.

– Até que ponto preciso ser didática?

– Talvez seja bom abordar alguns pontos-chave. Corrijam-me se eu estiver errado – disse ele, olhando ao redor e claramente não esperando ser corrigido –, mas, com exceção do Dave, não creio que o resto de nós tenha muita experiência prática com assassinatos em série.

Holdenfield deu um sorriso infeliz.

– Todo mundo pelo menos conhece a tipologia do assassino em série feita por Holmes?

Os murmúrios ao redor da mesa foram na maior parte afirmativos. Só Blatt tinha uma pergunta:

– Sherlock Holmes?

Gurney não soube se era uma piada idiota ou idiotice pura.

– Ronald M. Holmes, um pouquinho mais contemporâneo e uma pessoa de verdade – respondeu Holdenfield num tom exageradamente benigno que Gurney não conseguiu classificar exatamente. Seria possível que ela estivesse imitando uma professora que falasse com uma criança de cinco anos?

– Holmes classificou os assassinos em série segundo suas motivações – continuou ela. – O tipo que é impelido por vozes imaginárias; o tipo que está numa missão para livrar o mundo de algum grupo de pessoas intoleráveis: negros, gays, o que quer que seja; o tipo que busca o domínio total; o que busca emoções fortes e obtém a maior delas matando; e o assassino sexual. Mas todos têm uma coisa em comum...

– Todos são uns pirados de merda – disse Blatt com um riso presunçoso.

– Bem observado, investigador – respondeu Holdenfield com uma doçura mortal. – Mas o que eles realmente têm em comum é uma terrível tensão interna. Matar alguém lhes dá um alívio temporário dessa tensão.

– Parecido com trepar?

– Investigador Blatt – disse Kline com raiva –, seria boa ideia guardar suas perguntas até que Rebecca termine os comentários.

– Na verdade a pergunta dele faz sentido. Um orgasmo alivia a tensão sexual. No entanto, numa pessoa normal, ele não cria uma espiral descendente de disfunção que exige orgasmos cada vez mais frequentes a um custo cada vez maior. Nesse aspecto acredito que o assassinato em série tem mais em comum com a dependência de drogas.

– *Vício em assassinato* – disse Kline devagar, especulativamente, como se estivesse testando uma manchete para um comunicado à imprensa.

– Uma frase dramática – observou Holdenfield. – E há alguma verdade nela. Mais do que a maioria das pessoas, o assassino em série vive em seu próprio mundo de fantasia. Pode parecer que ele funciona normalmente na sociedade, mas não tem satisfação com sua vida pública nem interesse pela vida real das outras pessoas. Vive apenas para suas fantasias: de controle, dominação, castigo. Para ele essas fantasias constituem uma hiper-realidade, um mundo em que ele se sente importante, onipotente, vivo. Alguma pergunta até aqui?

– Eu tenho uma – disse Kline. – Você já formou alguma opinião sobre que tipo de assassino em série estamos procurando?

– Sim, mas eu adoraria ouvir o que o detetive Gurney tem a dizer sobre isso.

Gurney suspeitou que a expressão séria e professoral da mulher era tão falsa quanto seu sorriso.

– Um homem com uma missão – respondeu ele.

– Livrar o mundo dos alcoólatras? – Kline pareceu meio curioso, meio cético.

– Acho que “alcoólatra” é parte da definição dos alvos, mas pode haver mais alguma coisa, algo que explique a escolha específica das vítimas.

Kline deu um grunhido evasivo e perguntou:

– Se tivesse que criar um perfil mais amplo, algo mais do que “um homem com uma missão”, como você descreveria nosso assassino?

Gurney decidiu dar o troco na psicóloga forense:

– Tenho algumas ideias, mas adoraria ouvir o que a Dra. Holdenfield tem a dizer sobre isso.

Ela deu de ombros, depois falou rapidamente e em tom casual:

– Homem branco, 30 anos, QI alto, sem amigos, sem relacionamentos sexuais normais. Educado porém distante. Quase certamente teve uma infância complicada, com um trauma central que influencia sua escolha de vítimas. Como as vítimas são homens de meia-idade, é possível que o trauma envolvesse seu pai e um relacionamento edipiano com a mãe...

– Você não está dizendo que esse cara literalmente... – interrompeu Blatt. – Quero dizer, você está dizendo... com a própria mãe?

– Não necessariamente. Isso tem a ver com fantasia. Ele vive em sua vida de fantasia e para sua vida de fantasia.

A voz de Rodriguez soou cheia de impaciência:

– Estou tendo um problema de verdade com essa palavra, doutora. Cinco cadáveres não são fantasia!

– Está certo, capitão. Para o senhor e para mim eles não são nem um pouco fantasia. São pessoas reais, indivíduos com vidas únicas, dignos de respeito, de justiça, mas não é assim que o assassino em série os vê. Para ele, são meramente atores em sua peça, não seres humanos como o senhor e eu entendemos. São apenas adereços bidimensionais que ele imagina, fragmentos de sua fantasia, como os elementos rituais encontrados nas cenas dos crimes.

Rodriguez balançou a cabeça.

– O que você está dizendo pode fazer sentido no caso de um assassino em série lunático, mas e daí? Tenho outros problemas com essa abordagem. Quero dizer, quem decidiu que esse é um caso de assassinatos em série? Vocês estão correndo pela estrada sem a menor... – Ele hesitou, subitamente consciente da estridência da própria voz e da natureza pouco política de atacar uma das consultoras prediletas de Sheridan Kline. Passou para um tom mais suave. – Quero dizer, os assassinatos sequenciais nem sempre são obra de um assassino em série. Há outros modos de olhar isso.

Holdenfield pareceu honestamente pasma.

– O senhor tem hipóteses alternativas?

Rodriguez suspirou.

– Gurney fica falando de algum fator além da bebida que explicaria a escolha das vítimas. Um fator óbvio poderia ser o envolvimento comum em alguma ação do passado, acidental ou intencional, que prejudicou o assassino, e tudo o que estamos vendo agora talvez seja a vingança contra o grupo responsável pelo dano. Poderia ser simples assim.

– Não posso dizer que essa opção seja impossível – disse Holdenfield –, mas o planejamento, os poemas, os detalhes, o ritual, tudo parece patológico demais para significar simples vingança.

– Por falar em patológico – interveio Jack Hardwick em sua voz rouca, como alguém que estivesse morrendo de câncer na garganta –, esse pode ser o momento perfeito para colocar todo mundo a par da última prova sacana.

Rodriguez fitou-o irritado.

– Mais alguma surpresinha?

Hardwick prosseguiu, inexpressivo:

– A pedido de Gurney, uma equipe de perícia foi mandada a uma pousada onde ele achou que o assassino em série pode ter se hospedado na noite anterior ao assassinato de Mellery.

– Quem aprovou isso?

– Eu, senhor – respondeu Hardwick. Ele parecia orgulhoso da transgressão.

– Por que não vi nenhuma papelada a respeito?

– Gurney achou que não havia tempo – mentiu Hardwick. Depois levou a mão ao peito com uma expressão aflita do tipo “estou tendo um ataque cardíaco” e soltou um arrote explosivo. O

susto arrancou Blatt de seu devaneio, fazendo com que se inclinasse para longe da mesa tão energicamente que quase derrubou a cadeira.

Antes que Rodriguez, abalado com a interrupção, pudesse se concentrar em sua preocupação com a papelada, Gurney aproveitou a deixa de Hardwick e se lançou numa explicação do motivo para querer uma equipe de perícia na Pousada dos Loureiros:

– A primeira carta que o assassino mandou a Mellery usava o nome X. Arybdis. Em grego, um *x* tem o som equivalente ao de um *k* e, na mitologia grega, Caribde é o nome de um redemoinho mortal ligado a outro perigo fatal chamado Cila. Na noite anterior ao assassinato de Mellery, um homem e uma mulher idosa se hospedaram naquela pousada usando o sobrenome Cila. Eu ficaria muito surpreso se isso fosse coincidência.

– Um homem e uma mulher idosa? – Holdenfield pareceu intrigada.

– Possivelmente o assassino e a mãe dele, se bem que o livro de registros, estranhamente, estava assinado com Sr. e Sra. Cila. Talvez isso apoie a abordagem edipiana de seu perfil, não é?

Holdenfield deu um sorriso.

– É quase perfeito demais.

De novo a frustração do capitão parecia prestes a explodir, mas Hardwick falou primeiro, continuando do ponto em que Gurney havia parado:

– Por isso mandamos a equipe de perícia para lá, até um chalé esquisito decorado como um templo à *O mágico de Oz*. Eles reviraram tudo, por dentro, por fora, de cima a baixo, e o que encontraram? Nada. Absolutamente nada. Nem um fio de cabelo, nem uma digital, nem uma vírgula revelando que um ser humano havia estado no quarto. A chefe da equipe não conseguiu acreditar. Ligou para mim, disse que não havia nenhuma sugestão de digital em lugares onde sempre há digitais: tampos de mesa, bancadas, maçanetas, puxadores de gavetas, caixilhos de janela, telefones, torneiras de chuveiro, de pia, controles remotos de TV, interruptores de luz, uma dúzia de outros lugares onde elas sempre são encontradas. Nada. Absolutamente nada. Nem mesmo uma parcial. Por isso eu disse para ela usar o pó em tudo, absolutamente tudo: paredes, pisos, na porra do teto. A conversa ficou meio tensa, mas eu fui persuasivo. Então ela começou a me ligar a cada meia hora dizendo que ainda não tinha encontrado nada e que eu estava desperdiçando seu precioso tempo. Mas na terceira vez que ligou havia algo diferente em sua voz: estava um pouco mais calma. Ela disse que tinham encontrado uma coisa.

Rodriguez estava se controlando demais para deixar que seu desapontamento transparecesse, mas Gurney podia senti-lo. Hardwick prosseguiu depois de uma pausa dramática:

– Encontraram uma palavra do lado de fora da porta do banheiro. Uma palavra. *Redrum*.

– O quê? – rosnou Rodriguez, sem qualquer cuidado em esconder a incredulidade.

– *Redrum*. – Hardwick repetiu a palavra lentamente, com uma expressão de quem sabe das coisas, como se ela fosse a chave de algo.

– *Redrum*? Como no filme? – perguntou Blatt.

– Espere um segundo, espere um segundo – disse Rodriguez, piscando cheio de frustração.
– Está dizendo que sua equipe de perícia levou o quê, três, quatro horas, para encontrar uma palavra escrita em plena vista numa porta?

– Não em plena vista – respondeu Hardwick. – Ele usou o mesmo método das mensagens invisíveis que escreveu no verso dos bilhetes mandados a Mark Mellery. POLÍCIA IMBECIL MALIGNA. Lembram?

O único sinal de que o capitão havia lembrado foi um olhar silencioso.

– Eu vi, na pasta do caso – disse Holdenfield. – Algo sobre palavras que ele esfregou na parte de trás dos bilhetes com o próprio óleo da pele. Isso é mesmo possível de ser feito?

– Sem dúvida – respondeu Hardwick. – Na verdade as digitais não passam de óleo da pele. Ele simplesmente utilizou esse recurso com objetivo próprio. Talvez tenha esfregado os dedos na testa para deixá-los um pouco mais oleosos. Mas definitivamente funcionou nos bilhetes e ele fez isso de novo na pousada.

– Mas nós *estamos* falando sobre o *redrum* do filme, certo? – repetiu Blatt.

– Filme? Que filme? Por que estamos falando de um filme? – Rodriguez estava piscando de novo.

– *O Iluminado* – respondeu Holdenfield com empolgação crescente. – É uma cena famosa. O menininho escreve a palavra *redrum* na porta do quarto da mãe.

– *Redrum* é *murder*, ou seja, assassinato, escrito de trás para a frente – anunciou Blatt.

– Meu Deus, é tudo perfeito demais! – disse Holdenfield.

– Presumo que todo esse entusiasmo signifique que teremos uma prisão nas próximas 24 horas, não é? – Rodriguez parecia estar se esforçando para conseguir o máximo de sarcasmo.

Gurney o ignorou e se dirigiu a Holdenfield:

– É interessante que ele tenha querido nos lembrar do *redrum* de *O Iluminado*.

Os olhos dela brilharam.

– A palavra perfeita de um filme perfeito.

Kline, que durante um longo tempo estivera observando o jogo à mesa como um fã em uma partida de squash de seu clube, finalmente disse:

– Certo, pessoal, é hora de me contar o segredo. Que diabos é tão perfeito?

Holdenfield olhou para Gurney.

– Você conta sobre a palavra. Eu conto sobre o filme.

– A palavra é de trás para a frente. Simples. Este tem sido um tema desde o início do caso. Como a trilha de trás para a frente das pegadas na neve. E, claro, é a palavra *murder*, “assassinato”, que está de trás para a frente. Ele está dizendo que estamos entendendo todo o caso de trás para a frente. POLÍCIA IMBECIL MALIGNA.

Kline fixou em Holdenfield seu olhar de promotor fazendo interrogatório.

– Concorda com isso?

– Basicamente, sim.

– E o filme?

– Ah, sim, o filme. Vou tentar ser tão concisa quanto o detetive Gurney. – Ela pensou por alguns instantes, depois falou como se escolhesse cuidadosamente cada palavra: – O filme é sobre uma família em que a mãe e o filho são aterrorizados por um pai louco. Um pai que, por acaso, é alcoólatra com histórico de crises de violência.

Rodriguez balançou a cabeça.

– Está dizendo que algum pai maluco, violento e alcoólatra é o nosso assassino?

– Ah, não, não. O pai, não. O filho.

– O filho! – A expressão de Rodriguez estava retorcida em novos extremos de incredulidade.

Enquanto continuava, Holdenfield passou para algo parecido com sua voz de professora primária.

– Acredito que o assassino está nos dizendo que teve um pai parecido com o de *O Iluminado*. Acredito que ele pode estar se explicando para nós.

– Explicando? – A voz de Rodriguez parecia soltar faíscas.

– Todo mundo quer se apresentar em seus próprios termos, capitão. Tenho certeza de que o senhor vê isso o tempo todo em seu ramo de trabalho. Eu certamente vejo. Todos racionalizamos nosso comportamento, por mais bizarro que seja. Todo mundo quer que suas justificativas sejam aceitas, até os perturbados mentalmente, talvez em especial os perturbados mentalmente.

A observação levou a um silêncio geral, que acabou sendo rompido por Blatt:

– Tenho uma pergunta. Você é psiquiatra, certo?

– Consultora em psicologia forense. – A professorinha havia se transformado de novo em Sigourney Weaver.

– Certo, tanto faz. Você sabe como a mente funciona. A pergunta é a seguinte: esse cara sabia o número em que alguém iria pensar antes de a pessoa pensar. Como ele fez isso?

– Ele não fez.

– Claro que fez!

– Ele deu a impressão de que fazia. Presumo que você esteja se referindo aos incidentes que li no caso envolvendo os números 658 e 19. Mas ele não fez o que você está dizendo. Simplesmente não é possível conhecer antecipadamente o número em que outro indivíduo vai pensar em circunstâncias não controladas. Portanto, ele não fez isso.

– Mas o fato é que fez – insistiu Blatt.

– Há pelo menos uma explicação – disse Gurney. E passou a delinear a hipótese que lhe ocorreu quando Madeleine havia ligado da caixa de correio pelo celular. Ou seja, como o assassino podia ter usado uma impressora portátil no carro para criar a carta com o número 19 depois de Mark Mellery ter dito o número ao telefone.

Holdenfield pareceu impressionada.

Blatt murchou como um balão furado. Sinal claro, pensou Gurney, de que escondido em algum lugar naquele cérebro grosseiro e no corpo supermalhado havia um romântico

apaixonado pelo estranho e o impossível. Mas a frustração foi apenas momentânea.

– E o 658? – perguntou o detetive, com o olhar combativo saltando entre Gurney e Holdenfield. – Na ocasião não houve telefonema, só uma carta. Então como ele sabia que Mellery iria pensar nesse número?

– Não tenho resposta para isso – disse Gurney –, mas me lembrei de uma história estranha que pode nos ajudar a encontrá-la.

Rodriguez demonstrou impaciência, mas Kline se inclinou para a frente em antecipação, e essa demonstração de interesse conteve o capitão.

– Um dia desses sonhei com meu pai – começou Gurney, hesitando sem querer. Sua própria voz lhe parecia diferente. Ouviu nela um eco da tristeza profunda gerada pelo sonho. Viu Holdenfield olhando-o com curiosidade, mas não de modo desagradável. Obrigou-se a continuar. – Depois que acordei, me peguei pensando num truque de cartas que meu pai costumava fazer quando recebíamos pessoas no ano-novo e ele havia bebido um pouco, o que sempre parecia energizá-lo. Ele abria o baralho em leque e andava pela sala pedindo a três ou quatro pessoas que pegassem uma carta. Depois se concentrava em uma das pessoas e mandava que ela desse uma boa olhada na carta e a pusesse de volta no baralho. Então entregava o baralho à pessoa e pedia que ela misturasse as cartas. Enquanto isso, meu pai começava um papo-furado sobre “leitura de mente” que podia se prolongar por uns dez minutos, até que finalmente revelava de maneira dramática qual era a carta, coisa que ele sabia, claro, desde o momento em que ela fora escolhida.

– Como? – perguntou Blatt, perplexo.

– Quando ele estava preparando o baralho, antes de abrir as cartas em leque, conseguia identificar pelo menos uma carta e depois controlar a posição dela no leque.

– E se ninguém escolhesse essa carta? – perguntou Holdenfield, intrigada.

– Se ninguém a pegasse, ele interrompia o truque criando algum tipo de distração, como se lembrar de repente de que tinha posto a chaleira no fogo ou algo assim, de modo que ninguém percebesse que havia um problema com o truque. Mas quase nunca precisava fazer isso. Pelo modo como ele apresentava o leque, a primeira, a segunda ou a terceira pessoa a quem ele oferecia quase sempre pegava a carta que ele desejava. E, se isso não acontecesse, ele fazia o pequeno número da cozinha, voltava e recomeçava o truque. E, claro, sempre tinha um modo perfeitamente plausível de eliminar as pessoas que tinham escolhido as cartas erradas, de modo que ninguém percebesse o que estava acontecendo.

Rodriguez bocejou.

– Isso tem alguma relação com o negócio do 658?

– Não sei – respondeu Gurney –, mas a ideia de alguém achar que está escolhendo uma carta ao acaso quando na verdade o acaso está sendo controlado...

A sargento Wigg, que estivera escutando com interesse crescente, interveio:

– Sua história do truque da carta lembra aquele golpe da mala direta do detetive particular, no fim da década de 1990.

Talvez se devesse à sua voz incomum, situada num registro em que masculino e feminino se sobrepunham, ou ao fato singular de que estava falando, mas Wigg capturou a atenção instantânea de todo mundo.

– A pessoa recebe uma carta, supostamente de uma empresa de investigação particular, pedindo desculpas por invadir sua privacidade. A companhia “confessa” que no decorrer de um trabalho de vigilância seus agentes seguiram por engano o destinatário durante várias semanas e o fotografaram em diversas situações. Dizem que pela legislação de privacidade são obrigados a lhe entregar todas as fotos. Então vem a pergunta capciosa: como algumas fotos parecem ter natureza comprometedora, será que a pessoa preferiria que elas fossem mandadas a uma caixa postal, e não para o endereço residencial? Nesse caso ela precisaria mandar cinquenta dólares para cobrir os gastos adicionais.

– Qualquer pessoa suficientemente idiota para cair nessa merece perder cinquenta dólares – zombou Rodriguez.

– Ah, algumas pessoas perderam muito mais do que isso – disse Wigg placidamente. – O negócio não tinha a ver com o pagamento de cinquenta dólares. Isso era só um teste. O trambiqueiro postou mais de um milhão de cartas, e o único propósito do pedido de dinheiro era fazer uma lista refinada de pessoas que se sentissem culpadas o bastante para não querer que fotos de suas atividades caíssem nas mãos dos cônjuges. Esses indivíduos receberam uma série de pedidos de pagamentos exorbitantes relacionados à devolução das fotos comprometedoras. Alguns terminaram pagando até 50 mil dólares.

– Por fotos que nunca existiram! – exclamou Kline com um misto de indignação e admiração pela engenhosidade do trambiqueiro.

– A estupidez das pessoas nunca deixa de espantar... – começou Rodriguez, mas Gurney o interrompeu.

– Meu Deus! É isso! É para isso que serve o pedido de 289,87 dólares. É a mesma coisa. É um teste!

Rodriguez ficou perplexo.

– Teste de quê?

Gurney fechou os olhos para visualizar melhor a carta que Mellery havia recebido, pedindo dinheiro.

Franzindo a testa, Kline se virou para Wigg.

– Esse tal trambiqueiro, você disse que ele mandou um milhão de cartas?

– É o que lembro, pelo que a imprensa divulgou.

– Então obviamente esta é uma situação muito diferente. Aquela foi basicamente uma campanha de mala direta fraudulenta, uma rede enorme lançada para pegar alguns peixes culpados. Não é disso que estamos falando aqui. Estamos falando de bilhetes escritos à mão para um punhado de pessoas para quem o número 658 deve ter algum significado especial.

Gurney abriu lentamente os olhos e fitou Kline.

– Mas não tinha. A princípio eu presumi que o número tivesse algum significado,

imaginando que não haveria outro motivo para ele vir à mente. Por isso fiz essa pergunta a Mark Mellery mais de uma vez: o que o número significava para ele, o que o fazia lembrar, se ele já havia pensado nesse número antes, se já o tinha visto escrito, se era o preço de alguma coisa, um endereço, uma combinação de cofre. Mas ele garantiu que o número não significava nada, que não se lembrava de já ter pensado nele, que simplesmente lhe viera à cabeça, um acontecimento perfeitamente aleatório. E acredito que ele estava dizendo a verdade. Portanto, tem de haver outra explicação.

– O que significa que você está de volta ao ponto de partida – disse Rodriguez, revirando os olhos com cansaço exagerado.

– Talvez não. Talvez o golpe citado pela sargento Wigg esteja mais perto da verdade do que pensamos.

– Está tentando dizer que o nosso assassino mandou um milhão de cartas, um milhão de cartas escritas à mão? Isso é ridículo, para não mencionar que é impossível.

– Concordo que um milhão de cartas seria impossível, a não ser que ele tivesse um bocado de ajuda, o que não é provável. Mas que número seria possível?

– Como assim?

– Digamos que nosso assassino tivesse um esquema envolvendo mandar cartas para um monte de gente, escritas à mão, de modo que cada destinatário tivesse a impressão de que a carta era uma comunicação especial. Quantas cartas vocês acham que ele poderia escrever em, digamos, um ano?

O capitão levantou as mãos, sugerindo que a pergunta era não somente impossível de responder, mas também sem sentido. Kline e Hardwick pareceram mais sérios, como se estivessem tentando fazer algum tipo de cálculo. Stimmel, como sempre, projetava uma inescrutabilidade anfíbia. Rebecca Holdenfield observava Gurney com fascínio crescente. Blatt dava a impressão de que tentava determinar a fonte de um mau cheiro.

Wigg foi a única a falar.

– Cinco mil – disse ela. – Dez mil, se ele estivesse muito motivado. Poderia chegar a 15 mil, mas seria difícil.

Kline franziu a testa com um ceticismo de advogado.

– Sargento, esses números são baseados em quê, exatamente?

– Para começar, em algumas suposições razoáveis.

Rodriguez balançou a cabeça, sugerindo que nada era mais passível de falha do que as suposições razoáveis dos outros. Se Wigg notou, não se importou o suficiente para deixar que isso a distraísse.

– A primeira é a suposição de que o modelo do golpe do detetive particular seja aplicável. Se for, a primeira comunicação, a que pede o dinheiro, seria mandada ao maior número de pessoas possível e as subsequentes iriam apenas para quem tivesse respondido. Em nosso caso, sabemos que a primeira comunicação consistia em dois bilhetes de oito linhas – um total de dezesseis linhas bem curtas, além de um endereço de três linhas no envelope. A não ser

pelo endereço, todas as cartas seriam iguais, o que tornaria a escrita repetitiva e rápida. Eu estimaria que cada peça demoraria cerca de quatro minutos para ser completada. Com isso seriam quinze por hora. Se ele dedicasse apenas uma hora por dia a isso, faria mais de cinco mil em um ano. Duas horas por dia resultariam em quase 11 mil. Teoricamente ele poderia fazer muito mais, porém há limites para a diligência até mesmo da pessoa mais obcecada.

– Na verdade – disse Gurney com a percepção de um cientista que finalmente vê um padrão em um mar de dados –, 11 mil devem ser mais do que suficientes.

– Suficientes para quê? – perguntou Kline.

– Suficientes para fazer o truque do 658 – disse Gurney. – E esse truque, se foi feito como imagino, também explicaria o pedido dos 289,87 dólares na primeira carta a cada uma das vítimas.

– Epa – reagiu Kline levantando a mão. – Calma aí. Você está indo rápido demais.

Para descansar em paz, aja agora

Gurney pensou em todos os detalhes de novo. Era quase simples demais e ele queria ter certeza de que não havia esquecido nenhum problema óbvio que derrubaria sua elegante hipótese. Notou uma variedade de expressões faciais ao redor da mesa – numa mistura de empolgação, impaciência e curiosidade – enquanto todo mundo esperava que ele falasse. Respirou fundo antes de falar.

– Não posso dizer com certeza que foi feito exatamente assim. Mas é a única hipótese que me ocorreu desde que estou às voltas com esses números, desde o dia em que Mark Mellery foi à minha casa e mostrou a primeira carta, em que dá para acreditar. Ele estava totalmente pasmo e apavorado com a ideia de que o autor da carta o conhecia tão bem a ponto de prever em que número entre um e mil ele pensaria. Pude sentir o pânico nele, o sentimento de estar perdido. Sem dúvida aconteceu o mesmo com as outras vítimas. *Como ele poderia saber o número em que eu iria pensar? Como ele poderia saber uma coisa tão íntima, tão pessoal, tão particular quanto um pensamento? O que mais ele sabe?* Pude ver que essas perguntas o torturavam, deixando-o literalmente louco.

– Francamente, Dave – disse Kline sem conseguir disfarçar sua agitação –, elas também me deixam louco e quanto antes você puder responder, melhor.

– Isso mesmo – concordou Rodriguez. – Vamos ao ponto.

– Se é que posso dar uma opinião ligeiramente contrária – questionou Holdenfield –, eu gostaria de ouvir o detetive explicar isso ao seu modo e em seu próprio ritmo.

– É embaraçosamente simples – disse Gurney. – Para mim é embaraçoso porque quanto mais eu olhava o problema, mais impenetrável ele parecia. E ter deduzido como o sujeito fez o truque do 19 não lançou nenhuma luz sobre como o negócio do 658 funcionava. A solução óbvia não me ocorreu até a sargento Wigg contar sua história.

Não estava claro se a careta no rosto de Blatt resultava de um esforço para identificar o elemento revelador ou de um problema de gases.

Gurney acenou com a cabeça para Wigg em agradecimento, antes de prosseguir.

– Suponham, como sugeriu a sargento, que nosso assassino obcecado tenha dedicado duas horas por dia a escrever cartas e que, no fim de um ano, tenha completado 11 mil, enviando-as em seguida para uma lista de 11 mil pessoas.

– Que lista? – a voz de Jack Hardwick tinha a aspereza intrusiva de um portão enferrujado.

– Essa é uma boa pergunta, talvez a mais importante de todas. Vou retornar a ela em um

minuto. Por enquanto vamos só presumir que a carta original, idêntica em todos os aspectos, fosse mandada a 11 mil pessoas, pedindo que pensassem em um número entre um e mil. De acordo com a teoria das probabilidades, aproximadamente onze pessoas escolheriam cada um dos mil números disponíveis. Em outras palavras, existe uma probabilidade estatística de que onze dessas 11 mil pessoas, escolhendo um número totalmente aleatório, pensassem no 658.

A careta de Blatt atingiu proporções cômicas.

Rodriguez balançou a cabeça incrédulo.

– Não estamos atravessando o limite entre hipótese e fantasia?

– A que fantasia você está se referindo? – Gurney parecia mais divertido do que ofendido.

– Bem, esses números que você está jogando não têm qualquer base concreta. São todos imaginários.

Gurney deu um sorriso paciente, ainda que sentisse algo bem diferente por dentro. Por um momento se distraiu ao pensar em como era capaz de dissimular suas emoções. Era um hábito de toda a vida – esse reflexo de esconder irritação, frustração, raiva, medo, dúvida. Isso lhe servira bem em milhares de interrogatórios, tão bem que ele passara a acreditar que era um talento, uma técnica profissional, mas estava claro que no fundo não era nada disso. Era um modo de enfrentar a vida que fazia parte dele desde que podia se lembrar.

“Então seu pai não prestava atenção em você, David. Isso fazia você se sentir mal?”

“Mal? Não, mal não. Na verdade não sentia nada com relação a isso.”

No entanto, num sonho, era possível se afogar em tristeza.

Santo Deus, agora não era hora de introspecção.

Gurney retomou a concentração a tempo de ouvir Rebecca Holdenfield dizer naquela sua voz objetiva de Sigourney Weaver:

– De minha parte, acho a hipótese do detetive Gurney longe de imaginária. De fato, acho instigante e pediria de novo que o deixassem terminar a explicação.

Ela se dirigiu a Kline, que levantou as palmas das mãos como se dissesse que essa era a intenção óbvia de todos.

– Não estou afirmando – retomou Gurney – que exatamente onze das 11 mil pessoas escolheram o número 658, só que onze é o número mais provável. Não sei o suficiente sobre estatística para citar fórmulas de probabilidade, mas talvez alguém possa me ajudar com isso.

Wigg pigarreou.

– A probabilidade ligada a um intervalo seria muito mais alta do que para qualquer número específico dentro desse intervalo. Por exemplo, eu não apostaria minha casa em que um número específico entre um e mil seria escolhido exatamente por onze pessoas em 11 mil. Mas se acrescentarmos uma margem de, digamos, sete, para cima ou para baixo, eu ficaria tentada a apostar que o número de pessoas que o escolheriam cairia dentro desse intervalo. Neste caso, que o 658 seria escolhido por pelo menos quatro e não mais do que dezoito pessoas.

Blatt franziu os olhos para Gurney.

– Está dizendo que esse cara mandou correspondências para 11 mil pessoas e que o mesmo número secreto estava escondido dentro de todos aqueles envelopezinhos lacrados?

– É essa a ideia.

Os olhos de Holdenfield se arregalaram ao dizer em voz alta o que lhe passava pela cabeça:

– E cada pessoa que escolhesse o 658, não importa exatamente quantas fossem, e depois abrisse o envelope pequeno e encontrasse o bilhete dizendo que o remetente a conhecia suficientemente bem para saber que ela escolheria o 658... Meu Deus, que impacto isso teria!

– Porque – acrescentou Wigg – nunca lhe ocorreria que ela não era a única que estava recebendo a carta. Nunca passaria pela sua cabeça que ela era apenas uma em cada mil pessoas que escolheria aquele número. A escrita à mão era a cereja do bolo. Fazia tudo parecer muito pessoal.

– Jesus Cristo! – grasnou Hardwick. – O que você está dizendo é que temos um assassino em série usando campanha de mala direta para escolher vítimas!

– É um modo de ver o caso – respondeu Gurney.

– Deve ser a coisa mais maluca que já ouvi – falou Kline, mais perplexo do que incrédulo.

– Ninguém escreve 11 mil cartas à mão – declarou Rodriguez peremptoriamente.

– Ninguém escreve 11 mil cartas à mão – repetiu Gurney. – Essa é exatamente a reação com a qual ele estava contando. E, se não fosse a história da sargento Wigg, não creio que a possibilidade teria me ocorrido.

– E se você não tivesse descrito o truque de cartas do seu pai – disse Wigg – eu não teria pensado na história.

– Vocês podem parabenizar um ao outro mais tarde – interveio Kline. – Ainda tenho dúvidas. Por exemplo: por que o assassino pediu 289,87 dólares e por que pediu que fossem mandados para a caixa postal de outra pessoa?

– Ele pediu dinheiro pelo mesmo motivo que o trambiqueiro da história da sargento: para conseguir que as pessoas certas se identificassem. O trambiqueiro queria saber que pessoas em sua lista estavam seriamente preocupadas com a possibilidade de terem sido flagradas fazendo algo comprometedor. O nosso assassino queria saber que pessoas da sua lista haviam escolhido o 658 e ficaram tão abaladas a ponto de pagar para descobrir quem as conhecia o bastante para prever isso. Acho que a quantia era alta para separar os aterrorizados, e Mellery era um deles, dos meramente curiosos.

Kline estava tão inclinado para a frente que quase nem encostava na cadeira.

– Mas por que aquela quantia exata com dólares e centavos?

– Isso me incomodou desde o início e ainda não sei bem, mas há pelo menos um motivo possível: garantir que a vítima mandasse um cheque em vez de dinheiro.

– Não era isso que a primeira carta dizia – observou Rodriguez. – Dizia que a quantia poderia ser mandada em cheque ou dinheiro.

– Eu sei e isso parece terrivelmente sutil – disse Gurney. – Mas acho que a escolha aparente se destinava a desviar a atenção da necessidade vital de que fosse em cheque. E a quantia complexa se destinava a desencorajar o pagamento em dinheiro.

Rodriguez revirou os olhos.

– Olha, sei que *fantasia* não é uma palavra popular aqui hoje, mas não sei de que outro modo chamar isso.

– Por que era vital que o pagamento fosse feito em cheque? – perguntou Kline.

– O dinheiro em si não importava para o assassino. Lembrem-se, os cheques não foram sacados. Acredito que ele tinha acesso a eles em algum momento do processo de entrega na caixa postal de Gregory Dermott, e era só isso que ele queria.

– Só isso que ele queria, como assim?

– O que há num cheque, além da quantia e do número da conta?

Kline pensou um momento.

– O nome e o endereço do dono da conta?

– Certo – disse Gurney. – Nome e endereço.

– Mas por que...?

– Ele precisava fazer a vítima se identificar. Afinal de contas, tinha mandado milhares de correspondências. Mas cada possível vítima estaria convencida de que a carta era somente para ela, mandada por alguém que a conhecia bem demais. E se ela simplesmente mandasse de volta um envelope com o dinheiro pedido? Não teria motivo para colocar o nome e o endereço, e o assassino não podia pedir que ela incluísse esses dados porque destruiria toda a premissa do “conheço seus segredos íntimos”. Receber esses cheques era um modo sutil de conseguir o nome e o endereço dos que respondessem. E talvez, se o processo sub-reptício de avaliar as informações do cheque acontecesse no correio, o modo mais fácil de se livrar deles depois era simplesmente repassá-los, nos envelopes originais, para a caixa postal de Dermott.

– Mas o assassino teria de abrir com vapor e lacrar de novo os envelopes – disse Kline.

Gurney deu de ombros.

– Outra possibilidade seria ele ter algum tipo de acesso depois que o próprio Dermott abrisse os envelopes, mas antes que tivesse chance de devolvê-los aos remetentes. Assim não seria necessário abrir usando vapor e lacrar de novo, mas isso levanta outros problemas e dúvidas que precisamos verificar com relação ao lugar onde Dermott mora, indivíduos que possam entrar na sua casa e assim por diante.

– O que – disse Hardwick em voz alta e rouca – nos traz de volta à minha pergunta, que o Sherlock Gurney aqui caracterizou há pouco como a mais importante de todas. Quem, afinal, está naquela lista de 11 mil candidatos a ser assassinados?

Gurney levantou a mão no familiar gesto de policial de trânsito.

– Antes de tentarmos resolver isso, deixe-me lembrar a todo mundo que 11 mil é apenas uma suposição. É um número viável de cartas do ponto de vista da execução e que estatisticamente sustenta nossa hipótese do 658. Em outras palavras, funciona. Mas, como a sargento Wigg observou, o número real pode estar entre 5 mil e 15 mil. Qualquer quantidade dentro desse intervalo seria suficientemente pequena para ser viável e suficientemente grande para que um punhado de pessoas escolhesse o 658 aleatoriamente.

– A não ser, claro, que você esteja tomando o caminho completamente errado – observou Rodriguez – e que toda essa especulação seja apenas uma perda de tempo colossal.

Kline se virou para Holdenfield.

– O que acha, Becca? Estamos diante de alguma coisa? Ou só nos desviando do caminho?

– Vejo aspectos absolutamente fascinantes na teoria, mas prefiro reservar minha opinião final para depois. Primeiro, gostaria de ouvir a resposta do detetive Gurney à pergunta do sargento Hardwick.

Gurney sorriu, desta vez genuinamente.

– Ele raramente faz uma pergunta, a não ser que já tenha uma boa ideia da resposta. Poderia compartilhar com a gente, Jack?

Hardwick massageou o rosto com as mãos durante vários segundos – outro tique incompreensível que tanto havia irritado Gurney quando os dois trabalharam juntos no caso Piggert.

– Se a gente olhar a característica mais significativa que as vítimas têm em comum, aquela que é apontada nos poemas ameaçadores, seria possível concluir que os nomes faziam parte de uma lista de pessoas que tinham um grave problema com a bebida. – Ele fez uma pausa. – A questão é: qual seria essa lista?

– Uma lista de membros dos Alcoólicos Anônimos? – sugeriu Blatt.

Hardwick balançou a cabeça.

– Essa lista não existe. Eles levam a sério aquela merda de anonimato.

– Que tal uma lista compilada a partir de dados públicos? – perguntou Kline. – Prisões ou condenações relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas?

– Uma lista assim poderia ser montada, mas duas das vítimas não apareceriam nela. Mellery não tem registro de prisão. O padre pederasta tem, mas a acusação era de atentado violento ao pudor. Não havia nada sobre álcool no registro público. Se bem que o detetive de Boston com quem falei me disse que mais tarde o bom padre teve essa acusação retirada e foi enquadrado em um delito menor ao culpar o alcoolismo por seu comportamento e se comprometer com um tratamento de longo prazo.

Kline franziu os olhos, pensativo.

– Bem, então poderia ser a lista dos pacientes dessa clínica de reabilitação?

– É concebível – respondeu Hardwick, com uma expressão que dizia que não era.

– Talvez a gente devesse dar uma olhada nisso.

– Claro. – O tom quase insultuoso de Hardwick criou um silêncio incômodo, interrompido por Gurney.

– Num esforço para ver se conseguia estabelecer alguma outra conexão entre as vítimas, comecei a examinar a questão do tratamento contra alcoolismo. Infelizmente não deu em nada. Albert Rudden passou 28 dias numa clínica do Bronx há cinco anos e Mellery ficou 28 dias numa clínica do Queens há quinze anos. Nenhuma das duas oferece tratamento de longo prazo, o que quer dizer que o padre deve ter ido para outro lugar. De modo que, mesmo que o

assassino tivesse trabalhado num desses centros para dependentes e que isso lhe desse acesso a milhares de fichas de pacientes, qualquer lista que montasse desse modo incluiria apenas o nome de uma das vítimas.

Rodriguez se virou na cadeira e falou diretamente com Gurney:

– Sua teoria depende da existência de uma lista gigantesca, contendo 5 mil nomes, talvez 11 mil, ouvi Wigg dizer que pode chegar a 15 mil, sei lá, o número vive mudando. Mas não existe nenhuma fonte para essa lista. E agora?

– Paciência, capitão – disse Gurney baixinho. – Eu não diria que não existe nenhuma fonte. Apenas que ainda não descobrimos qual é. Parece que tenho mais fé na sua capacidade do que o senhor.

O sangue subiu ao rosto de Rodriguez.

– Fé? Na minha capacidade? Como assim?

– Em algum momento, todas as vítimas fizeram tratamento? – perguntou Wigg, ignorando a explosão do capitão.

– Quanto ao Kartch, não sei – respondeu Gurney, feliz em ser puxado de volta para o assunto. – Mas não ficaria surpreso.

Hardwick entrou no jogo:

– O Departamento de Polícia de Sotherton mandou uma ficha por fax. O retrato de um verdadeiro escroto. Agressões, perseguição, bebedeiras em público e desordem, ameaças com arma de fogo, comportamento obsceno, três prisões por dirigir embriagado, duas passagens pela penitenciária no norte do estado, para não mencionar uma dúzia de visitas à cadeia do condado. As prisões por dirigir embriagado tornam praticamente certo que ele tenha sido pressionado a fazer tratamento pelo menos uma vez. Posso pedir ao pessoal de Sotherton que dê uma olhada.

Rodriguez empurrou a mesa, afastando-se.

– Se as vítimas não se conheceram durante a reabilitação e nem mesmo estiveram nas mesmas clínicas, ainda que em ocasiões diferentes, que diferença faz se fizeram tratamento? Metade dos vagabundos desempregados e sacanas do mundo passa por esses centros hoje em dia. É uma porra de uma tramoia bancada pelos programas de saúde do governo, um roubo do dinheiro dos contribuintes. Que diabos significa todos esses caras terem feito tratamento? Que tinham probabilidade de ser mortos? Dificilmente. Que eram bêbados? E daí? Nós já sabíamos disso.

Gurney notou que a raiva havia se tornado a emoção primordial de Rodriguez, espalhando-se como fogo no mato e pulando de um tema para outro.

Wigg, a quem o discurso foi dirigido, não pareceu afetada pelo tom maldoso.

– O investigador Gurney disse uma vez que acreditava que todas as vítimas deviam estar ligadas por algum fator comum além da bebida. Eu estava pensando que o tratamento poderia ser esse fator, ou pelo menos parte dele – concluiu ela.

Rodriguez deu uma risada de desprezo.

– Talvez isso, talvez aquilo. Estou ouvindo um monte de talvez, mas nenhuma conexão real. Kline parecia frustrado.

– Ande, Becca, diga o que está pensando. Até que ponto nosso pé está firme nisso aí?

– É uma pergunta difícil. Não sei bem por onde começar.

– Vou simplificar. Você aceita a teoria de Gurney sobre o caso? Sim ou não?

– Sim, aceito. A imagem que ele pintou de Mark Mellery ficando mentalmente torturado pelos bilhetes que recebeu... Posso ver isso como parte plausível de um certo tipo de ritual assassino.

– Mas parece que não está totalmente convencida.

– Não é isso, é só... a especificidade da abordagem. Torturar a vítima é uma parte bastante comum da patologia do assassino em série, mas nunca vi uma situação em que isso seja levado tão longe com tamanha frieza e método. O componente de tortura nesses assassinatos geralmente se baseia em infligir a agonia física para aterrorizar a vítima e dar ao assassino a sensação de poder definitivo que ele anseia. Mas nesse caso infligir a dor foi uma coisa totalmente cerebral.

Rodriguez se inclinou para ela e perguntou:

– Então você está dizendo que não se encaixa no padrão do assassino em série? – Ele parecia um advogado atacando uma testemunha hostil.

– Não. O padrão está presente. Estou dizendo que ele tem um modo especialmente frio e calculado de executá-lo. A maioria dos assassinos em série possui inteligência acima da média. Alguns, como Ted Bundy, estão muito acima da média. Esse indivíduo pode estar num nível especial.

– Inteligente demais para nós, é o que você está dizendo?

– Não foi o que eu disse – respondeu Holdenfield com inocência –, mas você provavelmente está certo.

– Verdade? Deixe-me registrar isso – disse Rodriguez, com a voz quebradiça como gelo fino. – Sua opinião profissional é que o Bureau de Investigação Criminal é incapaz de prender esse maníaco?

– De novo, não foi isso que eu disse. – Holdenfield sorriu. – Mas você provavelmente está certo.

A pele macilenta de Rodriguez ficou vermelha de raiva e Kline interveio:

– Sem dúvida, Becca, você não está sugerindo que não podemos fazer nada.

Ela suspirou com a resignação de uma professora que infelizmente recebeu os alunos mais burros da escola.

– Os fatos do caso levam a três conclusões. Primeiro, o homem que estão procurando está jogando com vocês e é muito bom nisso. Segundo, ele é meticuloso e está intensamente motivado, preparado e focado. Terceiro, ele sabe quem é o próximo da lista, vocês não.

Kline pareceu sentir dor.

– Mas voltando à minha pergunta...

– Se você está procurando uma luz no fim do túnel, há uma pequena possibilidade a seu favor. Por mais rigidamente organizado que ele seja, há uma chance de o sujeito desmoronar.

– Como? Por quê? Como assim, “desmoronar”?

Enquanto Kline fazia a pergunta, Gurney sentiu um aperto no peito. A sensação crua de ansiedade chegou por meio de uma cena tão nítida que parecia de cinema: a mão do assassino pegando o papel com os oito versos que Gurney havia posto tão impulsivamente no correio no dia anterior.

*Sei como seu grande feito foi realizado,
Das botas ao contrário ao revólver abafado.
O jogo que você começou logo terminará:
O amigo de um morto sua garganta cortará.
Com a neve e com o sol é melhor tomar cuidado,
Seja noite ou dia, não terá esconderijo adequado.
Cheio de tristeza, da sepultura dele cuidarei,
E para o inferno seu assassino mandarei.*

De forma metódica, aparentemente com desprezo, a mão amassava o papel numa bola cada vez menor e, quando a bola ficava do tamanho de um pedacinho de goma de mascar mastigada, a mão se abria lentamente e a deixava cair no chão. Gurney tentou afastar da mente a imagem perturbadora, mas a visão não havia chegado ao fim. Agora a mão do assassino segurava o envelope em que o poema fora enviado – com o lado do endereço para cima, o carimbo claramente visível, o carimbo de Walnut Crossing.

De Walnut Crossing... *Ah, meu Deus!* Um arrepio se espalhou da boca do estômago de Gurney pelas pernas. Como podia ter deixado de pensar num problema tão óbvio? *Meu Deus, calma. Pense.* O que o assassino poderia fazer com essa informação? Será que ela poderia levá-lo ao endereço, à sua casa, a Madeleine? Gurney sentiu os olhos se arregalarem, o rosto empalidecer. Como podia ter se concentrado tão obsessivamente em lançar sua pequena missiva patética? Como podia não ter previsto o problema do carimbo do correio? A que perigo havia exposto Madeleine? Sua mente girou ao redor da última pergunta como alguém que corresse em volta de uma casa em chamas. Até que ponto o perigo era real? Até que ponto era imediato? Deveria ligar para ela, alertá-la? Alertar de quê, exatamente? E matá-la de medo? Meu Deus, o que mais? O que mais havia deixado de perceber em sua visão estreita com relação ao adversário, à batalha, ao quebra-cabeça? A segurança de quem mais, a vida de quem mais, ele estaria ignorando em sua determinação teimosa de vencer o jogo? As questões o deixavam tonto.

Uma voz se introduziu em seu quase pânico. Ele tentou prestar atenção, usá-la para recuperar o equilíbrio.

Holdenfield estava falando.

– ... um planejador obsessivo-compulsivo com necessidade patológica de fazer com que a realidade se ajuste aos seus planos. O objetivo que o controla é ter o controle absoluto sobre os outros.

– Sobre todo mundo? – perguntou Kline.

– Na verdade, o foco dele é bastante estreito. Ele sente que deve dominar completamente, por meio do terror e do assassinato, membros de seu grupo-alvo, que parecem representar algum subconjunto de homens alcoólatras de meia-idade. Outras pessoas são irrelevantes para ele. Não têm interesse nem importância.

– Então onde entra o negócio de “desmoronar”?

– Bem, por acaso, matar para criar e manter um sentimento de onipotência é um processo fatalmente defeituoso. Como solução para a ânsia de controle, o assassinato em série é profundamente disfuncional, equivalente a procurar a felicidade fumando crack.

– Os assassinos precisam cada vez mais disso?

– Cada vez mais para obter cada vez menos. O ciclo emocional se torna cada vez mais comprimido e incontrolável. Acontecem coisas que não deveriam acontecer. Suspeito que algo dessa natureza tenha ocorrido hoje de manhã, resultando na morte daquele policial em vez da do Sr. Dermott. Esses acontecimentos imprevistos criam sérios abalos emocionais num assassino obcecado por controle, e essas distrações levam a erros. É como uma máquina com um eixo desequilibrado. Quando chega a uma certa velocidade, a vibração toma conta da máquina e a despedaça.

– E isso significa o que neste caso específico?

– O assassino fica cada vez mais frenético e imprevisível.

Frenético. Imprevisível. De novo o pavor frio se espalhou a partir da boca do estômago de Gurney, desta vez subindo até o peito e a garganta.

– Quer dizer que a situação vai piorar? – perguntou Kline.

– De certa forma vai melhorar, de outra vai piorar. Se um assassino que costumava se esgueirar num beco escuro e ocasionalmente matar alguém com um picador de gelo de repente irrompe na Times Square brandindo uma machadinha, provavelmente será apanhado. Mas nesse tumulto final um monte de gente pode perder a cabeça.

– Você acha que nosso homem pode estar entrando no estágio da machadinha? – Kline parecia mais empolgado do que indignado.

Gurney ficou enjoado. O tom de papo-furado machista que as pessoas da lei usavam para se proteger do horror não funcionava em certas situações. Esta era uma delas.

– Acho. – A simplicidade da resposta de Holdenfield criou um silêncio na sala.

Depois de um tempo, o capitão falou com seu antagonismo previsível:

– Então o que devemos fazer? Emitir um mandado de busca a um sujeito educado, de trinta e poucos anos, com um eixo vibrando e uma machadinha na mão?

Hardwick reagiu a isso com um sorriso torto e Blatt com uma gargalhada explosiva.

– Às vezes um final grandioso faz parte do plano – interveio Stimmel. Ele atraiu a atenção

de todo mundo, menos de Blatt, que continuou rindo. Quando Blatt se aquietou, Stimmel prosseguiu: – Alguém se lembra do caso Duane Merkly?

Ninguém se lembrava.

– Veterano do Vietnã – disse Stimmel. – Tinha problemas com a entidade que cuidava de questões relacionadas aos veteranos. Problemas com a autoridade. Tinha um cão de guarda akita maligno, que comeu o pato de um vizinho. O vizinho chamou a polícia. Duane odiava policiais. No mês seguinte o akita comeu o beagle do vizinho. O vizinho atirou no akita. O conflito cresceu e mais merda aconteceu. Um dia o veterano do Vietnã tomou o vizinho como refém. Disse que queria 5 mil dólares pelo akita, caso contrário ia matar o cara. A polícia local chegou, uma equipe da SWAT chegou. Eles assumiram posição ao redor do perímetro da propriedade. O negócio é que ninguém olhou a ficha de serviço de Duane. Ele era especialista em montar minas terrestres com detonação remota. – Stimmel ficou quieto, deixando a plateia imaginar o resultado.

– Quer dizer que o escroto explodiu todo mundo? – perguntou Blatt, impressionado.

– Não todo mundo. Seis morreram, seis ficaram aleijados.

Rodriguez pareceu frustrado.

– Qual é o sentido disso?

– O sentido é que ele tinha comprado os componentes das minas dois anos antes. O final grandioso sempre tinha feito parte do plano.

Rodriguez balançou a cabeça.

– Não entendo o que isso tem a ver.

Gurney entendeu e ficou inquieto.

Kline olhou para Holdenfield.

– O que você acha, Becca?

– Se acho que o sujeito tem grandes planos? É possível. Mas sei de uma coisa...

Ela foi interrompida por uma batida rápida na porta, que se abriu. Um sargento uniformizado enfiou metade do corpo na sala e se dirigiu a Rodriguez:

– Senhor? Desculpe interromper. Um tal de tenente Nardo, de Connecticut, está na linha. Eu disse que o senhor está numa reunião. Ele falou que é uma emergência, que precisa falar agora.

Rodriguez deu o suspiro de alguém que estivesse carregando fardos mais pesados do que merecia.

– Vou atender aqui – disse inclinando a cabeça para o telefone que estava em cima de um pequeno armário encostado à parede atrás dele.

O sargento se retirou. Dois minutos depois o telefone tocou.

– Aqui é o capitão Rodriguez. – Durante mais dois minutos ele segurou o telefone junto ao ouvido, numa concentração tensa. – Isso é bizarro – disse finalmente. – Na verdade é tão bizarro, tenente, que gostaria que você repetisse, palavra por palavra, para a nossa equipe do caso reunida aqui. Vou colocá-lo no viva voz. Por favor, diga exatamente o que me contou.

A voz que saiu do telefone um instante depois era tensa e dura.

– Aqui é John Nardo, do Departamento de Polícia de Wycherly. Estão ouvindo? – Rodriguez disse que sim e Nardo continuou: – Como vocês sabem, um dos nossos policiais foi morto no cumprimento do dever hoje cedo, na casa de Gregory Dermott. No momento estamos no local com uma equipe de perícia. Há vinte minutos houve uma chamada para o Sr. Dermott. A pessoa do outro lado da linha disse: “Você é o próximo da fila e depois é a vez do Gurney.”

O quê? Gurney imaginou se poderia ter ouvido mal.

Kline pediu para Nardo repetir a mensagem e ele obedeceu.

– Vocês conseguiram com a companhia telefônica algo sobre a fonte da ligação? – perguntou Hardwick.

– Celular dentro desta área. Nenhum dado de GPS, só a localização da torre de transmissão. Obviamente, sem identificação de número.

– Quem atendeu ao telefone? – perguntou Gurney.

Surpreendentemente, a ameaça direta estava tendo um efeito calmante sobre ele. Talvez porque qualquer coisa específica, qualquer coisa que tivesse nomes, era mais limitada e portanto mais administrável do que uma gama infinita de possibilidades. E talvez porque nenhum dos nomes fosse o de Madeleine.

– Como assim, quem atendeu? – perguntou Nardo.

– Você disse que houve uma chamada para o Sr. Dermott, não que foi ele quem atendeu ao telefone.

– Ah, sim. Bem, por acaso Dermott estava deitado, com enxaqueca, quando o telefone tocou. Ele ficou meio incapacitado desde que encontraram o corpo do policial. Um dos peritos atendeu ao telefone na cozinha. A pessoa pediu para falar com Dermott, disse que era amigo dele e o perito foi chamá-lo.

– Que nome ele deu?

– Um nome estranho. Carbis... Cabberdis... Não, espere um segundo, aqui, o perito anotou: Caribdis.

– Alguma coisa estranha com relação à voz?

– Engraçado você perguntar. Eles estavam tentando descrevê-la. Depois que Dermott atendeu ao telefone, disse ter achado que parecia algum sotaque estrangeiro, mas o nosso cara achou que era falso: alguém tentando disfarçar a voz. Podia ser homem ou mulher, nenhum dos dois teve certeza. Desculpe, pessoal, mas agora preciso voltar ao trabalho aqui. Só queria passar os fatos básicos a vocês. Vamos voltar a fazer contato quando tivermos alguma novidade.

Depois do som da ligação terminando, houve um silêncio inquieto ao redor da mesa. Então Hardwick pigarreou tão alto que Holdenfield se encolheu.

– E aí, Dave, meu garoto – resmungou ele –, novamente o centro das atenções. “É a vez do Gurney.” Você é um ímã para assassinos em série, né? Nós só precisamos pendurá-lo numa linha e esperar que eles mordam.

Será que Madeleine também estava pendurada numa linha? Talvez ainda não. Tinha esperanças de que ainda não. Afinal de contas, ele e Dermott estavam no início da fila. Presumindo que o lunático estivesse dizendo a verdade. Nesse caso, isso lhe daria algum tempo, talvez o suficiente para ter sorte e compensar sua falta de visão. Como podia ter sido tão idiota? Tão despreocupado com a segurança dela? Idiota!

Kline parecia perturbado.

– Como você conseguiu virar um alvo?

– Não faço a mínima ideia – respondeu Gurney com uma leveza falsa.

Sua culpa lhe dava a impressão de que Kline e Rodriguez o olhavam com uma curiosidade inamistosa. Desde o início ele tivera dúvidas quanto a escrever e mandar aquele poema, mas havia enterrado essas dúvidas sem defini-las ou articulá-las. Estava pasmo com sua capacidade de ignorar o perigo, inclusive para outras pessoas. O que havia sentido na ocasião? Será que o risco para Madeleine havia chegado ao menos perto de sua consciência? Será que tivera alguma percepção e a descartara? Será que havia sido tão insensível assim? *Por favor, Deus, não!*

No meio de toda essa angústia, tinha certeza de uma coisa pelo menos. Ficar sentado naquela sala de reuniões discutindo a situação não era uma opção aceitável. Se Dermott era o próximo da lista, era lá que Gurney tinha a melhor chance de encontrar o assassino, para acabar com o risco antes que ele se esgueirasse mais para perto. E, se ele próprio vinha depois de Dermott, era uma batalha que queria travar o mais longe possível de Walnut Crossing. Deslizou a cadeira para longe da mesa e se levantou.

– Se me dão licença, preciso ir a um lugar.

A princípio isso gerou apenas olhares vazios ao redor da mesa. Depois o significado ficou claro para Kline.

– Meu Deus! – exclamou ele. – Você não está pensando em ir a Connecticut!

– Recebi um convite e estou aceitando.

– Isso é loucura. Você não sabe no que está se metendo.

– Na verdade – disse Rodriguez com um olhar vago na direção de Gurney –, uma cena de crime apinhada de policiais é perfeitamente segura.

– Normalmente isso seria verdade – observou Holdenfield. – A não ser... – Ela deixou o pensamento no ar, como se estivesse andando ao redor dele para vê-lo de diferentes ângulos.

– A não ser o quê? – perguntou Rodriguez ríspidamente.

– A não ser que o assassino seja um policial.

Um plano simples

Parecia quase fácil demais.

Matar vinte policiais bem treinados em vinte segundos deveria exigir um planejamento mais complexo. Um feito dessa magnitude deveria ser mais difícil. Afinal de contas, seria a maior erradicação do tipo já realizada – pelo menos nos Estados Unidos, pelo menos nos tempos modernos.

O fato de ninguém o ter feito antes, apesar da aparente simplicidade, ao mesmo tempo o estimulava e o perturbava. A ideia que enfim tranquilizou sua mente foi que, para um homem de intelecto mais fraco ou poder de concentração menos formidável, o projeto poderia ser mesmo intimidador, mas não para ele, não com sua clareza e sua capacidade de concentração. Tudo era relativo. Um gênio podia dançar entre obstáculos em que homens comuns ficariam irremediavelmente emaranhados.

Os produtos químicos eram fáceis de ser adquiridos, bastante econômicos e cem por cento legais. Mesmo em grandes quantidades não levantavam suspeitas, já que eram vendidos por atacado todos os dias, para aplicações industriais. Contudo ele, prudentemente, havia comprado cada um deles (eram apenas dois) em um fornecedor diferente, para evitar qualquer sugestão da combinação eventual, e adquirira os dois tanques de pressão de duzentos litros de um terceiro fornecedor.

Agora, enquanto estava dando os últimos retoques com um ferro de soldar numa tubulação preparada para combinar e distribuir a mistura letal, teve um pensamento empolgante, uma situação com um clímax incrível. Ficou tão entusiasmado com a ideia que um sorriso luminoso irrompeu em seu rosto. Ele sabia que o que estava imaginando não tinha probabilidade de acontecer – a química era imprevisível demais –, porém poderia acontecer. Era pelo menos concebível.

Em um site sobre perigos da química havia uma advertência que ele tinha memorizado. Aparecia num quadrado vermelho cercado por pontos de exclamação vermelhos: “Esta mistura de cloro com amônia não somente produz um gás fatalmente tóxico, mas, nas proporções indicadas, é tremendamente instável e, tendo uma fagulha como catalisador, pode explodir.” A imagem que o deliciara era de todo o Departamento de Polícia de Wycherly apanhado em sua armadilha, involuntariamente ofegando com os vapores venenosos nos pulmões no instante em que a fagulha catalisadora era aplicada, explodindo cada um deles em pedacinhos, de dentro para fora. Enquanto visualizava isso, fez algo que quase nunca fazia. Riu alto.

Se ao menos sua mãe conseguisse captar o humor, a beleza, a glória daquela imagem!

Mas talvez fosse pedir demais. E, claro, se todos os policiais fossem explodidos em pedacinhos – pedacinhos bem pequenos –, ele não poderia cortar suas gargantas. E queria muito cortar as gargantas.

Nada neste mundo era perfeito. Sempre havia pontos positivos e negativos. Era preciso aproveitar do melhor modo possível as chances que apareciam. Ver o copo como meio cheio.

Essa era a realidade.

Bem-vindo a Wycherly

Depois de descartar as objeções e preocupações previsíveis sobre a viagem, Gurney foi até o carro e ligou para o Departamento de Polícia de Wycherly pedindo o endereço da casa de Gregory Dermott, já que tudo o que tinha era o número da caixa postal no papel timbrado da GD. Demorou um tempo até explicar à policial de serviço exatamente quem ele era, e mesmo assim precisou esperar enquanto a jovem ligava para Nardo e conseguia permissão para revelar o local. Por acaso ela era o único membro da pequena força policial que não estava lá. Gurney colocou o endereço em seu GPS e se dirigiu à ponte Kingston-Rhinecliff.

Wycherly ficava ao norte da região central de Connecticut. A viagem demorou pouco mais de duas horas, boa parte das quais Gurney passou se culpando por não ter pensado na segurança da esposa. O lapso o perturbava e deprimia a ponto de ele ficar desesperado para se concentrar em outra coisa. Começou a analisar a principal hipótese desenvolvida na reunião do BIC.

A ideia de que o assassino de algum modo havia acessado ou compilado uma lista de vários milhares de indivíduos com histórico de problemas ligados à bebida – indivíduos que sofriam de temores profundos e culpa resultantes de um passado de alcoolismo –, em seguida atraído um punhado deles usando o truque do número e depois os atormentado com a série de poemas assustadores, levando aos assassinatos rituais... Todo esse processo, por mais absurdo que fosse, agora parecia totalmente crível para Gurney. Ele se lembrou de que, na infância, os assassinos em série costumam sentir prazer em torturar insetos e pequenos animais, por exemplo queimando-os com a luz do sol através de uma lente de aumento. Um dos assassinos mais famosos que mandou para a prisão, Noel Canibal, havia cegado um gato exatamente assim quando tinha cinco anos. Queimando seus olhos com uma lupa. Era perturbadora a semelhança com a tortura mental infligida pelo homem que estavam procurando. Ele fazia com que a vítima focasse o próprio passado e intensificava seus medos até ela estar se retorcendo de dor.

Ver um padrão, juntar as peças do quebra-cabeça, era um processo que normalmente o empolgava, mas naquela tarde, no carro, não se sentia tão bem como de costume. Talvez fosse a percepção de sua incompetência, de seus erros, que deixava uma sensação amarga no peito.

Concentrava-se debilmente na estrada, no capô do carro, nas mãos no volante. Estranho. Ele não reconhecia suas mãos. Pareciam surpreendentemente velhas, como as de seu pai. As manchinhas haviam crescido em número e tamanho. Se apenas um minuto antes tivessem lhe

mostrado fotos de uma dúzia de mãos, não poderia identificar a sua no meio delas.

Imaginou por quê. Talvez as mudanças, quando ocorrem de forma gradual, não sejam notadas regularmente pelo cérebro até que a discrepância chegue a uma magnitude crítica. Foi ainda mais longe.

Será que isso queria dizer que, até certo ponto, sempre vemos as coisas familiares como eram antigamente? Será que estamos presos ao passado não por simples nostalgia ou desejo, mas por um atalho de processamento de dados nas nossas conexões neurais? Se o que “víamos” era projetado em parte pelo nervo óptico e em parte pela memória – se o que a gente “percebia” em qualquer momento era na verdade uma mistura de impressões atuais e impressões guardadas –, isso dava um novo significado a “viver no passado”. Desse modo o passado exerceria uma tirania peculiar sobre o presente ao nos fornecer dados obsoletos disfarçados de experiência sensorial. Será que isso não se relacionaria com a situação de um assassino em série impelido por um trauma antigo? Até que ponto a visão dele poderia ser distorcida?

A teoria o empolgou momentaneamente. Revirar uma ideia nova, testar sua solidez, sempre o fazia sentir-se um pouco mais no controle, um pouco mais vivo, mas hoje esses sentimentos estavam difíceis de ser sustentados. Seu GPS o alertou de que estava a trezentos metros da saída para Wycherly.

No fim da rampa de saída virou à direita. A área era um amontoado de campos de fazendas, conjuntos residenciais, shoppings de beira de estrada e fantasmas dos prazeres de outra era: um cinema drive-in dilapidado, uma placa para um lago com nome iroquês.

Isso lhe trouxe à mente outro lago com nome indígena – um lago com uma trilha ao redor onde ele e Madeleine tinham feito uma caminhada num fim de semana em que estavam procurando seu lugar perfeito nas Catskills. Podia visualizar o rosto animado dela quando pararam em cima de um pequeno penhasco, de mãos dadas, sorrindo, olhando por cima da água enrugada pela brisa. A lembrança veio com uma pontada de culpa.

Ainda não havia telefonado para ela dizendo o que ia fazer, aonde ia, o atraso provável na volta para casa. Ainda não sabia quanto deveria contar. Será que ao menos deveria falar do carimbo do correio? Decidiu seguir sua intuição e ligar imediatamente. *Deus me ajude a dizer a coisa certa.*

Considerando o nível de estresse que já estava sentindo, achou sensato parar para dar o telefonema. O primeiro lugar que encontrou foi um estacionamento malcuidado, de cascalho, diante de uma barraca de legumes fechada para o inverno. A palavra para o número de casa no sistema de ativação por voz era, de modo eficiente mas pouco imaginativo, *casa*.

Madeleine atendeu ao segundo toque com aquela voz otimista, receptiva, que os telefonemas sempre provocavam nela.

– Sou eu – disse Gurney, com a voz refletindo uma fração da luz que havia na dela.

Houve uma pequena pausa.

– Onde você está?

– É isso que estou ligando para contar. Em Connecticut, perto de uma cidade chamada Wycherly.

A pergunta óbvia seria: “Por quê?” Porém Madeleine não fazia perguntas óbvias. Ela esperou.

– Houve uma novidade no caso – disse ele. – Podemos estar chegando perto do desfecho.

– Sei.

Ele ouviu uma respiração lenta e controlada.

– Vai me contar algo mais do que isso? – perguntou ela.

Gurney olhou pela janela do carro, para a barraca de legumes sem vida. Mais do que fechada para a estação, parecia abandonada.

– O homem que queremos pegar ficou inquieto – disse. – Pode haver uma oportunidade de fazer com que ele pare.

– *O homem que queremos pegar?* – Agora a voz dela era gelo fino rachando.

Ele não disse nada, abalado com a reação da mulher.

Madeleine continuou, claramente raivosa:

– Você não quer dizer o matador sangrento, o assassino em série, o homem que nunca erra, que atira na artéria do pescoço das pessoas e depois corta a garganta? É desse homem que você está falando?

– É... o homem que queremos pegar, é.

– Não existem policiais suficientes em Connecticut para cuidar disso?

– Parece que ele se concentrou em mim.

– O quê?

– Parece que ele me identificou como alguém que trabalha no caso e pode tentar fazer alguma coisa idiota, o que nos dará a oportunidade de que precisamos. É nossa chance de enfrentá-lo, em vez de simplesmente ir de uma cena de crime para outra limpando a sujeira que ele deixa.

– *O quê?!* – dessa vez as palavras eram mais uma exclamação dolorosa do que uma pergunta.

– Vai ficar tudo bem – falou Gurney sem convicção. – Ele está começando a desmoronar. Vai se autodestruir. Só temos de estar lá quando isso acontecer.

– Quando era o seu trabalho, você estava lá. Você não precisa estar lá agora.

– Madeleine, pelo amor de Deus, eu sou policial! – As palavras explodiram como um objeto obstruído que se soltasse bruscamente. – Por que diabos você não entende isso?

– Não, David – disse ela em tom calmo. – Você *era* policial. Não é mais. Não precisa estar lá.

– Já estou. – No silêncio que se seguiu, o mau humor dele recuou como uma onda se afastando. – Está tudo bem. Sei o que estou fazendo. Nada de ruim vai acontecer.

– David, qual é o seu problema? Você simplesmente fica correndo ao encontro das balas até que uma atravesse sua cabeça? É isso? Esse é o seu plano patético para o resto da nossa

vida juntos? Eu espero e espero e espero até que você seja morto? – A voz dela se rachou numa emoção tão crua ao dizer a palavra *morto* que ele se pegou sem fala.

Foi Madeleine que acabou falando, tão baixinho que ele mal conseguiu entender as palavras.

– De que se trata isso tudo?

– De que se trata? – A pergunta o acertou de um ângulo estranho. Ele se sentiu desequilibrado. – Não estou entendendo sua pergunta.

O silêncio intenso dela, a quase duzentos quilômetros de distância, pareceu rodeá-lo, pressioná-lo.

– Como assim? – perguntou ele. Podia sentir os batimentos cardíacos se acelerando.

Gurney pensou tê-la ouvido engolir em seco. Sentiu, de algum modo *soube*, que ela estava tentando tomar uma decisão. Quando ela respondeu, foi com outra pergunta, de novo tão baixinho que ele mal escutou.

– Isso tem a ver com o Danny?

Ele podia sentir as batidas do coração no pescoço, na cabeça, nas mãos.

– O quê? O que isso teria a ver com o Danny? – Ele não queria responder, principalmente agora, quando tinha tanto a fazer.

– Ah, David.

Ele podia visualizá-la balançando a cabeça com tristeza, decidida a prosseguir com esse assunto, o mais difícil de todos. Quando Madeleine abria uma porta, invariavelmente passava por ela.

Ela respirou trêmula e foi adiante:

– Antes de o Danny ser morto, seu trabalho era a maior parte da sua vida. Depois passou a ser a única parte. Nos últimos quinze anos você não fez nada além de trabalhar. Às vezes acho que você está tentando compensar alguma coisa, esquecer alguma coisa... *resolver* alguma coisa. – Sua inflexão tensa fez a palavra parecer um sintoma de doença.

Ele tentou manter o controle agarrando-se aos fatos à mão.

– Eu vou a Wycherly ajudar a capturar o homem que matou Mark Mellery. – Ouviu sua voz como se pertencesse a outra pessoa, alguém velho, apavorado, rígido, alguém tentando parecer razoável.

Ela o ignorou, seguindo seu próprio fluxo de pensamentos:

– Eu esperava que, se abrissemos a caixa e olhássemos os desenhos... poderíamos nos despedir dele juntos. Mas você não se despede, não é? Você nunca se despede de nada.

– Não sei do que você está falando – protestou ele.

Não era verdade. Quando iam se mudar da cidade para Walnut Crossing, Madeleine havia passado horas se despedindo. Não somente dos vizinhos, mas do lugar, de coisas que estavam deixando para trás, das plantas da casa. Isso o havia irritado. Ele havia reclamado do sentimentalismo dela, dizendo que falar com objetos inanimados era estranho, perda de tempo, distração, que só estava tornando a partida mais difícil. Mas era mais do que isso. O

comportamento dela tocava em algo que ele não queria que fosse tocado, e agora ela colocava novamente o dedo na ferida, na parte dele que jamais queria dizer adeus, que não podia enfrentar uma separação.

– Você esconde as coisas num lugar fora de vista – estava dizendo ela. – Mas elas não vão embora, você não as solta. Você precisa olhá-las para deixar que vão embora. Você tem que olhar a vida de Danny para soltá-la. Mas obviamente não quer fazer isso. Só quer... o quê, David? O quê? *Morrer*?

Houve um longo silêncio.

– Você quer morrer – disse ela. – É isso mesmo, não é?

Ele experimentou o tipo de vazio que imaginava existir no olho de um furacão, uma emoção que parecia um vácuo.

– Tenho um serviço a fazer.

Era uma coisa banal para ser dita, idiota, na verdade. Não sabia por que se dera o trabalho de falar aquilo. Seguiu-se um silêncio prolongado.

– Não – disse ela baixinho, engolindo em seco de novo. – Você não precisa continuar fazendo isso. – Depois, praticamente inaudível, desesperada, acrescentou: – Ou talvez precise. Talvez seja uma vã esperança.

Ele não encontrava palavras, não encontrava pensamentos.

Ficou sentado por um longo tempo, a boca ligeiramente aberta, a respiração rápida e curta. Num determinado ponto – não teve certeza de quando – a ligação telefônica se interrompeu. Ele esperou numa espécie de caos vazio que viesse um pensamento calmante, um pensamento que levasse à ação.

O que veio, em vez disso, foi um sentimento patético de que, mesmo quando ele e Madeleine estavam emocionalmente despidos e aterrorizados, encontravam-se a quilômetros de distância um do outro, em estados diferentes, expondo-se ao espaço vazio, aos celulares.

O que também lhe veio à mente foi o que não tinha conseguido falar, o que fracassara em revelar. Não dissera nada sobre a idiotice do carimbo do correio e como isso poderia levar o assassino ao lugar onde moravam. Também não mencionara que a distração era resultado de seu foco obsessivo na investigação. O pensamento ecoou em sua cabeça, provocando náuseas: ele se deu conta de que, quinze anos atrás, a preocupação excessiva com uma investigação levava à morte de Danny – talvez tivesse sido a causa decisiva. Era notável que Madeleine tivesse relacionado a morte do filho à sua compulsão atual. Notável e irritantemente preciso.

Sentiu que precisava ligar de novo para ela, admitir o erro – o perigo que havia criado – e alertá-la. Digitou o número e esperou a voz receptiva. O telefone tocou, tocou, tocou. Então a voz que ouviu foi a sua – meio formal, quase austera, nem um pouco receptiva –, na mensagem gravada, seguida por um bipe.

– Madeleine? Madeleine, você está aí? Por favor, atenda se estiver.

Ele teve a sensação de estar sendo tragado pelo mal-estar. Não conseguia pensar em nada para dizer que fizesse sentido num recado de um minuto, nada que não tivesse mais chance de

causar problemas do que de prevenir, nada que não fosse criar pânico e confusão. Terminou dizendo apenas:

– Eu te amo. Tenha cuidado. Eu te amo.

Em seguida houve outro bipe e a conexão foi novamente interrompida.

Triste e confuso, ficou sentado olhando a barraca de legumes abandonada. Sentia-se capaz de dormir durante um mês ou para sempre. Para sempre seria melhor. Mas isso não fazia sentido. Era o tipo de pensamento perigoso que fazia homens exaustos se deitarem na neve no Ártico e morrerem congelados. Precisava recuperar o foco. Fazer força para seguir em frente. Pouco a pouco os pensamentos começaram a se definir ao redor da tarefa inacabada. Havia trabalho a ser feito em Wycherly. Um louco a ser preso. Vidas a ser salvas. A de Gregory Dermott, a dele próprio, talvez até a de Madeleine. Ligou o carro e partiu.

O endereço para onde o GPS finalmente o levou pertencia a uma casa comum, de estilo colonial, situada nos fundos de um terreno grande, numa rua secundária com pouco tráfego e sem calçadas. Uma cerca viva alta de ciprestes protegia a parte de trás, assim como os lados direito e esquerdo da propriedade. Uma outra cerca viva, de buxo e da altura da cintura, se estendia por toda a parte da frente, a não ser pela abertura da entrada de veículos. Havia carros da polícia por toda parte – mais de uma dúzia, avaliou Gurney –, parados em diversos ângulos com relação à cerca, obstruindo parcialmente a rua. A maioria tinha a insígnia do Departamento de Polícia de Wycherly. Três eram veículos comuns, sem identificação, apenas com luzes vermelhas portáteis em cima dos painéis. Era notável a ausência de qualquer carro da polícia do estado de Connecticut, mas talvez não fosse surpreendente. Ainda que não fosse a abordagem mais inteligente ou mais eficaz, era compreensível que a polícia local quisesse manter o controle, já que a vítima era um de seus homens.

Quando Gurney enfiou seu carro num trecho de grama apertado à beira do asfalto, um policial uniformizado, enorme e jovem indicou com uma das mãos uma rota ao redor dos veículos estacionados ao mesmo tempo que sinalizava ansioso com a outra para que ele saísse de onde estava tentando estacionar. Gurney saltou do carro e mostrou sua identificação enquanto o policial mastodôntico se aproximava, tenso e com os lábios apertados. Seus volumosos músculos do pescoço, em guerra com um colarinho um número menor do que deveria, pareciam se estender até as bochechas.

O policial examinou a carteira de Gurney por um longo minuto de crescente incompreensão.

– Aqui diz estado de Nova York – anunciou, por fim.

– Vim falar com o tenente Nardo – respondeu Gurney.

O policial lançou-lhe um olhar tão duro quanto os peitorais que faziam força contra a frente da camisa, depois deu de ombros.

– Lá dentro.

Logo no início da entrada de veículos, num poste da mesma altura da caixa de correio, havia uma placa de metal bege com letras pretas: GD SISTEMAS DE SEGURANÇA. Gurney se enfiou por baixo da fita amarela da polícia, que parecia estar pendurada em volta de toda a

propriedade. Estranhamente, foi o frio da fita roçando em seu pescoço que, pela primeira vez naquele dia, desviou sua atenção dos pensamentos que o consumiam e o levou a observar o clima. O dia estava feio, cinza, sem vento. Trechos de neve anteriormente derretida e congelada de novo se acumulavam na sombra dos pés de buxo e cipreste. Ao longo da estradinha de veículos havia retalhos de gelo enchendo depressões rasas na superfície de asfalto.

No centro da porta da frente havia uma versão mais discreta da placa da GD Sistemas de Segurança. Perto da porta havia um pequeno adesivo indicando que a casa era protegida pelos Alarmes Silenciosos Axxon. Quando chegou aos degraus de tijolo da varanda com colunas, a porta à sua frente se abriu. Não era um gesto de boas-vindas. De fato, o homem que a abriu saiu e a fechou em seguida. Percebeu a presença de Gurney apenas periféricamente enquanto falava com irritação ruidosa ao celular. Era um sujeito compacto e atlético, de quarenta e tantos anos, com rosto duro e olhos afiados, raivosos. Usava um agasalho preto com a palavra *POLÍCIA* escrita em grandes letras amarelas nas costas.

– Está ouvindo agora? – Ele saiu da varanda para o gramado desbotado, murcho pelo frio. – Está ouvindo agora?... Bom. Eu disse que preciso de mais um perito aqui, quanto antes... Não, assim não serve, estou dizendo que preciso agora... Não, antes de escurecer. A palavra é *agora*. Que parte do “agora” você não entendeu?... Bom. Obrigado.

Ele apertou o botão de desligar e balançou a cabeça.

– Idiota. – Em seguida olhou para Gurney. – Quem diabos é você?

Gurney não reagiu ao tom agressivo. Sabia de onde aquilo vinha. Sempre havia emoções exaltadas no local onde um policial fora assassinado – uma espécie de fúria tribal mal contida. Além disso, reconheceu a voz do homem que tinha mandado o policial à casa de Gregory Dermott: John Nardo.

– Sou Dave Gurney, tenente.

Muita coisa pareceu passar rápido demais pela mente de Nardo, a maioria negativa. Tudo o que ele disse foi:

– O que veio fazer aqui?

Uma pergunta tão simples, mas ele não tinha ideia se sabia ao menos uma fração da resposta. Decidiu optar pela brevidade:

– Ele diz que quer matar Dermott e eu. Bem, Dermott está aqui. Agora eu estou aqui. É toda a isca que o sacana pode querer. Talvez ele aja e possamos acabar com isso.

– Você acha? – A voz de Nardo era cheia de hostilidade.

– Se quiser, posso colocá-lo a par de nossa parte do caso, e você pode contar o que descobriu aqui.

– O que eu descobri aqui? Descobri que o policial que mandei para esta casa a seu pedido morreu. Gary Sissek. Faltavam dois meses para ele se aposentar. A cabeça dele foi quase decepada com uma garrafa de uísque quebrada. Descobri um par de botas ensanguentadas ao lado de uma porra de uma cadeira dobrável atrás daquela cerca. – Ele acenou freneticamente

na direção dos fundos da casa. – Dermott nunca viu a cadeira antes. O vizinho nunca a viu. Então de onde veio aquela porcaria? Esse lunático traz uma cadeira dobrável?

Gurney assentiu.

– Na verdade, tudo indica que sim. Parece fazer parte de um *modus operandi* especial. Como a garrafa de uísque. Por acaso era da marca Four Roses?

Nardo o encarou, a princípio inexpressivo, como se houvesse um ligeiro atraso numa transmissão de TV.

– Meu Deus! – exclamou. – É melhor você entrar.

A porta dava num corredor central largo e vazio. Sem móveis, sem tapetes, sem quadros nas paredes, apenas um extintor de incêndio e dois alarmes de fumaça. No fim do corredor ficava a porta dos fundos – atrás da qual, Gurney presumiu, estava a varanda onde Gregory Dermott descobrira naquela manhã o corpo do policial. Vozes indistintas sugeriam que a equipe de perícia continuava ocupada lá fora.

– Onde está Dermott? – perguntou Gurney.

Nardo apontou para o teto.

– No quarto. Está com enxaqueca por causa do estresse, e a enxaqueca o deixa enjoado. Não está de muito bom humor. Já estava mal antes do telefonema dizendo que ele era o próximo, mas depois... Meu Deus!

Gurney queria fazer um monte de perguntas, mas parecia melhor deixar que Nardo estabelecesse o ritmo. Olhou ao redor, para o que podia ver do térreo da casa. Do outro lado de uma porta à direita ficava uma sala grande com paredes brancas e piso de madeira. Meia dúzia de computadores ficavam lado a lado numa mesa comprida no centro do cômodo. Telefones, aparelhos de fax, impressoras, scanners, discos rígidos externos e outros periféricos ocupavam outra mesa comprida encostada na parede mais distante. Nessa parede também havia outro extintor de incêndio. Em vez de um alarme contra fumaça havia um sistema de sprinklers. Só existiam duas janelas, pequenas demais para o espaço, uma na frente e outra nos fundos, dando uma sensação de túnel, apesar da tinta branca.

– Ele comanda o negócio de computadores aqui embaixo e mora no andar de cima. Vamos usar a outra sala – disse Nardo, indicando uma porta do outro lado do corredor. Também pouco convidativa e puramente funcional, a sala tinha metade do tamanho da outra e só possuía uma janela num dos lados, tornando-a mais parecida com uma caverna do que com um túnel. Nardo ligou um interruptor quando entraram e quatro luzes embutidas no teto transformaram a caverna numa luminosa caixa branca contendo arquivos numa parede, uma mesa com dois computadores encostada em outra parede, uma mesa com uma cafeteira e um micro-ondas numa terceira parede e uma mesa quadrada, vazia, com duas cadeiras, no meio do cômodo. Essa sala tinha sistema de sprinklers e alarme de fumaça. Fez Gurney se lembrar de uma versão mais limpa da melancólica sala de descanso de sua última delegacia. Nardo se sentou numa das cadeiras e sinalizou para Gurney ocupar a outra. Massageou as têmporas durante um minuto, como se tentasse tirar a tensão da cabeça. Pelo seu olhar, não estava dando

certo.

– Não engulo essa merda de “isca” – disse ele franzindo o nariz como se a palavra *isca* fedesse.

Gurney sorriu.

– Isso é parte do motivo.

– Qual é a outra parte?

– Não sei bem.

– Você veio aqui para ser uma porra de um herói?

– Acho que não. Tenho a sensação de que minha presença pode ajudar.

– É? E se eu não compartilhar essa sensação?

– O show é seu, tenente. Se quiser que eu vá para casa, eu vou.

Nardo deu-lhe outro olhar longo e cínico. Enfim pareceu mudar de ideia, embora de modo hesitante.

– A garrafa de Four Roses faz parte do *modus operandi*?

Gurney assentiu.

Nardo respirou fundo. Parecia que todo o seu corpo doía. Ou que o mundo inteiro doía.

– Certo, detetive. Talvez seja melhor contar tudo o que não me contou.

Uma casa com história

Gurney falou sobre as pegadas de trás para a frente na neve, os poemas, a estranha voz ao telefone, os dois truques inquietantes com números, o histórico de alcoolismo das vítimas, sua tortura mental, os desafios hostis à polícia, o *Redrum* escrito na parede e o “Sr. e Sra. Cila” no livro de registro da Pousada dos Loureiros, a grande inteligência e a arrogância do assassino. Continuou dando detalhes dos três assassinatos com os quais era familiarizado até que a capacidade de atenção de Nardo pareceu estar chegando ao fim. Então concluiu com o que considerava mais importante:

– Ele quer provar duas coisas. Primeiro, que tem poder para controlar e punir os bêbados. Segundo, que os policiais são idiotas impotentes. Seus crimes são intencionalmente construídos como jogos elaborados, cerebrais. Ele é brilhante, obsessivo, meticoloso. Até agora não deixou uma única digital inadvertida, um fio de cabelo, uma gota de saliva, fibras de roupas ou pegadas não planejadas. Não cometeu nenhum erro que tenhamos descoberto. O fato é que sabemos muito pouco sobre ele, seus métodos ou suas motivações, a não ser o que ele optou por revelar. Com uma possível exceção.

Cansado mas curioso, Nardo levantou a sobrancelha.

– Uma certa Dra. Holdenfield, que escreveu um estudo de ponta sobre assassinos em série, acredita que ele chegou a um estado crítico no processo e está a ponto de fazer algo que provoque um clímax.

Os músculos do maxilar de Nardo tremeram. Ele falou com uma contenção feroz:

– O que faria do meu amigo trucidado na varanda dos fundos um mero aquecimento?

Não era o tipo de pergunta que alguém poderia ou desejaria responder. Os dois homens ficaram sentados em silêncio até que um som baixo, talvez de uma respiração irregular, atraiu a atenção de ambos ao mesmo tempo para a porta. Embora incongruente, quem chegara de forma tão sub-reptícia era o monstro do tamanho de um jogador de futebol americano que estivera vigiando a entrada de veículos. Ele parecia estar com dor de dente.

Nardo percebeu o que estava acontecendo.

– O que foi, Tommy?

– Encontraram a mulher do Gary.

– Ah, meu Deus. Onde ela está?

– A caminho de casa. Ela dirige um ônibus escolar e acabou de sair da garagem.

– Certo, certo. Merda, eu deveria ir pessoalmente, mas não posso sair daqui agora. Onde

está o chefe, porra? Alguém já descobriu?

– Em Cancún.

– Sei que ele está na porra de Cancún. Mas por que diabos não verifica suas mensagens? – Nardo respirou fundo e fechou os olhos. – Fale com Hacker e Picardo, que provavelmente são os mais íntimos da família. Picardo não é primo da mulher de Sissek ou algo assim? Mande Hacker e Picardo. Meu Deus. Diga ao Hacker para vir falar comigo antes.

O jovem policial gigante saiu tão silenciosamente quanto havia chegado.

Nardo respirou longamente outra vez. Começou a falar como se tivesse sido chutado na cabeça e esperasse que a fala o ajudasse a clarear a mente.

– Então você está dizendo que todos eram alcoólatras. Bem, Gary Sissek não era alcoólatra. O que isso significa?

– Era policial. Talvez isso bastasse. Ou ele pode ter entrado no caminho de um ataque planejado a Dermott. Ou talvez haja alguma outra conexão.

– Que outra conexão?

– Não sei.

A porta dos fundos bateu com força, passos ruidosos se aproximaram e um homem magro, à paisana, apareceu junto à porta.

– Queria falar comigo?

– Desculpe fazer isso, mas preciso que você e Picardo...

– Eu sei.

– Certo. Bem, dê informações simples. O mais simples que puder. “Foi esfaqueado quando protegia uma vítima de um possível ataque. Morreu como herói.” Algo assim. Jesus Cristo, o que quero dizer é para não dar detalhes feios, nada de poça de sangue. Está entendendo? Os detalhes podem chegar mais tarde, se forem necessários. Mas por enquanto...

– Entendo, senhor.

– Certo. Desculpe se não posso fazer isso pessoalmente. Não posso mesmo sair daqui. Diga que passo na casa dela à noite.

– Sim, senhor. – O homem permaneceu junto à porta até ficar claro que Nardo não tinha mais nada a dizer, depois marchou na direção de onde tinha vindo e fechou a porta, desta vez mais silenciosamente.

De novo Nardo tentou se concentrar na conversa com Gurney.

– Estou deixando de captar alguma coisa ou sua compreensão desse caso é bastante teórica? Me corrija se eu estiver errado, mas não ouvi nada sobre uma lista de suspeitos. Na verdade, não existe nenhuma pista concreta a ser seguida, certo?

– Mais ou menos.

– E aquela porrada de provas físicas, envelopes, papéis de carta, tinta vermelha, botas, garrafas quebradas, telefonemas gravados, registros de transmissão de celular, cheques devolvidos, até mensagens escritas com óleo da pele dos dedos desse lunático... nada disso levou a lugar nenhum?

– É um modo de ver a coisa.

Nardo balançou a cabeça de um modo que estava virando hábito.

– Ou seja, você não sabe quem está procurando nem como encontrá-lo.

Gurney sorriu.

– Portanto talvez esse seja o motivo para eu estar aqui.

– Como assim?

– É que não faço ideia de aonde mais posso ir.

Era a admissão simples de um fato simples. A satisfação intelectual de deduzir os detalhes táticos sobre o modo de operação do assassino era pouco mais do que uma distração para a falta de progresso na questão central, resumida de modo tão claro por Nardo. Gurney tinha de enfrentar o fato de que, apesar de ter desvendado alguns mistérios secundários, estava quase tão longe de identificar e capturar o sujeito quanto estivera na manhã em que Mark Mellery lhe mostrara as duas primeiras mensagens desconcertantes e lhe pedira ajuda.

Houve uma pequena mudança na expressão de Nardo, um relaxamento de seu gume afiado.

– Nunca tivemos um assassinato em Wycherly – disse ele. – Pelo menos não um de verdade. Apenas um ou dois crimes culposos, uns dois casos envolvendo automóveis, um acidente de caça questionável. Nunca tivemos um assassinato que não envolvesse pelo menos um escroto drogado ou alcoolizado. Pelo menos não nos últimos vinte anos.

– É esse o tempo que você tem de serviço?

– É. O único cara que tem mais tempo do que eu no departamento é... era... o Gary. Ele ia completar vinte e cinco anos. A mulher quis que ele saísse com vinte, mas ele achou que se ficasse mais cinco... Droga! – Nardo enxugou os olhos. – Não perdemos muita gente no cumprimento do dever – disse, como se suas lágrimas precisassem de uma explicação racional.

Gurney ficou tentado a dizer que sabia como era perder um colega. Tinha perdido dois numa tentativa de prisão que dera errado. Em vez disso, apenas assentiu com simpatia.

Depois de um minuto, Nardo pigarreou.

– Você tem algum interesse em falar com o Dermott?

– Na verdade, tenho. Só não quero entrar no seu caminho.

– Não vai – disse Nardo asperamente, compensando seu momento de fraqueza, supôs Gurney. Depois acrescentou num tom mais neutro: – Você falou com ele ao telefone, certo?

– Certo.

– Ele sabe quem você é.

– Sim.

– Então você não precisa que eu fique junto. Só me coloque a par quando tiver terminado.

– Como quiser, tenente.

– É a porta à direita no topo da escada. Boa sorte.

Enquanto subia a escada de carvalho, Gurney se perguntou se o segundo andar revelaria mais sobre a personalidade do proprietário do que o primeiro, que tinha tanto calor e estilo

quanto o equipamento de informática que abrigava. O patamar no topo da escada ecoava o nível de segurança estabelecido no andar de baixo: um extintor de incêndio na parede, um alarme de fumaça e sprinklers no teto. Gurney estava com a impressão de que Gregory Dermott era um cara excessivamente prevenido. Bateu à porta que Nardo havia indicado.

– Quem é? – A voz era dolorida, rouca, impaciente.

– É o investigador especial Gurney, Sr. Dermott. Podemos conversar um minuto?

Houve uma pausa.

– Gurney?

– Dave Gurney. Nós nos falamos pelo telefone.

– Pode entrar.

Gurney abriu a porta de um quarto escurecido pelas persianas parcialmente fechadas. Era mobiliado com uma cama, uma mesinha de cabeceira, uma cômoda, uma poltrona e uma mesa estilo escrivaninha com uma cadeira dobrável à frente. Toda a madeira era escura. O estilo era contemporâneo, quase classe alta. A colcha da cama e o tapete eram em tons de cinza e castanho, essencialmente neutros. O ocupante do quarto estava na poltrona virada para a porta, meio inclinado para o lado, como se tivesse descoberto uma posição estranha que mitigasse seu desconforto. À primeira vista, Gurney teve a impressão de que era o tipo de fanático por tecnologia que a gente espera encontrar no ramo da informática. À luz fraca sua idade era menos definível. Trinta e poucos anos seria uma suposição razoável.

Depois de estudar as feições de Gurney como se tentasse discernir nelas a resposta a uma pergunta, falou em voz baixa:

– Eles lhe contaram?

– O quê?

– Sobre o telefonema... do assassino louco.

– Ouvi dizer. Quem atendeu ao telefone?

– Atendeu? Acho que um dos policiais. Um deles veio me chamar.

– A pessoa que ligou pediu para falar com o senhor. Ela disse o seu nome?

– Acho que... não sei... quero dizer, deve ter dito. O policial disse que o telefonema era para mim.

– Havia alguma coisa familiar na voz da pessoa?

– Não era normal.

– Como assim?

– Era maluca. Subia e descia, aguda como voz de mulher, depois grave. Sotaques malucos. Como se fosse uma espécie de piada sinistra, mas ao mesmo tempo séria. – Ele apertou a testa com as pontas dos dedos. – Disse que eu era o próximo e depois o senhor. – Dermott parecia mais exasperado do que amedrontado.

– Havia algum ruído de fundo?

– Algum o quê?

– O senhor ouviu alguma coisa além da voz da pessoa? Música, tráfego, outras vozes?

– Não. Nada.

Gurney assentiu, olhando ao redor.

– O senhor se importa se eu me sentar?

– O quê? Não, vá em frente. – Dermott fez um gesto amplo para o quarto, como se ele estivesse cheio de cadeiras.

Gurney sentou-se na beira da cama. Tinha uma forte sensação de que Gregory Dermott possuía a chave do caso. Bem, ao menos se pudesse pensar na pergunta certa a fazer, no assunto certo a puxar. Por outro lado, às vezes o melhor era não dizer nada. Criar um silêncio, um espaço vazio, e ver como o outro optaria por preenchê-lo. Ficou sentado um bom tempo olhando o carpete. Era uma abordagem que exigia paciência. Também requeria bom senso para perceber quando continuar em silêncio seria simples perda de tempo. Estava se aproximando desse ponto quando Dermott falou:

– Por que eu?

O tom era tenso, chateado. Era uma reclamação, não uma pergunta, e Gurney optou por não responder.

Depois de alguns segundos Dermott continuou:

– Acho que pode ter alguma coisa a ver com esta casa. – Ele fez uma pausa. – Deixe-me perguntar uma coisa, detetive. O senhor conhece alguém pessoalmente no Departamento de Polícia de Wycherly?

– Não. – Ele ficou tentado a questionar por que Dermott queria saber aquilo, mas presumiu que logo iria descobrir.

– Ninguém mesmo? Nem no presente nem no passado?

– Ninguém. – Vendo nos olhos de Dermott algo que parecia exigir mais uma confirmação, acrescentou: – Antes de ter visto as instruções para o envio do cheque na carta para Mark Mellery, nem sabia que Wycherly existia.

– E ninguém lhe contou nada sobre o que já aconteceu nesta casa?

– Aconteceu?

– Nesta casa. Há muito tempo.

– Não – respondeu Gurney, intrigado.

O desconforto de Dermott pareceu exceder os efeitos de uma dor de cabeça.

– O que aconteceu?

– É tudo informação de segunda mão – disse Dermott –, mas, logo depois que comprei este lugar, um dos vizinhos me contou que há uns vinte e poucos anos houve uma briga terrível aqui, aparentemente de marido e mulher, e a mulher foi esfaqueada.

– E o senhor vê alguma ligação...?

– Pode ser coincidência, mas...

– Sim?

– Eu tinha praticamente esquecido. Até hoje. Hoje de manhã, quando achei... – Seus lábios se esticaram numa espécie de espasmo nauseado.

– Calma – disse Gurney.

Dermott pôs as duas mãos nas têmporas.

– O senhor tem alguma arma?

– Tenho.

– Quero dizer, aqui, com o senhor?

– Não. Não porto arma desde que saí do Departamento de Polícia de Nova York. Se está preocupado com sua segurança, há mais de uma dúzia de policiais armados num raio de cem metros desta casa.

Ele não pareceu particularmente tranquilizado.

– O senhor estava dizendo que se lembrou de uma coisa.

Dermott assentiu.

– Eu tinha esquecido, mas voltou quando vi... aquele sangue todo.

– O que voltou?

– A mulher que foi esfaqueada nesta casa... foi esfaqueada na garganta.

Mate todos

A lembrança de Dermott de que a vizinha, já falecida, havia situado o acontecimento “há uns vinte e poucos anos” significava que poderia ter ocorrido há menos de vinte e cinco anos – o que queria dizer que John Nardo e Gary Sissek faziam parte da força policial na época do ataque. Ainda que a imagem não fosse clara, Gurney podia sentir outra peça do quebra-cabeça começando a girar para se encaixar. Tinha mais perguntas para Dermott, mas elas podiam esperar até que ele conseguisse algumas respostas do tenente.

Deixou Dermott sentado rigidamente na poltrona perto das persianas fechadas, parecendo estressado e desconfortável. Enquanto começava a descer a escada, viu uma policial usando macacão e luvas de látex específicas para cenas de crime, no corredor de baixo. Ela estava perguntando a Nardo o que fazer com as áreas do lado de fora da casa que já tinham sido examinadas em busca de provas.

– Mantenha o isolamento, para o caso de precisarmos examiná-las de novo. Leve para a delegacia a cadeira, a garrafa e qualquer outra coisa que você tenha encontrado. Reserve a parte dos fundos da sala de arquivo para o caso.

- E todo o lixo que está em cima da mesa?
- Enfie na sala de Colbert por enquanto.
- Ele não vai gostar.
- Não dou a mínima. Só faça o que estou dizendo!
- Sim, senhor.

– Antes de sair, diga ao Tommy para ficar na frente da casa e fale com a Pat para não sair de perto do telefone. Quero todos os outros batendo de porta em porta. Quero saber se alguém na vizinhança viu ou ouviu alguma coisa fora do comum nos últimos dois dias, especialmente ontem à noite ou na madrugada de hoje: pessoas estranhas, carros estacionados em lugares fora do comum, qualquer pessoa parada ou parecendo apressada, qualquer coisa.

- Que raio o senhor quer que eles cubram?

Nardo olhou o relógio.

– O que for possível nas próximas seis horas. Depois vamos decidir o que fazer. Se surgir qualquer coisa interessante, quero ser informado imediatamente.

Enquanto ela saía para a missão, Nardo se virou para Gurney, que estava parado ao pé da escada.

- Descobriu alguma coisa útil?

– Não sei bem – respondeu Gurney em voz baixa, fazendo um gesto para que Nardo o seguisse até a sala onde tinham conversado antes. – Talvez você possa me ajudar a entender.

Gurney sentou-se na cadeira virado para a porta. Nardo ficou de pé atrás da cadeira do outro lado da mesa quadrada. Sua expressão era uma mistura de curiosidade e algo que Gurney não conseguia decifrar.

– Você sabe que uma pessoa já foi esfaqueada nesta casa?

– Que diabos você está falando?

– Pouco depois de Dermott comprar a casa, uma vizinha contou que uma mulher que morou aqui foi atacada pelo marido.

– Há quantos anos?

Gurney teve certeza de ver um clarão de reconhecimento nos olhos de Nardo.

– Vinte, vinte e cinco. Por aí.

Pareceu ser a resposta que Nardo esperava. Ele suspirou e balançou a cabeça.

– Eu não pensava nisso há muito tempo. Sim, houve uma agressão doméstica há vinte e quatro anos. Pouco depois que eu entrei para a polícia. O que é que tem?

– Você se lembra de algum detalhe?

– Antes de entrarmos no beco da memória, poderia me dizer qual a relevância disso?

– A mulher atacada foi esfaqueada na garganta.

– Isso deve significar alguma coisa? – Houve um tremor no canto da boca de Nardo.

– Duas pessoas foram atacadas nesta casa. Dentre todos os modos como alguém pode ser atacado, parece uma coincidência notável que essas duas pessoas tenham sido golpeadas na garganta.

– Você está fazendo essas coisas parecerem iguais pelo modo como diz, mas elas não têm absolutamente nada em comum. Que diabos um policial assassinado hoje enquanto fazia um serviço de proteção tem a ver com um distúrbio doméstico ocorrido há quase vinte e cinco anos?

Gurney deu de ombros.

– Se eu soubesse mais sobre o “distúrbio”, talvez pudesse dizer.

– Ótimo. Certo. Vou dizer o que sei, mas não é muita coisa. – Nardo fez uma pausa, olhando para a mesa, ou mais provavelmente para o passado. – Eu não estava de serviço naquela noite.

Ele está se eximindo de responsabilidade, pensou Gurney. Por que precisa fazer isso antes de contar a história?

– De modo que a informação é de segunda mão – continuou Nardo. – Como na maioria das brigas domésticas, o marido estava completamente bêbado, começou a discutir com a mulher, aparentemente pegou uma garrafa e acertou-a com ela. Acho que a garrafa quebrou e ela foi cortada. É mais ou menos isso.

Gurney sabia muito bem que não era *isso*. A única questão era como arrancar dele o resto da história. Uma das regras não escritas da polícia era falar o mínimo possível sobre os casos, e Nardo estava obedecendo-a cuidadosamente. Sentindo que não havia tempo para uma

abordagem sutil, Gurney decidiu mergulhar de cabeça contra a barreira.

– Tenente, isso é um monte de besteira! – disse afastando o olhar, enojado.

– Monte de besteira? – A voz de Nardo saiu ameaçadora, pouco acima de um sussurro.

– Tenho certeza de que o que você disse é verdade. O problema é o que está faltando.

– Talvez o que esteja faltando não seja da sua conta, porra. – Nardo ainda parecia durão, mas parte da confiança havia sumido de cena.

– Olha, eu não sou apenas um babaca enxerido vindo de outra jurisdição. Gregory Dermott recebeu um telefonema hoje cedo ameaçando a minha vida. A *minha* vida. Se há alguma possibilidade de o que está acontecendo aqui ter ligação com seu suposto distúrbio doméstico, eu tenho todo o direito de saber.

Nardo pigarreou e olhou para o teto como se as palavras certas, ou uma saída de emergência, pudessem aparecer ali de repente.

Gurney acrescentou em tom mais suave:

– Você poderia começar me dizendo o nome das pessoas envolvidas.

Nardo assentiu ligeiramente, puxou a cadeira atrás da qual estivera de pé e sentou-se.

– Jimmy e Felicity Spinks. – Ele parecia resignado a uma verdade desagradável.

– Você diz os nomes como se os conhecesse muito bem.

– É. Bem. Pois é... – Em algum lugar da casa, um telefone tocou uma vez. Nardo pareceu não ouvir. – Pois é, Jimmy bebia um bocado. Mais do que um bocado, acho. Chegou bêbado uma noite e brigou com Felicity. Como eu disse, acabou cortando a garganta dela de um modo feio, com a garrafa quebrada. Ela perdeu muito sangue. Eu não vi, não estava de serviço naquela noite, mas os caras que viram falaram da quantidade de sangue durante uma semana. – Nardo estava olhando para a mesa de novo.

– Ela sobreviveu?

– O quê? É, é, sobreviveu, mas por pouco. Sofreu dano cerebral.

– O que aconteceu com ela?

– Aconteceu? Acho que foi posta em algum tipo de asilo.

– E o marido?

Nardo hesitou. Gurney não sabia se ele estava com dificuldade para lembrar ou se simplesmente não queria falar naquilo.

– Alegou legítima defesa – disse, constrangido. – Acabou conseguindo um acordo. A sentença foi reduzida. Perdeu o emprego. Saiu da cidade. O serviço social ficou com o filho deles. Fim da história.

A antena de Gurney, sensibilizada por mil interrogatórios, lhe dizia que ainda faltava alguma coisa. Ele esperou, observando o desconforto de Nardo. Ao fundo podia ouvir uma voz intermitente, na certa a voz de quem havia atendido ao telefone, mas não conseguia distinguir as palavras.

– Há uma coisa que eu não entendo – disse ele. – Qual é o grande problema com essa história, para você simplesmente não me contar tudo de uma vez?

Nardo encarou Gurney.

– Jimmy Spinks era policial.

O frisson que atravessou o corpo de Gurney trouxe junto meia dúzia de perguntas urgentes, mas, antes que pudesse fazer alguma, uma mulher de queixo quadrado com cabelo cor de areia cortado bem curto apareceu de repente junto à porta. Usava jeans e camisa polo escura. Uma Glock num coldre de saque rápido estava presa sob seu braço esquerdo.

– Senhor, acabamos de receber um telefonema de que precisa saber. – Um *imediatamente* não verbalizado relampejou nos olhos dela.

Parecendo aliviado com a distração, ele deu toda a atenção à recém-chegada e esperou que ela continuasse. A mulher olhou incerta na direção de Gurney.

– Ele está com a gente – disse Nardo a contragosto. – Continue.

Ela lançou um segundo olhar para Gurney, não mais amigável do que o primeiro, depois avançou até a mesa e pôs um gravador digital na frente de Nardo. Era mais ou menos do tamanho de um iPod.

– Está tudo aqui, senhor.

Ele hesitou um momento, franzindo os olhos para o aparelho, depois apertou um botão e começou a ouvir a gravação. A qualidade era excelente.

Gurney reconheceu a primeira voz como a da mulher que estava diante dele.

“GD Sistemas de Segurança.” Aparentemente ela fora instruída a atender ao telefone de Dermott como se fosse empregada dele.

A segunda voz era bizarra – e totalmente familiar para Gurney, por causa do telefonema que ele tinha ouvido a pedido de Mark Mellery. Parecia fazer muito tempo. Quatro mortes haviam acontecido entre aquela ligação e esta: mortes que tinham abalado seu sentido de tempo. Mark em Peony, Albert Rudden no Bronx, Richard Kartch em Sotherton (*Richard Kartch* – por que esse nome sempre trazia uma sensação de inquietude, de discrepância?) e o policial Gary Sissek em Wycherly.

Não havia como se equivocar com o tom e o sotaque que viviam mudando de modo estranho.

– *Se eu pudesse ouvir Deus, o que Ele me diria?* – perguntou a voz com a entonação ameaçadora de um vilão de filme de terror.

– *Como?* – A policial na gravação parecia tão perplexa quanto qualquer recepcionista de verdade ficaria.

A voz repetiu, mais insistente:

– *Se eu pudesse ouvir Deus, o que Ele me diria?*

– *Desculpe, poderia repetir? Acho que a ligação está ruim. O senhor está usando um celular?*

Falando rapidamente com Nardo, ela fez um comentário ao vivo:

– Eu só estava tentando prolongar a ligação, como o senhor disse, para fazê-lo falar pelo maior tempo possível.

Nardo assentiu. A gravação continuou:

– *Se eu pudesse falar com Deus, o que Ele me diria?*

– *Realmente não estou entendendo, senhor. Poderia explicar o que quer dizer?*

A voz, subitamente retumbante, anunciou:

– *Deus me diria para matar todos eles!*

– *Senhor? Estou meio confusa. Quer que eu escreva esse recado e repasse a alguém?*

Houve um riso agudo, como celofane sendo amassado.

– *É o Dia do Juízo Final, nada mais tenho a dizer. / Dermott, fique esperto. Gurney, tenha pique. / O limpador está chegando. / Tique-taque-tique...”*

O primeiro a falar foi Nardo.

– Esse foi o telefonema inteiro?

– Sim, senhor.

Ele se recostou na cadeira e massageou as têmporas.

– Nenhuma notícia do chefe Meyers por enquanto?

– Nós estamos o tempo todo deixando recados na portaria do hotel e no celular dele. Ainda não recebemos nada.

– Imagino que o número da pessoa que ligou estava bloqueado no identificador, não é?

– Sim, senhor.

– “Matar todos”, hein?

– Sim, senhor, foram as palavras dele. Quer ouvir a gravação de novo?

Nardo balançou a cabeça.

– A quem você acha que ele estava se referindo?

– Senhor?

– “Matar todos.” Todos quem?

A policial pareceu perplexa. Nardo olhou para Gurney.

– É só uma suposição, tenente, mas eu diria que seriam todas as pessoas que restam na lista dele, presumindo que haja alguma, ou todos nós aqui, na casa.

– E “o limpador está chegando”? – perguntou Nardo. – Por que “o limpador”?

Gurney deu de ombros.

– Não faço ideia. Talvez ele simplesmente goste da palavra, talvez ela se encaixe na ideia patológica do que ele está fazendo.

As feições de Nardo se contorceram numa expressão involuntária de desagrado. Virando-se para a policial, dirigiu-se a ela pela primeira vez usando o nome.

– Pat, quero você do lado de fora da casa com o Tommy. Ocupem os cantos na diagonal, de modo que tenham todas as portas e janelas sob vigilância. Além disso, espalhem a notícia: quero todos os policiais preparados para chegar aqui em um minuto se ouvirem um disparo ou qualquer tipo de distúrbio. Alguma pergunta?

– Estamos esperando um ataque armado, senhor? – Ela parecia esperançosa.

– Eu não diria “esperando”, mas é bem possível.

– O senhor acha mesmo que esse lunático filho da puta ainda está na área? – Havia fogo de

acetileno nos olhos dela.

– É possível. Informe ao Tommy sobre o último telefonema. Fiquem alertas.

Ela assentiu e saiu.

Nardo se virou sério para Gurney.

– O que você acha? Eu deveria chamar a cavalaria, dizer à polícia estadual que temos uma situação de emergência? Ou o telefonema foi um monte de besteira?

– Considerando a contagem de corpos até agora, seria arriscado presumir que era besteira.

– Não estou presumindo porra nenhuma – disse Nardo com os lábios apertados.

A tensão na troca de palavras levou a um silêncio.

Que foi rompido por uma voz rouca chamando de cima:

– Tenente Nardo? Gurney?

Nardo fez uma careta como se algo estivesse azedando em seu estômago.

– Talvez Dermott tenha outra lembrança que queira compartilhar. – Ele afundou mais na cadeira.

– Vou ver o que é – disse Gurney.

Ele saiu para o corredor. Dermott estava parado junto à porta do quarto, no topo da escada. Parecia impaciente, com raiva, exausto.

– Posso falar com vocês... por favor? – O “por favor” não foi dito de modo agradável.

Dermott parecia muito abalado para descer a escada, por isso Gurney subiu. Quando fez isso, veio-lhe a ideia de que o lugar não era de fato uma casa, e sim apenas um local de trabalho com um alojamento anexo. No bairro onde fora criado, esse era um arranjo comum: os donos das lojas moravam em cima dos estabelecimentos, como o sujeito da lanchonete cujo ódio pela vida parecia aumentar a cada novo freguês ou o agente funerário ligado à máfia com sua mulher gorda e seus quatro filhos gordos. Só de pensar ficou enjoado.

Junto à porta do quarto, empurrou o sentimento para longe e tentou decifrar o retrato de inquietação no rosto de Dermott.

Olhando ao redor de Gurney e escada abaixo, Dermott perguntou:

– O tenente Nardo foi embora?

– Está lá embaixo. O que posso fazer para ajudá-lo?

– Ouvi carros indo embora – disse ele em tom de acusação.

– Não vão longe.

Dermott assentiu insatisfeito. Obviamente tinha algo em mente, mas não parecia ter pressa para chegar ao ponto. Gurney aproveitou a oportunidade para fazer algumas perguntas.

– Sr. Dermott, o que o senhor faz para viver?

– O quê? – Ele pareceu ao mesmo tempo pasmo e chateado.

– Exatamente que tipo de trabalho o senhor faz?

– Meu trabalho? Segurança. Acho que já tivemos essa conversa.

– Em termos gerais – disse Gurney sorrindo. – Talvez possa me dar alguns detalhes.

O suspiro expressivo de Dermott sugeriu que ele via o pedido como um desperdício

irritante de seu tempo.

– Preciso me sentar – disse, voltando à poltrona e acomodando-se cuidadosamente nela. – Que tipo de detalhes?

– O nome da sua empresa é GD Sistemas de Segurança. Que tipo de “segurança” esses “sistemas” oferecem e para quem?

Depois de outro suspiro alto, ele respondeu:

– Ajudo empresas a proteger informações confidenciais.

– E essa ajuda vem de que forma?

– Aplicativos para proteção de bancos de dados, firewalls, protocolos de acesso limitado, sistemas de verificação de identidade... essas categorias cobririam a maior parte dos projetos que fazemos.

– Fazemos?

– Não estou entendendo.

– O senhor se referiu a “projetos que fazemos”, no plural.

– Não no sentido literal – disse Dermott, fazendo pouco caso. – É só uma expressão corporativa.

– Faz a GD Sistemas de Segurança parecer um pouco maior, não?

– Não é a intenção, garanto. Meus clientes adoram o fato de que eu mesmo faço o serviço.

Gurney assentiu como se estivesse impressionado.

– Dá para ver que esse seria um ponto positivo. Quem são esses clientes?

– Clientes para quem o sigilo é uma questão fundamental.

Gurney deu um sorriso inocente diante do tom peremptório de Dermott.

– Não estou pedindo que revele nenhum segredo. Só estou imaginando que tipo de negócios eles têm.

– Negócios nos quais os bancos de dados de clientes implicam questões de privacidade importantes.

– Por exemplo?

– Informações pessoais.

– Que tipo de informações pessoais?

Dermott parecia avaliar os riscos contratuais que poderia correr se fosse mais longe.

– O tipo de informação coletada por companhias de seguros, empresas de serviços financeiros, planos de saúde.

– Dados médicos?

– Um bocado, sim.

– Dados de tratamentos?

– Desde que estejam no sistema básico de codificação médica. Qual é o objetivo de tudo isso?

– Imagine que o senhor fosse um hacker desejando ter acesso a um grande banco de dados médicos. Como faria isso?

– Esta não é uma pergunta possível de ser respondida.

– Por quê?

Dermott fechou os olhos de um modo que revelava frustração.

– São muitas variáveis.

– Como o quê?

– Como o quê? – Dermott repetiu a pergunta como se fosse a encarnação da pura estupidez.

Depois de um momento prosseguiu com os olhos ainda fechados: – O objetivo do hacker, o nível de conhecimento, sua familiaridade com o formato dos dados, a estrutura do banco de dados em si, o protocolo de acesso, a redundância do sistema de firewall e cerca de uma dúzia de outros fatores que duvido que você tenha embasamento técnico para entender.

– Tenho certeza de que o senhor está certo com relação a isso – disse Gurney afavelmente.

– Mas digamos, por exemplo, que um hacker habilidoso estivesse tentando fazer uma lista de pessoas que foram tratadas de uma doença específica...

Dermott levantou as mãos exasperado, mas Gurney pressionou:

– Qual seria a dificuldade disso?

– De novo, não dá para responder. Alguns bancos de dados são tão falhos que daria no mesmo se estivessem disponíveis na internet. Outros podem derrotar os mais sofisticados computadores de quebra de códigos. Tudo depende do talento de quem projetou o sistema.

Gurney captou uma nota de orgulho nesta última declaração e decidiu fertilizá-la.

– Eu estaria disposto a apostar minha aposentadoria em que não há muitas pessoas melhores do que o senhor para fazer isso.

Dermott sorriu.

– Eu construí minha carreira sendo mais esperto do que os melhores hackers do planeta. Nenhum protocolo de proteção de dados feito por mim jamais foi violado.

A fanfarronice levantou uma nova possibilidade. Será que a capacidade do sujeito de impedir a penetração do assassino em certos bancos de dados teria algo a ver com a decisão de envolvê-lo no caso, através de sua caixa postal? Certamente valia a pena considerar essa ideia, mesmo que criasse mais perguntas do que respostas.

– Eu gostaria que a polícia local pudesse reivindicar o mesmo grau de competência.

O comentário interrompeu a especulação de Gurney.

– Como assim?

– Como assim? – Dermott parecia estar pensando muito na resposta. – Um assassino está me perseguindo e eu não tenho confiança na capacidade da polícia para me proteger. Há um louco à solta neste bairro, um louco que pretende me matar e depois matá-lo. E qual é a sua reação? Ficar fazendo perguntas hipotéticas sobre hackers hipotéticos acessando bancos de dados hipotéticos. Não faço ideia de onde quer chegar, mas, se está tentando me acalmar me distraindo, garanto que não está adiantando. Por que não se concentra no perigo verdadeiro? O problema não é uma questão acadêmica de programa de computador. O problema é um lunático se aproximando de nós com uma faca sangrenta na mão. E a tragédia desta manhã é a

prova definitiva de que a polícia é completamente inútil!

O tom raivoso ficara descontrolado no final, levando Nardo a subir a escada e entrar no quarto. Ele olhou primeiro para Dermott, depois para Gurney, depois de volta para Dermott.

– Que diabos está acontecendo?

Dermott se virou e olhou para a parede.

– O Sr. Dermott não se sente adequadamente protegido – respondeu Gurney.

– Adequadamente prote... – explodiu Nardo com raiva, depois parou e recomeçou num tom mais razoável: – Senhor, as chances de qualquer pessoa não autorizada entrar nesta casa, ainda mais um “lunático com uma faca sangrenta”, se é que ouvi direito, são menores do que zero.

Dermott continuou olhando para a parede.

– Deixe-me explicar de outra maneira – continuou Nardo. – Se o filho da puta tiver bagos para aparecer aqui, está morto. Se ele tentar entrar, eu como o filho da puta no jantar.

– Não quero ser deixado sozinho nesta casa. Nem por um minuto.

– O senhor não está ouvindo – resmungou Nardo. – O senhor não está sozinho. Há policiais por toda a vizinhança. Em volta de toda a casa. Ninguém vai entrar.

Dermott se virou para Nardo e disse em tom de desafio:

– E se ele já tiver entrado?

– De que diabos você está falando?

– E se ele já estiver na casa?

– Como ele já estaria na casa?

– Hoje de manhã, quando fui procurar o policial Sissek... Imagine se, enquanto eu andava pelo quintal, ele entrou por uma porta destrancada. Ele poderia, não poderia?

Nardo olhou-o incrédulo.

– E teria ido para onde?

– Como é que eu vou saber?

– O que o senhor acha? Que ele está escondido embaixo da porcaria da cama?

– Esta é uma boa pergunta, tenente. Mas o fato é que o senhor não sabe a resposta, sabe? Porque não examinou a casa detalhadamente, não é? De modo que ele *poderia* estar embaixo da cama, não é?

– Meu Deus! – exclamou Nardo. – Já estou cheio dessa merda!

Ele deu dois passos largos até o pé da cama, agarrou a parte de baixo e, com um grunhido feroz, levantou a ponta do móvel e segurou-o à altura do ombro.

– Está bom, agora? – rosou ele. – Está vendo alguém aí embaixo?

Em seguida soltou a cama, que quicou com uma pancada forte.

Dermott olhou-o irritado.

– O que eu quero, tenente, é competência, não teatrinho infantil. Seria demais querer uma busca detalhada na casa?

Nardo olhou Dermott com frieza.

– Diga o senhor: onde alguém poderia se esconder nesta casa?
– Onde? Não sei. No porão? No sótão? Nos armários? Como vou saber?
– Só para deixar claro, senhor, os primeiros policiais que chegaram aqui examinaram tudo.
Se ele estivesse na casa, eles iriam encontrá-lo. Certo?

– Eles examinaram a casa?
– Sim, senhor, enquanto o senhor era entrevistado na cozinha.
– Inclusive o sótão e o porão?
– Correto.
– Inclusive a despensa de material de limpeza?
– Eles verificaram tudo.
– Eles não poderiam verificar a despensa de limpeza! – gritou Dermott em desafio. – Está fechada com cadeado, só eu tenho a chave e ninguém me pediu.

– Se ainda está fechada com cadeado – contrapôs Nardo –, significa que ninguém poderia ter entrado, para começar. O que significa que seria perda de tempo verificá-la.

– Não, o que significa é que você é um tremendo mentiroso quando diz que toda a casa foi verificada!

A reação de Nardo surpreendeu Gurney, que se preparou para uma explosão. Em vez disso o tenente disse baixinho:

– Dê-me a chave, senhor. Vou olhar agora mesmo.
– Então – concluiu Dermott como um advogado – está admitindo que a casa não foi revistada como deveria!

Gurney imaginou se essa tenacidade maligna seria produto da enxaqueca de Dermott, de um traço bilioso em seu temperamento ou da simples conversão de medo em agressão.

A calma de Nardo não parecia nada natural.

– A chave, senhor?

Dermott murmurou alguma coisa – algo ofensivo, pela expressão dele – e se levantou da cadeira. Pegou um chaveiro na gaveta da mesinha de cabeceira, tirou uma chave menor do que as outras e jogou-a na cama. Nardo a pegou sem exprimir qualquer reação e saiu do quarto sem mais uma palavra. Seus passos se afastaram lentamente descendo a escada. Dermott largou o resto das chaves na gaveta, começou a fechá-la e parou.

– Merda! – sibilou ele.

Pegou as chaves de novo e começou a retirar uma outra do anel rígido que as continha. Assim que conseguiu tirá-la, foi para a porta. Não tinha dado mais do que um passo quando tropeçou no tapete ao lado da cama e bateu com a cabeça no portal. Um grito estrangulado de fúria e dor saiu pelos dentes trincados.

– O senhor está bem? – perguntou Gurney, indo até ele.
– Ótimo! Perfeito! – As palavras foram cuspidas furiosamente.
– Posso ajudá-lo?

Dermott parecia estar se acalmando.

– Aqui – disse. – Leve esta chave e dê a ele. Há duas trancas. Com toda essa confusão ridícula...

Gurney pegou a chave.

– O senhor está bem?

Dermott balançou a mão enojado.

– Se eles tivessem vindo falar comigo como deveriam... – Sua voz ficou no ar.

Gurney lançou um último olhar avaliador para o sujeito de aparência arrasada e desceu.

Como na maioria das casas de subúrbio, a escada para o porão ficava embaixo e atrás da escada do primeiro andar. Havia uma porta que dava nela, que Nardo tinha deixado aberta. Gurney pôde ver uma luz embaixo.

– Tenente?

– O quê?

A fonte da voz parecia um pouco distante do pé da escada de madeira rústica, por isso Gurney desceu com a chave. O odor, uma combinação mofada de concreto, tubos de metal, madeira e pó, provocou uma lembrança nítida do porão do edifício onde ele fora criado – o depósito com trancas duplas onde os inquilinos guardavam bicicletas que não eram usadas, carrinhos de bebê, caixas de lixo; a luz fraca lançada por algumas lâmpadas cobertas de teias de aranhas; as sombras que nunca deixavam de lhe provocar calafrios.

Nardo estava parado junto a uma porta de aço cinza na extremidade oposta de um cômodo de concreto inacabado, com vigas expostas, paredes com infiltrações, um aquecedor de água, dois tanques de óleo, uma fornalha, dois alarmes de fumaça, dois extintores de incêndio e um sistema de sprinkler.

– A chave só serve no cadeado – disse ele. – Também tem uma tranca. Que mania de segurança é essa? E onde diabos está a outra chave?

Gurney entregou-a.

– Ele disse que esqueceu. Culpou você.

Nardo pegou-a com um grunhido enojado e enfiou diretamente na fechadura.

– Escrotinho desgraçado – disse abrindo a porta. – Não acredito que estou verificando... que porra...?

Seguido por Gurney, Nardo passou hesitante pela porta e entrou no cômodo, que era consideravelmente maior do que uma despensa de material de limpeza.

A princípio nada do que viram fazia sentido.

Mostrando e explicando

A reação imediata de Gurney foi achar que haviam entrado na porta errada. Mas isso também não fazia sentido. Tirando a porta no topo da escada, era a única dentro do porão. Mas aquilo não era um simples depósito.

Estavam parados no canto de um quarto grande, iluminado com uma luz suave, mobiliado de modo tradicional e com um carpete de qualidade. Diante deles havia uma cama média com uma colcha florida e um babado ao redor da base. Vários travesseiros com babados combinando estavam encostados na cabeceira. Ao pé da cama havia um baú de cedro e sobre ele um grande pássaro feito de retalhos acolchoados. Uma característica estranha na parede à esquerda de Gurney atraiu sua atenção – uma janela que à primeira vista parecia dar para um campo aberto, mas a paisagem, percebeu ele rapidamente, era uma transparência do tamanho de um pôster, iluminada por trás, presumivelmente destinada a aliviar a atmosfera claustrofóbica do cômodo. Ao mesmo tempo percebeu o zumbido baixo de algum tipo de sistema de circulação de ar.

– Não entendo – disse Nardo.

Gurney já ia concordar quando notou uma mesinha pouco adiante, junto à parede da janela falsa. Na mesa havia um abajur com uma lâmpada fraca, em cujo círculo de luz âmbar havia três molduras pretas e simples, do tipo usado para diplomas. Chegou mais perto para ver melhor. Em cada moldura havia uma fotocópia de um cheque. Todos os cheques eram em nome de X. Arybdis. Todos tinham o valor de 289,87 dólares. Eram de Mark Mellery, Albert Rudden e R. Kartch. Eram os cheques que Gregory Dermott afirmara ter recebido, cujos originais tinha devolvido aos remetentes sem ser descontados. Mas por que tinha feito cópias antes de devolvê-los? E, mais perturbador, por que diabos os havia emoldurado? Gurney pegou-os um de cada vez, como se uma inspeção mais próxima pudesse fornecer respostas.

Então, subitamente, enquanto olhava a assinatura do terceiro cheque – R. Kartch –, a sensação desconfortável que tivera com relação ao nome voltou. Só que desta vez não foi só a sensação, mas também o motivo para ela.

– Droga! – murmurou diante da cegueira anterior para a discrepância que agora era óbvia.

Simultaneamente um sonzinho abrupto brotou de Nardo. Gurney olhou para ele, depois seguiu a direção de seu olhar espantado para o canto oposto do quarto amplo. Ali – quase invisível na sombra, para além do alcance da luz fraca lançada pelo abajur sobre os cheques emoldurados, em parte escondida pelas laterais de uma poltrona Queen Anne e camuflada por

uma camisola que tinha o mesmo tom rosa esmaecido do estofado, havia uma mulher frágil, sentada com a cabeça inclinada sobre o peito.

Nardo tirou uma lanterna do cinto e apontou o facho para ela.

Gurney supôs que a mulher poderia ter qualquer idade entre cinquenta e setenta anos. A pele era de uma palidez mortal. O cabelo louro, arrumado numa profusão de cachos, tinha de ser uma peruca. Piscando, ela levantou a cabeça tão lentamente que mal parecia se mover, virando-a para a luz com uma graça curiosamente heliotrópica.

Nardo olhou para Gurney, depois se voltou de novo para a mulher na cadeira.

– Preciso fazer xixi – disse ela.

Sua voz era aguda, áspera, imperiosa. A inclinação altiva do queixo revelou uma cicatriz feia no pescoço.

– Quem diabos é ela? – sussurrou Nardo, como se Gurney devesse saber.

Na verdade, Gurney tinha certeza de que sabia exatamente quem era. Também sabia que trazer a chave para Nardo no porão havia sido um erro terrível.

Virou-se rapidamente para a porta aberta. Mas Gregory Dermott já estava parado junto dela, com uma garrafa de uísque Four Roses numa mão e um revólver 38 Special na outra. Não havia qualquer traço do sujeito raivoso e instável com enxaqueca. Os olhos, não mais franzidos numa imitação de dor e acusação, tinham revertido para o que Gurney presumiu que fosse seu estado normal: o direito intenso e determinado, o esquerdo sombrio e insensível como chumbo.

Nardo também se virou.

– O que...? – começou ele, depois deixou a pergunta morrer na garganta. Ficou imóvel, olhando alternadamente para o rosto e a arma de Dermott.

Dermott deu um passo para dentro do quarto, estendeu o pé habilmente para trás, prendeu a ponta do pé na beira da porta e bateu-a, trancando. Houve um pesado estalo metálico quando a fechadura se encaixou. Um sorriso pequeno e inquietante alongou a linha fina de sua boca.

– Enfim sós – disse ele, imitando o tom de alguém que estivesse ansioso por uma conversa agradável. – Tanta coisa a fazer... – acrescentou. – Tão pouco tempo...

Aparentemente achou isso divertido. O sorriso frio se alargou por um momento como uma minhoca se espreguiçando, depois se contraiu.

– Quero que saibam antecipadamente quanto aprecio sua participação no meu pequeno projeto. Sua cooperação vai tornar tudo muito melhor. Primeiro um pequeno detalhe. Tenente, posso pedir que deite de bruços no chão? – Na verdade não era uma pergunta.

Gurney pôde ler um cálculo rápido nos olhos de Nardo, mas não sabia que opções ele estava analisando. Ou mesmo se ele tinha alguma ideia do que realmente estava acontecendo.

– Senhor – disse Nardo, fingindo uma espécie de preocupação dolorida –, seria uma boa ideia baixar essa arma.

Dermott balançou a cabeça.

– Não tão boa quanto você acha.

Nardo pareceu perplexo.

– Abaixe, senhor.

– É uma opção. Mas há uma complicação. Nada na vida é simples, não é?

– Complicação? – Nardo estava falando com Dermott como se ele fosse um cidadão inofensivo que havia parado temporariamente de tomar seu remédio.

– Planejo largar a arma logo depois de atirar em você. Se quiser que eu largue imediatamente, terei de atirar imediatamente. Não quero fazer isso e tenho certeza de que você também não quer. Está vendo o problema?

Enquanto falava, Dermott levantou o revólver até um ponto em que ficou apontado para o pescoço de Nardo. Fosse pela firmeza da mão ou pela zombaria calma da voz de Dermott, algo em seus modos convenceu Nardo de que precisava tentar uma estratégia diferente.

– Se você disparar essa arma, o que acha que vai acontecer em seguida?

Dermott deu de ombros, com a linha fina da boca se alargando de novo.

– Você morre.

Nardo assentiu numa concordância hesitante, como se um aluno tivesse dado uma resposta certa mas incompleta.

– E depois?

– Que diferença faz? – Dermott deu de ombros de novo, olhando para o pescoço de Nardo ao longo do cano da arma.

O tenente parecia fazer um tremendo esforço para manter o controle – sobre a fúria ou o medo.

– Para mim, pouca, mas para você, muita. Se puxar esse gatilho, em menos de um minuto estará com uma dúzia de policiais em cima de você. Eles vão despedaçá-lo.

Dermott pareceu achar divertido.

– O que você sabe sobre corvos, tenente?

Nardo franziu os olhos diante da pergunta absurda.

– Os corvos são incrivelmente estúpidos – disse Dermott. – Quando você atira em um, outro vem. Quando você atira nesse, outro vem, e depois outro e outro. Você fica atirando neles e eles continuam vindo.

Era uma coisa que Gurney já ouvira dizer, que os corvos não deixam um dos seus morrer sozinho. Quando um corvo está morrendo, outros vêm para perto. Ao ouvir seu avô contar essa história pela primeira vez, aos dez ou onze anos, teve de sair da sala porque soube que iria chorar. Foi para o banheiro e seu coração doeu.

– Uma vez vi uma foto de uma matança de corvos em Nebraska – disse Dermott com uma mistura de fascínio e desprezo. – Um fazendeiro com uma espingarda estava parado junto a uma pilha de corvos mortos que chegava à altura de seu ombro. – Ele fez uma pausa, como se estivesse dando tempo a Nardo para apreciar o absurdo suicida dos corvos e a relevância do destino deles para a situação atual.

Nardo balançou a cabeça.

– Você acha mesmo que pode ficar aqui parado e atirar num policial depois do outro enquanto eles passam pela porta sem que um deles estoure seus miolos? Não vai ser assim.

– Claro que não. Ninguém lhe disse que uma mente literal é uma mente pequena? Gosto da história dos corvos, tenente, mas há modos mais eficazes de exterminar pragas do que atirar numa de cada vez. Com gás, por exemplo. Gás é muito eficiente, se você tiver o sistema certo para liberá-lo. Talvez tenha notado que todos os cômodos desta casa são equipados com sprinklers. Todos, menos este. – Ele parou de novo, com o olho mais vivo brilhando de autocongratulação. – Assim, se eu atirar em você e todos os corvos chegarem voando, eu abro duas válvulas em dois canos pequenos e vinte segundos depois... – Seu sorriso tornou-se angelical. – Tem alguma ideia do que o gás de cloro faz com um pulmão humano? E da rapidez com que faz isso?

Gurney viu Nardo se esforçando para avaliar o homem que demonstrava um controle apavorante e sua ameaça com o gás. Durante um momento inquietante, pensou que o orgulho e a raiva do policial iriam impeli-lo a um fatal salto adiante, mas em vez disso Nardo respirou fundo algumas vezes, o que pareceu liberar parte da tensão, e falou numa voz que parecia séria e ansiosa:

– Os compostos de cloro são complicados. Trabalhei com eles numa unidade antiterrorismo. Um cara produziu acidentalmente tricloreto de nitrogênio como subproduto de outra experiência. Nem percebeu. Arrancou o polegar com a explosão. Talvez não seja tão fácil como você pensa fazer seus produtos químicos passarem por um sistema de sprinklers. Não sei bem se você poderia fazer isso.

– Não desperdice seu tempo tentando me confundir, tenente. Parece que você está aplicando uma técnica do manual da polícia. O que ele diz: “Demonstre ceticismo com relação ao plano do criminoso, questione sua credibilidade, provoque-o a dar detalhes adicionais”? Se quiser saber mais alguma coisa, não precisa de truques, é só perguntar. Não tenho segredos. O que tenho, para que você saiba, são dois tanques de alta pressão, de duzentos litros cada um, cheios de cloro e amônia, alimentados por um compressor industrial e ligados diretamente ao tubo principal do sistema que alimenta os sprinklers por toda a casa. Há duas válvulas escondidas neste quarto, que vão juntar os quatrocentos litros, liberando uma quantidade gigantesca de gás numa forma altamente concentrada. Quanto à improvável formação periférica de tricloreto de nitrogênio e à explosão resultante, eu consideraria isso um lucro delicioso, mas ficarei contente com a simples asfixia do Departamento de Polícia de Wycherly. Seria divertidíssimo ver todos vocês voando em pedacinhos pelos ares, mas a gente deve se contentar com o que tem. Afinal, quem tudo quer tudo perde.

– Sr. Dermott, de que se trata tudo isso, afinal?

Dermott franziu a testa numa paródia de alguém que pudesse estar pensando seriamente na pergunta.

– Esta manhã recebi um bilhete pelo correio: “Com a neve e com o sol é melhor tomar cuidado, / Seja noite ou dia, não terá esconderijo adequado.” – Ele citou as palavras do poema

de Gurney com um histrionismo sarcástico, lançando-lhe um olhar inquisitivo. – Ameaças vazias, mas devo agradecer a quem mandou. Fez com que eu me lembrasse de como a vida pode ser curta e que nunca deveria deixar para amanhã o que posso fazer hoje.

– Não entendo realmente o que o senhor quer dizer – disse Nardo, ainda com seu jeito sério.

– Só faça o que eu mandar e você vai acabar entendendo perfeitamente.

– Ótimo, sem problema, só não quero que ninguém seja machucado desnecessariamente.

– Não, claro que não. – O sorriso esticado, parecendo uma minhoca, apareceu e foi embora.

– Ninguém quer isso. Na verdade, para evitar problemas desnecessários, realmente preciso que você se deite no chão agora mesmo.

Tinham voltado ao mesmo ponto. A questão era: e agora? Gurney estava olhando o rosto de Nardo em busca de sinais inteligíveis. Será que ele já deduzira quem era a mulher na poltrona ou o sorridente psicopata com a garrafa de uísque e a arma?

No mínimo, ele devia ter percebido que Dermott era o assassino do policial Sissek. Isso explicaria o ódio em seu olhar, que ele não conseguia esconder. De repente a tensão estava de volta. Nardo parecia cheio de adrenalina, com uma emoção primitiva – do tipo “para o inferno com as consequências” – muito mais poderosa do que a razão. Dermott também percebeu isso, mas, longe de se amedrontar, pareceu ficar mais eufórico, com as energias renovadas. Sua mão apertou só um pouquinho a coronha do revólver, e pela primeira vez o sorriso sonso revelou o brilho dos dentes.

Menos de um segundo antes que uma bala 38 certamente acabasse com a vida de Nardo e menos de dois segundos antes que uma segunda bala acabasse com a dele, Gurney rompeu o circuito com um grito furioso, gutural:

– Faça o que o cara disse! Deite-se na porra do chão! Deite-se na porra do chão AGORA!

O efeito foi espantoso. Os dois homens ficaram paralisados, o ímpeto de confronto despedaçado pela explosão crua de Gurney.

O fato de ninguém estar morto convenceu-o de que estava no caminho certo, mas não sabia exatamente que caminho era esse. Tentou decifrar a expressão de Nardo e achou que ele se sentia traído. Por trás de seu semblante obscuro, Dermott parecia desconcertado, mas lutava, suspeitou Gurney, para não deixar que a interrupção solapasse seu controle.

– O conselho de seu amigo é muito sensato – disse Dermott a Nardo. – Eu obedeceria imediatamente, se fosse você. O detetive Gurney tem uma mente muito boa. É um homem bem interessante, famoso. É incrível como se pode descobrir tanta coisa sobre uma pessoa com uma simples busca na internet. Você ficaria espantado com o tipo de informação que aparece quando se digita um nome e um código postal. Hoje em dia quase não existe mais privacidade.

O tom maroto de Dermott provocou uma onda de náusea em Gurney. Ele tentou se lembrar de que a especialidade do sujeito era convencer as pessoas de que sabia mais sobre elas do que sabia de fato. Mas a ideia de que fracassara ao não pensar que o carimbo do correio poderia colocar Madeleine em perigo era intrusiva e quase insuportável.

Nardo se abaixou, relutante, e acabou se deitando de bruços na posição de alguém que fosse fazer flexões de braço. Dermott mandou que ele cruzasse as mãos na nuca – “se não for pedir muito”. Durante um momento terrível Gurney pensou que aquele podia ser o arranjo para uma execução imediata. Em vez disso, depois de olhar satisfeito para o tenente deitado, Dermott pôs a garrafa que estava carregando em cima do baú de cedro, ao lado do grande pássaro de pelúcia – ou, como Gurney percebeu, o grande ganso de pelúcia. Com um arrepio, lembrou-se de um detalhe dos relatórios do laboratório. Pluma de ganso. Então Dermott se abaixou, pegou uma pequena pistola automática que estava no coldre preso ao tornozelo direito de Nardo e a colocou no bolso. De novo o riso sem humor foi sumindo.

– Saber onde todas as armas de fogo estão localizadas – explicou Dermott com uma seriedade arrepiante – é a chave para evitar uma tragédia. Tantas armas. Tantas armas nas mãos erradas! Claro, há quem diga que não são as armas que matam, e sim as pessoas. E vocês têm que admitir que há alguma verdade nisso. Pessoas matam pessoas. Mas quem saberia disso melhor do que profissionais como vocês?

Gurney acrescentou à curta lista de coisas que sabia sobre o assassino que esses discursos feitos com ar superior para sua plateia cativa – a pose educada, a gentileza ameaçadora, os mesmos elementos que caracterizavam seus bilhetes para as vítimas – tinham um objetivo vital: alimentar sua fantasia de onipotência.

Provando que Gurney estava certo, Dermott virou-se para ele e, como um lanterninha obsequioso, sussurrou:

– Poderia se sentar ali, encostado naquela parede? – Ele indicou uma cadeira com encosto de ripas horizontais do lado esquerdo da cama, ao lado da mesinha do abajur com os cheques emoldurados. Gurney foi até lá e se sentou sem hesitação.

Dermott baixou a cabeça de novo para Nardo, o olhar gélido contrastando com o tom encorajador.

– Vamos resolver esta situação num minutinho. Só precisamos de mais um participante no lugar. Agradeço a paciência de vocês.

Na lateral do rosto de Nardo que estava visível para Gurney, o músculo do maxilar se retesou e um rubor vermelho subiu do pescoço para a bochecha.

Dermott atravessou rapidamente a sala até o canto mais distante e, inclinando-se por cima da lateral da poltrona, murmurou algo para a mulher sentada.

– Preciso fazer xixi – disse ela, erguendo a cabeça.

– Na verdade ela não precisa – disse Dermott olhando para Gurney e Nardo. – É uma irritação criada pelo cateter. Ela usa cateter há muitos anos. Por um lado é um desconforto, mas por outro, uma verdadeira conveniência. O Senhor dá, o Senhor tira. Cara e coroa. Não se pode ter um sem o outro. Isso não era uma música?

Ele parou como se tentasse situar alguma coisa, cantarolou uma música familiar com um tom presunçoso e depois, ainda segurando a arma na mão direita, ajudou a velha a sair da cadeira com a esquerda.

– Venha, querida, está na hora de ir pra caminha.

Enquanto a guiava com passos curtos e hesitantes até a cama e a ajudava a acomodar-se numa posição semirreclinada contra os travesseiros, Dermott ficou repetindo com voz de menininho:

– Pra caminha, pra caminha, pra caminha.

Apontando a arma mais ou menos para o ponto médio entre Nardo no chão e Gurney na cadeira, olhou sem pressa o quarto ao redor, mas não se fixou em nada. Era difícil dizer se estava vendo o que havia ali ou sobrepondo isso a outra cena de outro tempo ou lugar. Depois olhou a mulher na cama do mesmo modo vazio e disse com a convicção de um Peter Pan tresloucado:

– Tudo vai ficar perfeito. Tudo vai ser como sempre deveria ter sido.

Dermott começou a cantarolar muito baixinho algumas notas desconectadas. Enquanto ele continuava, Gurney reconheceu a melodia de uma canção de ninar. Talvez fosse a reação desconfortável que ele sempre sentia diante da falta de lógica das cantigas de ninar; talvez fosse a imagem absurda que esta em particular provocava; talvez fosse a colossal falta de adequação da música ao momento; mas, independentemente do que fosse, ouvir aquela melodia naquele quarto lhe deu vontade de vomitar.

Então Dermott acrescentou palavras, mas não as palavras certas. Cantou como uma criança:

– Vamos pra caminha, pra caminha, pra caminha. Vamos pra caminha de novo até de manhãzinha.

– Preciso fazer xixi – disse a mulher.

Dermott continuou cantando os estranhos versos como se fosse um acalanto. Gurney imaginou até que ponto o sujeito estaria mesmo distraído. O suficiente para que pudesse dar um salto e golpeá-lo por cima da cama? Achou que não. Será que haveria um momento melhor mais tarde? Se a história do gás de cloro fosse um plano de ação, e não apenas uma fantasia apavorante, quanto tempo ainda teriam? Achou que não muito.

Acima deles, a casa estava num silêncio mortal. Não havia indicação de que qualquer dos policiais de Wycherly tivesse dado falta do tenente ou, se alguém percebera, não tinha se dado conta do que aquilo significava. Não havia vozes exaltadas, nem pés se arrastando, nenhuma sugestão de atividade lá fora – ou seja, Gurney sabia que tanto a vida de Nardo quanto a sua dependiam do que ele pudesse bolar nos próximos cinco ou dez minutos para deter o psicopata que estava afofando os travesseiros.

Dermott parou de cantar. Em seguida andou de lado ao longo da cama até um ponto em que podia apontar o revólver com a mesma facilidade para Nardo ou Gurney. Começou a balançá-lo para um lado e para o outro como um cassetete, ritmicamente, apontando para um e para o outro. Gurney teve a impressão, talvez pelo movimento dos lábios do sujeito, de que ele estava balançando a arma ao ritmo de *uni duni tê salamê mingué*. A probabilidade de que essa recitação silenciosa fosse pontuada em alguns segundos com uma bala na cabeça de um dos dois parecia extremamente alta – o suficiente para levar Gurney a se lançar num louco

arroubo verbal.

Com a voz mais suave e casual que pôde encontrar, perguntou:

– Ela usa alguma vez os sapatinhos de rubi?

Os lábios de Dermott pararam de se mover e sua expressão se transformou num vazio profundo, perigoso. Sua arma perdeu o ritmo. A mira se fixou lentamente em Gurney, como uma roleta parando num número perdedor.

Não era a primeira vez que Gurney tinha uma arma apontada para ele, mas nunca, em todos os seus 47 anos de vida, havia se sentido tão perto da morte. Sentiu sua pele ficar lívida, como se o sangue tivesse se retirado para algum lugar mais seguro. Então, de modo bizarro, ficou calmo. Isso o fez pensar nos relatos que ouvira sobre homens que tinham caído num mar gelado, na tranquilidade alucinatória que sentiam antes de perder a consciência. Olhou para Dermott do outro lado da cama, para aqueles olhos emocionalmente assimétricos – um parecendo um cadáver de uma antiga batalha e o outro, vivo e cheio de ódio. Nesse segundo olho, mais objetivo, percebeu que acontecia um rápido cálculo. Talvez a referência aos sapatinhos roubados na Pousada dos Loureiros tivesse servido a seu propósito, levantando questões que precisavam de solução. Talvez Dermott estivesse imaginando quanto ele sabia e como esse conhecimento poderia afetar a consumação de seu jogo final.

Se foi isso que aconteceu, Dermott resolveu essa questão de modo satisfatório numa velocidade desanimadora. Ele riu, deixando à mostra pela segunda vez uma nesga de dentes pequenos e perfeitos.

– Recebeu minhas mensagens? – perguntou de modo brincalhão.

A paz que envolvera Gurney estava se esvaindo. Sabia que se respondesse à pergunta de modo errado criaria um grande problema. O mesmo aconteceria se não respondesse. Esperava que Dermott estivesse se referindo às duas únicas coisas encontradas na Pousada dos Loureiros que pareciam “mensagens”.

– Quer dizer, a pequena referência a *O Iluminado*?

– Essa é *uma*.

– Obviamente, terem se registrado como Sr. e Sra. Cila. – Gurney pareceu entediado.

– Com essa são *duas*. Mas a terceira foi a melhor, não acha?

– Achei a terceira idiota – disse Gurney, tentando desesperadamente ganhar tempo, repassando a toda a velocidade as lembranças da pousada excêntrica e a conversa com um dos proprietários, Bruce Wellstone.

O comentário produziu um rápido clarão de raiva em Dermott, seguido por uma espécie de astúcia.

– Imagino se realmente sabe do que estou falando, detetive.

Gurney suprimiu a ânsia de protestar. Tinha descoberto que frequentemente o melhor blefe era o silêncio. E era mais fácil pensar quando não se estava falando.

A única coisa curiosa que Wellstone tinha dito era algo sobre pássaros, ou observação de pássaros, e que algo naquilo não fizera sentido naquela época do ano. *Que diabo de pássaros*

eram? Tinha algo a ver com o número de pássaros...

Dermott estava ficando inquieto. Era hora de dar outra cartada.

– Os pássaros – disse Gurney em tom maroto.

Pelo menos esperava ter parecido maroto, e não idiota. Algo nos olhos de Dermott revelou que o blefe funcionara. Mas como? E agora? O que havia de importante nos pássaros? Qual seria a *mensagem*? Era o tempo errado do ano para quê? *Fringilídeos de peito rosa*! Era isso! Mas e daí? O que os fringilídeos de peito rosa tinham a ver?

Decidiu seguir em frente e ver aonde ia dar.

– Fringilídeos de peito rosa – disse com uma piscadela enigmática.

Dermott tentou esconder um tremor de surpresa sob um sorriso paternalista. Gurney desejou profundamente saber do que se tratava, desejou saber o que estava fingindo saber. Qual era o número que Wellstone havia mencionado? Não fazia ideia do que dizer em seguida, de como enfrentar uma pergunta direta se ela viesse. Não veio nenhuma.

– Eu estava certo com relação a você – disse Dermott, presunçoso. – Desde nosso primeiro telefonema, eu soube que você era mais inteligente do que a maioria da sua tribo de babuínos.

Ele parou, assentindo sozinho com prazer aparente.

– Isso é bom – disse. – Um macaco inteligente. Você poderá apreciar o que vai ver. De fato, acho que vou seguir seu conselho. Afinal de contas, esta é uma noite muito especial, uma noite perfeita para os sapatinhos mágicos.

Enquanto estava falando, ele recuou na direção de uma cômoda encostada na parede do outro lado do quarto. Sem afastar o olhar de Gurney, abriu a gaveta de cima da cômoda e tirou, com cuidado especial, um par de sapatos. O estilo fez Gurney se lembrar dos sapatos de salto médio que sua mãe usava para ir à igreja – só que estes eram feitos de vidro cor de rubi, vidro que brilhava como sangue translúcido à luz fraca.

Dermott fechou a gaveta com o cotovelo e retornou à cama com os sapatos numa das mãos e o revólver na outra, ainda apontado para Gurney.

– Agradeço sua colaboração, detetive. Se não tivesse mencionado os sapatos, eu não teria pensado neles. A maioria dos homens em sua posição não seria tão solícita.

Gurney supôs que, com a zombaria pouco sutil, o assassino queria lhe mostrar que estava tão completamente no controle que poderia usar qualquer coisa que o detetive fizesse ou dissesse em proveito próprio. Dermott se inclinou sobre a cama, tirou os sapatos de camurça já gastos que a velha usava e os substituiu pelos vermelhos reluzentes. Os pés dela eram pequenos e os sapatos se encaixaram perfeitamente.

– O Patinho Dickie vem para a cama? – perguntou a velha, como uma criança recitando sua parte predileta de um conto de fadas.

– Ele vai matar a cobra e cortar a cabeça. Depois o Patinho Dickie vem pra caminha – respondeu ele numa voz cantarolada.

– Onde meu Patinho estava?

– Matando o galo pra salvar a galinha.

– Por que o Patinho faz o que faz?
– Por sangue que é tão vermelho quanto uma rosa pintada. De modo que cada um saiba que colhe a semente plantada.

Dermott olhou com expectativa para a velha, como se o diálogo ritual não estivesse terminado. Inclinou-se para ela, instigando com um sussurro alto:

– O que o Patinho fará esta noite?
– O que o Patinho fará esta noite? – perguntou ela no mesmo sussurro.
– Vai chamar os corvos até que todos estejam mortos na lama. Então o Patinho Dickie virá para a cama.

Ela moveu os dedos sonhadoramente pela peruca de cachinhos dourados, como se imaginasse que a estava arrumando em algum estilo etéreo. O sorriso no rosto da mulher fez Gurney pensar no barato de um viciado.

Dermott também a estava observando. Sua expressão era pouco filial, repugnante, com a ponta da língua movendo-se para a frente e para trás entre os lábios como um pequeno parasita sinuoso. Depois ele piscou e olhou ao redor.

– Acho que estamos prontos para começar – disse todo animado.

Ele sentou na cama e engatinhou por cima das pernas da velha até o lado oposto, pegando o ganso no baú. Em seguida se acomodou ao lado dela nos travesseiros e pôs o ganso no colo.

– Agora estamos quase prontos.

A animação na sua voz equivalia à de alguém que estivesse colocando uma vela num bolo de aniversário. Mas o que ele estava fazendo era enfiando o revólver, com o dedo ainda no gatilho, num bolso fundo aberto nas costas do ganso.

Meu Deus, pensou Gurney. Foi assim que ele atirou em Mark Mellery? Foi assim que o resíduo de pluma de ganso foi parar no ferimento do pescoço e no sangue no chão? Será possível que, no momento da sua morte, Mellery estivesse olhando a porra de um ganso? A imagem era tão grotesca que ele teve de conter uma ânsia louca de gargalhar. Ou seria um espasmo de terror? Qualquer que fosse a emoção, era súbita e poderosa. Ele havia enfrentado sua cota de lunáticos – sádicos, assassinos sexuais de todo tipo, sociopatas com picaretas de gelo, até canibais –, mas nunca fora obrigado a bolar uma solução para um pesadelo tão complexo, sabendo que um leve movimento de dedo era tudo o que o separava de receber uma bala no cérebro.

– Tenente Nardo, por favor, levante-se. É hora de sua participação. – A voz de Dermott era maligna, teatral, irônica.

Num sussurro tão baixo que a princípio Gurney não teve certeza se estava escutando ou imaginando, a velha começou a murmurar:

– Patinho Dickie-Dickie-Dickie. Patinho Dickie-Dickie-Dickie. Patinho Dickie-Dickie-Dickie. – Era mais como um relógio tiquetaqueando do que uma voz humana.

Gurney viu Nardo descruzar as mãos, esticando e fechando os dedos. Ele se levantou do chão, ao pé da cama, com a elasticidade de um homem em excelente condição física. Seu olhar

duro foi do estranho casal na cama para Gurney e voltou. Se alguma coisa na cena o surpreendeu, o rosto de pedra não demonstrou. A única coisa óbvia, pelo modo como olhou o ganso e o braço de Dermott por trás, foi que havia deduzido onde a arma estava.

Em resposta, Dermott começou a acariciar as costas do ganso com a mão livre.

– Uma última pergunta, tenente, com relação às suas intenções, antes de começarmos. Planeja fazer o que eu mandar?

– Claro.

– Aceito essa resposta. Vou lhe dar uma série de orientações. Você deve obedecê-las com precisão. Está claro?

– Está.

– Se eu fosse um homem mais desconfiado, poderia questionar sua seriedade. Espero que você aprecie a situação. Deixe-me colocar todas as cartas na mesa para impedir qualquer mal-entendido. Decidi matar você. Essa questão não está mais em aberto. A única questão que resta é *quando* vou matar. Essa parte da equação fica por sua conta. Entendeu até agora?

– Você me mata. Mas eu decido quando. – Nardo falou com uma espécie de desprezo entediado que pareceu divertir Dermott.

– Isso mesmo, tenente. Você decide quando. Mas só até certo ponto, porque, em última instância, tudo terá um fim adequado. Até lá você pode permanecer vivo dizendo o que eu mandar dizer e fazendo o que eu mandar fazer. Continua entendendo?

– Sim.

– Por favor, lembre-se de que a qualquer momento você tem a opção de morrer instantaneamente usando o simples expediente de não seguir minhas instruções. A obediência acrescentará momentos preciosos à sua vida. A resistência irá subtraí-los. O que poderia ser mais simples?

Nardo o encarou sem piscar.

Gurney deslizou os pés alguns centímetros para trás, na direção das pernas da cadeira, a fim de ficar na melhor posição possível para se jogar na cama, esperando que a dinâmica emocional entre os dois homens explodisse em segundos.

Dermott parou de acariciar o ganso.

– Por favor, ponha os pés de volta onde estavam – disse sem afastar o olhar de Nardo.

Gurney obedeceu, com um novo respeito pela visão periférica de Dermott.

– Se você se mexer de novo, mato os dois sem dizer mais nenhuma palavra. Agora, tenente – continuou em tom plácido –, ouça com cuidado sua tarefa. Você é um ator numa peça. Seu nome é Jim. A peça é sobre Jim, a mulher dele e o filho. A peça é curta e simples, mas tem um final grandioso.

– Preciso fazer xixi – disse a mulher numa voz entrecortada, as pontas dos dedos passando de novo pelos cachos louros.

– Tudo bem, querida – respondeu ele sem olhar para ela. – Tudo vai ficar bem. Tudo vai ser como sempre deveria ter sido. – Dermott ajustou ligeiramente a posição do ganso no colo,

refinando a mira do revólver que estava dentro, na direção de Nardo. – Certo?

Se o olhar firme de Nardo fosse veneno, Dermott já teria morrido três vezes. Em vez disso houve apenas um tremor em volta da boca, que poderia ser um sorriso, um espasmo ou uma expressão de empolgação.

– Desta vez vou aceitar o seu silêncio como um sim. Mas gostaria de lhe dar um aviso amigável: qualquer outra ambiguidade nas suas respostas resultará no fim imediato da peça e da sua vida. Entendeu?

– Entendi.

– Bom. A cortina se abre. A peça tem início. É final de outono, fim de tarde, e já está escuro. O tempo está feio, com um pouco de neve no chão lá fora, um pouco de gelo. Na verdade é bem parecido com a noite de hoje. É o seu dia de folga. Você passou o dia num bar próximo, bebendo com seus amigos bêbados. É assim que você passa todos os dias de folga. Você chega em casa no momento em que a peça se inicia. Você cambaleia até o quarto da sua mulher. Seu rosto está vermelho e raivoso. Seus olhos, opacos e idiotas. Você tem uma garrafa de uísque na mão. – Dermott apontou para a garrafa de Four Roses no baú. – Pode usar aquela ali. Pegue.

Nardo avançou e pegou-a. Dermott assentiu, aprovando.

– Você a avalia instintivamente como uma arma potencial. É muito boa, muito adequada. Você tem uma simpatia natural pela mentalidade do seu personagem. Agora, com a garrafa na mão, você fica parado, cambaleando de um lado para outro, ao pé da cama da sua mulher. Olha com raiva estúpida para ela e para o menininho com o ganso de pelúcia na cama. Você mostra os dentes como um cão raivoso imbecil. – Dermott parou e examinou o rosto de Nardo. – Deixe-me ver você mostrando os dentes.

Os lábios de Nardo se retesaram e se abriram. Gurney pôde ver que não havia nada de artificial na fúria daquela expressão.

– Isso mesmo! – reagiu Dermott empolgado. – Perfeito! Você tem um talento verdadeiro para isso. Agora fique aí parado com os olhos injetados, com cuspe nos lábios, e grite com sua mulher na cama: “Que porra está acontecendo aqui?” Você aponta para mim. Minha mãe diz: “Calma, Jim, ele estava mostrando o livrinho de histórias para mim e para o Patinho Dickie.” Você diz: “Não estou vendo porra de livro nenhum.” Minha mãe diz: “Veja, está ali na mesinha de cabeceira.” Mas você tem uma mente imunda e isso transparece em seu rosto imundo. Seus pensamentos imundos estão escorrendo como o suor oleoso em seu rosto imundo. Minha mãe diz que você está bêbado e deveria ir dormir no outro quarto. Mas você começa a tirar a roupa. Eu grito para você sair. Mas você tira a roupa toda e fica ali parado, nu, rindo para nós. Você me dá vontade de vomitar. Minha mãe grita com você, grita para você não ser tão nojento, para sair do quarto. Você diz: “Quem você está chamando de nojento, sua puta suja?” Então quebra a garrafa de uísque na trave do pé da cama e pula na cama como um macaco, segurando a garrafa quebrada. Seu corpo fede. Você chama minha mãe de vagabunda. Você...

– Qual é o nome dela? – interrompeu Nardo.

Dermott piscou duas vezes.

– Não importa.

– Claro que importa.

– Eu disse que não importa.

– Por quê?

Dermott pareceu perplexo com a pergunta, ao menos um pouco.

– Não importa qual é o nome dela porque você nunca usa o nome dela. Você a chama de coisas feias, mas nunca usa o nome dela. Você nunca mostra nenhum respeito. Talvez faça tanto tempo que você usou o nome dela que nem saiba mais qual é.

– Mas você sabe qual é o nome dela, não sabe?

– Claro que sei. Ela é minha mãe. Claro que sei o nome da minha mãe.

– E qual é?

– Não importa para você. Você não se interessa.

– Mesmo assim eu gostaria de saber qual é.

– Não quero o nome dela no seu cérebro imundo.

– Se vou fingir que sou o marido dela, preciso saber seu nome.

– Você precisa saber o que eu quero que você saiba.

– Não posso fazer isso se não souber o nome da mulher. Não me importa o que você diga: não faz absolutamente nenhum sentido para mim não saber o nome da minha própria mulher.

Para Gurney não estava claro aonde Nardo queria chegar com isso.

Será que ele finalmente havia percebido que estava sendo orientado para representar o ataque de Jimmy Spinks bêbado contra Felicity Spinks, que ocorrera vinte e quatro anos atrás na mesma casa? Teria percebido que esse tal de Gregory Dermott, que um ano antes havia comprado a casa, podia muito bem ser o filho de Jimmy e Felicity, o menino Spinks, de oito anos, que o serviço social havia levado depois daquela tragédia familiar? Teria lhe ocorrido que a velha na cama com a cicatriz na garganta era quase certamente Felicity Spinks, tirada pelo filho adulto de alguma casa de repouso onde ficara durante todo esse tempo?

Será que Nardo esperava mudar a dinâmica homicida da pequena “peça” que acontecia revelando do que se tratava tudo aquilo? Estaria tentando criar uma distração psicológica, na esperança de encontrar alguma saída? Ou estaria apenas tateando no escuro, tentando adiar o máximo possível o que quer que Dermott tivesse em mente?

Claro, havia outra possibilidade. O que Nardo estava fazendo, e o modo como Dermott estava reagindo, poderia não ter nenhum sentido. Poderia ser o tipo de desvio ridiculamente trivial que leva meninos pequenos a baterem um no outro com pazinhas de plástico nas pracinhas e homens furiosos a se espancarem até a morte em brigas de bar. Com o coração apertado, Gurney suspeitou que essa última hipótese era tão viável quanto qualquer outra.

– O que você pensa não tem importância – disse Dermott, de novo ajustando em meio centímetro o ângulo do gancho, com o olhar fixo no pescoço de Nardo. – Nada que você pense

tem importância. É hora de tirar a roupa.

– Primeiro diga o nome dela.

– É hora de você tirar a roupa, quebrar a garrafa e pular na cama como um macaco nu. Como um monstro idiota, babão, hediondo.

– Qual é o nome dela?

– Está na hora.

Gurney viu um ligeiro movimento no músculo do antebraço de Dermott – significando que seu dedo estava comprimindo o gatilho.

– Só diga o nome dela.

Qualquer dúvida que Gurney tivesse sobre o que estava acontecendo sumiu. Nardo havia traçado uma linha na areia, e toda a sua hombridade – e até mesmo a vida – estava investida em fazer com que o adversário respondesse à pergunta. Dermott, do mesmo modo, estava cem por cento empenhado em manter o controle. Gurney se perguntou se o tenente tinha alguma ideia de quanto essa questão de controle era importante para o sujeito que ele tentava dobrar. Segundo Rebecca Holdenfield – na verdade segundo qualquer um que soubesse algo sobre assassinos em série –, o controle era o objetivo que valia qualquer preço, qualquer risco. O controle absoluto, com o sentimento de onisciência e onipotência que ele engendrava, era a euforia definitiva. Ameaçar esse objetivo sem uma arma na mão era suicídio.

Parecia que a cegueira com relação a esse fato havia posto Nardo de novo a um centímetro da morte e Gurney não podia salvá-lo gritando para que se submetesse. Essa tática não funcionaria pela segunda vez.

Agora o assassinato movia-se como uma nuvem de tempestade nos olhos de Dermott. Gurney jamais havia se sentido tão impotente. Não conseguia pensar num modo de impedir o dedo no gatilho.

Foi então que escutou a voz, limpa e fria como prata pura. Sem dúvida era a voz de Madeleine dizendo algo anos antes, numa ocasião em que ele se sentia de mãos atadas e não encontrava solução para um caso que parecia perdido.

– Só há uma saída de um beco sem saída.

Claro, pensou. Era absurdamente óbvio! *Basta andar na direção oposta.*

Para deter um homem com uma necessidade avassaladora de controlar tudo – que precisa matar para obter esse controle –, você tem que fazer exatamente o oposto do que todos os seus instintos mandam. E, com a sentença de Madeleine clara como água da fonte na mente, ele viu como precisava agir. Era ultrajante, claramente irresponsável e legalmente indefensável se não desse certo. Mas ele sabia que daria.

– Agora! Agora, Gregory! – sibilou. – Atira nele!

Houve um momento de incompreensão compartilhada quando os dois pareceram lutar para absorver o que tinham acabado de ouvir, como se tentassem entender um trovão num dia sem nuvens. O foco mortal de Dermott em Nardo oscilou e a direção da arma no ganso moveu-se um pouco para Gurney, sentado na cadeira junto à parede.

A boca de Dermott se esticou de lado em sua mórbida imitação de um sorriso.

– Como? – Naquele falso tom casual, Gurney sentiu um tremor de inquietação.

– Você ouviu, Gregory. Eu disse para você atirar nele.

– Você... *o quê?*

Gurney suspirou com uma impaciência calculada.

– Você está desperdiçando meu tempo.

– Desperdiçando...? Que diabos você acha que está fazendo? – A arma dentro do ganso moveu-se mais na direção de Gurney. O tom casual havia sumido.

Os olhos de Nardo estavam se arregalando. Era difícil para Gurney avaliar a mistura de emoções por trás do espanto. Como se fosse o tenente que exigisse saber o que estava acontecendo, Gurney se virou para ele e falou do modo mais despreocupado que pôde:

– Gregory gosta de matar pessoas que o fazem se lembrar do pai.

Um som contido saiu da garganta de Dermott, como o início de uma palavra ou um grito que tivesse ficado preso. Gurney permaneceu determinadamente focalizado em Nardo e continuou no mesmo tom ameno:

– O problema é que ele precisa de um empurrãozinho de vez em quando. Fica empacado durante o processo. E, infelizmente, comete erros. Não é tão inteligente quanto pensa. Ah, meu Deus! – Ele parou e sorriu especulativamente para Dermott, cujos músculos do maxilar agora eram visíveis. – Isso tem futuro, não é? *Gregory Spinks, sem ofensa: você não é tão esperto quanto pensa.* Que tal, Gregory? Acha que poderia ser um novo poema? – Ele quase piscou para o assassino, mas decidiu que isso talvez fosse ir longe demais.

Dermott olhou-o com ódio, confusão e alguma outra coisa. Gurney esperou que essa outra coisa fosse um redemoinho de perguntas que um fanático por controle seria compelido a fazer antes de matar o único homem capaz de respondê-las. A próxima palavra de Dermott, com sua entonação tensa, deu-lhe esperança.

– Erros?

Gurney assentiu, pesaroso.

– Um bom número deles, infelizmente.

– Você é um mentiroso, detetive. Eu não cometo erros.

– Não? Como você os chama, então? Cagadas do Patinho Dickie?

Enquanto falava, se perguntou se agora teria dado o passo fatal. Nesse caso, dependendo de onde a bala o acertasse, talvez ele nunca soubesse. De qualquer modo, não havia uma rota de saída segura. Uma onda de vibrações minúsculas alterou os cantos da boca de Dermott. Reclinando-se na cama, ele parecia estar olhando para Gurney de algum lugar no inferno.

Na verdade, Gurney só sabia de um erro cometido por Dermott: um equívoco envolvendo o cheque de Kartch, que percebera apenas quinze minutos antes, ao olhar sua cópia emoldurada sobre a mesinha do abajur. Mas e se afirmasse que tinha reconhecido o erro e seu significado desde o início? Que efeito isso teria sobre um indivíduo tão desesperado em acreditar que possuía o controle absoluto?

De novo a máxima de Madeleine lhe veio ao pensamento, só que invertida. *Se você não pode recuar, acelere ao máximo para a frente.* Virou-se para Nardo, como se o assassino em série pudesse ser ignorado com segurança.

– Ele cometeu uma das cagadas mais idiotas quando me passou os nomes dos homens que tinham mandado os cheques. Um dos nomes era Richard Kartch. O problema é que Kartch mandou o cheque num envelope simples, sem remetente. A única identificação era o nome impresso no cheque, e nele constava apenas “R. Kartch”. Era assim também que a vítima assinava. O R poderia ser de Robert, Ralph, Randolph, Rupert ou uma dúzia de outros nomes. Mas Gregory sabia que era Richard. Ao mesmo tempo, disse que não tinha qualquer familiaridade ou contato com o remetente, a não ser o nome e o endereço no cheque, que eu vi na correspondência na casa de Kartch, em Sotherton. Por isso soube imediatamente, pela incoerência, que ele estava mentindo. E o motivo era óbvio.

Isso era demais para Nardo.

– Você sabia? Então por que diabos não disse, para que pudéssemos pegá-lo?

– Porque eu sabia o que ele estava fazendo e por que estava fazendo, e não tinha interesse em impedi-lo.

Nardo parecia ter entrado num universo alternativo onde as moscas matavam as pessoas a tapa.

Um som agudo atraiu a atenção de Gurney de volta à cama. A velha estava batendo os sapatinhos de vidro um no outro, como Dorothy indo de Oz para casa no Kansas. O revólver no ganso, no colo de Dermott, agora estava apontado diretamente para Gurney. Dermott estava fazendo um esforço – pelo menos Gurney esperava que isso exigisse um esforço – para não parecer abalado com a revelação sobre Kartch. Ele articulou as palavras com uma precisão peculiar:

– Não importa o jogo que você está fazendo, detetive, sou eu que vou terminá-lo.

Lançando mão de toda a experiência dramática adquirida nos trabalhos sob disfarce, Gurney tentou falar com a confiança de alguém que tivesse uma Uzi escondida apontada para o peito do inimigo.

– Antes de fazer alguma ameaça – disse baixinho –, certifique-se de que entendeu a situação.

– Situação? Eu atiro e você morre. Eu atiro de novo e ele morre. Os babuínos entram pela porta e morrem. Esta é a situação.

Gurney fechou os olhos e recostou a cabeça na parede, dando um suspiro.

– Você faz alguma ideia... você faz a mínima ideia...? – começou e depois balançou a cabeça, cansado. – Não. Não, claro que não faz. Como poderia?

– Alguma ideia de quê, detetive? – Dermott usou o nome do cargo com sarcasmo exagerado.

Gurney gargalhou. Era uma gargalhada ensandecida, destinada a levantar mais perguntas na mente do assassino, mas que na verdade dava vazão ao caos emocional que crescia dentro dele.

– Adivinhe quantos homens eu matei – sussurrou, olhando para Dermott com intensidade louca, rezando para que o sujeito não reconhecesse em sua improvisação desesperada o propósito de ganhar tempo para que os policiais de Wycherly percebessem logo o sumiço de Nardo. Por que ainda não haviam notado? Ou teriam? Os sapatinhos de vidro continuavam batendo um no outro.

– Policiais idiotas matam pessoas o tempo todo – disse Dermott. – Eu não dou a mínima.

– Não estou me referindo a qualquer um. Estou falando de homens como Jimmy Spinks. Adivinhe quantos como ele eu matei.

Dermott piscou.

– De que diabos você está falando?

– Estou falando em matar bêbados. Livrar o mundo desses animais alcoólatras, exterminar a escória do mundo.

De novo houve uma vibração quase imperceptível ao redor da boca de Dermott. Ele captara a atenção do sujeito, sem dúvida. E agora? O que fazer, senão surfar a onda? Não havia outra saída. Foi compondo a história à medida que falava.

– Uma madrugada, quando eu era novato na polícia, recebi a ordem de tirar uns mendigos da entrada dos fundos do terminal de ônibus da Port Authority. Um deles não quis ir embora. Eu podia sentir o fedor de uísque a três metros de distância. Falei de novo para ele sair do prédio, mas em vez de me obedecer o idiota começou a vir na minha direção. Tirou uma faca de cozinha do bolso, uma faca pequena com lâmina serrilhada, das que a gente usa para descascar laranjas. Ele brandiu a faca de modo ameaçador e ignorou minha ordem de largá-la. Duas testemunhas que estavam na escada rolante e viram o confronto juraram que eu atirei nele em legítima defesa. – Ele parou e sorriu. – Mas não é verdade. Se eu quisesse, poderia tê-lo dominado sem qualquer esforço. Em vez disso, atirei na cara dele e estourei o cérebro pela nuca. Sabe por que fiz isso, Gregory?

– Patinho Dickie-Dickie-Dickie – disse a velha num ritmo mais rápido do que as batidinhas dos sapatos.

A boca de Dermott se abriu ligeiramente, mas ele não disse nada.

– Fiz isso porque ele se parecia com o meu pai – continuou Gurney com a voz subindo raivosa. – Ele estava igual a meu pai na noite em que arrebentou um bule de chá na cabeça da minha mãe, uma porra de um bule idiota com uma porra de uma cara de palhaço idiota.

– Seu pai não era grande coisa como pai – disse Dermott friamente. – Mas afinal de contas, detetive, você também não é.

A acusação zombeteira apagou qualquer dúvida de Gurney sobre quanto Dermott sabia a seu respeito. Nesse momento ele considerou seriamente a opção de levar um tiro só para colocar as mãos no pescoço de Dermott.

O riso sarcástico se intensificou. Talvez Dermott sentisse o desconforto de Gurney.

– Um bom pai deveria proteger o filho de quatro anos, não deixar que ele fosse atropelado e que o motorista fugisse.

– Seu merda – murmurou Gurney.

Dermott deu um risinho, aparentemente enlouquecido de prazer.

– Vulgar, vulgar, vulgar, e eu pensei que você fosse um colega poeta. Esperava que pudéssemos continuar trocando versos. Eu tinha uma quadra pronta para lhe enviar. Diga o que acha: “Um atropelamento sem solução, / O grande detetive de cara no chão. / O que disse a mãe do menininho / Quando você chegou sozinho?”

Um fantasmagórico som animalesco saiu do peito de Gurney, uma estrangulada erupção de fúria. Dermott estava hipnotizado.

Aparentemente Nardo estivera esperando o momento de distração máxima. Seu musculoso braço direito acelerou para cima, girando num poderoso movimento circular, e jogou a garrafa fechada de Four Roses com força total contra a cabeça de Dermott. Quando Dermott sentiu o movimento e começou a virar a arma na direção do tenente, Gurney se lançou num mergulho de cabeça sobre a cama, caindo de peito sobre o ganso, justo no momento em que o vidro grosso da garrafa de uísque cheia se chocava contra a têmpora de Dermott. O revólver disparou sob Gurney, enchendo o ar ao redor com uma explosão e espalhando o enchimento de pluma de ganso. A bala passou por baixo dele na direção da parede onde estivera encostado, despedaçando o abajur que era a única fonte de iluminação do quarto. Na escuridão pôde ouvir Nardo ofegando por entre os dentes trincados. A velha começou a soltar um gemido fraco, um som oscilante, como uma cantiga de ninar meio esquecida. Então houve o som de um impacto terrível e a pesada porta de metal do cômodo se abriu voando, girou e acertou a parede. No mesmo instante, surgiu a enorme figura de um homem, seguida por outra menor.

– Parado! – gritou o gigante.

Morte antes do alvorecer

A cavalaria finalmente havia chegado – um pouco tarde, mas isso era bom. Considerando o histórico de tiros precisos de Dermott e sua ansiedade para empilhar os corvos, era possível que não somente a cavalaria, mas também Nardo e Gurney, acabasse com balas no pescoço. E então, quando os tiros trouxessem todo o departamento num enxame para dentro da casa e Dermott abrisse a válvula, lançando o cloro e a amônia pressurizados no sistema de sprinklers...

Como aconteceu, a única grande baixa, além do abajur e do portal, foi o próprio Dermott. A garrafa, impelida por toda a fúria combativa de Nardo, o havia acertado com força suficiente para produzir o que parecia um coma. Além disso, ocorrera um incidente menor, provocado por um caco de vidro curvo que se lascara da garrafa devido ao impacto e se cravara na cabeça de Gurney, junto à linha de seus cabelos.

– Nós ouvimos um tiro. Que porra está acontecendo aqui? – rosnou o gigante, tentando enxergar alguma coisa no quarto quase totalmente escuro.

– Está tudo sob controle, Tommy – disse Nardo, com a voz abalada sugerindo que ele ainda não fazia parte daquilo tudo.

À luz fraca que vinha da outra parte do porão, Gurney reconheceu a policial mais baixa que tinha entrado logo atrás de Tommy: Pat, com seu cabelo curtinho e os olhos azul-acetileno. Segurando uma pesada pistola nove milímetros engatilhada e mantendo-se atenta à cena feia na cama, ela se esgueirou até o canto mais distante do quarto e acendeu a lâmpada que ficava perto da poltrona em que a velha estivera sentada.

– Vocês se importam se eu me levantar? – perguntou Gurney, ainda deitado sobre o ganso no colo de Dermott.

Tommy olhou para Nardo.

– Claro que não – respondeu Nardo, com os dentes ainda parcialmente trincados. – Pode se levantar.

Enquanto se erguia da cama com cuidado, o sangue começou a escorrer livremente por seu rosto – e essa visão foi provavelmente o que impediu Nardo de partir para cima do sujeito que minutos antes havia encorajado um assassino demente a atirar nele.

– Meu Deus – disse Tommy olhando o sangue.

Uma sobrecarga de adrenalina havia impedido Gurney de perceber o ferimento. Tocou o rosto e encontrou-o surpreendentemente molhado, então examinou a mão e viu que estava

vermelha.

Pat olhou o rosto de Gurney com uma expressão neutra.

– Quer que chame uma ambulância? – perguntou ela a Nardo.

– Sim. Claro. Telefone – disse ele sem convicção.

– Para eles também? – questionou, fazendo um movimento rápido com a cabeça para o estranho casal na cama. Os sapatinhos de vidro vermelho atraíram seu olhar. Ela estreitou os olhos como se tentasse se livrar de uma ilusão de ótica.

Depois de uma longa pausa ele murmurou, enojado:

– É.

– Quer que chame as viaturas de volta? – continuou Pat, franzindo os olhos para os sapatos que pareciam perturbadoramente reais, afinal de contas.

– O quê? – disse ele depois de outra pausa. Estava olhando os restos do abajur despedaçado e o buraco de bala na parede atrás.

– Temos carros em patrulha e policiais fazendo perguntas de porta em porta. Quer que eles sejam chamados de volta?

A decisão parecia mais difícil do que deveria. Por fim ele respondeu:

– Sim, chame.

– Certo – disse ela, e saiu do quarto.

Tommy estava observando com nojo evidente o dano causado à têmpora de Dermott. A garrafa de Four Roses tinha ido parar com a boca para baixo no travesseiro entre Dermott e a velha, cuja peruca de cachos louros havia saído do lugar, dando a impressão de que o topo da cabeça dela tinha sido desatarraxado um quarto de volta.

Enquanto Gurney olhava o rótulo floral da garrafa, compreendeu o que lhe havia escapado antes. Lembrou-se da conversa com Bruce Wellstone. Ele dissera que Dermott (vulgo Sr. Cila) repetira várias vezes que tinha visto *quatro fringilídeos de peito rosa* e que enfatizara o número quatro. O “significado” de *quatro fringilídeos de peito rosa* agora era claro. Ele estava se referindo às quatro rosas do rótulo, ao uísque Four Roses! Como a assinatura no livro de registros, “Sr. e Sra. Cila”, a mensagem era somente outro pequeno passo de dança para anunciar sua esperteza: Gregory Dermott mostrando a facilidade com que podia brincar com os policiais malignos e imbecis. *Peguem-me se puderem.*

Um minuto depois a séria e eficiente Pat retornou.

– A ambulância está vindo. Os carros foram chamados. As entrevistas estão canceladas – disse, olhando com frieza para a cama.

A velha estava fazendo sons esporádicos que lembravam alguma coisa entre um gemido e uma cantiga de ninar. Dermott continuava morbidamente imóvel e pálido.

– Tem certeza de que ele está vivo? – perguntou ela sem preocupação evidente.

– Não faço ideia – respondeu Nardo. – Talvez você devesse verificar.

Pat franziu os lábios enquanto ia até lá e procurava a pulsação no pescoço.

– É, está vivo. Qual é o problema dela?

– É a mulher do Jimmy Spinks. Já ouviu falar do Jimmy Spinks?

Ela balançou a cabeça.

– Quem é Jimmy Spinks?

Ele pensou durante um tempo.

– Esquece.

A policial deu de ombros, como se esquecer esse tipo de coisa fosse parte do serviço.

Nardo respirou fundo e devagar algumas vezes.

– Preciso de você e Tommy lá em cima para manter o local em segurança. Agora que sabemos que esse é o filho da puta que matou todo mundo, o pessoal da perícia terá de voltar e passar um pente fino na casa.

Ela e Tommy trocaram olhares inquietos, mas saíram sem discutir. Enquanto passava por Gurney, Tommy falou casualmente, como se estivesse comentando sobre uma mancha no casaco:

– Você está com um pedaço de vidro cravado na cabeça.

Nardo esperou até que os passos terminassem de subir a escada e que a porta no topo do porão fosse fechada antes de falar.

– Afaste-se da cama. – Sua voz estava meio trêmula.

Gurney sabia que na verdade estava recebendo uma ordem para se afastar das armas: do revólver de Dermott dentro do forro estourado do ganso, da pistola de tornozelo de Nardo no bolso de Dermott e da garrafa de uísque no travesseiro, mas cedeu sem objeção.

– Certo – disse Nardo, aparentemente se esforçando para se controlar. – Vou lhe dar a chance de se explicar.

– Posso fazer isso sentado?

– Por mim você pode até plantar bananeira, porra. Fale! Agora!

Gurney sentou-se na cadeira perto do abajur quebrado.

– Ele ia atirar em você. Você estava a dois segundos de receber uma bala no pescoço, ou na cabeça, ou no coração. Só havia um modo de fazê-lo parar.

– Você não disse para ele parar. Disse para atirar em mim. – Os punhos de Nardo estavam tão apertados que Gurney podia ver as manchas brancas nos nós dos dedos.

– Mas ele não atirou, não foi?

– Mas você mandou atirar.

– Porque era o único modo de detê-lo.

– O único modo de detê-lo... Está maluco, porra? – Nardo olhava-o furioso como um cão assassino prestes a atacar.

– O fato é que você está vivo.

– Está dizendo que estou vivo porque você mandou que ele me matasse? Que maluquice é essa?

– O assassinato em série tem a ver com controle. Controle absoluto. Para o louco do Gregory isso significava controlar não apenas o presente e o futuro, mas também o passado. A

cena que ele queria que você representasse era a tragédia que ocorreu nesta casa há vinte e quatro anos, com uma diferença crucial. Na época o pequeno Gregory não pôde impedir que o pai cortasse o pescoço da mãe. Ela nunca se recuperou, nem ele. O Gregory adulto queria rebobinar a fita e passá-la de novo, para poder mudá-la. Ele queria que você fizesse tudo o que o pai fez, até o ponto de levantar a garrafa. Então ele iria matá-lo, para se livrar do bêbado horrível, para salvar a mãe. Era com isso que todos os outros assassinatos tinham a ver: tentativas de controlar Jimmy Spinks controlando e matando outros bêbados.

– Gary Sissek não era bêbado.

– Talvez não. Mas Gary Sissek já era da polícia na época do Jimmy Spinks e aposto que Gregory o reconheceu como amigo do pai. Talvez até como colega de bar. E o fato de você também ser do departamento na época o tornava o substituto ideal na mente dele. Era o modo perfeito de ele voltar atrás e mudar a história.

– Mas você disse para ele atirar em mim! – O tom de Nardo ainda era belicoso, mas, para alívio de Gurney, a convicção por trás estava enfraquecendo.

– Eu disse para ele atirar em você porque o único modo de deter um assassino obcecado por controle, quando você só tem as palavras como arma, é dizer algo que o faça duvidar de que está realmente no controle. Parte da fantasia de controle é imaginar que está tomando todas as decisões, que é o todo-poderoso e que ninguém tem poder sobre ele. A melhor jogada é fazê-lo desconfiar de que está agindo exatamente como você quer. Se você se opuser diretamente, ele vai matá-lo. Se você implorar pela vida, ele vai matá-lo. Mas diga que você quer que ele faça exatamente o que está prestes a fazer e isso interrompe o ciclo.

Nardo parecia estar tentando encontrar uma falha na história.

– Você pareceu muito... autêntico. Havia ódio na sua voz, como se quisesse mesmo que eu morresse.

– Se eu não fosse convincente, nós não estaríamos tendo esta conversa.

Nardo mudou de assunto.

– E o tiro no mendigo no terminal da Port Authority?

– O que é que tem?

– Você atirou num mendigo porque ele o fez se lembrar de seu pai bêbado?

Gurney sorriu.

– Qual é a graça?

– Duas coisas. Primeiro: eu nunca trabalhei nem perto da Port Authority. Segundo: em vinte e cinco anos de serviço, nunca disparei minha arma.

– Então era tudo papo-furado?

– Meu pai bebia demais. Era uma... coisa difícil. Mesmo quando estava em casa, ele não estava lá. Mas atirar num estranho não ajudaria muito.

– Então qual era o objetivo de falar toda aquela merda?

– O objetivo? Era o que aconteceu.

– Que diabos isso significa?

– Meu Deus, tenente, eu só estava tentando prender a atenção do Dermott por tempo suficiente para lhe dar uma chance de fazer alguma coisa com aquela garrafa de um quilo que estava na sua mão.

Nardo olhou-o com uma expressão um tanto vazia, como se todas essas informações não se ajustassem exatamente nos espaços disponíveis do seu cérebro.

– Aquele negócio do menino atropelado... também era mentira?

– Não. Isso é verdade. O nome dele era Danny. – A voz de Gurney ficou rouca.

– Nunca pegaram o motorista?

Gurney balançou a cabeça.

– Nenhuma pista?

– Uma testemunha disse que o carro que atropelou meu filho, um BMW vermelho, ficou estacionado na frente de um bar na nossa rua a tarde toda e que o cara que saiu do bar e entrou nele estava obviamente bêbado.

Nardo pensou nisso durante um tempo.

– Ninguém no bar conseguiu identificá-lo?

– Todos disseram que nunca o tinham visto antes.

– Há quanto tempo isso aconteceu?

– Quatorze anos e oito meses.

Ficaram em silêncio alguns minutos. Então Gurney voltou a falar em voz baixa e hesitante:

– Eu estava levando meu filho para o parque. Havia um pombo andando na frente dele na calçada. Eu só estava ali em parte. Minha mente estava num caso de assassinato. O pombo saiu da calçada para a rua e Danny foi atrás. Quando vi o que estava acontecendo, era tarde demais. Havia acabado.

– Você tem outros filhos?

Gurney hesitou.

– Não com a mãe do Danny.

Então fechou os olhos e nenhum dos dois disse nada durante um bom tempo. Nardo acabou rompendo o silêncio.

– Você tem certeza de que Dermott é o cara que matou o seu amigo?

– Sim. – Gurney estava pasmo com a exaustão na voz dos dois.

– E os outros também?

– É o que parece.

– Por que agora?

– Hein?

– Por que esperar tanto tempo?

– Oportunidade. Inspiração. Acaso. Acho que ele se pegou projetando um sistema de segurança para algum grande banco de dados de plano de saúde. Pode ter percebido que conseguiria escrever um programa para extrair todos os nomes de homens que tinham feito tratamento por causa de alcoolismo. Esse seria o ponto de partida. Acho que ele ficou

obcecado pelas possibilidades e acabou bolando esse esquema engenhoso para encontrar homens tão assustados e vulneráveis a ponto de lhe mandar aqueles cheques. Homens que ele poderia torturar com seus poemas. Em algum momento tirou a mãe da casa de repouso para onde o Estado a havia mandado depois que o ataque a deixou incapacitada.

– Onde ele esteve durante todos esses anos, antes de aparecer aqui?

– Quando era criança, numa instituição pública ou num lar adotivo. Pode ter sido um caminho difícil. Em algum momento se interessou por computadores, imagino que através de jogos, e se tornou bom nisso. Muito bom: acabou se formando no MIT.

– E em algum momento mudou de nome?

– Provavelmente quando fez dezoito anos. Aposto que ele não suportava ter o nome do pai. Pensando bem, eu não me surpreenderia se Dermott for o nome de solteira da mãe.

– Teria sido legal se, no começo dessa confusão maluca, vocês tivessem pensado em investigar o sujeito, pesquisar se ele tinha trocado de nome, por exemplo.

– Realisticamente, não havia motivo para isso. E, mesmo que soubéssemos que ele trocara o nome de Spinks para Dermott, isso não significaria nada para qualquer um envolvido no caso Mellery.

Nardo dava a impressão de que tentava armazenar as informações para processá-las quando estivesse com a mente mais clara.

– Por que esse filho da puta maluco voltou para Wycherly?

– Porque era o local do ataque contra a mãe há vinte e quatro anos? Talvez porque a estranha ideia de reescrever o passado o estivesse dominando. Ou quem sabe ele ouviu dizer que a velha casa estava à venda e não pôde resistir. Talvez fosse a oportunidade de se vingar não somente dos bêbados, mas também da polícia de Wycherly. A não ser que ele resolva contar toda a história, nunca teremos certeza. Não creio que Felicity vá ser de muita ajuda.

– Não muita – concordou Nardo, mas tinha outra coisa na mente. Parecia perturbado.

– O que é?

– O quê? Nada. Na verdade, nada. Só fiquei pensando... Até que ponto você ficou realmente incomodado porque alguém estava matando bêbados?

Ele não sabia o que dizer. A resposta certa poderia ter algo a ver com não julgar a vítima. A resposta cínica poderia ser que ele se importava mais com o desafio da investigação do que com a equação moral, mais com o jogo do que com as pessoas. De qualquer modo, não tinha vontade de discutir o tema com Nardo. Mas sentiu que deveria dizer alguma coisa.

– Se você quer saber se isso me deu algum prazer ou se eu me senti indiretamente vingado do motorista bêbado que matou meu filho, a resposta é não.

– Tem certeza?

– Tenho.

Nardo olhou-o com ceticismo, depois deu de ombros. A resposta de Gurney não pareceu convencê-lo, mas ele não se mostrou disposto a insistir no assunto.

A raiva do tenente aparentemente tinha sido contida. O restante da tarde foi consumido pelo processo de triagem das prioridades imediatas e dos detalhes de rotina para a conclusão de uma grande investigação de assassinato.

Gurney foi levado ao Hospital Geral de Wycherly junto com Felicity Spinks (cujo nome de solteira era Dermott) e Gregory Dermott (que antes se chamava Spinks). Enquanto a mãe instável de Dermott, com os sapatinhos de vidro ainda nos pés, era examinada por um clínico, Dermott foi encaminhado, ainda inconsciente, para a radiologia.

Já Gurney ficou aos cuidados de uma enfermeira que o tratou com uma intimidade incomum – impressão sustentada em parte pela voz rouca e pelo modo como ficou perto dele enquanto gentilmente limpava, costurava e cobria o ferimento. Era uma sugestão de disponibilidade imediata que, dadas as circunstâncias, ele achou inconvenientemente excitante. Mesmo sendo um caminho perigoso, para não dizer insano ou patético, ele decidiu se aproveitar da amabilidade dela de outro modo. Deu-lhe seu número de celular e pediu que ligasse diretamente para ele caso houvesse qualquer mudança significativa no estado de Dermott. Não queria ficar fora do caso e não confiava em Nardo para mantê-lo informado. Ela concordou com um sorriso, depois ele foi levado por um taciturno policial de Wycherly de volta para a casa de Dermott.

No caminho, ligou para a linha noturna de emergência de Sheridan Kline e foi atendido por uma gravação. Deixou uma mensagem sucinta abordando os pontos essenciais. Depois telefonou para casa, ouviu sua própria gravação e deixou um recado para Madeleine, referindo-se a alguns dos acontecimentos – exceto o tiro, a garrafa, o sangue e os pontos. Imaginou se ela teria saído ou se estaria ali parada, ouvindo-o, sem querer falar com ele. Como não tinha a fantástica percepção dela para essas coisas, não conseguiu saber qual era a resposta certa.

Quando chegaram à casa de Dermott, mais de uma hora havia se passado e a rua estava cheia de viaturas das polícias de Wycherly, do condado e do estado. Tommy e Pat montavam guarda na varanda. Gurney foi levado à salinha ligada ao corredor central onde tivera a primeira conversa com Nardo. O tenente estava ali, sentado à mesma mesa. Dois peritos com macacões brancos, botinas e luvas de látex saíam da sala a caminho da escada do porão.

Nardo empurrou um bloco de papel amarelo e uma caneta vermelha na direção de Gurney. Se restava alguma emoção perigosa no sujeito, estava bem escondida sob uma grossa camada de palavreado burocrático.

– Sente-se. Precisamos de um depoimento. Comece com sua chegada esta tarde, com o motivo para sua presença. Cite todas as ações relevantes executadas por você e registre suas observações diretas sobre as ações dos outros. Inclua uma linha temporal, indicando em que pontos ela é baseada em informações específicas e em que pontos é uma estimativa. Pode concluir o depoimento com a hora em que foi acompanhado ao hospital, a não ser que durante seu tratamento tenha vindo à luz alguma informação relevante.

Gurney passou os quarenta e cinco minutos seguintes cumprindo essas orientações, enquanto

Nardo ficou a maior parte do tempo fora da sala. Depois de preencher quatro páginas pautadas com letra pequena e precisa, foi até a copiadora que ficava em cima da mesa do outro lado da sala e fez duas cópias do depoimento assinado e datado para ele próprio, antes de submeter o original a Nardo.

Tudo o que o tenente disse foi:

– Faremos contato. – Sua voz era profissionalmente neutra. Não lhe deu nem um aperto de mão.

Fim, começo

Quando Gurney atravessou a ponte Tappan Zee e pegou a longa Rota 17, que o levaria para casa, a neve caía com mais força, parecendo encolher o mundo visível. A intervalos de alguns minutos ele abria a janela de seu lado para que um sopro de ar frio mantivesse seus pensamentos no presente.

A alguns quilômetros de Goshen quase saiu da estrada. Foram os pneus vibrando na superfície áspera do acostamento que o impediram de cair num barranco.

Tentou não pensar em nada além do carro, do volante e da estrada, mas era impossível. Em vez disso passou a imaginar a cobertura da mídia sobre o caso, a começar com a entrevista coletiva em que Sheridan Kline certamente se congratularia pelo trabalho de sua equipe investigativa, por tornar o país mais seguro e por encerrar a carreira sangrenta de um assassino diabólico. A mídia, em geral, dava nos nervos de Gurney. A cobertura imbecil que ela fazia dos crimes era um crime em si. Ela os transformava num jogo. Claro, a seu modo, ele também fazia isso. Geralmente via o homicídio como um quebra-cabeça a ser solucionado, o assassino como um oponente a ser suplantado. Estudava os fatos, avaliava os ângulos, pulava por cima das armadilhas e entregava sua presa nas garras da máquina da justiça. Depois partia para a próxima morte por causas não naturais que exigisse uma mente esperta para solucioná-la. Mas às vezes via as coisas de modo bem diferente – quando era dominado pelo cansaço da caçada, quando a escuridão fazia todas as peças do quebra-cabeça ficarem iguais, quando seu cérebro exausto saía da grade geométrica e seguia caminhos mais primitivos, dando-lhe vislumbres do verdadeiro horror do tema em que ele havia optado por mergulhar.

De um lado havia a lógica da lei, a ciência da criminologia, o processo de julgamento. De outro, Jason Stunk, Peter Possum Piggert, Gregory Dermott, dor, fúria assassina, morte. E entre esses dois mundos havia a questão afiada, incômoda: o que um tinha a ver com o outro?

Abriu de novo a janela e deixou os flocos de neve soprados com força arderem na lateral do rosto.

Questões profundas e sem sentido, diálogos internos que não levavam a lugar nenhum eram tão familiares em sua paisagem interior quanto a avaliação das chances de um time de futebol vencer era na mente de outros homens. Esse modo de pensar era um vício e não lhe trazia nada de bom. Nas ocasiões em que ele insistia em expor isso a Madeleine, era tratado com tédio ou impaciência.

– O que está de fato na sua cabeça? – perguntava ela algumas vezes, largando seu tricô e

olhando-o nos olhos.

– Como assim? – perguntava ele com cinismo, sabendo exatamente o que ela queria dizer.

– Você não pode se importar com esse absurdo. Descubra o que o está incomodando de verdade.

Descubra o que o está incomodando de verdade.

Falar é fácil.

O que o *estava* incomodando? A enorme inadequação da razão diante das paixões ferozes? O fato de que o sistema de justiça é uma jaula que não pode conter o diabo, assim como um cata-vento não pode parar o vento? Ele só sabia que algo estava ali, no fundo da mente, roendo seus outros pensamentos e sentimentos como um rato.

Quando tentou identificar o problema mais corrosivo no meio do caos do dia, pegou-se perdido num mar de imagens desconstruídas.

Quando tentou limpar a mente – relaxar e não pensar em nada –, duas imagens não desapareceram.

Uma era o prazer cruel nos olhos de Dermott ao recitar o poema hediondo sobre a morte de Danny. A outra era o eco de fúria acusatória com que Gurney havia falado mal do pai no relato fictício do ataque contra a mãe. Aquilo não era mera representação. Surgindo de algum lugar por baixo da narrativa, impregnando-a, havia uma raiva terrível. Será que a autenticidade dela significava que ele odiava mesmo o pai? Será que a fúria que explodira naquela história era a fúria reprimida do abandono – o ressentimento feroz de uma criança em relação a um pai que não fazia nada além de trabalhar, dormir e beber, um pai sempre distante, sempre inalcançável? Gurney ficou espantado com o muito e o pouco que tinha em comum com Dermott.

Ou seria o contrário: uma cortina de fumaça encobrindo a culpa por ter abandonado aquele homem gelido e insular na velhice, por ter se envolvido o mínimo possível com ele?

Ou um ódio deslocado contra si próprio, causado por seu duplo fracasso como pai: sua fatal desatenção para com um filho e o costume de evitar repetidamente o outro?

Madeleine provavelmente diria que a resposta podia ser qualquer uma das anteriores ou todas as anteriores, mas, qualquer que fosse, não era importante. O essencial era fazer o que a gente acreditava ser a coisa certa, aqui e agora. E, caso ele achasse esse conceito amedrontador, ela poderia sugerir que ele começasse ligando para Kyle. Não que ela gostasse particularmente de Kyle – na verdade não gostava nem um pouco dele, achava seu Porsche idiota, sua esposa pretensiosa –, mas para ela a química pessoal era sempre secundária com relação a fazer a coisa certa. Gurney se maravilhava ao ver como uma pessoa tão espontânea também podia levar uma vida com tantos princípios. Era o que a tornava quem ela era. Era o que a tornava um farol na escuridão da existência dele.

A coisa certa, agora mesmo.

Inspirado, parou perto da entrada larga e malcuidada de uma velha fazenda e tirou a carteira para pegar o número de Kyle. (Nunca havia se incomodado em colocar o número do filho no

seu celular, omissão que doeu em sua consciência.) Ligar para ele às três da madrugada – meia-noite em Seattle – parecia meio maluco, mas a alternativa era pior: ele iria adiar, depois adiaria de novo, e depois racionalizaria para simplesmente não ligar.

– Pai?

– Acordei você?

– Na verdade não. Eu estava acordado. Você está bem?

– Estou. Eu, é... só queria falar com você, ligar de volta. Não tenho sido muito bom com relação a isso, você estava tentando falar comigo há um tempão.

– Tem certeza de que você está bem?

– Sei que é uma hora estranha para ligar, mas não se preocupe, estou bem.

– Ainda bem.

– Tive um dia difícil, mas acabou dando tudo certo. O motivo para não ter ligado de volta antes... Eu estava no meio de algo complicado, uma confusão. Mas isso não é desculpa. Você precisa de alguma coisa?

– Que tipo de confusão?

– O quê? Ah... do tipo de sempre, investigação de homicídio.

– Achei que você estava aposentado.

– Estava. Quero dizer, estou. Mas me envolvi porque conhecia uma das vítimas. É uma longa história. Da próxima vez que encontrar você eu conto.

– Uau. Você conseguiu de novo!

– O quê?

– Pegou outro assassino em série, certo?

– Como sabe?

– *Vítimas*. Você disse *vítimas*, no plural. Quantas foram?

– Cinco, pelo que sabemos. Ele planejava matar mais vinte.

– E você pegou o cara. Incrível. Os assassinos em série não têm chance contra você. É que nem o Batman.

Gurney riu. Não fazia muito isso ultimamente. E não conseguia se lembrar da última vez que rira numa conversa com Kyle. Pensando bem, esta era uma conversa incomum em outros sentidos, também, considerando que estavam falando havia pelo menos dois minutos sem que o filho mencionasse algo que tinha acabado de comprar ou que ia comprar.

– Neste caso Batman teve um bocado de ajuda – disse Gurney. – Mas não foi por isso que liguei. Queria telefonar de volta, descobrir o que está acontecendo com você. Alguma novidade?

– Nada de mais – respondeu Kyle secamente. – Perdi o emprego. Kate e eu nos separamos. Talvez eu mude de carreira e entre para a faculdade de direito. O que acha?

Depois de um segundo de silêncio chocado, Gurney riu mais alto ainda.

– Meu Deus! Que diabos aconteceu?

– O mercado financeiro desmoronou, como você deve ter ouvido falar, junto com meu

trabalho e meu casamento, meus dois apartamentos e meus três carros. Mas é engraçado como a gente consegue se ajustar à catástrofe inimaginável. De qualquer modo, o que estou realmente pensando hoje em dia é se devo ir para a faculdade de direito. Era isso que eu queria perguntar a você. Acha que eu tenho talento para isso?

Gurney sugeriu que Kyle aparecesse no fim de semana e eles poderiam conversar sobre a situação com o nível de detalhe que ele quisesse pelo tempo que desejasse. Kyle concordou e até pareceu feliz com isso. Quando desligou, Gurney ficou sentado por uns dez minutos, espantado.

Havia outros telefonemas que teria de dar. De manhã ligaria para a viúva de Mark Mellery e contaria que o caso finalmente fora encerrado – que Gregory Dermott Spinks estava preso e que a prova de sua culpa era clara, concreta e avassaladora. Ela provavelmente já teria recebido uma ligação de Sheridan Kline e talvez de Rodriguez também. Mas ele telefonaria assim mesmo, por causa de seu relacionamento com Mark.

E havia Sonya Reynolds. Segundo o acordo, ele lhe devia pelo menos mais um de seus trabalhos feitos a partir de retratos de fichas policiais. Agora isso parecia muito pouco importante, uma perda de tempo. Mesmo assim ligaria para ela, falaria sobre isso e terminaria fazendo o que havia concordado originalmente em fazer. Porém nada mais. A atenção de Sonya era agradável, satisfazia o ego, talvez fosse até um pouco empolgante, mas o preço a pagar era alto demais, pois colocava em risco coisas mais significativas.

A viagem de cento e sessenta quilômetros de Wycherly a Walnut Crossing demorou cinco horas em vez de três, por causa da neve. Quando Gurney saiu da autoestrada para a pista que serpenteava montanha acima até sua casa, tinha caído numa espécie de entorpecimento de piloto automático. A janela, com uma fresta aberta durante a última hora, tinha mantido seu rosto gelado o suficiente para que não caísse no sono. Quando chegou ao pasto ligeiramente íngreme que separava o grande celeiro da casa, notou que os flocos de neve que antes estavam flutuando acima da estrada agora caíam direto. Dirigiu lentamente, subindo pelo pasto, e virou para leste em direção à casa antes de parar, de modo que mais tarde, quando a tempestade passasse, o calor do sol mantivesse o para-brisa sem gelo. Recostou-se, quase incapaz de se mexer.

Estava tão profundamente exausto que, quando o telefone tocou, demorou vários segundos para reconhecer o som.

- Sim? – A resposta poderia ser confundida com um espirro.
- O David está aí? – A voz feminina soou familiar.
- É ele que está falando.
- Ah, você pareceu... estranho. É a Laura. Do hospital. Você pediu que eu ligasse... se acontecesse alguma coisa – acrescentou ela, fazendo uma pausa para sugerir que tinha esperança de que o pedido tivesse outras motivações.
- Isso mesmo. Obrigado por lembrar.

– O prazer é meu.
– Aconteceu alguma coisa?
– O Sr. Dermott faleceu.
– Como? Poderia repetir?
– Gregory Dermott, o homem sobre quem o senhor queria informações, morreu há dez minutos.

– Causa da morte?
– Nada oficial ainda, mas a ressonância que fizeram na chegada mostrou uma fratura no crânio com hemorragia generalizada.

– Certo. Acho que não é surpresa, com aquele tipo de dano.
Pareceu que ele estava sentindo alguma coisa, mas o sentimento era muito distante e não tinha nome.

– É, principalmente com aquele tipo de dano.

O sentimento era fraco mas perturbador, como um grito débil no meio de um vento forte.

– É. Obrigado, Laura. Foi bom você ter ligado.

– Claro. Posso fazer mais alguma coisa por você?

– Acho que não – respondeu ele.

– É melhor dormir um pouco.

– É. Boa noite. E obrigado de novo.

Primeiro ele desligou o telefone, depois os faróis do carro, então se recostou no banco, esgotado demais para se mexer. Na súbita ausência dos faróis, tudo ao redor ficou numa escuridão impenetrável.

Lentamente, à medida que os olhos se ajustavam, o negrume absoluto do céu e da floresta se transformou num cinza profundo e o pasto coberto de neve, num cinza mais suave. Longe, onde mal podia discernir a crista do morro a leste, onde o sol nasceria dentro de uma hora, parecia haver uma aura clara. A neve tinha parado de cair. A casa ao lado do carro era enorme, fria, imóvel.

Tentou entender o que havia acontecido. A criança no quarto com a mãe solitária e o pai bêbado e descontrolado... os gritos, o sangue e o desamparo... o terrível dano físico e mental para toda a vida... as ilusões homicidas de vingança e redenção. Assim o menininho Spinks cresceu e virou Dermott, o louco que assassinou pelo menos cinco homens e pretendia matar mais vinte. Gregory Spinks, cujo pai havia cortado a garganta da mãe. Gregory Dermott, que teve o crânio esmagado fatalmente na mesma casa onde tudo havia começado.

Gurney olhou para a silhueta quase invisível dos morros sabendo que havia uma segunda história a considerar, que ele precisava entender melhor – a história da sua vida: o pai que o havia ignorado, o filho adulto que ele, por sua vez, tinha ignorado, a carreira obsessiva que lhe trouxera tantos elogios e tão pouca paz, o filho pequeno que morrera quando ele não estava olhando e Madeleine, que parecia entender tudo isso. Madeleine, a luz que ele quase havia perdido. A luz que ele pusera em perigo.

Agora estava cansado demais até para mover um dedo, com tanto sono que não podia sentir nada. Sua mente caiu num vazio misericordioso. Por um tempo – não soube quanto – foi como se não existisse, como se tudo nele fosse reduzido a um ponto de consciência sem dimensão, um pontinho de consciência e nada mais.

Voltou a si de repente, abrindo os olhos justo quando os raios ardentes do sol começaram a espiar por meio das árvores nuas no topo do morro. Observou a radiante unha luminosa inchar-se lentamente até se transformar em um grande arco branco. Então percebeu outra presença.

Madeleine, com seu casaco laranja luminoso – o mesmo que ela usara no dia em que ele a seguira até o mirante –, estava parada junto à janela do carro, olhando-o. Gurney imaginou há quanto tempo ela estava ali. Minúsculos cristais de gelo brilhavam na borda de pele do capuz. Ele baixou a janela.

A princípio ela não disse nada, mas em seu rosto ele viu – viu, sentiu, percebeu, não sabia como a emoção o alcançara – um amálgama de aceitação e amor. Aceitação, amor e um alívio profundo por ele ter voltado para casa vivo outra vez.

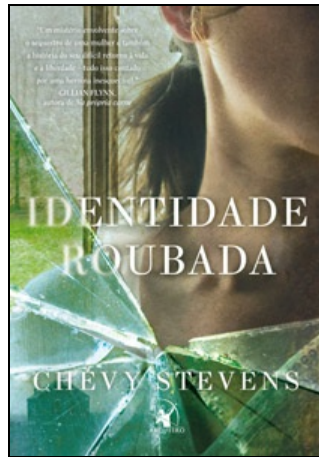
Ela perguntou com uma casualidade tocante se ele gostaria de tomar o café da manhã.

Com a vitalidade de uma chama se movendo, o casaco laranja capturou o sol nascente. Gurney saiu do carro e passou o braço em volta dela, segurando-se nela como se Madeleine fosse a própria vida.

Agradecimentos

Agradeço ao meu fantástico editor, Rick Hogan, que foi uma fonte constante de boas ideias, cuja orientação inspirada e inspiradora tornou tudo tão melhor, que bolou o título perfeito e que teve a coragem, no difícil ambiente editorial de hoje em dia, de se arriscar com o primeiro romance de um autor inédito; a Lucy Carson e Paul Cirone pela defesa, pelo entusiasmo e pela eficiência; a Bernard Whalen pelos conselhos e encorajamento desde o início; a Josh Kendall por uma crítica sensata e por uma sugestão maravilhosa; e, por fim, a Molly Friedrich, simplesmente a melhor e mais inteligente das agentes do mundo.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



Identidade roubada

CHEVY STEVENS

Era para ser um dia como outro qualquer na vida de Annie O'Sullivan. A corretora de imóveis levanta da cama com três objetivos: vender uma casa, fazer as pazes com a mãe e não se atrasar para o jantar com o namorado.

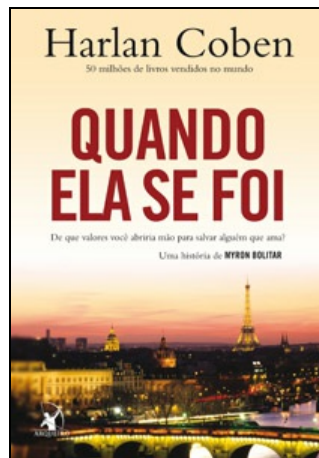
Naquele domingo, aparecem poucas pessoas interessadas em visitar o imóvel. Quando Annie está prestes a ir embora, uma van estaciona diante da casa e um homem sorridente vem em sua direção. A corretora tem certeza de que será seu dia de sorte. Mas o inferno está apenas começando.

Sequestrada por um psicopata, Annie fica presa durante um ano inteiro em um chalé nas montanhas, onde vive um pesadelo que deixará marcas profundas em sua vida.

Construído de maneira extremamente original, *Identidade roubada* é o relato visceral que Annie faz à sua terapeuta dos 365 dias em que ficou à mercê do homem a quem chamava de Maníaco.

As memórias que vêm à luz ao longo de 26 sessões de análise são intercaladas com a história de sua vida desde que conseguiu escapar do chalé: a luta para superar seus medos e se reencontrar, a investigação policial para descobrir a identidade do sequestrador e a sensação perturbadora de que seu martírio ainda não acabou.

Em sua estreia, Chevy Stevens cria uma heroína inesquecível que, depois de sobreviver a uma experiência devastadora, precisa descobrir a verdade para se libertar. Surpreendente e avassalador desde a primeira página, esse thriller psicológico entrou na lista de mais vendidos do *The New York Times* e foi finalista dos conceituados prêmios Arthur Ellis e International Thriller of the Year.



Quando ela se foi

HARLAN COBEN

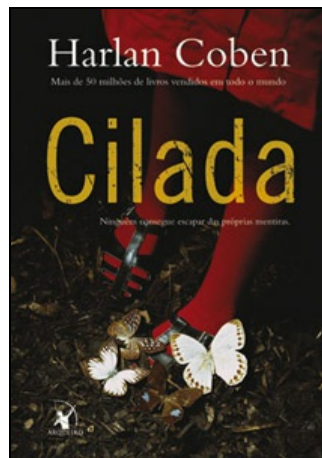
Dez anos atrás, Myron Bolitar e Terese Collins fugiram juntos para uma ilha. Durante três semanas, eles se entregaram um ao outro sem pensar no amanhã. Depois disso, os dois se reencontraram apenas uma vez, quando Terese ajudou Myron a salvar seu filho e então foi embora, sem deixar vestígios. Agora, no meio da madrugada, ela telefona: “Venha para Paris.”

Terese pede a ajuda de Myron para localizar o ex-marido, Rick Collins, que telefonara depois de anos implorando que ela o encontrasse na capital francesa. Eles logo descobrem que Rick foi assassinado e que Terese é a principal suspeita.

Porém, algo ainda mais atordoante é revelado: perto do corpo havia longos fios de cabelo louros e uma mancha de sangue que o exame de DNA revelou pertencer à filha do casal. Só que sua única filha morrera em um acidente de carro muitos anos antes.

Logo Myron se vê perseguido nas ruas de Paris e de Londres. As agências de segurança de quatro países parecem querer as mesmas informações de que ele precisa para desvendar a morte de Rick e o destino da filha que Terese pensava ter perdido para sempre.

Em uma busca desesperada, Harlan Coben cria um mundo de armadilhas imprevisíveis em que conflitos religiosos, política internacional e pesquisas genéticas se mesclam à amizade, ao perdão e à chance de um novo começo.



Cilada

HARLAN COBEN

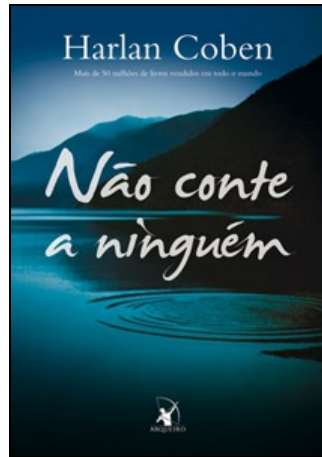
Haley McWaid tem 17 anos. É uma aluna exemplar, disciplinada, ama esportes e sonha entrar para uma boa faculdade. Por isso, quando certa noite ela não volta para casa e três meses transcorrem sem que se tenha nenhuma notícia dela, todos na cidade começam a imaginar o pior.

O assistente social Dan Mercer recebe um estranho telefonema de uma adolescente e vai a seu encontro. Ao chegar ao local, ele é surpreendido pela equipe de um programa de televisão, que o exhibe em rede nacional como pedófilo. Inocentado por falta de provas, Dan é morto logo em seguida.

Na junção dessas duas histórias está Wendy Tynes, a repórter que armou a cilada para Dan e que se torna a única testemunha de seu assassinato. Wendy sempre confiou apenas nos fatos, mas seu instinto lhe diz que Mercer talvez não fosse culpado. Agora ela precisa descobrir se desmascarou um criminoso ou causou a morte de um inocente.

Nas investigações da morte de Dan e do desaparecimento de Haley, verdades inimagináveis são reveladas e a fragilidade de vidas aparentemente normais é posta à prova. Todos têm algo a esconder e os segredos se interligam e se completam em um elaborado mosaico de mistérios.

Harlan Coben mais uma vez deixa o leitor sem ar. *Cilada* fala de culpa, luto e perdão em uma trama repleta de reviravoltas surpreendentes. Nada é o que parece e tudo pode ser desfeito até a última página.



Não conte a ninguém

HARLAN COBEN

Há oito anos, enquanto comemoravam o aniversário de seu primeiro beijo, o Dr. David Beck e sua esposa, Elizabeth, sofreram um terrível ataque. Ele foi golpeado e caiu no lago, inconsciente. Ela foi raptada e brutalmente assassinada por um serial killer.

O caso volta à tona quando a polícia encontra dois corpos enterrados perto do local do crime, junto com o taco de beisebol usado para nocautear David. Ao mesmo tempo, o médico recebe um misterioso e-mail, que aparentemente só pode ter sido enviado por sua esposa.

Esses novos fatos fazem ressurgir inúmeras perguntas sem resposta: Como David conseguiu sair do lago? Elizabeth está viva? E, se estiver, de quem era o corpo enterrado oito anos antes? Por que ela demorou tanto para entrar em contato com o marido?

Na mira do FBI como principal suspeito da morte da esposa e caçado por um perigosíssimo assassino de aluguel, David Beck contará com o apoio apenas de sua melhor amiga, a modelo Shauna, da célebre advogada Hester Crimstein e de um traficante de drogas para descobrir toda a verdade e provar sua inocência.

Não conte a ninguém foi o livro mais aclamado de 2001, indicado para diversos prêmios, entre eles Edgar, Anthony, Macavity, Nero e Barry. Em 2006 foi adaptado para o cinema numa produção francesa vencedora de quatro Cesars (o Oscar francês), inclusive de melhor ator e diretor.



O símbolo perdido

DAN BROWN

Depois de ter sobrevivido a uma explosão no Vaticano e a uma caçada humana em Paris, Robert Langdon está de volta com seus profundos conhecimentos de simbologia e sua brilhante habilidade para solucionar problemas.

Em *O símbolo perdido*, o célebre professor de Harvard é convidado às pressas por seu amigo e mentor Peter Solomon – eminente maçom e filantropo – a dar uma palestra no Capitólio dos Estados Unidos. Ao chegar lá, descobre que caiu numa armadilha. Não há palestra nenhuma, Solomon está desaparecido e, ao que tudo indica, correndo grande perigo.

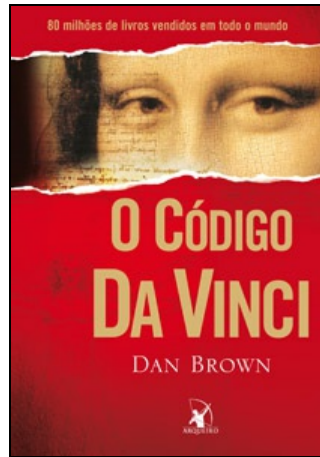
Mal'akh, o sequestrador, acredita que os fundadores de Washington, a maioria deles mestres maçons, esconderam na cidade um tesouro capaz de dar poderes sobre-humanos a quem o encontrar. E está convencido de que Langdon é a única pessoa que pode localizá-lo.

Vendo que essa é sua única chance de salvar Solomon, o simbologista se lança numa corrida alucinada pelos principais pontos da capital americana: o Capitólio, a Biblioteca do Congresso, a Catedral Nacional e o Centro de Apoio dos Museus Smithsonian.

Nesse labirinto de verdades ocultas, códigos maçônicos e símbolos escondidos, Langdon conta com a ajuda de Katherine, irmã de Peter e renomada cientista que investiga o poder que a mente humana tem de influenciar o mundo físico.

O tempo está contra eles. E muitas outras pessoas parecem envolvidas nesta trama que ameaça a segurança nacional, entre elas Inoue Sato, autoridade máxima do Escritório de Segurança da CIA, e Warren Bellamy, responsável pela administração do Capitólio. Como Langdon já aprendeu em suas outras aventuras, quando se trata de segredos e poder, nunca se pode dizer ao certo de que lado cada um está.

Nas mãos de Dan Brown, Washington se revela tão fascinante quanto o Vaticano ou Paris. Em *O símbolo perdido*, ele desperta o interesse dos leitores por temas tão variados como ciência, noética, teoria das supercordas e grandes obras de arte, desafiando-os a abrir a mente para novos conhecimentos.



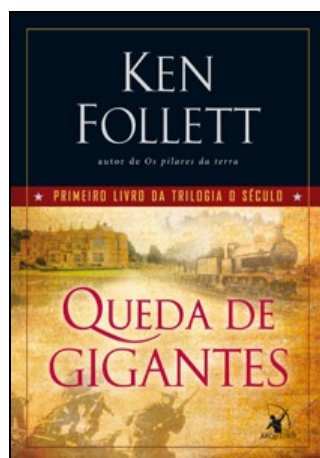
O Código Da Vinci

DAN BROWN

Um assassinato dentro do Museu do Louvre, em Paris, traz à tona uma sinistra conspiração para revelar um segredo que foi protegido por uma sociedade secreta desde os tempos de Jesus Cristo. A vítima é o respeitado curador do museu, Jacques Saunière, um dos líderes dessa antiga fraternidade, o Priorado de Sião, que já teve como membros Leonardo da Vinci, Victor Hugo e Isaac Newton.

Momentos antes de morrer, Saunière deixa uma mensagem cifrada que apenas a criptógrafa Sophie Neveu e Robert Langdon, um simbologista, podem desvendar. Eles viram suspeitos e detetives enquanto tentam decifrar um intrincado quebra-cabeça que pode lhes revelar um segredo milenar que envolve a Igreja Católica.

Apenas alguns passos à frente das autoridades e do perigoso assassino, Sophie e Robert vão à procura de pistas ocultas nas obras de Da Vinci e se debruçam sobre alguns dos maiores mistérios da cultura ocidental – da natureza do sorriso da Mona Lisa ao significado do Santo Graal. Mesclando os ingredientes de um envolvente suspense com informações sobre obras de arte, documentos e rituais secretos, Dan Brown consagrou-se como um dos autores mais brilhantes da atualidade.



Queda de gigantes

KEN FOLLETT

Cinco famílias, cinco países e cinco destinos marcados por um período dramático da história. *Queda de gigantes*, o primeiro volume da trilogia O Século, do consagrado Ken Follett, começa no despertar do século XX, quando ventos de mudança ameaçam o frágil equilíbrio de forças existente – as potências da Europa estão prestes a entrar em guerra, os trabalhadores não aguentam mais ser explorados pela aristocracia e as mulheres clamam por seus direitos.

De maneira brilhante, Follett constrói sua trama entrelaçando as vidas de personagens fictícios e reais, como o rei Jorge V, o Kaiser Guilherme, o presidente Woodrow Wilson, o parlamentar Winston Churchill e os revolucionários Lênin e Trótski. O resultado é uma envolvente lição de história, contada da perspectiva das pessoas comuns que lutaram nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, ajudaram a fazer a Revolução Russa e tornaram real o sonho do sufrágio feminino.

Ao descrever a saga de famílias de diferentes origens – uma inglesa, uma galesa, uma russa, uma americana e uma alemã –, o autor apresenta os fatos sob os mais diversos pontos de vista. Na Grã-Bretanha, o destino dos Williams, uma família de mineradores de Gales do Sul, acaba irremediavelmente ligado por amor e ódio ao dos aristocráticos Fitzherberts, proprietários da mina de carvão onde Billy Williams vai trabalhar aos 13 anos e donos da bela mansão em que sua irmã, Ethel, é governanta.

Na Rússia, dois irmãos órfãos, Grigori e Lev Peshkov, seguem rumos opostos em busca de um futuro melhor. Um deles vai atrás do sonho americano e o outro se junta à revolução bolchevique. A guerra interfere na vida de todos. O alemão Walter von Ulrich tem que se separar de seu amor, lady Maud, e ainda lutar contra o irmão dela, o conde Fitz. Nem mesmo o americano Gus Dewar, o assessor do presidente Wilson que sempre trabalhou pela paz, escapa dos horrores da frente de batalha.

Enquanto a ação se desloca entre Londres, São Petersburgo, Washington, Paris e

Berlim, *Queda de gigantes* retrata um mundo em rápida transformação, que nunca mais será o mesmo. O século XX está apenas começando.



Heresia

S. J. PARRIS

Inglaterra, 1583: o país enfrenta um período conturbado, marcado por conspirações para derrubar a rainha Elizabeth, que é protestante. Muitos de seus súditos estão insatisfeitos com o governo e anseiam pelo retorno do país à religião católica.

Em meio a esse clima de conflitos religiosos, o monge italiano Giordano Bruno chega a Londres, tentando escapar da Inquisição, que o acusou de heresia por sua crença num Universo heliocêntrico. O filósofo, cientista e estudioso de magia logo é recrutado pelo chefe do serviço de espionagem real e enviado a Oxford.

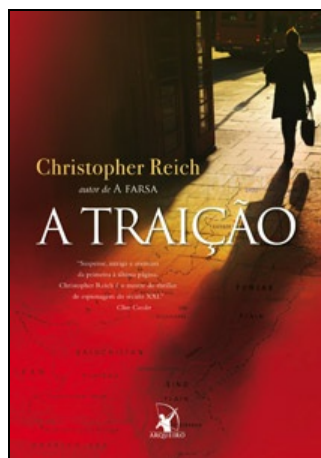
Oficialmente, ele vai participar de um debate sobre as teorias de Copérnico, mas, em sigilo, deve se infiltrar na rede clandestina dos católicos e descobrir o que puder sobre um complô para derrubar a rainha. No entanto, quando um dos membros mais antigos de Oxford é brutalmente assassinado, a missão secreta do filósofo é desviada de seu curso.

Enquanto ele tenta desvendar o crime, outro homem é morto e Giordano Bruno se vê envolvido numa sinistra perseguição. Alguém parece estar determinado a executar uma sofisticada vingança em nome da religião. Mas, afinal, de qual religião?

À procura de pistas, o monge percorre os labirintos da biblioteca de Oxford e visita tabernas infames e livrarias misteriosas fora dos muros da universidade, chegando a lugares que ele nunca soube que existiam e fazendo descobertas que poderiam ameaçar a estabilidade da Inglaterra.

Envolvido em uma rede de intrigas e traição, ele percebe que às vezes nem mesmo os mais sábios conseguem discernir a verdade da heresia. Alguns, no entanto, estão dispostos a matar para defender suas crenças.

Baseado em fatos reais da vida de Giordano Bruno, *Heresia* exigiu uma pesquisa minuciosa da autora, que investigou a fundo a trajetória do monge e o contexto político e religioso da época em que ele viveu. O resultado é um suspense histórico repleto de reviravoltas surpreendentes.



A traição

CHRISTOPHER REICH

Há alguns meses, a vida do Dr. Jonathan Ransom virou de pernas para o ar. Após oito anos de casamento, ele descobriu que sua esposa, a enfermeira Emma, na verdade é uma agente dupla, que trabalha tanto para o FSB russo quanto para a Divisão, uma agência ultrassecreta dos Estados Unidos.

Por duas vezes o amor pela mulher o arrastou para situações de extremo risco, nas quais ele se viu envolvido com terroristas, assassinos e perigosos agentes internacionais. Mas agora chega. Decidido a se ver livre de tudo isso de uma vez por todas, Jonathan se desliga da ONG Médicos Sem Fronteiras e segue sozinho para o Afeganistão. Seu objetivo é expiar os pecados do passado fazendo aquilo no que é melhor: ajudar as pessoas.

O que Jonathan ainda não sabe é que a espionagem internacional é um jogo do qual ninguém sai assim tão facilmente.

Enquanto trabalha numa cirurgia restauradora, ele é abordado por Sultan Haq, um perigoso terrorista, que exige que o médico vá curar seu pai, Abdul. Quando as coisas não saem conforme o esperado, Jonathan se vê outra vez lutando para salvar a própria vida.

Novamente ele foi usado e manipulado. Pouco depois, o chefe da Divisão, Frank Connor, o procura, explica os últimos eventos e lhe dá notícias de Emma. Durante uma missão, ela foi capturada e torturada por um dos homens mais cruéis do mundo. Agora tudo leva a crer que é refém de um perigoso traficante de armas que pretende usá-la para resgatar das montanhas um míssil nuclear extremamente poderoso, 15 vezes mais potente que a bomba de Hiroshima.

A Divisão precisa da ajuda de Jonathan. Sua missão é resgatar Emma e impedir que a arma nuclear caia em mãos erradas. Dessa vez ele vai ter o treinamento necessário e a primeira lição que vai aprender é: nesse jogo, a traição é a única regra.

Com *A traição*, Christopher Reich dá sequência à trama de *A farsa* e *A vingança*. Nesse novo livro, ele surpreende ainda mais o leitor e não deixa dúvidas sobre por que é considerado um dos maiores nomes do thriller de espionagem do século XXI.



Água para elefantes

SARA GRUEN

Desde que perdeu sua esposa, Jacob Jankowski vive numa casa de repouso, cercado por senhoras simpáticas, enfermeiras solícitas e fantasmas do passado. Durante 70 anos Jacob guardou um segredo: nunca falou a ninguém sobre o período de sua juventude em que trabalhou no circo. Até agora.

Aos 23 anos, Jacob era um estudante de veterinária, mas teve sua vida transformada após a morte de seus pais num acidente de carro. Órfão, sem dinheiro e sem ter para onde ir, ele deixa a faculdade antes de fazer as provas finais e, desesperado, acaba pulando em um trem em movimento, o Esquadrão Voador do circo Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra.

Admitido para cuidar dos animais, Jacob sofrerá nas mãos do Tio Al, o empresário tirano do circo, e de August, o ora encantador, ora intratável chefe do setor dos animais.

É também sob as lonas que ele se apaixona duas vezes: primeiro por Marlena, a bela estrela do número dos cavalos e esposa de August; e depois por Rosie, a elefanta aparentemente estúpida que deveria ser a salvação do circo.

Água para elefantes é tão envolvente que seus personagens continuam vivos muito depois de termos virado a última página. Sara Gruen nos transporta a um mundo misterioso e encantador, construído com tamanha riqueza de detalhes que é quase possível respirar sua atmosfera.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e Cilada, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga-nos no Twitter @editoraarqueiro.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de
promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para o Twitter @editoraarqueiro.

EDITORA ARQUEIRO

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br